

ela foi
ATÉ O FIM



MEG
CABOT



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

AGRADECIMENTOS

A autora gostaria de agradecer às seguintes pessoas por sua ajuda e apoio: Beth Ader, Jennifer Brown, oficial da SWAT Matt Cabot, Bill Contardi, Carrie Feron, Michele laffe, Laura Langlie e David Walton.

Capítulo 1

O Casamento Surpresa do Ano

O incandescente romance das estrelas do Ano de Hindenburg lança controvérsia: o ator

Bruno di Blase e Greta Woolston não saíram dos meios de comunicação... Floresceu no

jogo de Hindenburg, durante o grande sucesso do grande filme do ano, que quebrou todos registros prévios de lucros e sete Prêmios da Academia, incluindo Melhor Fotografia: um romance isso, não como o relacionamento de caracteres heróicos das duas estrelas retratadas na tela, muitos disseram nunca duraria. Agora duas das estrelas mais quentes de Hollywood encantaram os fãs por fazer seu romance de cinema uma realidade...

"Yo."

Oficial Nick Calabrese olhou para primeira página New York Post. O Post, homem. A

coisa louca que tinha feito o Post. Mesmo pior, a primeira página do Post.

"Yo, uma pequena ajuda por aqui, por favor?"

Nick olhou os outros papéis forrando a frente do quiosque. The Daily News tinha,

também. Newsday. Mesmo USA Today. Sobre o único jornal que não tinha feito a

cobertura disto foi The New York Times, e Nick estava certo que estaria lá em algum

lugar. A seção de Metro, provavelmente.

Jesus!

"Yo, Calabrese," rosnou o Oficial Gerard "G" West, quando lutava para colocar algema num drogado local que provava relutava

calmamente. "Você vai ficar aí lendo, ô engraçado, ou então você vai me ajudar com este rapaz?" Nick colheu uma cópia do Post e passou a seu sócio, apontando ao quadro do atraente casal na cobertura e inclinando de modo que o relutante preso pudesse ver, também.

"Olha isto" disse. "Vê este rapaz? O no tux? Esse é o namorado da minha irmã. Ou era."

O drogado fitando a foto não pareceu notar quando G usou esta distração momentânea

para estalar os seus punhos no lugar.

"Deve ter saído da cidade" o homem disse.

"Não," Nick disse. "Realmente."

Mesmo G, ainda segurando o drogado pelos braços, pareceu cético.

"Sim," ele disse, sarcasticamente. "E minha irmã que namora com Denzel Washington.

C'mon, Nick. Eu quero receber um hashbrown para baixo no Ds. Sabe que eles param

servir depois dos quarenta."

"Eu falei pra você," Nick disse, estendendo o papel de modo que o proprietário do quiosque, que o tinha olhado com interesse, pode ver a foto, também. "Esse é o namorado da minha irmã. Os dois viviam juntos até dois meses atrás, e o rato foi e causou mais estragos a suas costas. Pode acreditar isso?"

O proprietário do quiosque respondeu seu acento de Bangladeshi tão grosso que seu

inglês estava malmente compreensível, "Não, senhor, eu não posso acreditar."

"Ela escreveu esse filme, você sabe," Nick disse ao proprietário de quiosque. "Minha irmã o escreveu. O que fez ambos tão famosos."

"Você é engraçado, senhor," o proprietário do quiosque disse gentilmente.

"Não, eu não sou," Nick disse. "Juro. Lou escreveu como, sabe um best-seller. Um veículo. Para Barry."

"Quem é Barry, senhor?" o proprietário de quiosque quis saber.

"Este cara." Nick apontou ao papel. "Bruno di Blase. Esse não é seu nome real. Esse é seu, sabe, nome artístico. Seu nome real é Barry. Barry Kimmel. Cresceu em nossa vizinhança fora na ilha. Fazia-o comer insetos." Notou o desaprovador olhar que seu sócio enviou-o, e disse, se encolhendo, "Bem, sabe. Éramos crianças."

G, ainda segurando o drogado, grunhiu. "Oh, sim. Barry. Esqueci-me. Um baque forte para Lou. Para você não torcer ao redor, juro a Deus—".

O drogado, no entanto, vinha a muito tempo segurando sua animação. "Ei, realmente é verdade?" ele perguntou a Nick. "Sua irmã realmente deu em cima desse rapaz de Hindenburg?"

"Veja," Nick rosnou. "Minha irmã nunca dá em cima de qualquer pessoa, entende?"

"Bem" G disse. "Não mais, de qualquer jeito. Quero, dizer não agora que o cara tá casado —".

"Veja, mais." Nick relançou ao seu sócio um olhar de moléstia sobre o topo da cabeça do pequeno criminoso enquanto cavou no seu bolso e extraiu algum dinheiro, que ele tentou dar ao proprietário do quiosque em troca da cópia do Post que ele segurou embaixo de um braço.

"Oh, não, senhor," o operador do quiosque disse graciosamente. "Está em casa. Mantenha nosso cofre de ruas para cidadãos obedientes à lei."

Nick, contente, colocou de volta o dinheiro no seu bolso. "Ei," disse. "Obrigada."

"E por favor diga a sua irmã," o proprietário de quiosque gritou, "que gostei do se filme,

'Hindenburg', muito. Como disse minha esposa. Era verdadeiramente um triunfo móvel do espírito humano."

"Coisa segura," Nick disse, quando iam em direção do carro de esquadra. "Jesus, eu ainda não posso acreditar. O idiota do Barry com ela! Pobre Criança".

Núpcias cheias de Estrelas

**Aconteceu na recentemente criada Sala de Hindenburg—
caracteriza coisas**

**memoráveis do filme como expressa o nome—no Cassino
do Trunfo em Las Vegas.**

**Hindenburg protagonizado por Bruno Blase e Greta
Woolston amarraram o nó,**

**justamente dias depois da separação muito falada de
Senhora Woolstons do**

**namorado de longa data, Jack Townsend de estrela de
filmes de ação-aventura.**

**Townsend, que aumentou a fama durante sua tarefa de
quatro anos como o**

**taciturno o Dr. Paul Rourke no seriado médico e
dramático de TV, "STAT," e mais tarde foi protagonizar como
renegado detetive Pete Logan no altamente popular
Copkiller filmes, não parece ter tomado a notícia da fuga do
seu ex com muita**

importância.

"Bom Senhor." Eleanor Townsend olhou no papel dobrado tão
arrumadamente na

bandeja de prata. "O que é isto, Richards?" O mordomo aclarou a
sua garganta. "Tomei a liberdade, senhora, de pegar uma cópia do
Post de hoje de manhã como andava Alessandro. Como pode ver, há
uma história na primeira página que eu acredito que deve interessá-
la."

Eleanor, depois que relançou ao seu mordomo de trinta anos um
olhar que era tão

carinhoso quanto era de reproche, alcançado sobre o Yorkie que
se empoleirou em sua

corrente, levantou o papel da bandeja, e, escorregando em seus
dedos, inspecionou a

primeira página.

"Ah, sim," disse, depois de ver o artigo embaixo da foto colorida.
"Veja. Como correu rápido. 'De acordo com fontes no Ancoradouro
do Four Seasons Hotel, onde Townsend permanece filmando
Copkiller IV, o som de quebrar vidro foi ouvido do apartamento da

estrela pouco depois que a notícia do casamento foi anunciada de noite," lia alto. "A segurança do hotel chegou a tempo, uma porta francesa foi destruída, vários buracos de punho foram achados nas paredes do quarto do hotel, e uma cadeira queimada' Céus que Bom."

"Jack foi preso."

"Não." Eleanor leu com atenção o artigo. "Não, não aparece. Os buracos do punho na parede, de fato! E uma cadeira queimada? Jack nunca teria feito algo tão infantil. Além do mais, ele talvez não se preocupa com a mulher de Woolston tanto. Ela é tão terrivelmente... Comum. Embora seja tão difícil falar quando se têm um acento

britânico."

"Talvez seja," Richards arriscou, quando levantou uma cafeteira de prata e encheu novamente xícara chinesa do Eleanor, "não tanto que casou logo depois da sua separação, mais logo com quem."

"Sim," Eleanor disse, olhando a foto na primeira página do papel. "Veja. Bruno di Blase.

Interpretou o herói nesse filme que todo mundo fala no ano passado? Sobre o... Como é que se chama? Oh, sim. O blimp?"

"De fato, senhora," Richards disseram. "Hindenburg. Um triunfo móvel do espírito humano, eu digo."

Eleanor levantou uma sobrancelha cuidadosamente arrumada. "Oh, querido. Di Blase.

Pergunto se tem um ano que eu conheci os Tuscan di Biases. Sabe, essa família amável que eu encontrei em Florença na primavera passada?"

"Acredito, senhora," Richards disse, depois de aclarar sua garganta mais uma vez, "esse Di Blase é um nome passageiro."

Eleanor põe o papel no chão tremendo. "Oh, Richards," ela chorou. "Que terrível. Que qualquer mulher deva trocar Jack por um homem com um nome passageiro—"

"Antes eu sempre suspeitei," Richards disse, regularmente, "isso Senhorita Wollston pode ter... Bem, melhorado, em alguma moda passageira."

Eleanor arrancou seus óculos do seu nariz e pareceu horrorizada. "Não! Mas você talvez tenha razão. É provavelmente algo terrível. Doris Mudge, ou Vivian Sloth, ou alguma dessas."

"Allegra," Richards disse, ponderadamente, "Mooch."

Eleanor tremeu. "Pare. Não Allegra. Não antes do café da manhã."

"Minhas desculpa, senhora. Tento contactar o Senhor Jack, e ver se podemos ajudar?"

Eleanor examinou seu elegante relógio de ouro. "Não, não há qualquer modo. É

impossível falar com ele a maior parte do tempo, especialmente quando está nessa

situação. E depois de algo como isto ele não chegará em qualquer lugar perto de um

telefone. Oh, Richards." Deu um suspiro. "Está começando a parecer que eu ficarei um longo tempo sem ver qualquer neto, não é?"

AS CELEBRIDADES DESPREZAM

Embora Jack Townsend evite comentar a fuga repentina de sua ex-namorada Greta

Wollston e Blase di Bruno, sua volta de Hindenburg, o casamento parece ter sido

um grande choque à família e amigos para amigos e para colaboradores de Lou

Calabrese roteirista de Hindenburg que ganhou o Prêmio da academia, namorada

de longa data do novo noivo, que também não emite nem uma nota pública...

"Nós temos o direito de não dar nenhuma declaração," Beverly Tennant rosou ao jornal, que ela então jogou, com força selvagem, na direção de seu caixote de lixo dourado do escritório. "Chloe," berrou. "Chloe!"

Uma mulher de meia idade veio correndo ao escritório, claramente só agora tendo

acordado, seu ear-muffs, seu casaco não, e duas xícaras desabotoadas de café fumante em suas mãos.

"Oh," Beverly disse, notando as xícaras fumantes. "Para mim?"
Chloe assentiu, tentando normalizar sua respiração. "Eu... Vi ...
Manchetes... Em meu quarto. Achei que precisaria... De duas.
Coloquei chantili."

"São uns fofoqueiros," Beverly disse. Tirou de seu desktop o
protetor de tela. "Ponha aqui. E segure todas minhas ligações.
Tentarei falar com ela".

"Oh". Chloe se apressou em colocar a xícara fumante onde
Beverly tinha indicado.

"Podia dizer a Lou que eu mando um olá? E conte que estou
realmente triste. Diga se for de qualquer consolo, que nenhum de
nós—aqui na agência, eu quero dizer—pensa que Bruno du Blase
está tão quente quanto todo o mundo fala. Quero dizer... Nós não o
representamos, não?"

Beverly, seus dedos pesados sobre os botões do telefone,
mandou a sua assistente um
olhar seco.

"Nós não representamos," ela disse. Mas eu irei entregar a sua
mensagem. Tenho certeza que será reconfortante a ela."

Chloe, envergonhada, saiu apressada do escritório, fechando a
porta cuidadosamente
atrás de si.

Assim que ela saiu, Beverly, que tinha tirado seus pés de seus
Manolo Blahniks, se
esticou e colocou seus pés na mesa, provou a espuma de seu
caputino, e discou o numero de sua cliente em Los Angeles.

"Esteja ai," ela murmurou, quando deu o primeiro toque. "Esteja
ai, esteja ai, esteja ai..."

A secretaria eletrônica da Lou começou a funcionar. "Oi. Nós não
estamos aqui agora,
mas se você deixar uma mensagem depois do sinal, nós com
certeza iremos retornar
rapidinho a sua ligação-"

Beverly estremeceu ao uso da palavra "nós." Mas não havia
nada exceto simpatia em

sua voz enquanto ela falava ao telefone, "Lou, amor, é a Bev. Se você estiver si, atenda.

"Eu sei que é" – ela olhou em seu relógio incrustado de diamantes e fez um calculo

mental – "seis da manha ai, Deus, como você pode estar de pé? Mas escute, docinho, eu estou te dizendo, é a melhor coisa que já te aconteceu. acredite em mim, eu sei das coisa, eu sei. O cara é a escoria da ralé. Pior que escoria da ralé. Ele é a ralé que cresce em... na escoria da ralé.

Satisfeita com sua descrição, Beverly continuou. "E ela era só uma branca inglesa pobre.

Os dois se merecem. Onde você está, afinal? Não me diga que você foi para a Costa

Oeste, correr, fazer ioga, ou fazer alguma coisa horrível assim..."

Beverly tirou seus pés da mesa e sentou-se reta em sua cadeira giratória, como se tivesse sido atingida por inspiração. "Oh, Deus, está certo. Você foi para a filmagem hoje, não foi, conversar com Tim Lord sobre explodir a montanha e todos aquele ambientalistas enchendo o saco. Deus, que burra que eu sou. Aqui estou eu tagarelado em sua

secretaria eletrônica e você está fora nas... Deus, selvas do Alasca. Me desculpa. Alasca, de todos os lugares. Eu estremeço só -"

Beverly chocou-se. "Mas não, espera, isso é bom. É bom você estar no Alasca, Lou.

Alasca vai manter sua mente longe... bom, eu não suponho que irmã, já que Jack

Townsend estará ai, não estará? Eu sei como você se sente sobre ele. Deus. Bom, de

qualquer forma, querida, me liga. Assim que você voltar, nós iremos almoçar."

Beverly desligou. Ela olhou enjoada para seu cappuccino. "Oh, Deus," ela disse para

ninguém em particular. "Pobre Lou. Agora, eu aposto que ela está desejando nunca ter

escrito aquilo em primeiro lugar."

Capítulo 2

"Oh, Deus". Lou Calabrese derrubou a sua cabeça na mesa grudada de descanso no aeroporto. "Por que eu escrevi essa coisa estúpida?"

Vicky Lord, sentado através da mesa, considerou sua amiga com uma expressão de

interesse em seu rosto cuidadosamente maquiado. "Lou, querida. São gotas de ketchup em seu cabelo."

"O que importa?" Ketchup ou não, a mesa estava fria contra testa do Lou. "Se quis lhe dar um veículo, por que eu não só comprei um Porsche?"

"Querida, levante sua cabeça. Você não sabe que pessoas talvez possam estar pensando nessa mesa."

"Seguramente, ele ainda teria fugido de mim quando houvesse uma oportunidade," Lou disse, miseravelmente, mantendo sua cabeça onde ela estava. "Mas se não fosse isso cada pessoa no mundo Ocidental não o conheceria. Não teria estado na CNN."

"Agora, Lou," Vicky disse. Abriu sua bolsa de Prada, que ela tinha mantido

cuidadosamente dobrada a fim de evitar manchas de condimento. "Não cada única pessoa no mundo Ocidental sabe sobre Barry e Greta. Estou seguro há algum desses hermitões em Montana—sabe, os com as bombas—que não ouviram sobre ele."

"Oh, Deus," Lou pranteou. "Por que eu não podia ter escrito uma comédia romântica em vez disso? Eles nunca teriam ficado junto nas filmagens de uma comédia romântica."

Teria sido demais, sabe. Previsível. Seus acessórios nunca teriam permitido."

"Agora, Lou, querida," Vicky disse outra vez, quando procurou pelo conteúdo de sua bolsa. "Você não pode culpar tudo em Hindenburg. Você e Barry tinham problemas antes de Hindenburg, se bem me lembro."

Lou, não movendo a sua cabeça da mesa, piscou para sua amiga. A luz do sol da manhã

inclinava-se pelas janelas da sala do aeroporto, e uma viga rósea tinha pousado sobre Vicky, que parecia angelical com sua luz rósea.

Mas então, Vick Lord, sempre parecia angelical. Ela não tinha sido a menina de

Noxzema que por cinco anos só correu por causa de sua pele perfeita. Oh, não. Vicky, e do interior. De certa maneira que Lou, que gastou tempo demais na frente de uma tela de computador, sabia que ela nunca brilharia, nem por dentro nem por fora.

"Seguramente," Lou disse. "Seguramente tínhamos problemas. Tínhamos ficados juntos para ele que, dez anos? Dez anos, e o cara não se comprometeria. Diria que isso era um problema."

Lou não soube por que ela quis falar da visão angelical da outra ao lado dela. Vicky

nunca entenderia. O Vicky, modelo, atriz, e atual Hollywood It Girl, sempre tinha tido tudo o que ela queria.

Bem, isso não era bem verdade. Havia uma coisa que Vicky queria e não havia

conseguido um cara que por quem ela tinha sido louca, que nunca tinha gastado um

minuto com ela, como Lou, tinha mencionado a palavra C. A verdade, isso tinha sido há anos, e Vicky alegremente está casada agora—um homem que a adorava e um dos casamentos rotineiros mais bem sucedidos de Hollywoof. Sim, Vicky tinha mudado em...

. Mas talvez—somente talvez—ela ainda pudesse ver de onde Lou vinha.

"Barry me disse que não queria ser o marido da diretora e ter o trabalho fácil," Lou disse.

"Então escrevi algo que eu esperava que trouxesse algum trabalho."

Vicky achou o que ela tinha procurado em sua bolsa—seu Christian Dior compacto.

Abriu-o de modo que pudesse examinar seu recentemente pintados lábios de Botoxed.

"Querida," Vicky disse, quando considerou sua reflexão. "Você não só escreveu algo que o traria mais trabalho. Escreveu algo que a tranformou de Sra. Ninguém a Sra. Oito Estatuetas em aproximadamente cinco minutos. E como recompensou?" Vicky olhou

para cima de seu compacto e dirigiu a plena força de seu olhar de azul-celeste para sua amiga. "Por Deus ele se casou com essa vagabunda nojenta. O que não entendo é porque está tão chocada. Quero dizer, saiu de casa antes, não foi? Há quanto tempo?".

"Semanas atrás." A voz de Lou estava desolada. "Mas ele não disse nada sobre estar apaixonado por outra pessoa. Acabo de pensar que ele não pensou no que fez afinal de contas."

"Quando o que ele quis dizer—obviamente—era que ele não pode comentar a você."

Querida, eu estive lá. Jack ficou rapidamente comigo, lembra-se? Só no seu caso, ele

ainda não pareceu achar a Senhorita Certa. Talvez porque para ele há nenhuma Senhorita Certa." Vicky sacudiu a sua cabeça, e espiou o reflexo da cafeteira. "Pode acreditar que eles não têm espresso aqui? Quero dizer, compreendo que Ancoradouro não é LA, mas a América é móvel, não é?"

"Deus!" Lou exclamou. Levantou a sua cabeça da mesa, mas manteve as mãos na testa.

"Quando penso em tudo que eu fiz para ele! Digo, escrever essa coisa estúpida foi o pior erro que eu cometi."

Aparentemente satisfeita com seu o batom em seus lábios, Vicky fechou seu compacto e

escorregou para coloca-lo em sua sacola. "Ficar com Barry foi o pior erro que você cometeu," ela disse. "Hindenburg foi um golpe de gênio. Pelo amor de Deus, Lou, se tornou um clássico Americano."

"Um pedaço de trapo clássico," Lou disse, amargamente.

"Era curto em profundidade," Vicky disse encolhendo. "Digo isso a você . Mas as cenas de ação eram de morrer. E essas cenas de amor entre Barry e Gret... .". Lou não perdeu Vicky se sacudindo pensativamente onde ela tinha escorregado. Mordeu seu lábio inferior —arruinando sua maquiagem com a expressão que fez— Vicky estava se sentindo

culpada quando disse, "Oh, Deus, querida. Sinto muito."

"Não." Lou caiu na duro cadeira de plástico. "Não, é bem. Posso tomá-lo. Quero dizer, não é com se fosse uma surpresa total. Eu certamente tive minhas suspeitas. Não como algumas pessoas."

Vicky levantou uma sobrancelha. "Se você acha Jack mesquinho," ela disse, "ele sabe."

Lou soltou uma risada amarga. "Oh, vamos, Vick. Ele não é. Ele não tinha nenhuma pista."

"Sobre Greta e Barry?" Vicky sacudiu a sua cabeça até que bagunçasse seu brilhante cabelo. "Digo, ele soube. Ele não é tão mudo quanto você gosta de pensar, Lou."

"Descarregou em você, não foi?" Lou exigiu. "Se isso não é a coisa mais muda que qualquer pessoa jamais fez, eu não sei o que é."

"Não sabe o quanto você é doce," Vicky disse, com outro de seus sorrisos beatificantes.

"Mas querida, eu juro a você, ele não fez merda no seu quarto de hotel por causa de Greta. Quero dizer para ele ter ficado assim, teria que estar, sabe. Preocupado com ela."

"E isso é uma impossibilidade biológica," Lou murmurou, "para alguém que nem sequer tem um coração."

Como Vicky, um dos muitos Jacks metidos tinham partido seu coração, devia ter sido

capaz de comprovar. O único homem em Hollywood que tinha mais negócios que Jack

Townsend era Tim Lord, diretor de seqüelas tanto como Hindenburg quanto Copkiller

bem recentes...

Mas ao menos Jack fez suas conquistas ao favor e não casando e então arrastando

eternamente ao divórcio, Tim Lord fazia isso regularmente. Vicky era terceira esposa de Tim. O homem teve uma tendência infeliz— não incomum em Hollywood—de casar com as atrizes principais de seus filmes, e embora participação de Vicky em Hindenburg— como a esposa que sentenciou capitão do airship—tinha sido pequena, não obstante ela

tinha conseguido roubar os corações das platéias e do diretor.

Ainda, Vicky exatamente não tinha pulado da frigideira ao fogo indo de Jack a Tim.

Adorou seu novo marido, enquanto Tim obviamente se apaixonou perdidamente por ela, ao passo que Jack. ..

Bem, Jack Townsend não se preocupa com qualquer outro que não seja Jack Townsend

foi o que pareceu a Lou no dia no Hotel de Colinas de Beverly usando só um cordão.

"Oh, olhe," Vicky disse, iluminada. "Aqui vem alguém que parece sujo. Talvez possa contar a nós por demora com nossa carona." O cavalheiro sujo provou ser membro da sua tripiulação. Era, desconcertado, seu piloto.

"Só temos que esperar o Sr. Townsend," o indivíduo forte e desconcertado informou, gentilmente, "e então partiremos."

Lou não acreditava que tinha ouvido corretamente.

"Esperar Townsend?" ela ecoou, roucamente, com os olhos esbugalhados. "Você disse que esperam por Jack Townsend?" Arrastou seu olhar do piloto para Vicky.

"Isso é verdade," disse a Lou, antes de relutantemente—como todos os homens, ele estava tirando à beleza etérea de Vicky Lord como uma mariposa de uma chama— misturando outra vez.

"Oh, meu Deus," Lou disse, agarrando com força os braços da cadeira. Olhou para Vicky, mas ela não parecia preocupada em atender seu celular que estava tocando.

Hesitantemente, Lou perguntou, "OuvIU... OuvIU o que ele acabou de dizer, Vick?"

"O que ele disse?" Vicky parecia repugnada. "Onde ele esteve? Nunca tinha visto um ser humano tão sujo? Quem não era um extra em Braveheart, eu quero dizer?" Lou piscou para sua amiga. Parecia incrível a ela que Vicky somente podia ter ouvido que o homem que tinha rasgado o seu coração ao meio fazendo-a esperar aqui neste aeroporto, e parecia mais preocupada com o horário da partida do vôo.

"O que ele disse?" Vicky parecia repugnada. "Onde ele esteve? Nunca tinha visto um ser humano tão sujo? Quem não era um extra em Braveheart, eu quero dizer?" Lou piscou para sua amiga. Parecia incrível a ela que Vicky somente podia ter ouvido que o homem que

tinha rasgado o seu coração ao meio fazendo-a esperar aqui neste aeroporto, e parecia mais preocupada com o horário da partida do vôo.

Mas essa era Vicky. Era um das razões porque ela e Vicky eram amiga há tanto tempo...

Vicky podia ser totalmente imparcial e frívola quando queria, era verdade, possuía uma incapacidade de não comprar alguma coisa quando passava na frente de uma loja de sapatos.

Mas tinha uma fraqueza igual quando via alguém pedindo esmolas nas ruas e sempre

parava para lhe dar uma nota de cem dólares.

"Jack Townsend vai conosco no avião, Vicky," Lou explicou, porque Vicky não parecia ter entendido. "Com Townsend".

"Bem, naturalmente," Vicky disse, distraidamente. "Por que meu dia já está tão ruim e agora vão me atirar no inferno. Ele deve ter perdido o vôo e o transferiram para esse vôo, sabe como é formalidades de hotel. Porque meu celular não funciona, qual é o problema deste lugar miserável. Nem tem expresso nisso aqui."

"Vicky," Lou assobiou. Sentiu que devia assobiar porque parecia que algo apertava sua garganta.

Algo... Ou alguém. A mente do Lou voou costas Hollow Man, protagonizado por Kevin

Bacon, as partes que ela tinha visto em seu quarto de hotel na noite anterior. O cientista tornava-se invisível e vai aterrorizar seus colegas... . Vicky, segurando o celular em sua orelha, se queixando, "eu não entendo o que acontece aqui. Por que não há sinal? Aonde fica esse inferno de qualquer jeito, na Sibéria?"

Vicky". A voz do Lou voltou com plena força, cheia de maravilha —e admiração. "Como pode ser então acalma? O seu ex-estrupe de homem que destruiu seu coração, e você vai ficar no mesmo avião que ele... É como nada. Ao passo que eu estou pronta para matá-lo pelo que ele fez a você. Qual é o seu segredo?Estou curiosa."

"Sério. Eu morro para saber."

Vicky fechou seu telefone com impaciência força, então colocou usas coisas dentro da

bolsa. "Isso chama-se agir," disse. "Eu juro, eu deveria receber um Oscar por minha Saliente Performance em relação ao meu ex Jack Townsend."

Então, olhando de relance para seu elegante relógio de ouro, Vicky fêz uma careta.

Exceto claro, mesmo se contorcendo, ela continua impossivelmente bonita. "Agora se estou indo fazer uma massagem linfática, eu tenho que fazer uma ligação agora." Vicky se levantou. "u estou indo encontrar um Telefone."

"Vicky." Felizmente, Lou não tinha tido tomado café da manhã. Se tivesse, ela provavelmente estaria colocando para fora agora. "Eu acho realmente que eu estou ficando doente."

"Oh, você não está," Vicky disse.

"Vá até ao banheiro leve esse rosto e cabelo. A última coisa que você precisa é ter complicações com Tim novamente sobre essa coisa de ambientalismo e chegar ao set com ketchup em seu cabelo." Girando ao redor dos seus saltos altos, Vicky saiu, deixando Lou, branca e com a respiração curta, ainda mais branca que papel.

"Esta certo," Lou disse a ela mesma. Felizmente, com a exceção de uma mulher do carrinho do café, ela era a única pessoa no pequeno aeroporto confidencial, e assim que não tinha porque temer ser overheard.

"Eu posso fazer isso. Eu posso começar um negocio com Jack Townsend. Se Vicky pôder fazer, eu também posso, fácil. Eu apenas não falarei com ele. Só isso. Eu penso, apenas porque sua ex está com meu ex, que não há nenhuma razão para que as coisas mudem entre nós. Eu nunca falei com ele antes, isso eu posso conseguir. Porque mudar agora?"

Fortalecida por estas garantias, Lou pegou a bolsa de seus pés e, colocou no ombro—

estava muito pesada por conter um laptop-e encontrou em uma porta do banheiro

feminino. O banheiro não era tão mau como tinha pensado que seria. A iluminação era

generoso-um pouco brilhante demais, na verdade. Ela pode ver os profundos círculos sob seus olhos muito bem. As toalhas de papel molhadas aplicadas sobre seus cachos ruivos resolveram o problema do ketchup. As sombras roxas sob os olhos iriam um reparo mais difícil. Lou pegou a maquiagem em sua bolsa. Milagrosamente, fez o truque. Muito mau, Ela pensou, nunca foi boa em maquiagem na sua vida. Seu ex-namorado fez com que você sofra da baixa alta-estima? Junte com isso, e voila! Foi! É como ele nunca tivesse existi.

Escondeu cicatrizes emocionais. Lou sorriu para seu reflexão. Isso estava bom. Talvez pudessem colocá-la em sue filme. Então parou de sorrir. Batom. Definitivamente precisava de batom. Encontrou algum no fundo de sua bolsa, aplicou. Muito melhor.

Estava começando quase parecer um ser humano.

Se ela deixasse de fora todo o resto e Barry, ela suspeitava que tinha destruir seu lado emocional. Porque, toda essa carreira que ela lhe tinha feito – casa treadmill, tirar Barry do seu sistema tenha dado a ela algum músculo. E o peso que tinha perdido depois que Barry foi embora, como resultado de uma dieta de nada mais do amendoim quebradiço, a

única coisa Lou foi capaz de comer durante esse período baixo de sua vida – fez ela

quase parecer levemente as três Senhoras Tim Lord.

Quase. Mas não completamente. Porque havia uma insinuação de cautela nos olhos

castanhos de Lou que antigamente tinha confiança-um olhar fixo, como seus irmãos

sempre diziam, um rastreador dourado-Aquela aparência segura, não angelical, entretanto.

Agora seus olhos, Lou decididamente gostava mais do antes Dourado Rastreador do que o sobrevivesse anticongelante.

Barry, ela pensou, aqueles prudentes olhos castanhos estreitaram-se diante do espelho.

Isso é tudo sua falta, Barry

Exeto que talvez não fosse isso. Lou sabia perfeitamente bem que tinha que se

responsabilizar pelo que tinha acontecido, isso era ela. Nunca deveria ter saído com Barry Kimmel em primeiro lugar.

Só uma coisa, claro, Barry era um ator. E se Lou aprendeu alguma coisa em seus anos em LA, era nunca confiar em um ator. Nunca confiar em um, e sempre, nunca se apaixonar por um.

Como ela iria saber disso, de qualquer forma, estando em high school on Long Island ?

Embora tivessem crescido uma rua abaixo da outra, Barry nunca tinha olhado par Lou

Calabrese até eles estivessem ano 3º ano, quando ela finalmente controlou a largada dos cachorrinhos gorduchos e convenciou todo mundo a para de lhe chamar de Carrots a tintura para caracóis cobre de magno. Apenas isso. Barry Kimmel me convidou para sair.

Barry Kimmel, o garoto mais quente de Bay Haven Central High School's Drama Club.

Quente, sim. E por um tempo-um longo tempo-isso tinha sido o bastantes. Mesmo para

Lou, que teve um crescimento penoso no relacionamento. Barry era esplendido. Ninguém podiam negar isso.

Mas era engraçado? Barry tinha tido o mais ligeiro sentimento de humor? Não, de modo

nenhum. Certo, poucas pessoas compartilharam do violento entusiasmo da família

Calabrese para devassas brincadeiras, no qual Barry achou particularmente ofensivos.

Então novamente, desde que a maioria das brincadeiras dos seus irmãos tinha se centrado em Barry, poderia Lou responsabilizá-lo, realmente, por não os achar engraçados?

E triste? Se ele não tivesse a atenção que achava que todos deveriam lhe dar-seu carro do drama, os outros atores, Lou-Barry tinham uma tendência pronunciar estar de mau humor. Muito.

Bem, Barry era um artista, após tudo. Ninguém, muito menos Lou-ou assim Barry

insistia-poderia compreender a angustia de um ator em cada papel novo, tentando encontrar o núcleo de sua personalidade, para encontrar exatamente a entonação certa para cada linha. Como Lou, uma mera escritora, poderia mesmo ousar comparar os dois formulários da expressão criativa-escrita e atuação-estaria ela além de Barry. Escrever, como todos sabem, é um simples ofício. Atuar, entretanto, era uma arte.

A parte mais triste disso tudo é que durante muito tempo, Lou tinha acreditado realmente nele.

Mas Deus, como ele era bonito... Todas as adolescentes andavam fantasiando que seu

namorado deveria ter aquela aparência. Barry tinha sido Lou's Nevarre (Rutger Hauer,

Ladyhawke), o Lloyd Dobbler (John Cusack, Say Anything), o Hawkeye (Daniel Day

Lewis, e por último o Mohicans.

Seu tudo.

E o fato é que ele a quis, a gorducha cenoura Calabrese... tinha sido um sonho realizado para uma menina que se importava sempre mais com filmes do que com seu estilo ou caráter. Barry Kimmel tinha-a querido, Lou Calabrese, ao invés de Candy Sparks, capitã das líderes de torcida e estrela de todo musical que havia no Bay Haven Central, ou Amber Castiglione, rainha Homecoming e possuidora de um portfólio profissional de

modelo headshots. Era um golpe, Lou tinha Barry Kimmel, uma da vitória para as

meninas gordas e inteligentes de toda parte.

Até agora. Agora, dez anos mais tarde, parece que Candy e Amber tinham ganhado após

tudo. Porque não era isso que Greta Woolston era, realmente? Apenas uma versão

britânica de Candy, uma Amber européia? Barry, estando com uma Lou todos aqueles

anos, tinha realizado de repente o que não deveria ser. Ele poderia ter toda Candy que quisesse...

...agora que tem seu próprio dinheiro, Graças a Lou, que foi tola em fornecer os meios para ganhar dinheiro e atrair mulheres como Candy... e Greta Woolston.

"Você começou a ser tão cínica," Barry tinha dito a Lou, em sua comovente partida.

"Endurecida sobre tudo." Essa observação, Lou achou razoavelmente certa, era devido ao fato que, melhor que se jogar aos seus pés e implorar para ele não ir, manteve a porta aberta quando Barry se esforçou para passar com uma caixa com seus CDs.

"Eu sinto como se a menina que eu me mudei para Califórnia, cheia de todas aquelas esperanças e sonhos," tinha lhe dito ele, "se foi."

"Porque ela cresceu, Barry," Lou disse. "Obrigada."

Relembrando a dor que ele lhe causou através daquelas palavras em casa - Será verdade?

Será por isso que Barry tinha saído com Greta? Por causa de sua vulnerabilidade

luminescente, a aparência dela e de ser completamente incapaz de fascinar a atenção até dela mesmo, de que ela precisava de algum cuidado, será que Lou já tinha despertado a sensação em algum o homem? - Lou arrancou seu olhar de seu reflexo.

"Para com isso," ela sussurrou para ela mesma. "Para com isso agora. Puxe seu ego junto.

Você não é cenouras Calabrese coisa alguma. Você não é. Você é Lou Calabrese."

Endireitou os ombros e olhou em seus próprios olhos prudentes, cansados. "Você ganhou um prêmio como escritora, logo ira ganhar um premio como romancista..."

... Se terminar seu romance, o primeiro capítulo ela somente começou algumas noites

atrás, sobre uma mulher traída por seu namorado da High School, e trazida à tona outra vez com o amor de um homem bom... uma criação inteiramente fictícia desde que Lou foi convencida que,

com a exceção possivelmente de seu pai e irmãos, não há nenhuma homem bom.

"Que Greta Woolston não poderá participar porque seus implantes estarão pendurando para baixo a seus joelhos," Lou disse ao seu reflexão no espelho do banheiro, "você ainda pode escrever. Seu melhor recurso não é colocar silicone. No mais, lembrar apenas isto: *não mais atores*. Agora, anime-se."

A conversa do pep não funcionou. Lou olhou fixamente para o sorriso com a boca com o

baton que tinha colocado, então rendeu-se. Não poderia sorrir. Mas não poderia chorar tampouco. Talvez Barry esteja certo. Talvez ela fosse *mesmo* cínica.

Sim, e talvez Jack Townsend não tenha quebrado o coração de sua melhor amiga.

Contrariada, Lou girado ao redor, abriu a porta e saiu para o terminal...

...E colidiu com o Jack Townsend, que estava em pé de costas no *café*, olhou

absurdamente sossegado-e elegante -em calças de brim e em um casaco de couro marrom.

"Oh, ai está ela." Vicky, retornando de sua ligação, desgastou uma expressão frenética.

Em Vicky, naturalmente, mesmo seu olhar frenético era esplêndido. "Olha o que a droga do gato fez, Lou. Bem, eu posso ver que você descobriu onde tinha ido para seu ego."

Jack Townsend olhou acima do copo do café que mal tinha controlado para não deixar

cair, graças à saída desgraçada de Lou do banheiro feminino.

E no minuto que aqueles olhos azuis se encontraram com dela, Lou sentiu sua cara girar, ardente.

Há um longo tempo tinha parado de tingir seu cabelo de escuro e estava com o mesmo

ruivo natural, desde do tempo que tinha entrado na faculdade, todos pareciam ter se

esquecido sobre a coisa inteira de Calabrese das cenouras.

Mas havia umas épocas que desejava qualquer coisa menos vermelha, e agora era um desses. Ela fica corada frequentemente e facilmente... assim facilmente às vezes tudo que ela tinha que fazer era pensar sobre ficar corada, e ela ficava.

O "Me desculpe" que tinha estado a ponto de expressar por ter esbarrado nele morreu em sua boca. Toda a habilidade de formular a mais simples das sentenças a deixou enquanto o calor consumiu seu rosto. De repente, Lou Calabrese estava em fogo. Mas toda a mulher, Lou disse para si mesma - não somente ruborizava aquela cujo o ex-namorado estava saindo com sua ex-namorada ao encontrar Jack Townsend. Isso porque ele era, não pôr

um ponto muito gentil sobre ele, seis pés duas polegadas e dois cem libras (medidas, não sei como fica para nós) de músculo, envolvidos todo em irresistíveis braços e pernas compridas. Com seu cabelo grosso e escuro que já se encontra visivelmente alguns pontos cinzentos, e seu nariz que já não era comprido por uma dívida liquidada, dizem boatos, que em uma briga há muito tempo atrás na escola de preparação - o cara era de Manhattan Townsends, de Townsend Securities, carregado com uma colher de prata em sua boca e deixando que a chagada dele ficasse gravada (?)- Jack deixou de ser por um curto momento o desejo teen que Barry sempre tinha sido. Barry-agora Bruno di Blase- é o cara bonito do momento, verdade seja dita. Jack Townsend, jamais seria considerado apenas remotamente bonito... deixe o cara sozinho.

Mas era bom de se olhar. Mais do que bom de se olhar. Com seu cortante olhos azuis e

moreno, sua barba por fazer, Jack Townsend era, na opinião dos muitos moviegoer, um

presente do Deus as mulheres heterossexual de toda parte. Mais espantosamente, não

parecia saber disso: Jack Townsend diz não para o Armani ajustados e as calças de couro que Barry ostenta tradicionalmente, ou as festas de Hollywood e os clubes que Barry frequenta, na esperança (embora Barry negue isso) de um paparazzi consiga sua foto.

Jack Townsend, quando não está trabalhando, se mantém sozinho em seu rancho de setenta acres em Salinas, quase nunca parecendo em público exceto promover seu filme seguinte... um fato que Lou julga ter contribuído provavelmente ao fim de seu relacionamento com a sempre-com fome Greta Woolston mais do que qualquer outra coisa.

Mas Greta deveria ter conhecimento de algo sobre Jack Townsend, ela não se alinharia a um homem com arreios de uma estrela Hollywood. Porque, Jack Townsend, Lou sabia do fato, já havia testemunhado o espetáculo ela mesma em mais de uma ocasião, não

permitia doubles ou qualquer homem em seu lugar para fazer cenas de nudez ou

seqüências da ação. E maquiagem? Não na cara de Jack Townsend. Ninguém tocaram na

sua cabeça, nem mesmo um cabeleireiro... isso explica os pontos cinza em seu cabelo.

E os círculos pretos-assim como nos seus próprios – que Jack Townsend atualmente

tinha sob seus olhos? Tim Lord vai ter que pagar uma fortuna para tê-los removidos para o filme, composição agonizante certamente, já que Jack preferia comer vidro do que o esconder o desgaste, mesmo para seus closes.

Sim, Jack Townsend era muitas coisas: um pesadelo de artista, bilhete certo de um diretor ao sucesso, e o homem dos sonhos de cada mulher América. Mas uma coisa Jack Townsend não era, apesar de seus olhos incríveis e todo aquele charme, uma das pessoas favoritas de Lou.

E era óbvio pelo olhar na cara de Jack quando colidiu com Lou o desagrado intenso

também estiveram nele. Jack olhou de relance para Lou-parecer olhar em linha reta

através dela com aqueles extraordinários olhos azuis-então olhou para outro lugar, e murmurou, com um tom de sarcasmo em que dizia tudo, "Oh. É você."

Era possível que este dia, Lou queria saber, que não tinha começado bem, poderia ter começado pior?

Capítulo 3

Lou. Tinha que ser com a Lou, não tinha.

Oh, bem. Devia ter esperado por isto, do modo como as coisas estavam indo. Na noite

passada num quarto com suíte no hotel—cortesia de Melanie Dupre—nesta louca manhã

a imprensa ficara do lado de fora do corredor do quarto, sem mencionar os ecologistas de plantão, furiosos com a decisão do estado de permitir Tim Lord seguir adiante e explodir parte do Mont McKinley—a vida de Jack Townsend se transformou num pesadelo contínuo e longo. Não, pesadelo não é o modo certo de se expressar. Não era um

pesadelo. Os pesadelos assustavam. Isto era apenas...

Ridículo.

Realmente. Era primeiro porque ele fazia parte da situação em si. Agora viriam as

perguntas intermináveis, a especulação, a suspeita, os risos abafados. E ele não podia contar que era tudo culpa de Melanie. Ele não podia dizer, "decidi que me enchi de atrizes, então falei para Melanie que estava afim dela, e ela foi parar no meu quarto".

Não, ele não podia dizer isso, porque isso não seriam modos de um cavalheiro.

E embora Jack sentisse que seu frio pai, seu pai autoritário, não lhe tinha ensinado tanto sobre tudo isso, uma coisa que ele tinha aprendido com Gilbert Townsend era nunca beijar e espalhar. A desvantagem desta regra, que Jack nunca não conseguiu cumprir, era que depois deste dia, ele nunca seria capaz de ficar num hotel sem despertar comentários sobre sua vida amorosa.

E agora isto. Lou Calabrese. Perfeito. Ela ria, naturalmente, selecionou este dia, de todos os dias, para fazer sua parte no jogo.

Não que Jack estivesse infeliz com a companhia de uma bela mulher em qualquer lugar. Era só que não quando essa mulher é Lou Calabrese.

Porque Lou Calabrese, para falar francamente, era um "chute nos bagos".

Todos os escritores eram impossíveis. Sabia disso bem demais, tendo em vista a parte que eles ocuparam em seu passado. Mas os roteiristas eram os piores. Artistas propriamente-absorvidos, temperamentais, com mania de grandeza e um sentido inflado da própria importância.

E Lou Calabrese era o pior de todos eles. A mudança de uma palavra em seu diálogo

precioso, e um ator—como só Jack sabia—nunca ouviria o fim dele. Por que Tim Lord

tinha concordado em trabalhar com ela outra vez, Jack não conseguia imaginar, as

seqüências durante o tiroteio de Hindenburg. Nenhum deles era exatamente material para cientista de foguete.

Não, naturalmente, esse diálogo de Lou não era normalmente correto. Ei tinha ganhado

um Oscar, certo? Mas ainda. É sempre engraçado até que alguém fica magoado. Quem

ela pensou que era? O Arnold teve "*Hasta la vista, baby*". Eastwood, "*Make My Day*".

O Willis teve "*Yippee-ki-yay*" com a expectativa anulada.

Mas supostamente Jack Townsend *deve ser feliz e engraçado até que alguém se magoe?*

"Oh". Vicky olhou de Lou a Jack e então voltou-se outra vez.

"Certo. Vocês dois vão voltar do mesmo modo. O Copkiller original. Deus. O que era isso, como, há cinco anos?".

"Seis," Lou disse.

Jack teria que ser surdo para não perceber o tom ácido em sua voz. Oh, então o

sentimento era mútuo, era? Como não estava completamente óbvio, dado as indignidades

que ele foi forçado a sofrer com Pete Logan o Detetive em Copkiller II e III.

Ei, bom para ele. Ela não era exatamente sua pessoa favorita no mundo, qualquer uma.

"Seis anos. Eu não posso acreditar que tenha sido há tanto tempo...".

A voz de Vicky se arrastou para fora. Pareceu perceber a mensagem que talvez fosse

melhor sair agora. Isso tinha percebido, Jack lembrou-se de agora, a coisa boa sobre

Vicky: ela não era muda. Um pouco grudenta, com seu t'ai chi, suas massagens

profundas e seus desvios animais que vêm átona com tudo isso, mas suficientemente

esperta quando precisa. Com exceção desse total—o que ele era outra vez? Oh, sim—

intimidade emite coisa. Sobre o que tinha estado.

Agora Vicky olhava em seu relógio. "Oops, desculpe, eu tenho que ir".

Os olhos de Lou—já ridiculamente enormes, embora seu tamanho talvez tenha sido

parcialmente devido à escuridão em seu rosto pálido; pareceu que tinha estado tanto com sono como até tarde na TV—

arregalados. Realmente, quão boa seria a visão de um roteirista? Dirigiam olhos de senhora... Ou olhos ingênuos, no mínimo. Foram

desperdiçados numa mulher que gastou oito horas num dia na frente de um monitor de

computador.

Como era, não ajudava a pensar, esse corpo. Se Lou pensou que ela podia esconder essas curvas sob essa malha grossa do tricô e da dourada calça de lã, ela estava tristemente equivocada. Mesmo um olhar menos atento pode detectar a cintura estreita, peitos redondos e altos, e pernas esbeltas que essas peças de roupa folgada supostamente tinham que esconder. Era alta, demais, ao menos 1,85, e sem a ajuda dos saltos de suas botas.

Lou Calabrese tinha o tipo de pernas interminavelmente longas que um homem não se

importaria de se embrulhar ao redor delas em uma noite de inverno...

Agora o que tinha posto essa imagem em sua cabeça?

Talvez a mesma coisa que o causava o reflexo desse cabelo de Lou Calabrese, uma

revolta de sobre os ombros compridos de cachos ruivo-coloridos, pareciam implorar em

ter seus dedos mergulhados naquelas ondas grossas. Mesmo sendo aparentemente

naturais, tanto em cor como em cachos, fazendo-o, de acordo com a ditadura do estilo

atual de Hollywood para loiro macio e leve como Greta e Vicky, sem esperança retro...

Um fato sobre que Lou aparentemente não sabia nem se importava. O bronze-colorido

que ela usou sobre a malha de cable-tricota, figurava belo, mas funcional, colocavam para fora a última teoria. Aí possa, Jack refletiu, raramente se deparava com uma mulher que não era escrava da moda. Especialmente uma mulher que pararia em cima de uma questão que ela nunca se saiu bem.

Ainda, Lou Calabrese? Ele se compadeceu de Lou Calabrese com um homem afundado

em seus pregos sensatamente curtos, em Esse tipo de olhar junto com um cérebro capaz

de trazer a tona a tortura que ela regularmente infligiu sobre seu caráter miserável, Detetive Logan? Uma combinação mortal.

Olhou como se administrasse a coisa da feminilidade indefesa. Fazia-o direito na frente dele, agora mesmo, esses lábios luxuriantes de framboesa-colorida separaram-se em angústia, esses olhos marrons largos e cor de orvalho olharam para Vicky perguntado, "Aonde vai?".

Se Jack não estivesse ocupado pensando se Lou Calabrese era desprovida de emoção

humana, ele poderia ter sentido algum sentimento
provenientemente valoroso para ela,
ela pareceu tão genuinamente alarmada. Como era, no entanto,
ele soube que ela
receberia sua ajuda tão bem como receberia uma multidão de
abelhas assassinas. Olhou

agradecido tinha sido sobre a coisa de "necessito de uma arma
maior". Que jamais saiu como ele tinha previsto. "Mas você não
pode ir, Vicky," Lou dizia. "Pensei que você fosse conosco ao jogo."

"Era, querida," Vicky disse. Vicky, Jack lembrou-se, sempre
tratava as pessoas com as palavras carinhosas. Ninguém mais, ele
estava bastante seguro, jamais se referiria a Lou Calabrese como
querida. Doce talvez como ela fosse, Lou de doce definitivamente
não tinha nada. "Mas cheguei somente agora minhas mensagens,
havia uma de Tim.

Telefonou para mim cancelar o jogo. Há algo errado com Elijah.
Uma pequena febre, eu

acho. O hotel o chamou em Myra. E ele me chamou para bancar
a madastra. Eu a

alcançarei esta tarde, embora, juro. Quero dizer, a menos que a
criança piore."

Esta notícia claramente afligiu a Lou. Que agarrou braço do Vicky.
"Vicky," Jack ouviu seu rugido. Não, realmente. Rosnado, como um
tigre. Muito no modo como ela tinha rosnado com ele, no dia ele
tinha substituído que é sempre engraçado até que alguém fica
magoado com a coisa de preciso de uma arma maior. Só desta vez,
ela usou palavras mais explícitas. "Juro a Deus, se me deixar sozinha
com—".

Jack se distraiu desta conversa interessante pela mulher atrás do
balcão de café, que repentinamente, e bem agudamente, declarada,
"por que, você é Jack Townsend!".

Jack piscou para a agradável mulher de meia-idade que tinha
fornecido essa tão

necessária xícara de café.

"Sim," disse, compreendendo isso realmente, não havia nenhum
modo de sair disso.

"Sou."

"Oh, meu Senhor," a mulher chorou, os seus olhos inchando. "Oh, meu Senhor, eu não estava segura a princípio, mas agora o ouvi conversar, é, é você!" Jack, cansado como estava, não pode deixar de sorrir um pouco. Os fãs eram quase como uns grandes problemas para os roteiristas. Ainda sem eles, só com os roteiristas, Jack não estaria onde estava hoje. Não isso, particularmente numa manhã como esta, considerou uma posição tão invejável.

"Sim," ele disse, porque não havia negado "Sou eu."

O rosto da mulher se abriu num sorriso beatificante.

"Sou Marie," a mulher jorrou. "Sr. Townsend, eu não o posso contar o que isto significa para mim. Ouvi dizer que estava aqui, sabe, no Alasca, filmando, mas eu nunca pensei que fosse botar os olhos em você. Saiba que é meu ator favorito de todo o mundo? Todo tempo. "STAT" era meu seriado favorito... Bem, até que você saiu. Foi daí que começou a cair, eu não me importo com que qualquer pessoa diz. E Copkiller é meu filme favorito." A pausa em seu tagarelar contínuo de elogios capacitou Jack a falar, "muito obrigado, Marie. Eu—".

Mas ele não conseguiu acabar, porque como Jack começou amarrotar seu copo de café,

derramando o resto de seu conteúdo Marie drenada, atrás do balcão, gritado, "Não!"

Quando Jack olhou-a com assombro, a mulher adicionou, com um rubor medroso, "era para me devolver. Sabe, Jack Townsend bebeu da xícara do meu café." Jack olhou para o copo amarrotado. Isto—não as longas horas, os meses gastos longe de casa, o manuscrito interminável mudo foi forçado a alertar sua mente, a perseguição da imprensa—era o que ele odiava na maioria das vezes. As pessoas—fãs—poupando seus copos de bebida, guardanapos, em uma ocasião memorável, mesmo um Lenço de papel. Não havia

ninguém—nenhuma única pessoa nesta terra—, que queira guardar um Lenço de papel

usado de Jack Townsend e ele não pode entender a compulsão por guardar um mais...

Particularmente quando era seu Lenço de papel usado em questão.

"Que tal se eu assinar algo para você?" ele ofereceu jogando a xícara no lixo. "Isso pode, você sabe, impressionar mais as pessoas do que um copo velho."

"Oh!" Marie empurrou uma caneta e bloco de anotações através do balcão para ele. "Se você não se importar. Pode assinar para Marie?"

"Seguramente posso," Jack disse, levantando a caneta.

"E pode escrever?" Marie sorriu para ele timidamente. "Sabe a famosa fala de Pete Logan". Jack, ciente que Lou observava, não podia ajudar, mas podia sorrir. Tinha que esfolá-la, ele sabia, como popular essa fala tinha se tornado.

"Seguramente," disse, e escrevendo, necessito de uma arma maior de sua firma. "Aqui vai," disse, quando acabou, passando a caneta e devolveu o bloco de anotações para ela.

"Tenha um bom dia."

Marie irradiou-se. Ela também, ele pensou com uma careta, que pegaria sua xícara de

café do lixo, e colocaria cuidadosamente de lado.

Por que, ele perguntou-se, não pela primeira vez no dia, nem mesmo essa hora, não se

tornou um advogado, como seu pai queria?

Mas Marie não o fez.

"Ei," disse, alargando os seus olhos para Vicky. "Você—jogou a esposa do capitão! Em Hindenburg!"

O sorriso do Vicky iluminou seu rosto como uma nova alvorada.

"Sim," disse. "Essa era eu."

"Pode assinar isto para mim?" Marie perguntou, empurrando um guardanapo e a caneta em direção ao Vicky.

"Seguramente," Vicky disse, com um sorriso, e seguiu adiante para pegar a caneta. iria, Jack sabia, assinar junto com seu autografo um smiley e um coração. Mas ele tem que encontrar uma mulher em Hollywood que pode resistir a adicionar um rosto de smiley ou um coração a seu autógrafo. Greta mesmo ocasionalmente adicionava uma estrela por seu nome... Bem antes dela se tornar

uma, fazendo a coisa inteira parecer um tipo de profecia se cumprindo.

Marie arrastou seu olhar em direção de Lou, parecendo esperançosa. "Que tal você?" ela perguntou. "Você é alguém famoso, demais?" Jack, esperando ouvir um recital longo de projetos em que Lou Calabrese tinha trabalhado, tinha preparado para conter um bocejo.

Nenhum escritor que ele tinha encontrado jamais pode resistir a vangloriar a própria

cabeça, e lista das realizações de Lou era particularmente impressionante, como todo o mundo sabia— Uma variedade interminável—que tinha vendido seu primeiro projeto, o Copkiller original, na jovem idade de vinte e dois anos.

Mas parou seu meio-bocejo quando, para sua surpresa, Lou meramente encolheu os

ombros e disse, com seu sorriso tão frágil e com Vicky se divertindo um bocado, "Eu sou apenas uma escritora."

Apenas uma escritora? Apenas uma escritora? Dizer isso era como dizer... bem, dizer que Tim Lord era apenas um diretor. Apenas uma escritora? Fazia um longo, longo tempo que Jack tinha ouvido que ela tinha recebido uma indicação de um membro de elite de

Hollywood. Considerou Lou Calabrese curiosa. E, quis saber, o estava acontecendo aqui?

Marie, entretanto, ficou visivelmente decepcionada.

"Oh," disse. Então pareceu se reanimar. "Bem, você se importa em assinar algo para mim de qualquer maneira?" pediu, tirando sua caneta de Vicky. "Porque você nunca sabe, querida. Talvez você será famosa algum dia, muito, como estes dois. "

Isso foi quando Lou fez algo extraordinário. Sorriu. E quando Lou Calabrese sorriu, Jack se surpreendeu, sua cara deixou de ser meramente bonita para bonita por completo, algo que tinha não tido antes da ocasião de observar, desde que Lou tinha lhe proporcionado um descontentamento extremo, ao executar o papel de Detetive Logan, para lhe prestar.

"Obrigada," ela disse a Marie, em uma voz que, assim como o sorriso, ele nunca tinha

ouvido usar antes. A razão do sorriso, ele percebeu, ser notável foi porque o entusiasmo refletiu naqueles profundos olhos marrons, uma raridade no naqueles círculos, onde a maioria de sorrisos eram tão genuínos como os dentes cuidadosamente a mostra.

Rabiscou seu nome no guardanapo oferecido. Nenhuma cara de smiley, Jack observou.

Nenhum coração. E certamente nenhuma estrela.

"Ai está," Lou Calabrese disse.

Isso foi quando um homem grande em uma camisa do xadrez se aproximou deles, olhando nervoso.

"Sr. Townsend?" perguntou.

Vicky passou a frente, Jack poderia começar uma briga novamente

"sim, Sr. Townsend já está aqui. Mas houve uma mudança nos planos. Eu estou indo para o hotel." O Camisa xadrez assentiu. "Como você quiser senhora." Para Jack, disse ele, "Eu sou Sam. Eu serei seu piloto hoje. Quando você estiver pronto, nós podemos partir."

"Nós já estamos prontos," Lou disse rapidamente. Tão rapidamente, de fato, que Jack quis saber se ela estava ansiosa, como devia, para sair de Anchorage - ou talvez fosse somente para ficar o menos possível em sua presença. O piloto olhou espantado.

"Uh," gaguejou. "Você é, uh, está vindo também, senhora?"

"Naturalmente eu estou indo, também," Lou disse. Sua voz era ainda tranqüila, como se estivesse acabado de acordar. Voz chamando para cama. Diferente da cabeça pesada de sono, a voz chamando para cama era uma coisa boa. Para um ator, em todo o caso. Para

um escritor, de qualquer forma - especialmente quando tem um par de olhos do qual pode lhe chamar para o quarto - isso é meramente distração. Pelo menos, Jack pensou assim.

"Uh" O piloto olhou confuso. "Uh, é você tem certeza? Eu pensei que você estivesse indo com a Sra. Lord."

Lou agitou sua cabeça, olhando embaraçada. "Não. Não, eu estou indo para Myra, como programado." O piloto olhou de relance

para baixo para sua declaração de vôo. "Uh. Diz aqui um passageiro."

"Bem, está errado. Deve ser três. Agora são dois."

"Um. Tá bom. Eu sei". O piloto coçou sua cabeça... Não foi, para Jack, um sinal muito encorajador. "Se está dizendo então, senhorita".

Acima de as suas cabeças, o sistema de som do terminal de aeroporto começou a tocar.

Um DJ local de estação de rádio disse que ia nevar, então anunciou isso, na celebração de Greta Woolston e Bruno di Blase as estrelas de Hindenburg, ele colocava uma canção vencedora do Prêmio da Academia. Um segundo mais tarde, os primeiros acordes de "My Love Burn for You Tonight" começaram a chover titilando sobre eles.

Perfeito. Loucamente Perfeito. Jack não era o único, no entanto, que pareceu infeliz com isto. Sem outra olhada qualquer para Jack ou Vicky, Lou, com seu casaco num braço, e sua bolsa com notebook no outro, soltou um grito estrangulado, então depois apressa o piloto forte do modo como fez o DJ, seus cachos vermelhos e grossos pulando enquanto corria. Vencedor do Prêmio da Academia ou não, "My Love Burn for You Tonight" era, sem dúvida, uma das canções mais estúpidas que Jack já tinha ouvido. Era também grudenta. E agora ficaria grudado na sua cabeça até o final do dia. para Lou também, se o grito servisse como indicação.

As coisas podiam ter começado pior?

Aparentemente sim.

Porque quando Vicky se colocou na ponta dos pés para seus beijos de adeus - mulheres

como Vicky dão beijos de adeus em todos. Ela já tinha dado seu beijo de adeus em Lou, quando ele começou a se afastar antes que Vicky tivesse a chance - ele sabia que, de fato, seu dia *poderia* começar muito pior. Isso foi quando Vicky escolheu dizer, em um sussurro que ele estava certo poderia ser ouvido por todo o terminal, "se você tivesse ficado comigo, nada disso teria acontecido."

Bem, que ele estava esperando? Vicky não era do tipo que mantia sua boca fechada.

Quando Vicky tinha algo para dizer, por Deus, ela dizia. Falta de intimidade. Foi isso que ele foi acusado de ter. Isso era porque, ele tinha lhe dito, que não sentia por ela a mesma coisa que ela sentia por ele. Falta de intimidade. Jack, ele sabia, era muito protetor do seu condenado coração para se permitir abrir a possibilidade de quebrá-lo.

Sim. Aquele era ele. Apenas porque não entrega seu coração a cada autógrafo, como

Vicky faz...

Ainda, a sinceridade de Vicky era uma das coisas mais atraentes nela, e quase tinha feito agüentar todas as frescuras de Vicky—o breve flerte com a Kabala, a dieta macrobiótica, os desvios—valores dele.

Quase. Mas no fim, não bem. Porque protegia o seu coração, naturalmente.

Não era o seu minúsculo coração que ele protegia um minuto mais tarde quando pisou

sobre o batente amargamente frio com os dedos escorregadios sentindo a punhalada de

vento nele. Puxou seu casaco de couro contra ele, Jack apressou-se na para esperar a

aeronave fora do batente... Então sacou. Este não era, como tinha suposto, o turbo-prop eight-seater que transportou o diretor e outros membros da produção que devia estar com eles nas acomodações em Myra. Não, isto era um helicóptero.

E não um muito grande, de qualquer jeito.

Lou estava já no assento traseiro, com um jogo de fones de ouvido sobre suas orelhas e uma expressão em sua cara que revelava que seu entusiasmo no prospecto de voar nesta geringonça era igual a suas próprias. Ou talvez era talvez o fato de que estaria voando nele com ele que teve seu nariz no ar.

"O que aconteceu ao Cessna?" Jack perguntou ao piloto, tendo que levantar sua voz para ser ouvida acima do vento dos inverno e das lâminas lentamente girando em cima.

"Um, o Cessana caravana está indisponível, senhor", o piloto gritou. "Este é tudo que nós temos."

Jack fez uma careta. Ele nunca teve nenhum medo de voar, mas preferia definitivamente os aviões que coubessem confortavelmente mais de quatro.

"Você não tem qualquer coisa maior?" pediu.

"Um," o piloto disse, olhando para Jack, desconcertante nervoso para alguém a quem iria confiar sua vida. "Este R-44 brand novo. O Sr. Lord sempre o usa para suas viagens aéreas curta, e apenas ele. É completamente seguro. Realmente, Sr. Townsend." Lou, no assento traseiro, brilhou nele, e disse com aquela voz calma dela, "dentro ou fora, Garoto voador. Está congelando ai fora."

Jack queria repreende-la. O que há com esta mulher, afinal? Poderia compreender talvez ela ainda esteja louca com ele por querer tirar a frese de que ELE precisa de uma arma maior – ela tinha feito mais do que ele sabia, tinha sujeitado Peter Logan a ser marcado nas seqüências de seus filmes.

Mas qual é! Aquilo tinha sido anos há! Claro, os cabelos vermelhos supostamente tem

haver com o temperamento, mas isso estava começando a ser ridículo. Mas por quanto

tempo essa garota pode segurar a reclamação, em todo o caso?

Então recordou surpreso, que Lou era amiga de Vicky. Havia as duas, ele imaginava,

gastado o trajeto do hotel ao aeroporto falando de seus exs? Evidentemente. O que é

ótimo. Agora ele não estava mais indo ter que agüentar só à raiva de um artista ofendido, mas também a ira de uma amiga leal de uma mulher que supostamente foi largada.

Ainda, você pensaria que, considerando que o que tinha acontecido na noite passada, ele e Lou estavam no mesmo barco agora, ela com um pouco folga sobre ele. E se você pensasse sobre isso, tudo isso era culpa dela de qualquer maneira. Se ela não tivesse escrito esse filme estúpido em primeiro lugar, Greta e esse idiota do di Blase poderiam nunca ter se conhecido.

Exceto que, ela não havia feito nada tão rude como ele fez. Oh, Não. Tanto quanto soube, ele tinha sido o único na noite passada no hotel, tentando falar Melanie Dupre numa tentativa inocente de acalmar a raiva que ela estava sentindo dele. Ou o acesso do amor, como a imprensa, com um flash caracterizado irônico, estava chamando. Sim, claro, Lou perdeu seu namorado. Mas ela não tinha que fazer enlouquecidas atrizes a não iluminam a mobília do quarto do hotel com fogo, ela tinha?

"Certo," Jack disse, entrando com algum esforço, ainda apreensivo sobre o helicóptero, seu piloto gaguejante, e acima de tudo, sobre o mau temperamento de sua companheira de vôo. "Vamos ir." Fingiu não ouvir Lou murmurar, "Aleluia." Uma vantagem o R-44

turbo-prop tinha, Jack logo percebeu, era que era impossível manter uma conversa contes com sua companheira. Uma coisa, era por ela ter se sentado sozinha no assento traseiro: Sam havia insistido que era necessário o peso de Jack "vir na frente" para "balancear as coisas." Outra coisa, com o barulho das hélices fazia era impossível ouvir o que qualquer um dizia, exceto através dos microfones unidos aos fones de ouvidos que o Sam insistiu que usassem. Jack, exausto como estava, achou o fato que ninguém parecia querer manter uma conversa, extremamente satisfatória.

Quando o helicóptero decolou, então saindo do aeroporto, ele olhou para fora pelo grande pára-brisa na sua frente, observando a periferia de Ancoradouro encolher sob eles, então gradualmente dando passagem a um cobertor de branco, pontilhou a ocasional cor de pinheiros verdes.

Alasca. Parecia divertido quando ele leu no roteiro, e visto que a trama tinha tramas consideráveis de ação e se passa num vilarejo fictício em Mont McKinley. Pete Logan, para um simples detetive de homicídios em Nova York, certamente evitaria Tinha, nas

suas três últimas continuações, ido para o Tibete, Usbequistão, Bolívia, e Belize. E agora o Alasca, entra para sua excursão mundial.

Interessantemente, Pete sempre pareceu ser enviado para alguns lugares bem perigosos na terra, um fato que Jack atribuiu ao desejo

do criador do personagem escrever coisas desconfortáveis para o homem que o interpretou. Ele nunca deu esse gosto a Lou e sempre aproveitou ao máximo a situação, e nunca se ocupou com o calor do deserto nem o frio ártico dos vários locais em que ela escolheu pôr suas tramas.

O fato disso, em todos estes lugares exóticos, Detetive Logan invariavelmente foi forçado a abaixar suas calças, no entanto, sem nenhum rancor. Era uma coisa para caçar contrabandistas em Nepal. E teve que ficar nu para entrar num templo de contrabandistas, só foi espancado como polos de bambu.

Esse tipo de coisa que Jack—mas aparentemente não o público americano, que tinha gostado muito de Copkiller II, que faturou cem milhões em apenas três semanas—teve alguns problemas.

Felizmente, a única cena no Copkiller atual que exige que Jack fique sem muita roupa é quando ele fica na sauna com Rebecca uma ousada promotora pública que se eletrocuta.

Para Lou deve ter sido um pequeno fora no seu jogo enquanto escrevia este.

Aparentemente, seu único castigo desta vez era ser um bom doente em quarentena.

Qual era apenas um castigo. Alasca era belo... Pelo que Jack havia visto dele, de qualquer jeito. Era um pouco duro de julgar, desde que o volume do seu turismo consistiu no Ancoradouro Quatro Estações e o povoado pequeno da montanha, que ficava a duzentos

quilômetros de Myra. Entre os dois, que ele tinha observado, havia uma única floresta.

Bem, a floresta misturada com montanhas coberta com vastas extensões brancas. Apenas, ele pensou, um exemplo completo de tudo que o grande estado do Alasca têm a oferecer.

Ainda, se é que algum lugar tenha sido bom desde a notícia da fuga de Greta, melhor o Alasca que LA. Longe do alcance de "Access Hollywood" e "Entertainment Tonight,"

Jack sentiu-se quase... Bem, em casa. E quando começasse a filmar, esperou tirar algumas semanas para pescar no gelo. Um dos rapazes da equipe tinha oferecido emprestá-lo sua cabana—.

"Sr. Townsend."

Foi quando a voz do piloto, vindo de seus fones de ouvido, ecoou ruidosamente nas

orelhas de Jack que ele compreendeu que tinha cochilado. Bem, não era qualquer

maravilha, realmente. O ataque de fúria temperamental de Melanie na noite anterior, e suas conseqüências infelizes—na forma de segurança de hotel, o departamento de fogo, e finalmente, a polícia, aparecendo no seu apartamento—tinha mantido ele acordado até quatro de manhã. Ele realmente ia ter de aprender, um destes dias, desistir de namorar com atrizes. Sua mãe estava certa: cada coisa pequena desenvolve um drama de grandes proporções. Jack não estava seguro quanto de quão longe iriam os atores.

Por outro lado, quando ele jamais encontrou uma mulher atraente que não fosse atriz?

Seu olhar deslizou em direção da ruiva no outro lado. Não era uma atriz, isso com

certeza. Mas certamente tinha uma ligação importante com este meio—.

Isto foi único quando o olhar de Jack caiu no rosto da Lou que ele compreendeu sua

expressão não estava cansado, como teria se esperado de alguém numa carona num

helicóptero desconfortável. Nem parecia estar enjoada, uma reação comum a voar no que era, reconhecidamente, um ar agitado.

Não, Lou usou uma expressão de horror abjeto. E desta vez, não pareceu ser por causa do que ele tinha dito nem tinha feito—como tinha parecido constantemente ter feito desde que os dois se encontraram pela primeira vez, seis anos mais cedo—a coisa errada.

Seguindo a direção de seu olhar, Jack compreendeu que Lou fitava fixadamente o

revólver que o piloto apontava para a cabeça de Jack.

"Sr. Townsend," o piloto disse. "Penso que você precisa de um revólver maior. Ou e qualquer revólver pequeno, realmente."

Capítulo 4

Tim Lord fitou na porta fechada do trailer. "Rebecca" estava escrito junto à placa da porta. Mas teria sabido que Melaine Dupre— a atriz que interpretava o par romântico de Pete Logan—estava lá dentro simplesmente pelos sons de quebrar vidro e gritos prolongados de animal vindos pela porta.

"Têm sido como em toda manhã," a secretária particular de Melanie Dupre, cujo nome Tim nunca pode se lembrar, informou abatidamente.

Tim escutou como o que soou como um disco arranhado. Estremeceu. Perguntou-se se o

seguro do estúdio pagaria o estrago, ou se, ensinariam uma lição mal necessária para

Senhorita Dupre, eles talvez descontassem no seu contracheque.

"É isto," perguntou a PA curiosamente, "por causa da coisa inteira da fuga? Sabe, Greta e Bruno?"

"Eu penso que não," a PA disse. Como a maioria dos secretários particulares, este era um parente distante de Melanie, e tinha uma semelhança passageira à atriz. A PA, no entanto, teve um caso grave de acnes que estragou sua aparência ao contrario das atrizes atraentes.

Tim perguntou-se por que Melanie não arranjou um tratamento para a menina com seu

dermatologista. Tinha um dos melhores em LA, afinal de contas. Tim soube, porque o

contrato de Melanie estipulou que o salário de estúdio para suas acnes durante tiroteio.

"Penso," a PA disse suavemente, como se Melanie, dentro do trailer, talvez ouça por acaso, apesar de todo o barulho que ela fazia quebrando as coisas, "que Sr. Townsend, você sabe. Kinda partiu com ela ontem à noite."

Tim assentiu. Naturalmente. Devia saber. Era muito raramente uma coisa boa quando um

casal de atores escolheram tirar sua química da tela para trás das câmeras, o que Jack Townsend e Melaine tinham feito, recentemente. Havia sempre a possibilidade seu relacionamento talvez acabe durante o tiroteio, e faz essas coisas no Set... Bem, desajeitadamente.

Tim tinha experiência pessoal suficiente com esse tipo de coisa para saber melhor. O

mesmo prodia se aplicar para Jack Townsend e Melaine Dupre, aparentemente.

Por quê? Realmente. Por que hoje? Por que diabos Greta Woolston e Bruno di Blase têm

que ter escolhido ontem à noite, de todas as noites, para o casamento, um ato que sem dúvida incitou a decisão repentina de Jack de reorganizar suas prioridades?

E por que ele tinha escolhido este filme, de todos filmes, seguir Hindenburg? Por que ele não tinha assinado em para algum filme indie? Ei, tinha trabalhado para Jack Townsend, não tinha?

"Mel?" Tim alcançou para cima e bateu agudamente na porta do trailer com as costas dos seus dedos. "Mel, sou, Tim. Tim Lord. Posso entrar?"

Antes de Melanie ter uma possibilidade responder, Paul Thompkins, um dos diretores

assistentes, veio apressado, as pontas das suas orelhas, colado embaixo do seu chapéu de beisebol de Copkiller II, brilhando vermelho do frio. Eram uns vinte graus relativamente suaves, com predições da temperatura abaixando mais dez graus nas próximas horas.

Mas isso não era nada. Ontem, tinham sido -5 graus. Um câmera quase tinha perdido um

dedo a frostbite.

Por que Lou tinha escolhido por em umas regiões árticas para isto, o último dos filmes de Copkiller? Por que ela não podia ter posto esta coisa no Havaí? Havia criminosos perigosos escondendo-se no Havaí, não havia? Lou tinha raiva de Jack Townsend, e seu

desejo de vê-lo tão inconfortável quanto ela talvez possa fazê-lo, foi longe demais. Afinal de contas, "necessito um revólver maior" era

uma frase melhor que "é sempre engraçado até que alguém fica magoado." Somente peça qualquer audiência de prova.

"Tim," Paul inclinou-se para cochichar. Tim Lord, apesar das botas de vaqueiro que ele habitualmente usava, com saltos de dois centímetros, era baixo com apenas 1,60 metros, um fato que acorou no New York Times quando tinham criticado e tinham chamado Hindenburg "um trabalho enjoativa de masturbadores de um diretor que pensa um pingo mais alto que ele mesmo."

"Somente recebeu palavra de Ancoradouro," Paul cochichou. "O helicóptero com Jack já partiu."

"Grande," Tim disse. "Grande." Inspirou profundamente, esticou-se tão alto quanto ele podia, então bateu mais duro na porta do trailer. "Melanie? Querida, é Tim. Escute, me deixa entrar? Precisamos conversar."

"E," Paul cochichou, aparentemente então a PA de Melanie não ouviria, "dizem há outra frente fria vindo. Este deve ser um doozy. Supostamente abaixara mais dez graus."

"Aumento," Tim disse, sentindo pena de coração. Ainda, você não teria notado, na sua voz, que algo estava errado. Algo absolutamente. Era o trabalho do diretor manter uma aura de controle tranqüilo em todas as ocasiões. Nenhuma questão quanto seu mundo talvez gire completamente descontrolado, nunca deixe transparecer. Nunca os deixe vê-lo suar. "Isso é só aumento."

Olhando para a porta, falou, "Mel, querida, Jack que vai estar aqui a qualquer momento.

Nós precisamos começar o filme. Você sabe, a cena da mina. Esta chegando uma tempestade, e eu-"

De repente fazendo a PA pular, a porta do camarim de Melanie Dupre abriu. Melanie, ainda trajada, mas com o maquiagem manchada, olhou para baixo para Tim. Mesmo

Melanie Dupre, toda delicada como era, era mais alta do que o ganhador do Oscar de diretor Tim Lord.

“Você tem alguma idéia,” Melanie reclamou, em uma voz que mostrava que estava impedindo as lágrimas, “o que ele me disse ontem noite? Você tem?”

Embora achasse de tal coisa não seria possível, Tim sentiu seu coração afundar-se ainda mais. Mais dois dias. Aquilo era tudo que ele precisava. Mais dois dias, e poderiam terminar tudo que necessitavam e retornar a L.A. e começar a editar.

Realmente, ele não precisava disso. Ele não precisava do problema romântico entre os atores, dos protestos dos ecologistas, amantes diretas dos animais, o mau tempo, e o tudo mais.

No mais, ele tinha observado que haviam chamado Jack Townsend de o *Hamlet*

masturbador ou saciador, isso ele tinha observado.

Claro, a coisa não tinha feito uma fração aos negócios de Hindenburg, mas havia

recebido comentários – ate mesmo do New York Times.

De alguma forma, Tim não imaginava que Copkiller IV estaria indo receber ardentes comentários.

“Agora, Mel,” Tim disse, com o que esperou ser uma voz calma. “Você conhece Jack.

Ele fica extremamente irritável antes um tiro importante...”

“Não tem nada fazer com o filme!” Melanie deu um grito agudo.

Sua voz não teve um longo alcance, mesmo, com toda a neve.

Tim duvidou que o grupo

acima, em frente à mina abandonada, poderia ouvi-la. Obrigado Deus.

“O que há de errado com o seu pessoal,” Melanie gritou. “Você pensa que tudo gira em torno de seu filme estúpido! Bem, isto não tem nada haver com Copkiller, Tim. Tem que fazer com o fato de Jack Townsend é um egoísta, manipulador, di- ”

Novamente o eixo da mina, apagou aquele encanto de mulher. O grupo dos efeitos

especial tinha equipado os detonadores, e estava preparando-se para fazer um teste da explosão. Necessitaram que todos se movessem para trás para evitar vôo da madeira e do cascalho pegassem neles.

"- e eu não vou ser mais usada," Melanie, que havia mantido de mulher sedutora através do sonoro grito de advertência, continuou quando o barulho parou. "Este é ele, Tim. Eu não trabalharei com ele. Nem mais um segundo. Você compreende?"

O distante ressoar indicava que a explosão tinha apagado sem um engate. Agora o grupo iria ativar os explosivos para a cena real. Em pouco tempo, estariam prontos para os atores principais. "Mel," Tim disse calmamente.

"Eu compreendo que você está atravessando uma fase dura agora. Nós todos estamos estressados. Você sabe que sempre é assim nos dias finais de um filme. Mas eu estou pedindo que você compreenda que Jack que atravessando uma fase mais dura do que o

resto de nós. Eu acho, Greta-"

Ele soube imediatamente que não devia ter trazido a tona La Woolston. Por causa de

Mimi, heroína de Hindenburg, era há dois anos atriz mais procurada de Hollywood, e

Melanie-com de três dúzias de outros filmes como atriz principal, para não mencionar diversas divas de rock e a um programa para televisão - estava decepcionada amargamente por ser Greta, e não a ela.

"Oh, Deus!" Melanie gritou, sua cara que mal-humorada.

"Como você pode, Tim? Como você pode?" A porta de seu camarim bateu, fechando outra vez. Tim, a PA, e Paul todos trocaram olhares.

"Talvez," a PA arriscou, após um momento, "eu deva ligar para seu terapeuta."

"Talvez," Tim disse brevemente, "você já deveria ter feito há algum tempo."

Quando o PA foi se afastando envergonhada, o assistente do diretor coçou sua garganta.

Tim lhe jogou um olhar aflito.

"O que é agora?" quis saber.

"Um," o diretor assistente disse, levantando uma mão ao comunicador unido a uma de suas orelhas vermelha. "Eu estava justamente indo confinar que Lou estava com ele.

Townsend, eu digo."

Tim olhou fixamente para o outro homem com horror.

"O que. ..o que você está que dizendo?"

"Um," Paul disse nervoso. "Ela está no mesmo helicóptero. Lou. E Jack. No mesmo pequeno espaço."

Tim sentiu um aperto em sua cabeça. Não. Não, isso não podia estar acontecendo.

"Meu deus," Paul soprou. "Eles irão se matar."

Vicky Lord bateu a porta da sua suíte de hotel e inclinou-se para trás contra isso,

pesadamente. Ou tão pesadamente quanto poderia uma mulher que se mantinha com

olhos de águia para seu peso, quinze por cento de seu corpo era gordura, Vicky tinha uma estrutura óssea pequena –pôde repousar.

"Meu Deus," disse, a Lupe, que olhou acima em sua patroa com surpresa, pois estava lendo cuidadosamente a revista The View. "Aqueles repórteres são implacáveis. Eu não posso acreditar que eu a faço parte disso tudo. Sra. Lord! Sra. Lord! Você tem algum comentário, Sra. Lord, sobre a fuga de Di Blase/Woolston? Você sabe o que Jack

Townsend fez esta manhã? Ele se suicidou? E aqueles ecologistas! Você pode imaginar

por que Tim estava ameaçando usar uma fazenda de gatinhos, em vez de do velho eixo

abandonado da mina, da maneira como estão conduzindo as coisas."

Olhando para vidro do uísque no alto do bar da suíte do hotel, Vicky colocou ela mesma um pouco em um copo. "Apenas um pouco," disse, a Lupe, que havia escondido a revista e ligado a TV.

"Eu preciso, após os tudo isso." Lupe, como era feita sob encomenda, não disse, mas levantou e recuperou o casaco de pele

que sua patroa tinha deixado cair no assoalho.

Projetou um olhar para a imitação de lontra, o casaco era de fato um genuíno chinchila, mas enganaria até o mais ardente ativista animal.

"Porque você veio para casa tão cedo, Sra. Lord?" Lupe perguntou, indo ao armário e pendurando cuidadosamente o casaco. "É a tempestade? Eu ouvi sobre ela na notícia."

"Tempestade?" O uísque estava chegando agradável no fundo de seu estômago como o omelete de ovo branco, e a água quente e o limão tinham sido no seu café da manhã, Vicky levantou de seu banco andando até a janelas da suíte e para fora a grossa parede de nuvens abaixo das montanhas. "Bom Deus. Aquilo é uma tempestade. Bem, isso não é perfeito? Eu serei fursada agora a ficar presa aqui dentro o dia inteiro com o pequeno Lord Fauntleroy, e não haverá uma possibilidade de eu ir ao Shopping. Como se," acrescentou com um suspiro, "houvesse qualquer coisa para comprar neste de qualquer maneira."

Desviou da janela e disse, "Bem, somente dê diretamente a mim. Tem barfed? Porque você sabe como sou quanto ao vômito."

Lupe fitou seu patrão desnorteado. Havia muita coisa que Lupe não entendia sobre como as coisas funcionavam na família de Lorde, mas a nova Sra. Lord era a coisa mais desconcertante de tudo. Embora Lupe tivesse que assumir que ela era melhor que a última, que, no fim, quando se tornou claro que seria substituída por uma modelo mais jovem, mais nova, tinha assustado Lupe com seu repentino interesse entusiástico em musculação e revólveres.

"Eu não entendi o que disse, Sra. Lord," Lupe disse. "Que barfing?"

As belas faces de Vicky vincaram com impaciência. "Elijah," disse. "Recebi uma mensagem de que ele estava doente."

Lupe sacudiu a sua cabeça. "Elijah não está doente. Está lá e,baixo com o resto das crianças e a babá. Estavam jogando vôlei, eu verifiquei."

Vicky afundou no sofá que Lupe tinha desocupado, e tinha pegado uma revista que começava a folhear.

"Okay, Lupe," ela disse. "Você não tem que se preocupar com meus sentimentos. Sou totalmente boa. Soube que seria madrasta quando me casei. Somente dê diretamente a mim. Como isto é mau? Quero dizer, não é projetável, é?"

"Sra. Lord". Lupe estendeu ambas as mãos num gesto de desamparo. "Eu não sei o que lhe falaram. Elijah não está doente. Está lá em baixo, nadando na piscina. Vou mandar o almoço dele em uma hora. Isso é tudo que sei. Quando eu vi Elijah, ele estava bem". A criança estava ai que bem. Tinha lançado seu Lego battlecruiser. Mas Lupe soube que era melhor não desperdiçar sua respiração queixando-se sobre o comportamento das crianças a sua madrasta, que ria—podia—nao fazia nada sobre isto.

Vicky olhou para ele sobre revista—a mais nova edição de Vogue—e disse, "Espera um minuto. Se a criança não doente, por que Tim recebeu uma mensagem que ele estava?"

"Eu não sei, Sra. Lord. Eu não falei nada para o Sr. Lord. Elijah está bom, ao menos, ele comeu toda sua Count Chocula hoje de manhã".

O olho de Vicky arregalou-se. "Então está me dizendo que eu fui chamada para longe do aeroporto, voltei ao hotel, para nada?"

"Houve algum erro," Lupe disse, se encolhendo. "Talvez o hotel tenha cometido algum erro? Mas não é tão mau. Você não quereria ir ao set naquilo.". Ela assentiu olhando nas janelas, onde ela podia ver neve começar cair. "Podia ser pega na armadilha dessa montanha toda noite."

Vicky, seguindo a direção do olhar de Lupe, ofegou. "Têm razão. Ugh, isso parece sujeira. Estou alegre por estar aqui e não naquilo.". Então, com uma testa graciosamente constrangida, ela adicionou, "Pobres Jack e Lou, voando naquilo. Espero que estejam bem."

Frank Calabrese olhou os números que ele tinha copiado cuidadosamente sobre a lista de contatos emergênciais que ele mantinha no telefone da cozinha. Depois de quarenta anos na força, Frank tinha aprendido uma coisa ou duas. Nunca, por exemplo, usar undershirts brancos: o material pálido do V no colarinho do seu

uniforme o fez um alvo perfeito para pivetes que queiram bater nele acima de seu colete à prova de balas.

Não isso, em todo seu tempo na força, ele nunca tinha sido tirado. Ainda, nunca se

preparou para se machucar. E os undershirts pretos tiveram bônus adicional de não

mostrar as manchas dos sanduíches de almôndega que ele come no almoço.

Porém por mais que edificasse seus anos na Polícia de Nova York tinham sido quatro

décadas que Frank tinha gastado criando seus cinco filhos—reconhecidamente com a

ajuda da sua esposa agora morta, Helen. Mas passado dez anos passados, de qualquer

jeito, desde a morte do Helen de câncer no seio, ele havia criado seus filhos só, e, não se vangloriando, tinha feito o trabalho muito bem, obrigada.

E enquanto os filhos, principalmente agora, que cresceram e agora não precisam de

supervisão constante, uma coisa que ele tinha aprendido era o modo de um pai manter

todos os números de telefone dos filhos em um lugar—junto com outros números

importantes, tal como o lugar mais próximo de entrega de pizza, e um lugar seguro para comprar ingressos para os jogos do Yankees—em fácil acesso ao telefone.

Agora olhou para a lista que ele tinha feito—era evidente, mas teimoso demais para pôr os óculos que seu oculista tinha receitado, ao menos quando lia romances de espionagem que ele achou tão absorvente desde que tinha se aposentado. Finalmente, achou o número que procurava, e, com uma última olhada na extensão do papel na frente dele na mesa da cozinha, ele discou.

Ela não atendeu, naturalmente. Ela raramente atende. Ele não sabia por que ela tinha um celular se nunca atendia. A caixa postal, o encorajava a deixar uma mensagem. Ele não estava seguro se

deveria. Se Helen estivesse viva, deixar uma mensagem para uma filha que morava fora, reconhecidamente fora, seria apropriado.

Mas depois de uma cuidadosa consideração, ele decidiu que deveria deixar uma

mensagem sobre o que havia lido o jornal, e quando o alerta soou, ele disse "Lou. É o Papai. Escute. Li. Nos jornais. Sobre Barry."

Agora o que acrescentar? "Eu nunca gostei do rapaz de qualquer jeito?" Não. tinha tentado isso com Nick, quando ele se separou de Angel, e o que tinha acontecido? Tinha juntado os dois, e Nick, esse idiota, contou a Angie o que seu pai tinha dito, e Frank tinha recebido nada mais que olhares malévolos deste filho mais novo e da namorada pelo resto do tempo que eles tinha saído, que misericordiosamente só tinha sido mais alguns meses.

Ainda, tinha sido puramente inconfortável, temporariamente.

Então ele não podia falar a verdade: que ele sempre odiou Barry Kimmel, tinha

imaginado ele com uma meia calça de senhora desde o primeiro dia que Lou o trouxe ao

lar, esse dia que ele veio com uma blusa com listras brancas e cor-de-rosa—cor-de-rosa!

—camisa de Izod e falado a Helen nesse meio da fraude de Kennedy, até que Frank

limpou logo o sorriso de satisfação do rosto da criança. Frank soube da ruína quando o viu, e Barry Kimmel era o rei da ruína.

Tentou em vez disso uma versão já preparada, mas não podia: "O que eu posso dizer, filhinha? O rapaz não merece uma menina como você. Certo, ou o que? Quero dizer, qualquer rapaz que antes se casaria com algum poodle escovado do que minha menininha

... Então, olhe, não se preocupe. Sabe o que sua mãe diria, se estivesse aqui. Há muito peixe no mar, e, uh, seu navio entrará um dia deste, e, um, ele nunca seria suficientemente bom para você, de qualquer jeito."

De qualquer maneira, não soou bastante correto. Helen teria dito algo como isso, no

entanto, o tempo que Adam dividia com seu primeiro significativo e outro, tão Frank só ia nisto.

"Sim," ele disse. "Isto é ele. Bem, espero que esteja tudo okay na La La Land. Sabe se quer voltar para casa, seu quarto estará sempre pronto para você. Sei que os caras amariam vê-la. E você não tem que se preocupar com receber com o tratamento de celebridade por aqui. Nós não deixaremos você se esquecer das suas raízes, você sabe, com ou sem Oscar. Ei, falando desse Oscar, você sabe o que você deve fazer com ele, não? Quero

dizer, com Barry. Bem, eu provavelmente não devo dizer isso—".

Desligou e passou a mão no rosto. Helen, ele refletiu, sempre sabia o que dizer a Lou.

Não importa tanto se dossoe sobre rapazes ou não. Podia dizer algo a eles—mesmo a

Adam, o sensível—e estaria bem. Lou, embora. Ela sempre tinha sido diferente. "Minha filha gênia," Helen a tinha chamado, e ela não estava errada. Lou nunca tinha sido como os rapazes, e não só porque era menina, de qualquer jeito. Ela somente... Bem, analisava coisas demais. Uma boa qualidade para uma escritora, ele, mas analisava demais. Quem analisava demais, sabia por instinto... Bem, normalmente acaba morto.

Felizmente os instintos de Lou sempre foram bastante bons, também. Bem, exceto que

sua escolha de namorados sempre foi preocupante.

"Então, uh, escuta," Frank disse, de novo ao telefone. "Me ligue quando receber esta mensagem, huh? Estamos preocupados. Queremos nos assegurar que você esteja, sabe, bem. Não vá, sabe, correndo para unir-se numa dessas seitas idiotas de celebridade aí fora, nem algo assim, okay? Okay. Me ligue."

Pendurou. Isso tinha sido demais? Olhou para a foto de Barry e essa mulher de Woolston, o do filme de Hindenburg, rindo sobre um bolo de casamento formado—arbitrariamente, achou que Adam diria—como um blimp(?).

Não, pensou. Isso não tinha sido demais. Se conhecia Lou, ela provavelmente tinha ido correr em uma montanha em algum lugar para lamber suas ferida e se recuperar sozinha.

Não era de se espantar que não tivesse levado o celular. Não, como os rapazes, Lou, bem, ela nunca realmente tinha se metido em alguma grande encrenca.

Capítulo 5

Lou não podia acreditar. Realmente, isto não podia estar acontecendo. Como se as vinte e quatro horas passadas não tivessem sido suficientemente horrorosas, agora foi pega em uma armadilha num helicóptero, a quinhentos metros de altitude, com Jack Townsend e um piloto assassino lunático.

Não havia nenhuma justiça. Não havia simplesmente nenhuma justiça no mundo. Bem,

supôs que ela tinha pedido por isto. O estúdio não teria estado tão ávido em assinar para outro roteiro de Copkiller se não tivesse sido pelo sucesso meteórico de Hindenburg, provando mais uma vez que se tivesse escrito uma comédia romântica, curta e

adorável, em vez de um triunfo do dinamismo do espírito humano, sua vida teria sido

muito mais simples.

"Whoa," Jack disse, quando aqueles olhos azuis elétricos finalmente tinham registrado que havia um 38 apontando para o seu rosto. "Hey. Espere um minuto."

"Estou realmente triste, Sr. Townsend," Sam, o piloto, disse, outra vez, sua voz funda soando genuinamente arrependida nos fones de ouvido de Lou. "Mas tenho que fazer o que me mandam."

"O que você vai fazer com isto?" Jack, para seu crédito, não soou apavorado. Ele nem sequer pareceu espantado, até Lou podia afirmar. Ele mesmo se lembrou de falar no microfone pendurando de modo que Sam pudesse ouvi-lo. "Vá em frente. Você vai atirar? Dentro do helicóptero?"

Sam assentiu, tristemente. "E empurro você para fora," ele disse. "Essa é a razão pela qual nós não podíamos pegar o Cessna."

"Mas...". Lou não soube se Jack parava para ganhar tempo, nem se ele realmente queria saber. Por qualquer que fosse razão, ele perguntou, sem o menor tom de seu sarcasmo normal, só um ar de desnorteado, "Por quê?".

Sam encolheu seus ombros pesados. "Eu já falei," ele disse. "Recebi ordens. Se eu não fizer, eles não me pagam. E eu realmente preciso o dinheiro, Sr. Townsend. Devo algumas pessoas. Agora, se podia apenas—".

Lou, o seu coração palpitando, e a sua boca seca como osso, não obstante presa a seu

cinto de segurança de modo que pudesse se inclinar. Tentou se lembrar das numerosas

histórias que seu pai contava na mesa de jantar de lidar com dificuldades, atiradores, ela disse, no que ela esperou que fosse calma, suavizando voz, "Isto é ridículo, Sam. Você não pode atirar em Jack Townsend. O que todo o mundo dirá quando aparecemos no set sem ele?"

Sam olhou de novo para ela apologeticamente. "Nós não vamos para o set, senhorita.

Veja, liquidarei o Sr. Townsend, então voaremos para—bem, você não precisa saber.

Mas tenho um salário esperando por mim. Me aposento depois que isto, vê?"

Lou engoliu. Sentiu-se como se houvesse areia na sua boca. 'O Retorno da Múmia', 2001.

Muita areia tinha voado ao redor daquilo. "E eu?" ela perguntou, com a voz áspera.

E mesmo que tivesse esperado suas próximas palavras, elas podiam esfriar, muito mais

que o ar imprestável do aquecedor do helicóptero bem não poderia dissipar.

"Não era para você estar neste vôo. Aqui não queremos quaisquer supôs estar testemunhas."

Não, naturalmente não. Essa foi a razão pela qual Vicky tinha sido chamada para longe no último minuto, não foi? Mas eles evidentemente esqueceram Lou—quem tinha organizado o assassinato de Jack Townsend, isso é.

Bem, e por que não? Ela era, afinal de contas, só a roteirista, e todo mundo sabia como roteiristas eram disponíveis. Não havia um

empregado de Starbucks na América que não tivesse ao menos um argumento escondido numa gaveta em algum lugar.

"Olhe," Jack disse, e Lou reconheceu seu tom amigável, razoável como o mesmo que ele empregou enquanto fazia as cenas de negociação de refém como o Detetive Pete Logan.

"Um, Sam, é? Olhe, Sam, eu estou seguro de quem o pagou para me matar ofereceu

muito para seus serviços. Mas sou um rapaz bonito e rico. Que tal dobro do seu

contracheque, e você me deixa vivo?"

Lou quase saltou de seu assento. Era uma estratégia de Copkiller II, uma estratégia que ela tinha escrito. Mas Jack teve a presença de espírito para se lembrar dela, e a pôs uso numa situação difícil, algo ela nunca foi capaz de fazer... Aplicar suas experiências imaginárias em sua vida, isso é. Com outras pessoas, segura, mas nunca consigo mesma.

O piloto sacudiu a sua cabeça até que seu pombo de Adão oscilou. "Deve pensar que eu sou belo estúpido," ele disse, outra vez não soando ao menos ressentido. Soara... Bem, triste. "Sei que vocês vão me denunciar depois," disse. "Há único meio disto acabar. E

penso que você sabe o que eu quero dizer."

Lou olhou, silenciada com medo, o homem corpulento sentado na frente dela, apontando

um revólver tão despreocupadamente para o coração de Jack Townsend. Até que algo a

fez mudar seu olhar levemente quando notou que Jack olhava, também... Só que não era

para o assassino. Não, Jack olhava para ela.

E pela primeira vez em seis anos desde que ela tinha conhecido Jack Townsend, Lou

realmente sentiu pela penetração do seu olhar que era a primeira vez que ele realmente a via... Olhando como algo além de outro roteirista louco que não o deixaria a mudar suas linhas... Realmente olhando-a, e em algum modo que ela não podia discernir, aconselhando-a a...

Bem, a fazer algo. Só que fazer o que? O que ela faria? Dar um golpe de judô no cara?

Oh, sim, isso daria trabalho.

"Oh, Deus," Jack chorou, quebrando o contato visual com ela, e, para seu grande alarme, repentinamente rolando a sua cabeça contra as costas do seu assento. "Oh, Deus, eu não posso acreditar que isto está acontecendo!".

Lou, assustada, gastou só um ou dois segundos se perguntando o que ele fazia. Jack podia ser um metido, certamente, mas covarde ele não era. Ele nem sequer teve medo de fazer atordoante cena que ela tinha bolado para Copkiller II, com as enguias e a betoneira...

Então, repentinamente, soube. Soube exatamente o que Jack fazia. Ato dois, cena cinco de Copkiller III. Era possível que Sam não tivesse visto o filme? Se sim então era o único homem no seu demográfico—entre quarenta e cinco de sessenta, residentes de um quarto do noroeste dos Estados Unidos—a tê-lo perdido.

Mas aparentemente tinha perdido desde que, surpreso, Sam gaguejou, "Agora, Sr.

Townsend. Não aja assim—".

"Pelo amor de Deus, homem," Jack chorou, e conseguiu alcançar o piloto pelo ombro.

"Não ajirei. Não gaste sua vida, vivendo como um felon(?) querido, sempre na corrida."

"Hey, espere um minuto," gaguejou Sam. "Espere somente um segundo...".

Lou, entretanto, tinha se jogado no chão, assim como o sócio miserável de Pete Logan, Dan Gardner, sempre foi forçado fazer, até Logan perceber seus gestos teatrais. Lou não tinha nenhuma idéia do que ela esperava achar no chão da aeronave, mas o R-44 era pequeno, e o espaço de armazenamento parecia que fosse mínimo. Se fossem pegar algo

—algo que podia, num clarão, servir como uma arma—estaria sob os assentos.

Embaixo de seu assento, Lou via uma caixa marcada com: "Apenas em casos de

Emergências". Bem, isto era certamente uma emergência, uma como nunca tinha se visto metida antes. Puxava o assento na direção da caixa, ela orou para que Jack mantesse o homem ocupado enquanto puxava a caixa.

"Que tipo de vida é esta?" Jack exigiu. "Sempre olhar mais de um ombro, passando apenas em frente à lei —".

"A lei não pode me pagar um viagem ao México," Sam disse. "E eu não calculo, uma vez que eu estiver nas praias mexicas, eu olharei muito sobre o meu ombro—".

"Pense sobre isso, Sam," Jack garantiu. "Você não pensa que eles o extraditarão, se eles o acharem? Sou uma celebridade internacional. O mundo inteiro lamentará minha morte, e clamara por justiça."

Lou, com suas mãos nos joelhos, revirou os olhos com isto. Podia ser mais ator?

"Mas eles não podem me extratidar," Sam disse, truculentamente, "uma vez que eu sou natural do México."

A tampa do topo da caixa estava aberta, Lou proferiu uma oração de agradecimento

secreto. Tinha achado exatamente o que procurava. Depois que cuidadosamente carregar

e engatilha-lo—era surpreendentemente pesado—apontou para a parte de trás da cabeça

de Sam, e gritou, "Congele, dirtbag! (?)" assim como Rebecca, em Copkiller III.

Só quando Sam não congelou, e Lou continuou a ouvir em seus fones de ouvido, "Quero dizer, olha, eu não tenho orgulho disto, mas um homem tem de fazer o que um homem tem de fazer," fez Lou compreender que ela não tinha pensado em mike(?).

"Sam," disse, desta vez falando como mike, e segurando o revólver a laser ao nível da boca. "Ponha o revólver no chão. Agora".

Jack, ela notou, estava olhando para, e viu a dúvida em baixo daqueles olhos cinzentos.

Bem, o que mais esperava que ela fizesse? Não era como se ela tivesse muita escolha. Era o revólver a laser ou nada, Obrigada. Ela o ignorou.

"O-o que?" Sam pareceu confuso. Claramente, ele não foi instruído de como agir quando se tem revólveres a laser ameaçando seu rosto. "O que você fará?"

"Farei um laser atravessar seu crânio," Lou informou numa voz que ela imaginou ser bastante constante—como Dirty Harry em The Enforcer—"se você não por o revólver no chão."

O Sam tornou a olhá-la, com uma expressão de indignação em seu rosto. "Você não vai atirar em mim," disse, como se isto fosse algo que Lou devesse saber perfeitamente bem.

"Sim, vou," Lou garantiu. "E tenho grandes chances de acertar. Aposto."

Oh, condenada, Lou pensou para si mesma, enquanto estremecia. Três vezes. Três vezes

que ela tinha dito isto. Pessoas que declararam algo três vezes invariavelmente estavam mentindo, o pai dela sempre falava. Mas talvez Sam, que estava claramente no lado oposto da lei de Frank Calabrese, nunca tinha ouvido isto...

Ou talvez tivesse. Ele ainda estava a encarando. Os olhos dele, notar isso não pôde

ajudar, era azul, um pouco parecido com o Jack Townsend. Mas o de Sam era um tipo

diferente de azul— mais pálido, menos azul, sem aquela beira escura que separa a íris da parte branca, aquela beira escura que tinha feito tantos fãs de "STAT" sente e tome nota, pensaria Dr. Rourke...

"Você aí é que não vai me atirar", Sam disse, novamente, tão razoavelmente quanto se estivesse falando com uma criança. "Você aí não vai não atirar em ninguém. Você aí não pode fazer isto."

O aperto de Lou na arma à laser oscilou um pouco. "Certo", ela disse, a voz dela soando agora, para suas próprias orelhas, menos igual à de Clint e mais, infelizmente, como Sally Campo. "certo, bem, eu não atirarei talvez na sua cabeça, mas eu poderia atirar certamente na sua perna, e isso é certamente vai doer—".

Sam balançou a cabeça.

"Amada", ele disse, "você atira, e esta coisa cairá, entende? Como uma pedra."

Lou vacilou. Oh, Deus, ela não tinha pensado disso. O aperto dela na arma de metal pesada oscilou mais até mesmo...

"Eu não acho isso", Jack Townsend disse, em seu interior, até mesmo voz. Lou não era a única que olhou para ele surpresa. Sam estava boquiaberto, também. Ambos pareciam ter esquecido da existência de um terceiro na cabine, de tão intenso que tinha sido a própria conversa deles.

"Eu voei em R-44s antes, veja você", Jack disse, convencional. Lou, apesar de tudo, estava surpresa. "Você voou?"

"Seguramente", Jack disse, encolhendo seus largos ombros. "No Berger's Spy Time.

Você devia se lembrar disto. Acumulou sessenta e cinco milhões de dólares em sua primeira semana de exibição."

Lou derrubou quase derrubou sua arma. Não só voou. Jeffrey Berger—quando foi

persuadido para rejeitar o Hindenburg depois que o agente de Lou lhe enviase uma cópia do primeiro draft — nunca permitia que um dos atores deles usar dublês, como para operar uma pesada maquinaria como um R-44, mas Spy Time não tinha acumulado muito

perto do fim das filmagens, foi só entrar em sua primeira semana.

Mas o olhar que Jack lhe enviou lhe lembrou para que ela mantivesse a mente dela a mão na tarefa, e adequadamente, ela apertou a arma a laser mais ao lado da cabeça do piloto.

"Certo", ela disse. "Viu? Nós estaremos bem sem você. Assim coloque a arma no chão."

Sam que estava evidentemente atento na direção conservadora de Jeffrey Berger que nem o escritório de Spy Time, deu um suspiro e, para a grande surpresa de Lou, deu o .38 a Jack.

Aparentemente lembrando de tudo que ele tinha aprendido nos sets dos filmes de

Copkiller, Jack segurou o revólver com ambas as mãos, o dedo indicador dele para um

lado do gatilho para não puxar o gatilho acidentalmente.

"Certo", ele disse, em um tom muito diferente da voz que ao qual ele tinha perguntado para Sam, pelo amor de Deus, que ele pense no que ele estava fazendo. Agora ele soou calmo. Mortalmente calmo. Lou sentia um frio, Jack Townsend soou tão calmo.

Ou talvez o frio era porque eles ainda estavam sobrevoando pelo ar ártico a uma

velocidade enorme com a segurança de várias armas perigosas libertadas.

"Agora", Jack disse, friamente. "Vire este helicóptero."

Lou estava alegre ela não estava olhando para baixo o barril daquela magnun. Ou nos

olhos azuis de Jack Townsend, que estavam, como eles observaram o piloto, tão frio

quanto o chão em qual ela ajoelhou. Se Jack Townsend alguma vez tivesse olhado para

Greta assim, Lou totalmente poderia entender a mulher que o deixa para ficar com Barry, cujo pior olhar não teria amedrontado nem um kindergartner.

Sam aparentemente concordado com ela, desde que ele disse, com um gemido leve, "Oh meu Deus. O que foi que eu fiz? O que o que foi que eu fiz?"

"Não preocupe com isso", o Jack disse. "Apenas continue voando."

"Eles vão me matar", Sam estava entonando em um ganido alto. "Se eu aparecer em Myra, eles vão me matar, você não vê?"

"Apenas continue voando", o Jack disse, novamente.

Isso foi quando Lou, que estava olhando pelo largo pára-brisa, viu algo que a fez gritar.

Só porque ela estava chocada para se lembrar de falar no microfone dela, ninguém a ouviu.

"Agora você apenas continue o vôo", o Jack estava dizendo, em uma voz calma,

"agradável e fácil e eu direi uma palavra boa para você-"

"Gansos!" Lou gritou, dessa vez no microfone, e apontando para frente.

Mas estava muito tarde. Eles tinham estado voando baixo, graças ao colapso nervoso da cabina do piloto de Sam, e eles estavam no meio do rebanho, antes de qualquer um poder fazer qualquer coisa.

E quando um dos pássaros bateu no pára-brisa em uma explosão de sangue e penas, a

força do impacto era bastante para lançar Lou, que estava ajoelhada no chão ainda,

adiante, até que a testa dela bateu solidamente com a armação de metal na parte de trás do assento do piloto.

O sopro que a fez vê estrelas, também a fez perder o cabo da arma. Que caiu com um

ruído ao chão da aeronave, e prontamente se foi, enquanto ela viar um jogo

completamente diferente de estrelas.

Na chuva de faíscas e fumaça que se seguiu, Lou teve tempo para pensar, grasne. Não

rebanho. Um grasne de gansos era no que eles colidiriam. Grasne de gansos. Rebanho

de ...

Gaivotas

"Olhe fora!" ela ouviu Jack Townsend gritar. Ele não precisou falar no microfone. Ele tinha gritado com bastante volume para ser ouvido sobre os whomp-whomp-whomp das pesadas lâminas de hélice, e a chama que se saltou bateu de parede a parede até resolver, com um estouro maravilhoso de chamas, se instalar no painel de controle em frente a eles.

"Oh, Jesus", Sam, o piloto, gritou, ele jogou os braços dele para cima para proteger o rosto da cascata de faíscas. "Oh, Jesus!"

Flock of seagulls (nome de uma banda "rebanho das gaivotas"), Lou que foi jogada no assento dela teve tempo para pensar. Barry sempre tinha os amado, tinha todos os seus CD's. Estavam todos naquela caixa, que ele tinha estava segurando aquele dia ele a acusou de ter virado tão cínica. CD's do Flock of seagulls . E música de pan-flute. Barry sempre tinha tido uma coisa para música de pan-flute.

O rosto de Jack Townsend apareceu em frente a ela, mostrou em silhueta pela fumaça e

se ruboriza atrás dele. "Coloque seu cinto de segurança", ele gritou. Lou, olhando fixamente nele, fez o que ele mandou, mas ela não pôde deixar de pensar que realmente, Jack Townsend pensou apenas nele mesmo. Quem ele pensa que é, de qualquer maneira?

Algum tipo de estrela de filme?

Este pensamento não lhe causou nenhum divertimento. Pelo menos até, pela fumaça que

estava enchendo rapidamente a cabine, ela viu algo pelo pára-brisa que fez a garganta dela fechar.

Aquilo era o chão?

Capítulo 6

E então ela estava rodeada por gaivotas. Gaivotas brancas, fofas, as penas deles ao redor dela, como as asas de anjos.

Só não precisamente como as asas de anjos. Porque supostamente anjos eram criaturas amáveis, divinas.

Por outro lado, estes anjos estavam sentando nela. Eles estavam a sufocando. A ferindo.

A queimando.

Lou abriu os olhos.

Ela estava deitada na neve. Neve, não penas, era o que estava a queimando. Não a

queimando, realmente, mas não sentia muito confortável, deitada na neve. A cabeça dela doeu. Realmente doeu, de certo modo não tinha doído como na ressaca que teve quando Barry partiu com todos seus CD e ela, que nunca foi um bebedor muito experiente, tinha bebido toda garrafa de Bailey's Cream irlandesa, junto com uma caixa de amendoim, que uma criança do vizinho, para arrecadar dinheiro para escolar dele, tinha a vendido.

Estremecendo dolorosamente contra o clarão branco severo da neve e, sobre isto, a

expansão vasta de céu Alasquiano igualmente branco, ela se apoiou aos cotovelos...

E imediatamente desejou não ter feito isso. Não por causa da dor que atirou pelo corpo –

embora isso era excruciante - mas porque a algumas dúzias de distancia, seu nariz

enviado profundamente na neve e suas lâminas tortas, estava os destroços do helicóptero.

Ofegando, ela começou a andara. O que ela pretendia fazer depois, ela não tinha certeza.

Isso que o pouco que ela sabia sobre primeiros tinha sido inteiramente armazenado de

assistir ao seu fiel "STAT".

Ela nunca tinha sido até mesmo uma Escoteira, muito menos salva-vidas. Ainda, ela tinha visto Dr. Paul Rourke executam CPR memoravelmente em dúzias vitima inconscientes – como no episodio do filho do mar, que tinha caracterizado pelo ônibus da escola

secundária transtornado e ela estava confiante de que poderia fazer muito bem o trabalho, se não melhor.

A pressa dela para ajudar as vítimas do estrondo foi parada, porém, e não só pelo

aumento súbito de dor na cabeça dela, ou o fato que a visão dela, pelo súbito de atividade, começou a nadar. Não, a mão que

segurou o pulso dela, com um aperto como ferro, também teve algo que ver com isto.

Arrastando o olhar dela dos destroços amassado do helicóptero, Lou se achou olhando

nos olhos do dono daquela mão. Jack Townsend friamente inflexível, olhar-de-pedra

azuis. Os olhos para qual os diretores de toda parte de Hollywood estava disposta a dar quinze milhão dólares em um filme. Assim ele não estava metido entre todo aquele chamuscado e fumaça de metal afinal de contas. Olhou como se ela não fosse ter que o

puxar, inconsciente, do local de estrondo. Na realidade, estava começando a olhar como se o oposto tivesse acontecido: na realidade, que ele tinha a salvado. Era realmente verdade? Ela realmente deve a vida dela agora ao homem que não só tinha rejeitado

cruelmente uma de suas melhores amigas, mas tinha transformado a estúpida frase "eu preciso de uma arma maior" em palavras domésticas?

"Onde você pensa que você vai?" ele quis saber. A voz – que era profunda, até mesmo expressa, quase sempre com sarcasmo e que também era parte daquele pacote quinze-milhão-dólar - soou mortalmente esquisita para Lou. Isso foi quando ela percebeu que estava nevando. Ligeiramente, mas continuamente. Flocos estavam se assentando no cabelo de Jack Townsend, já mosqueado com branco, para o desânimo de coloristas ao

longo de LA. Coisas sempre soaram surdo, Lou tinha notado, quando estava nevando.

Até mesmo as vozes de atores profissionais que treinaram na Escola de Yale de Drama.

Lou gesticulou sem convicção ao montão de destroços que tinha sido uma vez um

helicóptero. "E ele... e ele... ?"

"Ainda não", Jack disse. "Ele está lá em cima." Ele apontou a um montão de xadrez que estava um pouco distante, em baixo de uma

árvore alta em forma de cone, coberto de neve. "Vivo. Infelizmente." E então ele largou o pulso dela.

Libertada do aperto encorajador dele, Lou caiu para atrás como uma pedra na neve.

Whoa. Ela provavelmente não deveria ter se levantado assim tão rápido. Ela tinha caído como Pinocchio sem as cordas dele, antes de ele se tornar um menino real. E

provavelmente, ela pensou, graciosamente, também.

Jack olhou para ela. "Ei", ele disse, a ironia habitual do tom de voz dele foi substituído com algo que para Lou, no estado ofuscado dela, quase confundiu com preocupação.

"Você está bem?"

"Oh", Lou disse, enquanto se esforçava para limpar as lágrimas que tinham aparecido de repente, de alguma forma, nos olhos dela. "Claro. Claro. Eu estou bem." Ela não sabia o que mais a espantou, se era o fato de que ela estava encalhada na selva com Jack Townsend ou o fato de que ela estava chorando em frente a ele. "Eu só sendo simpática. Eu estou totalmente acostumada a ter armas apontadas para mim por homens contratados e fazendo aterrissagem de emergência em nos bosques no meio de tundra de zen. Acontece

comigo o todo o tempo."

O tom de Jack voltou friamente de preocupado para irônico por um segundo. "Isso não é nenhum tundra", ele a informou. "Nós estamos nas montanhas. Tundra é plano."

"Tanto faz", Lou disse. Ela não pôde acreditar que isto estava acontecendo. Ela realmente não pôde. "Isto é apenas..." O olhar dela deslizou por cima ao Sam inconsciente. "Ele está ferido?" Jack encolheu os ombros largos dele. "Bateu com a cabeça, é tudo que eu posso ver. Não tão grande quanto seu, mas ainda de bom tamanho para se olhar."

Lou alcançou para cima, defensivamente, ao longo da testa dela. Oh, sim. Lá estava. Uma inchação oviforme só em baixo do contorno do couro cabeludo dela. Muito atraente. Não, claro, que ela se preocupou, ela olhou para frente para Jack Townsend.

"Só isso?" ela perguntou, enquanto localizando o esboço do inchaço, mas estudando o piloto onde ele estava.

"Você não vai tentar... Eu não sei... O ressuscitar?"

"Você não vai tentar... Eu não sei... O ressuscitar?"

"Ei", o Jack disse, enquanto esparramando as mãos dele. Ela notou que ele tinha deslizado em um par de luvas de couro. "Eu não sou um médico. Eu apenas fui um na TV."

Ela fez careta a ele. "Você sabe o que eu quero dizer. Nós não devemos... Eu não sei.

Fazer algo por ele?"

"Por que?" Jack perguntou, aquela voz de quinze-milhão-dólar estava repentinamente duro. "Ele ia nos matar, se lembra?"

"Obviamente você se preocupa", ela disse, com alguma aspereza, "ou você não o teria arrastado a segurança, agora, você vai?"

"Bem", Jack disse, enquanto dando outro encolhe os ombros, este um pouco incomodado.

"Eu não podia o deixar morrer, podia? Eu quero dizer, ele tem filhos."

"Filhos?" Estava difícil para Lou acreditar nisso tudo. Ela realmente estava sentando na neve, tendo esta conversa com Jack Townsend? Os dois realmente tinham sobrevivido um acidente de helicóptero no cafunó Alasquiano? Ou este Mundo Bizarro era, uma realidade alternada, como em *Superman*? Isto certamente *left* como Mundo de Bizarro.

"Que filhos? Como você sabe que ele tem filhos?"

"Quatro delas", ele a informou. "Eu sei, eu estou tão surpreso quanto você. Sam não me parece como o tipo paternal de qualquer jeito."

Todas as crianças, Lou não pôde deixar notando, precisavam bastante de ortodontia.

Nenhuma surpresa que o sujeito precisava de dinheiro...

Então ela o olhar dela da carteira e balançou um olhar acusatório para o rosto de Jack Townsend. "Você mexeu no bolso de um homem inconsciente?" ela perguntou.

O Jack encolheu os ombros uma terceira vez e começou a dobrar as fotografias na

carteira. "Ei", ele disse. "Alguém o pagou para me matar. Eu pensei poderia haver algo aqui que me falaria quem era aquela pessoa."

O olhar de Lou oscilou duvidosamente da face dele à carteira e para ele novamente.

"Havia?" ela não pôde deixar de perguntar, finalmente, quando ele não elaborou.

"Não." Jack colocou a carteira no bolso de trás dele.

Lou estudou o perfil dele para um momento. "Você não sabia que ele tinha filhos", ela não pôde deixar de apontar, secamente, "até depois que você o arrastasse."

"Bem", Jack admitiu, com relutância óbvia. "Isso é verdade, eu admito." Pasmem. O

sujeito tinha um coração afinal de contas. Se ela vivesse para isso, ela ia ter que se desculpar com Vicky por ter duvidado disso.

Se ela vivesse para isto. Mais Lou se deu conta do ambiente dela, ela começou a duvidar a probabilidade dela de viver até a tarde. Em todos os lugares que ela olhou, ela viu só fumaça e neve e árvores e o declive ascendente da montanha com o que eles tinham colidido. Meu Deus, ela pensou. É *And I Alone Survived*, filme de 1978 sobre a mulher cujo avião bateu em algum lugar... Sierra Madres, talvez? E ela teve que descer da montanha e vagou há dias, enquanto procurando um telefone que assim ela pudesse a

ligar para o seu amor e dizer que estava bem...

Assustada, Lou alcançou no bolso do agasalho encapuzado dela e tirou o telefone.

"Não se preocupe", a voz de Jack Townsend veio torta. "Eu já tentei. Não há sinal aqui."

Lou balançou a cabeça, olhando furiosamente a tela minúscula. "Eu pago setenta dólares por mês por este pedaço de ferro-velho", ela disse. "Setenta dólares. E funciona? Deus, não. Dirija pelo canyon... nada. Fazer pouso de emergência no Alasca. Nada. Eu não posso nem mesmo ter acesso a minhas mensagens", ela somou, depois de apertar o botão envie várias vezes e segurando o telefone lentamente na ela orelha fria.

"O que você para apostar", Jack disse naquele mesmo tom seco, "que uma dessas mensagens é de alguém que tentou te localizar antes de nós partimos, com alguma razão urgente para você não sair de Myra?" Ela olhou para ele. Neve estava caindo, em uma ação de suave, pelos largos ombros vestidos de couro dele. Ela desejou saber se ele estava com frio. Ela estava com frio e ela estava em um agasalho encapuzado de esqui.

Tudo no que ele tinha era uma jaqueta de couro marrom batido. Desferrado, ela podia ver Bem, para que ele iria precisar de um casaco quente? Ele sairia do avião direto para a aquecida limusine que o levaria para o seu trailer no set de filmagem. *Ela* que estava planejando estar de pé ao lado de fora, enquanto os dedos do pé dela congelavam, tentando discutir com Tim Lord de criar um desastre ambiental da vida real para filmar um realista ela tinha inventado para o filme.

Então as palavras dele fizeram sentindo

"Você quer dizer igual Vicky", ela disse, "com Elijah que ficou doente?"

"Exatamente." Ele a observou constatemente, enquanto ainda usando aquele olhar de diversão no dolorosamente bonito rosto dele.

"Ah se eu tivesse conferido minhas mensagens antes de entrar naquele helicóptero estúpido... ." A voz dela se arrastou.

"Então você estaria seguramente em Anchorage", o Jack terminou para ela.

Lou olhou para os destroços do helicóptero, o buraco que tinha feito na terra. Ela olhou para Sam, o piloto, esticado na neve com uma expressão ligeiramente estupificada na face, a boca dele caindo aberta enquanto ele respira, não muito silencioso.

Não roncando, exatamente, mas não estava tomando fôlego fácil, isso sem dúvida. Então ela olhou para Jack Townsend, enquanto parecendo tão calmo e seguro de si em suas calças jeans e jaqueta de couro. Ele não olhou como se o alvo dele, como Lou, estava

congelando lentamente.

Ele não bateu a cabeça e fez um pivô de alho-porro na cabeça dele, igual Lou.

Ele não parou para pensar que estar na montanhas do Alasquianos sem um telefone que funcione, comida, ou até mesmo um lugar seco para sentar, era a parte menos desconcertando.

Se ela tivesse conferido há as mensagens dela, agora mesmo ela poderia estar no hotel com Vicky, lendo revistas, comprando hambúrgueres quentes e sundaes de chocolate de serviço de quarto e assistindo o canal de filme Vitalício.

Talvez até mesmo assistindo *And I Alone Survived* e brincando sobre isto.

" maldição ", Lou estourou, furiosamente, os olhos dela doendo - talvez do frio, mas mais provável da injustiça de tudo.

"Claro que", Jack disse, sem uma sugestão do tom seco, irônico habitual dele, "se você tivesse ido, eu estaria morto."

Ela piscou para ele. "O que?"

"Eu estaria morto", o Jack disse, novamente, tão simplesmente quanto se ele estivesse falando para a PA dele que ele queria o almoço. "Você salvou minha vida."

Lou se assustou ao ouvir isto, e ela fez a mesma primeira coisa que veio em mente. E isso era, negar isto. "Eu não fiz isso."

"Desculpe ter que dizer isso a você", disse Jack, "mas sim, você fez."

Ela estreitou os olhos para ele. Ela não saberia dizer se ele estava brincando ou falando sério. Isso era, claro, um problema com Jack Townsend. Bem, um dos muitos. O senso de humor dele estava sempre tão seco que a maioria das pessoas não sabia dizer se ele estava brincando ou não.

Como agora, por exemplo. Ele estava falando sério? Ele pensou honestamente que ela

tinha salvado a vida dele? Ela tinha salvado a vida dele? Não. Não, claro que não. Salvo a própria vida dela, talvez. Claro.

Isso foi o que ela fez. Porque por que ela se daria ao trabalho de salvar a vida de um egoísta com fobia de compromisso como Jack

Townsend?

"O que o fez pensar nisto, de qualquer maneira?" Jack perguntou de repente. Bem, de repente para Lou, de qualquer maneira.

"Pensar no que?" ela perguntou.

"A coisa", o Jack explicou pacientemente, como se para um paciente com doença mental,

"com a arma de laser."

"Oh." A arma de laser. Claro que. "*Breakfast Club*" ela disse.

Ele pareceu assustado. "Eu imploro seu perdão?"

"*The Breakfast Club*" ela disse novamente, enquanto enunciando mais cuidadosamente.

"John Hughes, 1985. O personagem de Anthony Michael Hall adquire detenção por

trazer uma arma de laser a escola. Ele pretendeu se matar com isto, mas caio

acidentalmente fora do armário dele. Se lembra?"

Ela estudou a face dele para sinais de reconhecimento. "Pelo diretor de *Sixteen Candles*?"

"Desculpe", ele disse, tão educadamente em uma festa de jantar. "Eu realmente não assisto muito a filmes."

Por um momento, Lou se esqueceu que era a vítima de uma tentativa de assassinato e um acidente de helicóptero, e ficou de boca aberta como se ele tivesse feito algo completamente fora de manter a imagem varonil dele, como ordenar um coquetel de champanhe ou estourou em uma capitulação de falsa de "I Feel Pretty."

"Você um *ato r*" é ela gritou "e você está me falando você realmente não assiste muito a filmes?"

"Perigo do comércio", o Jack disse com um encolher de ombros. "A magia de Hollywood não fascina muito quando você souber todos os segredos atrás dos truques."

Lou balançou a cabeça. Oh, sim. Eles definitivamente estavam agora em Mundo Bizarro.

Nenhuma dúvida sobre isto.

"Mas *The Breakfast Club*", ela disse. "Eu quero dizer, qual é. Aquele filme é um clássico da adolescência americana. Definiu uma

geração." O que fez ele em tardes de domingo, se não se deitou ao redor da televisão e assistiu filmes, do modo que Lou fez?

"Talvez", Jack aventurou, como se ele esperasse mudar o assunto, "nós deveríamos acender um fogo."

"Um fogo?" Ela ficou de boca aberta. Talvez ele tinha batido a cabeça, como ela e Sam, e esta em um estado alucinando ou algo assim.

A menina do "And I Alone Survived" também ficou bastante alucinada, de sede e tem

fome, mas tudo que ela viu foi um daqueles trailer de parques e um americano Nativo

como guia espiritual

Quanto melhor o filme teria sido se ela tivesse tido alucinações para entreter, ou pelo menos lascivo, como... bem, Jack Townsend sem roupas. Lou esperou sinceramente que ela estava começando a ter alucinações, era de algo ao longo dessas linhas... mas ela estava assegurada que o Jack nunca descobriria.

"Você pensa que é isso?" Lou apontou fora o incêndio um pouco distante . "O que, você está preocupado que quando eles começarem a nos procurar, eles não poderão nos achar?"

Townsend, eu não acho que eles vão ter algum problema."

"De fato", ele disse, no mesmo tom cortês ele tinha usado antes, "eu estava pensando numa fogueira para nós na verdade, para ficarmos perto e adquirir calor. Você está tremendo, você sabe."

Ela sabia, Claro. Tremendo. Mas ela tinha esperado que ele não notasse. Já era ruim o bastante que ela tinha estado *inconsciente* na frente dele. A última coisa que ela queria era mostrar fraqueza em frente a Jack Townsend.

Ele não estava alucinado afinal de contas. Ela deu um suspiro. Não, seria esperar muito.

Aquele Jack Townsend poderia ter sofrido um choque e não se lembraria de nada disto,

especificamente a parte onde ele tinha salvado a vida dela, puxando o corpo inconsciente dela do destroços em helicóptero em chamas.

Porque agora, claro que ela devia uma para ele. E como era certo que ela mantinha um

desprezo saudável e contínuo por ele - o qual ela tem, por lealdade a Vicky - se ela devesse uma para ele?

Por outro lado, se ele realmente acreditasse nesta coisa dela ter salvado a vida dele, talvez eles estavam quites. Nesse caso, eles viveram por isto, ela ainda poderia o odiar sem impunidade. .

Enquanto ela estava pensando nisto, Jack foi ao helicóptero e começou a apanhar pedaços de destroços de quando o helicóptero tinha batido ao chão, e pegou uma vara particularmente grande e pesada. A parte de trás da jaqueta de couro dele se abaixou

quando ele se agachou, e ela foi premiada com uma visão do 'cofrinho' de Jack

Townsend, que mulheres por toda a parte na América dariam tudo para ver na tela grande.

E aqui ela estava, no meio de Alasca, com aquilo tudo para ela.

Não que ela quisesse isto. Não, obrigado. Ela certamente não ia cometer aquele erro

novamente. Nada mais de atores para ela. Assim se este aqui parecia estar interessado no conforto psicológico, e tinha salvado a vida dela, e oh, sim, fica melhor em um par de calças jeans que qualquer homem que Lou alguma vez tinha visto na vida dela? Eu preciso de uma arma maior. Isso mesmo era argumento bastante para não lhe dar algum

tempo do seu dia, deixaria seu coração extremamente abusado só.

Além, ele não tinha tido o gosto muito ruim para dispensar a amiga dela e ficar com

Greta Woolston?

Jack virou-se e chegou o lugar onde ela estava sentada, enquanto derrubava os pedaços de madeira que ele tinha coletado em uma pilha aos pés dela. Se ele notou que as bochechas dela tinham entrado em chamas no minuto que ele tinha virado, estava

queimando, ele não disse nada sobre isto. Talvez ele pensou que fosse devido ao vento, e não ao fato que ela tinha, só segundos antes, cobijado o 'cofrinho' dele.

"Está muito molhada", ele disse.

Não notando nem o frio, ela estava tão ruborizando, Lou disse, "Molhada? O que está molhada?"

Ele olhou curiosamente para ela. "A madeira", ele disse. "Você está certa de que está bem?"

"Sim", Lou disse depressa. Muito depressa. "Por quê?"

"Porque você parece..." Ele parou, como se procurando a palavra certa. "Engraçada."

Engraçada. Grande. Porque o rosto dela estava tão vermelho quanto um morango, talvez?

Sim, realmente engraçada.

Então, para o alívio dela, ele desviou o olhar.

"Nós podemos tomar isto como uma prova", ele disse, enquanto olhava o monte de metal em chamas na frente deles. "Eu não pego o bastante perto disso se eu não tiver. Quem sabe se ainda vai soprar. Você tem cigarros?"

Ela assumiu um olhar de desdém completo, enquanto esperava que ele não adivinhasse

que ela tinha estado admirando o 'cofrinho' dele.

"Não, eu não tenho cigarros", ela disse, bufando. "Eu vivo em LA onde fumar é proscrito.

Por que eu teria pegado alguma coisa?"

Ele pareceu muito surpreso para ouvir isto.

"Eu pensei que todos os roteiristas fumassem", ele disse.

"Eu pensei todos os atores fumassem", ela se opôs.

Eles ficaram calados. Tudo o que Lou poderia ouvir era o assobiar da neve caindo no

helicóptero em chamas. Nem mesmo um pássaro. E definitivamente nem barulho de

aviões, contudo ela tentou procurá-los. Lou não disse nada, porque ela não quis alarmar o sobrevivente do mesmo acidente que o dela. Mas a neve parecia estar caindo muito mais densamente derrepente. E bastante mais rápido.

"Eu aposto que nosso amigo Sam é um fumante", Jack disse de repente, enquanto ia à direção dos pés dele. "Eu vou conferir."

Neste minuto ela o parou agarrando a parte de trás do casaco dele—sendo cuidadosa para não olhar para o que se ficava em baixo disto, porém.

"Aw, venha," ela disse. "Deixe esse sujeito só."

Jack parecia impaciente. "Lou", ele disse. "Ele não vai prestar atenção se eu roubar os bolsos dele. Ele está congelado."

"Ainda", Lou disse. "Não está certo. É... É arrepiante." Ela não pôde explicar a repugnância dela em cima da idéia de Jack mexendo em Sam. Ela tentou mudar de assunto, o distrair. Tais táticas normalmente tinham funcionado com Barry cuja atenção era extremamente limitada. "E além, não há alguma arma ou algo

perigoso que todo o criminoso que tem um acidente de helicóptero carrega? Eu quero dizer alguém sabe que nós estamos aqui fora, certo? Alguém virá aqui a qualquer momento para nos salvar.

Qualquer momento. E até mesmo se não há uma caixa preta ou tudo que, eles ligam para

nos detectar em Myra se nós não aparecemos, certo? Eu quero dizer, Tim provavelmente

está no telefone com o Mounties ou alguém agora mesmo."

"Certamente", Jack Townsend disse. Era a imaginação dela, ou soou como se ele estivesse dizendo isso para agradá-la?

"Seguramente ele está."

"Certo", ela disse, com falsa alegria. "Eles estarão aqui a qualquer minuto. Assim se sente."

Jack tirou os dedos dela do seu casaco suavemente. "Eu vou", ele disse. "Mas primeiro, eu vou pegar alguns cigarros, e então eu vou construir uma fogueira para nos manter quentes."

Na realidade, espantou que ela não tivesse conseguido distrair ele da idéia de ir lá com o Sam e pegar os cigarros, ela chorou, "Mas —".

"Olhe, eu não estou sugerindo para nós comermos ele," Jack disse antes de adicionar sombriamente, "contudo. eu há pouco tempo disse que eu não vou congelar até a morte se eu puder evitar isto. É chamado sobrevivência, querida. Você se acostuma melhor a isto."

Ela estreitou os olhos depois que ele saiu andando. É chamada sobrevivência, querida.

Você se acostuma melhor a isto.

Não era uma frase ruim, realmente. Ela tipo gostou. Ela teve que dar isto a Jack. Ele era um bom sobrevivente, para um ator. Talvez ela possa usar aquela frase algum dia. Não neste filme. Estava muito tarde. Mas talvez no romance dela. Sim, o romance dela, o que sempre teve vontade de filmar, e talvez possa ser em algum lugar longe, em uma fazenda agradável, longe de Santa Mônica Freeway...

Derrepente, ela se levantou, então cambaleou quando a cabeça dela nadou num

movimento súbito.

"Meu laptop!" ela chorou. "Oh, meu Deus! Onde está meu laptop?".

Jack olhou nela de onde ele estava curvado em cima do piloto, enquanto procurava mais uma vez pelos bolsos dele.

"Está tudo bem", ele disse, enquanto parecia confuso pela explosão dela. Bem, e por que ele não deveria estar? Claramente, ele pensou que ela estava histérica. Ele não pôde entender, ele não soube o que era. "Está a salvo lá em cima."

Ela olhou na direção que ele apontou agora. O laptop dela, em seu caso computador,

estava a alguns metros de distância, incólume com exceção da neve que já tinha

começado a encobertá-lo.

Ela se lançou sobre ele, enquanto ia à direção dele, o tórax e o coração dela começaram a reduzir a velocidade de seu passo frenético, e a cabeça dela deixou de girar.

Ela estava sendo ridícula, ela sabia. Era só um computador, afinal de contas. Mas tinha aquele capítulo naquilo. A primeira coisa que ela pôde escrever desde aquele filhote de rato do Barry tinha partido, enquanto levava com ele quase tudo nela, ela esteve durante algum tempo segura, não só o coração dela, mas a criatividade dela, também.

Mas não. Não, ele não tinha levado tudo. Aquele capítulo era à prova de. E a prova estava segura. Porque, ela pensou com um sentimento repugnante, Jack Townsend tinha salvado isto. Salvo o primeiro capítulo, e ela, também.

Ela olhou para Jack. Ele parecia não ir bem na sua procura por cigarros. Ele parecia

aborrecido, e ligeiramente enojado, enquanto remexia nos bolsos de Sam.

Bom Deus. A realidade daquela situação estava começando a ser aceita dentro dela. Este não era nenhum Mundo Bizarro. Este era o mundo real. E ela estava encalhada.

Encalhado em uma lareira entre um grosso agrupamento de árvores píneas, em uma

ladeira inclinada. No Alasca. No meio de parte alguma. Próximo a um montão de fumaça

que uma vez tinha sido um helicóptero.

E estava nevando. E estava frio. E ela tinha batido a cabeça.

E ali estava Jack Townsend, o último homem no mundo—com a possível exceção de

Barry Kimmel—que ela já quis estar encalhada numa selva no Alaska. Ou em qualquer

lugar, quanto ao assunto. E alguém quis matá-lo—e não só ele quem estivesse junto, isto é Lou Calabrese, fosse parar com ele.

Grande. Apenas grande. Só que o que, precisamente, ela alguma vez tinha feito para

merecer *isto*?

Capítulo 7

"Eu não me preocupo com seus problemas triviais, Marvin", Beverly Tennant rosnou no telefone. "Você me ouve? Me deixe repetir isto, no caso de você não ter entendido. EU...

não faça... cuidado."

Alguém estava batendo na porta do escritório de Beverly, enquanto ela falava ao telefone, abriu uns poucos centímetros, e Chloe investigou lá dentro, enquanto seu estômago parecia fraco e contraído.

"Não, Marvin", Beverly disse, enquanto acenava para Chloe entrar completamente.

"Nenhum. Quantos modos diferentes para dizer isto eu tenho? Nyet. Nein. Não vai

acontecer."

Chloe, parou em frente a escrivaninha da patroa dela, trançado os dedos nervosamente.

Beverly levantou um dedo de manicure para a garota esperar.

"Eu disse mauve, e eu quis dizer mauve, Marvin", foi o que Beverly disse. "Eu não quis dizer roxo, ou lavanda, ou vermelho claro. Eu quero mauve. E se você não pode adquirir o mauve, Marvin, então até onde eu estou preocupada, esta relação está terminada."

Colocando a mão dela em cima da base, Beverly explicou a assistente dela, "Marvin, meu contratante. Eu penso que ele poderia ter morrido de morte cerebral. Eu não estou segura como ele consegue falar e compor orações. Provavelmente é um desses milagres médicos que eles sempre estão falando no jornal do canal nove. Mas claramente, o homem só está operando debaixo de um talo de cérebro."

"Sra. Tennant", Chloe disse. A garota olhou como se ela pudesse, a qualquer momento, pudesse saber que no almoço ela havia comido takeout kung pao chicken. "Estava agora mesmo Tim Lord ao telefone. Eu tentei intervir e fazê-lo desligar, mas—".

"Eu sei, doçura", Beverly disse. "Eu sinto muito, eu não atendi. Mas você não sabe como é duro para eu atender com este bastardo na linha. Você tem alguma idéia do tipo de merda que ele está tentando pegar agora? Eu mandei que estes azulejos fossem mauve para a escada, e você sabe o que ele entregou? Ele—" Ela se interrompeu e, removendo a mão dela, latiu no receptor, "Oh, o que foi? Bem, nós veremos o que o meu advogado tem a dizer sobre isso. Oh, você não vai falar? Espere e verá, buster—"

"Lou Calabrese", Chloe disse, em uma voz ofuscada.

Beverly levantou uma sobrancelha cuidadosamente raspada a assistente dela. "O que disse você, doçura? Não, eu não o, Marvin, quis dizer. Você pensa que eu te chamaria de doçura, você, vagabundo? Eu quero meu dinheiro de volta. Se eu não posso ter meu azulejo de mauve, então eu quero meu dinheiro de volta—".

"O helicóptero caiu", Chloe disse entre lábios cerrados. "O helicóptero que levava Lou e... e Jack Townsend caiu."

Beverly congelou com o fone colado à orelha dela. A voz de Marvin longe e apagada

poderia ser ouvida, enquanto oferecia desculpas pelos azulejos perdidos.

"Eles pensam que bateu", Chloe disse. Os olhos dela estavam cheios com lágrimas. "No McKinley Park. Só que eles não sabem se há sobreviventes, porque há uma tempestade, e eles não podem enviar um avião para procurar... para..." As últimas duas palavras eram um sussurro doloroso: "O destroços."

Beverly derrubou o telefone. "Oh meu Deus", ela disse. "Oh... meu Deus."

Pelo receptor, ambas podiam ouvir Marvin, enquanto dizia algo sobre uma carga de navio com mauve de azulejo italiano que se atrasaram em alfândegas. Nenhuma delas se moveu para desligar o telefone.

"Mais rápido, Richards", Eleanor Townsend disse para dizer adiante.

"Eu vou tão rápido quanto a lei permite, senhora", o mordomo que estava agindo agora na capacidade dele como o chofer e motorista regular de Sra. Townsend, que teve o dia de folga(?), respondeu.

"Dane-se à lei", a Eleanor disse. "Dirija dentro... com aquilo."

"O alerta da ambulância, senhora?"

"Sim, isso."

"Eu não acho, senhora", Richards disse. "Que vai poder ajudar o Senhor Jack de dentro de uma cela de prisão. Ou, Deus proíba, num quarto de hospital."

"Eu não posso perder este vôo, Richards", Eleanor, no banco de trás e com Alessandro e uma pequena bolsa para a noite no colo dela, informou. "É o último vôo direto para o dia do Ancoradouro."

"Nós não perderemos o vôo, Sra. Townsend", Richards disse, na voz tranqüila dele. "Eu asseguro, nós estaremos lá a tempo."

"Certamente nós vamos", Eleanor disse. "Se você dirigir na emergência."

"A emergência. Talvez se a senhora fosse se ligar de volta para o Sr. Lord, ele poderia ter algumas notícias boas—".

"Muito agradável, Richards", que a Eleanor disse, enquanto virava para cima a gola do casaco de pele de raposa dela. "Mas eu disse tudo o que eu tenho a dizer para o Sr. Lord."

Da próxima vez que ele der notícias, será para meus advogados. Imagine, enquanto

mandam meu filho sair em um helicóptero, em uma tempestade! Fique certo que esse estúdio pagará pela afronta."

"Eu estou certo de que o Senhor Jack está bem", o mordomo disse, enquanto o Bentley avançou lentamente, para um pára-choque traseiro de outro carro e vendo isto Richards desviou. "Ele é, como a senhora sabe, um jovem homem muito inteligente."

"Ele deveria ter escutado o pai dele," Eleanor disse, firmemente. "Se ele tivesse se tornado só um advogado, do modo que Gilbert o quis, em vez de um ator de cinema, de todas as coisas..."

"Senhor Jack fez o bem para ele," o mordomo disse. "E eu adorei o último filme dele.

Independente, um Shakespeare."

"Hamlet" Eleanor disse. "E era adorável. Mas, realmente, Richards. Eu amo meu filho—

amo. Mas se fosse para ser um ator, por que de filme? O que está tão errado com as

peças, eu lhe pergunto? Ator de peça é uma profissão boa mais respeitável, eu acho. E

nunca lhes exigem que voem em helicópteros."

"Não", Richards mostrou, "geralmente exigem que eles fiquem totalmente nus tão

freqüentemente quanto o Senhor Jack, nos filmes mais lucrativos dele..

"Sim", Eleanor disse. "Você sabe, eu acho que todos os meus amigos já o viram nu. Está nos envergonhando totalmente, Richards."

"Talvez", Richards disse confortavelmente, "quando você se encontrar com Mestre Jack, você pode ter uma palavra com ele sobre isto."

"Seguramente", Eleanor disse, "não é necessário ele ficar nu em todos os filmes que atua.

Deve haver alguns roteiros que não requerem nudez, você não acha? Não havia nenhum em Hamlet."

"Sim", Richards disse. "Mas aquele filme só acumulou aproximadamente nove milhões, doméstico, você se lembra, senhora."

Eleanor suspirou, enquanto contemplava pela janela como a chuva de Nova Iorque

desabava em uma cortina fixa contra o carro. "Eu só não sei. Eu suponho que seja bom que ele tenha tanto êxito. Você sabe ele fugiu para a Califórnia com só aproximadamente vinte dólares no bolso, depois que o pai dele o deserdou. Verdadeiramente ele é um homem feito. Ainda, dinheiro não é tudo, é? Você não pode pôr preço na dignidade. E

Gilbert deixou isso muito claro quando o criou. Eu não posso imaginar que ele precise de mais que cem mil por ano para comprar a maldita fazenda." A voz de Eleanor pegou vagarsamente. "Oh, Richards. Se algo aconteceu a ele, o que nós vamos fazer com todos esses cavalos? "

"Shhh, senhora", Richards disse. E, ergueu algo do assento do passageiro vazio ao lado dele, ele passou isto para a parte traseira do carro. "Queixo para cima, Sra. Townsend. Eu estou seguro que o Senhor Jack está bem. Só."

O som de uma sirene de polícia começou a soar. Eleanor ouviu o som e disse, "Oh, Richards. Talvez é haja um acidente à nossa frente, é por isso que o tráfico está tão ruim."

"Indubitavelmente, senhora", o mordomo respondeu. "Eu espero que ninguém esteja seriamente ferido."

Mas quando o carro de esquadra passou voando, de repente, com um grande chiado de

pneus, Richards arrancou o Bentley da pista de emergência, seguindo na esteira da radiopatrulha.

Eleanor, encostada contra o assento de couro coró, teve que segurar Alessandro com força para impedir de ser empurrado igualmente.

"Richards! " ela chorou. "O que você pensa que você está fazendo?"

"Chegando para o aeroporto", veio a resposta tranqüila do mordomo, "a tempo para seu vôo, senhora."

"Esta coisa não pode ir um pouco mais rápido?" Adam reclamou.

"Jesus", Nick disse. "Eu já estou a noventa. O que mais você quer? É um Chevy enlouquecendo."

"Ei." Luke disse enquanto inclinava o pescoço dele para ver atrás dele. "Nós conseguimos uma espécie de rabo. Um Bentley."

"Onde?" Nick tentou olhar.

"Pelo o amor de Deus", chorou Frank Calabrese, enquanto beijava o filho mais novo na parte de trás da cabeça. "Mantenha seus olhos na estrada."

"Sim", Dean disse, de onde ele estava entalado entre o pai dele e segundo o irmão mais velho. "Você quer nos matar, também?"

Um silêncio caiu sobre o carro da esquadra, só quebrado pelo chiado incessante da sirene.

"Oh, legal, Dean", Adam disse, do assento dianteiro.

"Você sabe o que eu quero dizer", Dean disse.

"Um pouco de tato seria mais excitante", Luke disse.

"Olhe." Dean fez o mesmo que fez para o detetive algumas semanas antes quando tentou se explicar. "Isso não é o que eu quis dizer, e você sabe disto. Eu não acho que ela está morta. Eu só estou dizendo—".

"Sua irmã não está morta", Frank Calabrese estalou. "Nick, eu juro por Deus, se você não por o pé no pedal—".

Calma, Pai", Adam disse. "O que tem assistido você ultimamente? Smokey e o Bandido?"

".

"Você pode", Luke perguntou, aborrecido, "ser um pouco mais alegre?"

"Você pode", Adam quis saber, "ser um pouco mais hétero?"

"Vocês todos podem", Nick disse entre os dentes friccionados como quando apertou pedal do carro de esquadra que ele tinha vindo da ilha de Manhattan sem adquirir liberação, "possivelmente se calar e me deixar dirigir?"

Todo mundo tentou obriga-lo. Durante aproximadamente sessenta segundos.

"Aquele Bentley ainda está atrás de nós", Luke informou para todos eles. "Ele está respirando encima da descarga, pequeno brô."

"O que você quer que eu faça sobre isto?" Nick mordeu. "Para-lo e lhe aplicar uma multa?".

Adam olhou no relógio dele. "Nós ainda temos tempo. Eu quero dizer, se o Pai não continuar...".

"Eu estou quebrado", Nick disse, tenso, "há aproximadamente novecentas leis aqui,

sujeitos. Podem me dar um fresco, vão fazer isso?".

"Você está fazendo um bom trabalho", Frank disse. "Uma multa, bom trabalho. O resto de você, meninos, deixe seu irmão em paz. Só porque ele é o único de vocês que ainda usa uniforme."

"Ei", o Nick disse. "Eu gosto de ser um policial."

"Eu gostei de ser um policial", Dean disse. "Eu só gosto de viver mais."

Adam riu silenciosamente. "Detetives de Narcóticos tem vida."

"Fazem mais que os detetives de homicídio", Dean devolveu.

"Eu só nunca parecia bom", Luke refletiu, "em azul."

Nick, enquanto olhava no espelho retrovisor, viu a expressão do pai dele, e disse "Pai.

Vamos. Eles estão brincando."

"Eu não," Frank Calabrese disse, "vejo qualquer coisa engraçada nisso."

"Liberte a tensão nervosa, Pai", Adam disse. "Todos nós sabemos que Lou está bem".

"Sim", Dean disse. "Você pensa que um acidente de helicóptero vai matá-la? Não Lou."

"Não pelas tantas vezes que ela viu Zero Hour", Luke concordou. "Meu Deus, ela poderia ter voado como um passaro, ela viu aquele filme tantas vezes."

"Era um helicóptero", o Frank disse, desanimado, "não um avião. Um helicóptero, eles disseram."

Os irmãos trocaram olhares.

"Bem", Dean ofereceu. "Um helicóptero é como um avião. Eu aposto que ela pode ter, você sabe. Voado até mais facilmente." A voz dele saiu arrastada.

"Olhe, Pai", Luke disse. "Ela está bem, okay? Eu quero dizer, ela é durona, dura o suficiente para não deixar um avião matá-la. Se

lembra daquela vez que ela pegou um golpe na cabeça com aquele softball?".

"Sim", Adam disse. "Ela ainda correu ao redor das bases. Até o último deles."

"Embora ela estivesse jogando de reserva na ocasião", Dean somou.

"Precisaria muito mais que um helicóptero caído", Nick disse enquanto ia para o aeroporto, a sirene ainda vociferando, "para matar Lou Calabrese".

"Eu rezo a Deus", Frank murmurou "que você tenha razão. Porque do contrário, eu não penso como conseguiria continuar se ela me deixasse só com vocês, quatro palhaços."

A porta para o apartamento dos Lords se abriu, e Tim Lord, parecendo desfigurado e esfriado até os ossos, pisou dentro.

"Oh, oi, querido", Vicky Lord disse da posição dela no sofá do qual ela não tinha se movido todo o dia, por ter aversão por neve. "Você chegou cedo em casa. Como foi seu dia?"

Tim encarou a esposa com descrença absoluta. Ele não se moveu para tirar o parka dele ou o chapéu. Ele só pouco olhou para ela, esticada longe do brilho róseo do abajur no fim do quarto, uma pilha de revistas empilhadas no chão na frente do sofá branco, e os restos de chá do meio da tarde na mesa de centro em frente a ela. No sistema de som do apartamento, estava uma fita de ondas do mar. O som de gaivotas ganindo era um

contraste estranho à visão nas janelas atrás do sofá de Vicky que era um temporal de todos.

"Você não ouviu?" Tim perguntou entorpecidamente.

"Ouvir o quê?" Vicky virou uma página da revista. Ela tinha terminado a Vogue horas atrás, e estava agora em uma cópia de Teen Beat, deixada para trás pela enteada primogênita dela. "Sobre a tempestade? Deus, eu já ouvi. Eles não se calariam sobre isto.

Eu tive que mudar de canal na TV. Não era tal sacrifício, entretanto. Você deveria ver o que eles fizeram no cabelo de Todd em 'General Hospital.' Eu quero dizer, eu sou toda para transplantes,

mas vamos, consiga que um profissional os insira. O sujeito parece que tem milho crescendo na cabeça".

Tim cambaleou alguns passos adiante, então afundou em uma cadeira. "Onde as crianças estão?"

"Oh", Vicky disse, enquanto alcançava e erguia o chá dela. "Lupe foi para o cinema desde a hora em que você saiu. Elijah não adoeceu, você sabe. Eu não sei o que você quis dizer com aquela mensagem esta manhã. Ele é ajustado como um violino. Ele mordeu até mesmo Anestesia não funciona com ele—".

"Jack Townsend morreu," Tim disse.

"—no braço. eu tive que os separar, porque eles não parariam—" Ela parou de repente e piscou os olhos para ele. "O que... o que você disse?"

"O helicóptero caiu," Tim disse. Ele olhou para cima, uma expressão ofuscada na face dele, e puxou fora o boné que tinha cobria o cabelo grisalho dele. "Em algum lugar ao longo de McKinley. Eles não podem... por causa da tempestade, eles não podem enviar aviões de procura. Se ele sobrevivesse o ao acidente—Jack, eu acho —eles não esperam

que ele sobreviva até a noite. A temperatura começou a cair—".

De repente Vicky se levantou do sofá, ambas as mãos levantadas como se para repelir

algo. A face dela estava tão branca quanto o sofá atrás dela.

"Não", ela disse, enquanto ia para longe dele. "Não."

Tim começou a puxar as luvas dele. "Vick", ele disse. "Eu tentei chamá-la aqui durante toda à tarde. Você deve ter desligado seu telefone, como sempre. Eles foram, Vick. Jack, e Lou Calabrese, também, aparentemente."

Vicky continuou andando para trás para longe dele até que ela bateu no copo sobre a

mesa de jantar, com cadeiras para doze, uma necessidade para um homem com muitos

filhos—e que são populares—como os que Tim Lord teve.

"Isso não é verdade", Vicky disse. A maquiagem dela se salientou na face pálida dela.

"Jack... Lou... Eu quero dizer, eu os vi há pouco. No aeroporto. Há algumas poucas horas atrás. E eles estavam bem. Eu quero dizer, eles estavam brigando—você sabe como eles se odeiam—, mas eles estavam bem."

"—no braço. eu tive que os separar, porque eles não parariam—"
Ela parou de repente e piscou os olhos para ele. "O que... o que você disse?"

"O helicóptero caiu," Tim disse. Ele olhou para cima, uma expressão ofuscada na face dele, e puxou fora o boné que tinha cobria o cabelo grisalho dele. "Em algum lugar ao longo de McKinley. Eles não podem... por causa da tempestade, eles não podem enviar aviões de procura. Se ele sobrevivesse o ao acidente—Jack, eu acho—eles não esperam

que ele sobreviva até a noite. A temperatura começou a cair—".

De repente Vicky se levantou do sofá, ambas as mãos levantadas como se para repelir

algo. A face dela estava tão branca quanto o sofá atrás dela.

"Não", ela disse, enquanto ia para longe dele. "Não."

Tim começou a puxar as luvas dele. "Vick", ele disse. "Eu tentei chamá-la aqui durante toda à tarde. Você deve ter desligado seu telefone, como sempre. Eles foram, Vick. Jack, e Lou Calabrese, também, aparentemente."

Vicky continuou andando para trás para longe dele até que ela bateu no copo sobre a

mesa de jantar, com cadeiras para doze, uma necessidade para um homem com muitos

filhos—e que são populares—como os que Tim Lord teve.

"Isso não é verdade", Vicky disse. A maquiagem dela se salientou na face pálida dela.

"Jack... Lou... Eu quero dizer, eu os vi há pouco. No aeroporto. Há algumas poucas horas atrás. E eles estavam bem. Eu quero dizer, eles estavam brigando—você sabe como eles se odeiam—, mas eles estavam bem."

Tim tirou o casaco dele. "Bem", ele disse. "Eles não estão mais bem. Há qualquer uísque, Vick? Porque eu realmente quero um uísque."

"Jack Townsend." Vicky estava andando ao redor da mesa, enquanto se abraçava. Ela estava tremendo. Até mesmo de onde ele estava sentado, ele poderia ver que ela estava tremendo. "Jack Townsend não está morto."

Tim teria se levantado e teria posto os braços ao redor dela se não estivesse tão cansado.

Como estava ele simplesmente caiu na cadeira dele e disse, "Sim, Vick. Ele está."

Vicky, depois de encará-lo durante mais dez segundos, girou ao redor e correu para o

quarto do casal. A porta bateu atrás dela. Um minuto depois, Tim ouviu o som de corrida de bathwater. Escondendo, ele sabia o som dos soluços dela.

Ele continuou onde estava, enquanto assistia a neve descer, dura e rápida, contra as janelas.

"Condenado", ele disse enquanto, como alguém esfaqueado, os flocos. "Deus que maldição."

Capítulo 8

Bem, Jack pensou. Pelo menos ela não estava chorando.

Isso era uma coisa para se agradecer, de qualquer maneira. Muitas mulheres, Jack sabia, teriam. Chorado. O agarrado. Fazendo uma amolação para ele.

Mas ela não. Ela não estava caindo exatamente em cima dele em um esforço para lhe

agradecer, ou, ele notou, para tirar aquele naco ardente de lata. Mas pelo menos ela não estava chorando. Ela estava sentada lá, com seus sombrios olhos opacos completamente ilegíveis.

Bem, com exceção do ressentimento. Que ele pudesse entender, nenhum problema.

Era bem injusto, na opinião dele, se ressentir com alguém que recentemente a salvou,

inconsciente, fora de um helicóptero em chamas, e se lembrou de salvar seu laptop,

também. Mas ela estava ressentida com ele de qualquer maneira.

Ele supôs que não podia culpá-la. Havia todo o lance do "eu preciso de uma arma maior".

Isso deve doer. E então as coisas com Vicky que ele nunca pôde até mesmo se explicar

satisfatoriamente a ela, quanto mais a qualquer um. E agora isso tu parecia falta dele, bem. Afinal de contas, tinha sido ele, não ela, que Sam tinha sido contratado para matar.

E quem fez isso, de qualquer maneira? Quem ia querer vê-lo morto, tanto assim, no meio daquele inferno? Ele não tinha, tão longe quanto ele soubesse, ofendido qualquer pessoa ultimamente. Ele tinha nem mesmo se metido em alguma briga barra-pesada. E ele não tinha dormido certamente com alguma mulher casada. Assim o que tinha feito para isso

acontecer?

"Você está prestando atenção, Townsend? " Lou estava perguntando imperiosamente.

"Eu quero dizer, se você for fazer algo, pelo menos corrija."

Ele observou as chamas hipnoticamente dançando em frente dele.

"Oh, hey", ele disse, quando o cérebro dele que parecia estar ficando lentamente congelado finalmente registrou o que ele estava vendo. "Você conseguiu fogo."

"Se chama tinder", ela explicou, como se ela estivesse falando uma criança de quatro anos. "Você não lança primeiro as varetas na fogueira, certo, ilumina Ranger Rick? Você tem que achar o tinder primeiro, e queime isto, e então suavemente sopra."

Ele gostou do modo que os lábios dela se moveram quando ela disse a palavra sopra.

"Você ainda não viu Cast Way? " ela disse, enquanto lançava o isqueiro de Sam para trás de Jack com desgosto.

"Eu não posso dizer que já." Como foi, ele desejou saber, que ele nunca tinha notado antes como Lou Calabrese era atrativa? Oh, seguramente, ele sabia que ela era atraente.

Ela sempre tinha aparecido bem vestida, você sabe, às estréias de Copkiller, e naquela noite que ela ganhou o Oscar por

Hindenburg, e ela tinha estado naquele número preto rebolante que Greta contou para todo o mundo que era um Armani knockoff.

Mas por alguma razão, fora na selva do Alaska, com um ovo de ganso na cabeça dela e a pele dela pálida, que Lou Calabrese parecia mais atrativa do que num vestido sem alças.

Talvez fosse porque, ele percebeu, esta foi na primeira vez que ele a estava vendo sem Barry Kimmel que ia pendurado com ela por toda parte. Aquele sujeito realmente o aborrecia, e achava isso dele antes dele escapar com Greta. Talvez tivesse sido por causa daquilo que ele tinha feito algo em "STAT", que o tinha feito famoso antes de qualquer filme dele. Barry—ou Bruno, como supôs Jack, que ele era chamado agora —enquanto perguntava para Jack se sabia onde tinha um bom lugar para se arranjar mais galinhas.

Galinhas, pelo amor de Deus. Jack tinha dado o melhor dele para escapar daquele sujeito.

E agora ele tinha uma galinha esperando por ele em casa o tempo todo. Às vezes Jack

realmente odiava a sua profissão. Oh, ele amava atuar. Mas ele realmente menosprezava os atores da mesma categoria dele.

"Apenas se lembre", Lou estava dizendo. "No futuro, tinder. Isso está em toda parte".

"Há um filme", Jack quis saber "que você não viu?".

"Não", veio a resposta dela que foi acompanhada por um doce sorriso que desarmou completamente qualquer argumento contra isso. "Ao contrário de algumas pessoas", ela disse, "eu não nasci com uma colher prateada na minha boca, assim eu tive que me entreter do modo como o povo comum faz."

"Gosh," Jack disse. "Isso é uma indireta sobre minha educação supostamente em privilegiada?".

"Não há nada de supostamente nisto," ela disse. "Você é um Townsend. Eu penso que todos nós sabemos o que isso significa." Ela olhou ao homem inconsciente ao lado do que ela tinha teimado ao construir o fogo. "Tire o Sam disto. Eu duvido que ele leia a coluna social, ou tudo aquilo, muito."

"Ou talvez ele leia", Jack disse pensativamente. O fogo de Lou tinha começado a crepitar lentamente, mas sua batalha contra o

vento e a neve que já caia mais grossa, pareceu que ele poderia se perder. "Talvez isso seja por que... Você sabe."

Ela levantou as sobrancelhas.

"O que, você pensa que Paris Hilton tem ciúmes?" ela quis saber. "Você está roubando publicidade, ou algo? Assim ela contratou Sam aqui para te colocar fora da competição?"

"É como qualquer outra teoria, neste momento", Jack disse. "Isto poderia vir a ser um choque para você, mas realmente não há muitas pessoas lá fora que expressaram um desejo de me matar".

"Realmente", Lou disse claramente não convencida.

"Eu falo sério. Há muito poucas pessoas com quem não falo. Eu sou um sujeito

imensamente encantador."

"Exclua as roteiristas", ela mostrou.

"Exclua algumas roteiristas."

"Ei", ela disse, enquanto clareava. "Talvez os Roteiristas de Grêmio, tem uma coleção, e Sam tentou te matar porque ele não gosta de atores que mudam as linhas do texto. Seria agradável pensar que minha memória seria em prol de uma causa merecedora."

Ele olhou para ela. "Olha. Sempre é engraçado até que alguém fique ferido e não é algo que eu quero para minha pessoa—".

"Sua pessoa? " Ela reclamou. "Com licença. Essa é minha pessoa(?). Eu fiz as pazes. Eu acho que eu saberia o que ele diria e o que ele não diria. E uma coisa que ele nunca diria é eu preciso um maior—".

Jack levantou uma mão, mas não pela razão que ela evidentemente pensou, para ela ser

calar. Não, ele levantou a mão porque...

"Você ouviu algo?" ele perguntou.

Ela se calou. Estava escurecendo na ladeira funda. O sol que nunca tinha se posto

realmente parecia estar se rendendo. Ainda, havia bastante luz para ele ver todos os

flocos brancos luminosos de neve nos cachos vermelhos grossos dela. A cor do nariz dela era cor-de-rosa luminoso, e a bochecha

também estava rosada. Os lábios dela tinham perdido qualquer resto de maquiagem há muito tempo e estavam na cor de cereja vermelha, e, ele não pôde ajudar notando, excitadamente úmidos.

Mas o que saiu deles não foi nada atraente.

"Isso é tão você, Townsend", ela reclamou. "Comece um argumento e então finja que você ouviu algo, assim a outra pessoa tem que se calar e você ganha automaticamente —".

"Sério", ele disse. "Eu pensei ter ouvido uma máquina."

Imediatamente, ela olhou para o céu.

"Bem, já era hora", ela disse. "Pelo que esperavam; um convite gravado?"

Mas quando alguns segundos se passaram, e os dois puxaram as orelhas, ficou claro que qualquer barulho que Jack tivesse ouvido, não era um avião.

"Você está seguro que o R-44 tinha uma baliza?" ela perguntou, depois de pouco tempo.

Ainda esquadrinhando o céu nevado, ele encolheu os ombros.

"Como eu saberia?"

Ela deu um pequeno soluço de afronta. Era, ele pensou, meio atraente. Ou teria sido, se não tivesse saído dela.

"Você não sabe?" ela praticamente gritou. "Você não disse que você voou em seu próprio R-44 em Spy Time?"

"Isso", Jack disse, incomodamente, "era um pouco de exagero."

"Oh, eu diria que era." Ela bufou. "Como é a idéia que Spy Time já acumulou sessenta e cinco milhões domésticos. Arrendamento puro."

"Talvez", Jack disse, "eu quis dizer totalmente."

"Nos sonhos de Jeff Berger", disse ela. "Ele não sofreu um golpe desses em Baby Trouble, e isso foi há dez anos atrás."

Se havia uma coisa que Jack não podia estar se manter de pé, era exatamente isto. Isso era por que ele tinha comprado a fazenda em Salinas. Ainda dentro de uma distância não tão grande de LA—bem, indo de jato—mas distante o bastante para que ele quase nunca ter conversas com pessoas sobre pontos e déficits líquidos totais (exclua, ocasionalmente, com o agente dele) a fazenda era

mais que somente um repouso era uma casa. De certo modo, a fazenda era como ele que ficou são em um mundo de coquetéis, fast food, e

"Festinha Hoje à noite."

Ainda, isto, ele pensou, era a melhor alternativa. Que Lou usando a imaginação de

escritora em atividade para pintar o que ia acontecer depois que a luz enfraquecesse

completamente e os lobos saíssem.

"Não também apaixonada por Jeff, você está?" ele disse, porque o vento estava subindo e o fogo dela estava apagando e o homem que tentou matá-los estava semimorto em frente a eles e estavam presos juntos em nenhuma parte durante só Deus sabe quanto tempo, e

ele quis evitar pensar que na mente dela os corpos de ambos seriam achados pela manhã, gelados como um par de frutas estouradas.

"Por que eu deveria estar apaixonada por Jeff?" Lou quis saber.

Não havia nenhuma razão, claro, para qualquer um estar apaixonado por Jeff Berger. Ele era um exemplo bastante típico de um diretor de filmes B Hollywood, sem dúvidas ou um tato cujo gosto para piadas era execrável. Jack só aceitou o papel em Spy Time para pagar o aluguel dele que, pelos dias que ele correu longe de casa, e antes de ele tinha unido o elenco de "STAT", tinha sido uma fonte de preocupação constante, desde que ele não podia—não ia—pedir para o pai dele que desaprovou a escolha da carreira de seu único filho.

Mas havia razões melhores para odiar Jeff Berger do que o gosto nojento dele para

piadas. Por exemplo, por um tempo, ele teve um jogo nas mãos. Ele não podia dirigir um filme sem ser esbofeteado depois por assédio sexual.

"Ele lhe cortejou?" Jack perguntou, porque ele podia ver sendo esse o tipo de Jeff, nisso ela era jovem e feminina. Oh, e atraente, naturalmente.

"Duh", ela disse, desdenhosamente. "Mas muito pior, ele rejeitou Hindenburg. Eu quero dizer, eu admito, ele teria feito toda a injustiça com isto, mas como ele teve o fel para rejeitar isto?" Ela balançou a cabeça. "Ele chamou isto pueril. O homem que dirigiu Frat Party USA chamando Hindenburg de pueril. E enquanto eu não considerava Hindenburg certamente um clássico do cinema, não era pueril."

Eles não estavam sentando próximo o bastante para que os ombros deles se tocassem. Se tivessem, ela estaria chorando—como qualquer outra mulher teria feito corretamente, debaixo das circunstâncias, em vez disso se sentaria, castigando-se por nunca ter visto *Cast Away* ou *The Breakfast Club*—ele teria posto o braço ao redor dela, na esperança da confortá-la.

E, sendo que ela era mais que passivelmente atraente—quando ela não estava carrancuda

—e que ele era, bem, quem ele era, há chances que eles pudessem ter achado um modo

mais agradável para passar horas antes que eles fossem salvos que sentados, brigando como um par de crianças.

Mas ela não estava chorando, e o braço dele não estava ao redor dela. Ainda, entretanto eles não eram comovedores, ele sentia o tempo ao lado dele.

E então, um segundo depois, ela estava de pé e gritando como uma fada. Uma bonita

fada, mas uma fada como todas as outras.

"Aqui em baixo", ela gritava, quando ela traspassou a neve, enquanto acenava com os braços dela de modo selvagem. "Nós estamos aqui!"

Foi quando ele ouviu aquilo. O mesmo som que ele tinha ouvido antes, só mais próximo

agora, e mais distinguível. Uma máquina. Não um avião, ou até mesmo um helicóptero,

mas uma máquina mais leve, e ia na direção deles.

Então ele viu aquilo, uma mancha luminosa que vinha pelas árvores até eles. Um snowmobile.

Eles estavam salvos.

"Hey!" Jack pulou aos pés dele, enquanto borrifava bastante neve e quando isso aconteceu acabou apagando o fraco fogo de Lou. Mas isso não importava, ele falou para si mesmo. Porque eles estavam salvos. Afinal, eles estavam salvados, e logo ele estaria de volta no apartamento quente no hotel...

Com Melanie gritando atrás dele, e lançando talvez até mesmo coisas. E quem sabia?

Talvez agora ela pudesse esquecer a chama da paixão nascida no SET.

Não importava. Porque se havia qualquer coisa que pusesse uma vida em risco, de

repente, as prioridades da pessoa ficam muito claras. E a prioridade principal de Jack, ele percebeu, era se libertar de tudo na vida dele que fosse conectado remotamente para Hollywood.

Era isto, naturalmente, sobre o que seu pai o tinha advertido, todos aqueles anos atrás—

que aquele Jack se cansaria eventualmente de ficar fingindo todo o dia, e acabou

desejando ter um emprego "de verdade". Jack tinha se recusado a escutar na ocasião—

tinha desafiado o pai saindo de Yale e se mudando para LA para provar que ele estava

errado—mas agora ele estava começando a desejar saber se o amor dele por agir não

tivesse originado tanto o verdadeiro amor pela arte como de um desejo para escapar do destino que o pai dele tinha planejado para ele—assistente VP, então VP, então presidente, e então eventualmente "CEO of Townsend Securities", ele obteve sucesso—meteoricamente próspero—com a profissão que ele escolheu.

Mas não era mais um desafio. Até onde ele estava preocupado, o estúdio poderia dar

adeus a Jack Townsend. Jack estava atirando tudo para o ar. Muito era muito, já.

"Hey!" ele chamou, enquanto corria atrás de Lou na neve. Felizmente ele estava usando as botas de vaqueiro impermeáveis

dele... Nada ideal para atravessar terreno invernal, mas ei, como supostamente ele soube que estaria preso após um acidente na montanha?

O snowmobiler, enquanto surgia no declive íngreme para eles, não parecia ser estatal, se o parka amarelo-e-vermelho luminoso dele fossem quaisquer indicações. Parecia pertencer a um habitante local que sairá para um giro. Ou talvez ele tivesse visto a fumaça do helicóptero queimando e tinha ido de carro a montanha para confirmar isto.

Qualquer que fosse o caso, ele estava chegando rapidamente. Eles estavam salvados.

Logo Jack estaria de volta no hotel onde a primeira coisa que ele faria era pedir

anonimamente um quarto novo, tão longe quanto o possível de Melanie. A segunda coisa

que ele faria era chamar a polícia. Afinal de contas, alguém tinha tentado matá-lo.

E então? Bem, ele não estava seguro. Mas ele teve um sentimento estranho, resmungando que Lou Calabrese estaria envolvida, de alguma maneira.

O que era ridículo, porque ela realmente, realmente não era o tipo dele. Em primeiro

lugar, ela, diferente de quase toda outra mulher que ele tinha encontrado desde que entrou na puberdade, parecia completamente imune, sem se convencer, aos olhares excepcionalmente bons dele.

Ei, um sujeito não pode estar entre as dez pessoas mais

bonitas da People durante dez anos seguidos sem que toda mulher que ele conhece achá-lo atraente.

Todas menos Lou Calabrese que aparentemente o achará tão atraente quanto queijo velho no fim da semana.

E enquanto ele não pensava no trabalho dele em "STAT" ou a dúzia de filmes assim que ele tinha feito, realmente o qualificasse como uma pessoa parada ou qualquer coisa, ele era, não pondo isto muito abruptamente, um dos atores amais caçados em Hollywood. E

havia uma razão para isso, e não, como Lou Calabrese claramente pensava, tinha

qualquer coisa haver com o que ele parecia: Ele simplesmente era um maldito ator bom.

Mas embora as mulheres por toda a parte na América pareciam perceber isto, e hordas

delas, como Marie no café de aeroporto, estava preparada para desmaiar em cima dos

copos de bebida amassados dele, aquele fato não parecia impressioná-lo—pareciam, na

realidade, repugná-lo—pesou mais na mente dele do que ele sabia que devia.

Especialmente considerando o fato que ele tinha atualmente problemas muito maiores,

como terminar este filme com a co-estrela odiando-o intestino ele tão assiduamente, e sair destes bosques antes de sucumbir a uma hipotermia, e, oh, sim, alguém estava tentando matá-lo. Todas estas coisas eram muito mais importantes que o fato de Lou Calabrese não gostar dele.

Embora contar com isso não tenha ajudado muito. Nem lembrá-lo que Lou Calabrese era

um pouco estranha, com a obsessão dela por conhecimento sobre filme e aquele laptop

estúpido que agora estava batendo contra o quadril dela enquanto ela corria. Estranho ou não, ela ainda tinha todo aquele cabelo vermelho deslumbrante, e esses olhos escuros que estavam quase hipnoticamente belos—até mesmo quando eles estavam cheios com derrisão para ele. Mas era a melhor derrisão que ele já havia visto nos olhos da maioria das pessoas que olharam para ele, que era sinal de dólar, aparentemente...

Mas realmente nenhum deles ia para parte estranha. Especialmente quando, tão de

repente quanto ela tinha começado a correr, Lou parou, enquanto os rastos dela no gelo voltaram como os coelhos que davam meia volta na fazenda dele quando acontecia deles toparem com Jack.

Jack esbarrou nela, naturalmente. Ela caiu de frente, na neve, com um "Oof". Ele subiu para ajudá-la por trás e obteve uma quantia imprópria de prazer com o fato que o parka dela tinha descido sobre os quadris dela, de forma que ele teve uma visão desimpedida da bunda dela. Ele ficou satisfeito ao notar que ele tinha trazão sobre essas calças de lã: eles escondiam muito corpo e em LA estaria alegre com a descoberta.

"Qual é a questão?" Jack quis saber, quando Lou, enquanto tentava normalizar a respiração, apoiou-se, com as mãos nos joelhos. "Por que você parou?"

"Algo..." ela arquejou, enquanto investigava através das árvores enquanto o snowmobiler continuava acelerando para eles. "Não... Certo ...".

Ele olhou. O snowmobiler estava fazendo algo estranho enquanto vinha para eles,

enquanto estalava para eles... Alcançando a parte de trás dele, parecia lutar com algo amarrado lá atrás.

"É só um walkie-talkie", Jack disse, enquanto não respirava com facilidade. Até mesmo para um sujeito que treina duas horas por dia para ficar em forma para as cenas de nu dele, não era nenhuma piada, traspasar dois palmos de neve com toda força, igualmente em um declive. "Ele vai pegar o rádio para—".

Mas quando, um segundo depois, uma explosão rasgou pelos bosques silenciosos—e não

era o helicóptero que explodia, de qualquer jeito—Jack percebeu que o que o

snowmobiler pegou não tinha sido nenhum walkie-talkie. Não, o que era, ele viu, com um horror crescente, era um—.

"Corra!" Lou gritou, agarrando o braço dele.

Ele não precisou de mais nenhum grito. Girando ao redor, ele começou a se inclinar para baixo ao lado da montanha, Lou deslizando ao seu lado. Outra explosão soou, e neste momento, saíram voando pedaços de uma árvore que estava perto, enquanto enviava

fragmentos minúsculos de madeira e neve neles.

Estavam atirando neles. E olhando para o dano naquela árvore, por uma espingarda seawed-off.

"Aqui!" De repente, Lou estava se baixando atrás de algo, outra árvore, só que esta aqui parecia ter caído há algum tempo atrás. Estava coberta de neve. Não, Jack pensou, um lugar muito bom para esconder. Uma explosão de espingarda não pode penetrar num tronco oco como este aqui?

Mas se esconder não parecia ser o plano de Lou.

"A arma de Sam", Lou gritou. Não havia nenhuma chance da voz dela ser escutada sobre o ganido do snowmobile... Sem mencionar o barulho da espingarda. Ela agarrou o colarinho da jaqueta dele. "Você ainda tem isto?".

O mundo dá voltas, Jack tirou o revólver que Sam apontou para o seu rosto. Ele tinha

salvado isto, e não a arma a laser, do helicóptero em chamas, porque ele tinha certeza que eles seriam achados sem a ajuda da arma a laser, e o revólver de Sam, ele sentia, era a evidência vital da tentativa de atentado que tinha cometida contra a vida dele. Jack não sabia muito sobre armas. Com exceção do tempo que ele foi a um passeio junto com um LAPD estudar policiais, adquirir um tato para o trabalho de polícia na vida real para o primeiro Copkiller, ele nunca tinha segurado até mesmo uma arma carregada com qualquer coisa a mais que espaços em branco.

Mas Lou sabia aparentemente uma ou duas coisas sobre armas de fogo, depois de um

segundo ela tinha tirado as luvas e tinha estava apertando o revólver em ambas as mãos, descansando os lados das palmas dela em cima do tronco, e se alinhando ao alvo dela com apenas seu olho esquerdo aberto. Ela segurando a arma, não foi uma visão particularmente tranqüilizadora.

"Um pouco mais perto", ela disse. Ele notou, até mesmo com constrangimento que a voz dela e os dedos estavam tremendo incontrolavelmente. "Um pequeno mais íntimo...".

Crack! A espingarda foi, enquanto despejava com pedaços do barulho. Então, até mesmo

quando estava se abaixando, ele ouviu o estouro fixo... Estouro... Estouro do revólver de Sam, um staccato controlado assim perto das orelhas dele que quando parou, ele não podia ouvir mais nada.

Mas ele ainda podia ver. E o que ele viu era um par de lâminas pretas longas, enquanto iam diretamente a eles. Ele agarrou Lou pelo capuz do parka dela e a baixou, da mesma maneira que o snowmobile foi velejar em cima deles, seu underbelly(?) macio e lustroso, e o corpo do motorista caiu sem vida em cima dos controles, o rosto dele escondido atrás dos óculos de proteção de neve em cima de uma máscara vermelha luminosa.

E então, alguns segundos depois, outra explosão, esta aqui muito mais alto que qualquer uma das explosões da espingarda. Jack se jogou instintivamente em cima de Lou, enquanto a protegia da chuva súbita de escombros que caiu, como projeteis minúsculos, ao redor deles.

Os pedaços que pousaram no chão eram imediatamente extinguidos, enquanto deixavam

assobiando, esfumaçando crateras na neve. Outros pedaços saltaram no casaco de couro de Jack.

Não estava até a chuva de partes de snowmobile flamejantes estar em cima dele. Jack

ousou levantar a cabeça dele. E quando ele fez, a primeira coisa que ele viu foi o rosto de Lou, empalidecido, mas resolutivo, em baixo dele.

Mas se ele estivesse esperando qualquer exibição feminina de emoção—lágrimas, ou até

mesmo histerias—ele estava destinado a ficar desapontado uma vez mais. Porque tudo

que ela disse, quando separou aqueles lábios profundamente rosas, era, "Jeez, você pesa uma tonelada. Me largue."

Bruno di Blase estava certo, então de ter trocado Lou por Greta, Jack decidiu. Um sujeito como Bruno—ou Barry, ou qualquer um—não tinham nenhuma chance nem no inferno de impressionar uma menina como Lou. Por outro lado, Greta somente tinha sido conquistado Jack pela habilidade de ler corretamente um mapa.

Lentamente—entretanto não realmente dolorosamente, desde com exceção de um pouco

de neve que tinha feito seu espaço embaixo do casaco dele, ele parecia estar incólume ao que tinha acontecido—ele se afastou dela. No minuto que ele fez isso, ela rolou em cima da arma ainda equilibrando em ambas as mãos, e apontou isto na direção que a explosão tinha vindo.

"Eu acho", o Jack observou calmamente, "Que você já o matou."

Ela também achava. Snowmobile e motorista estavam mortos. Tudo aquilo que estava

oposto ao snowmobile era uma goiva preta na terra, bem em frente da árvore enorme em

que o snowmobile havia batido, em velocidade máxima. Preta, fumaça densa, como o

vertente amável do helicóptero, flutuou para cima com alguns dos pedaços mais grossos de pedregulho carbonizado.

Jack não sentia nenhum desejo de chegar perto destes pedaços grossos para investigar

mais profundamente, exatamente, o que eles poderiam ser.

Lou, de joelhos na neve, deixou a arma de Sam no colo dela, como se tivesse ficado de repente muito pesado para ela para segurar confortavelmente cabo. Mas ela não permaneceu daquele modo durante muito tempo para. Isso era porque, ao longe, ambos ouviram um som que uma vez tinha sido bem-vindo, mas que agora tinha algo de

macabro nisto.

Snowmobiles.

Mais deles.

Muito mais.

"Venha", Jack disse, enquanto objeto pegava o braço dela. "Vamos sair daqui."

"Espere", ela disse, até mesmo quando ele estava se arrastando aos pés dela. "Espere um minuto. Você não sabe quem é. Talvez agora sejam os sujeitos bons."

"Você quer ficar por perto para descobrir?" ele exigiu.

Com um pequeno gemido, ela o seguiu quando ele começou a descer o lado da montanha

mais uma vez. Mas não sem uma palavra final de reclamação.

"Pior só o inferno", ela murmurou, em uma voz que ele estava bem seguro que ela estava tentando esconder o medo, "Fez piss, Townsend?".

Ele só desejou saber.

Capítulo 9

Sete mil e vinte e seis.

Isso é quantas milhas estavam de na esteira de Lou em LA. Sete mil e vinte e seis milhas ela tinha alternadamente caminhado e corrido nos últimos seis anos, desde que se mudou para a Costa Ocidental com só um BA em escritura criativa e um script - O recentemente completado *Copkiller* - no nome dela.

E Barry, claro. Ela tinha tido Barry, também.

Quase quinhentos dessas milhas da esteira ela só obteve nos meses que ela e Barry

tinham dividido. Ela tinha tido muita energia nervosa para colocar para fora e que modo melhor que correr na esteira dela enquanto assistia "Judge Judy"?

Mas isso era diferente. Correndo na própria casa, em uma esteira, com os Nikes dela, era completamente diferente que atravessando os bosques com sapatos de salto, na neve e em temperaturas frias, com um laptop e bolsa amarrados nos ombros dela. Os pés dela não eram as únicas coisas que ela sentia como se ele fossem estourar. Ela estava bem segura que os pulmões dela, também iam.

"Espere", ela ofegou, enquanto se apoiava em uma árvore tentando recuperar a respiração.

EU... não posso. EU... não posso... correr... mais."

Gratamente, Jack a olhou tão sem fôlego quanto ela estava. E ele, como ela sabia bem, estava em melhores condição. Estava no contrato dele, claro que, tinha que ser. Detetive *Pete Logan* era muitas coisas, mas fora de forma, não era uma delas.

"Nós... temos... que...continuar", ele arquejou, enquanto apoiando para descansar as mãos dele nos joelhos. "Venha, Lou.

Eles estão logo atrás nós."

" *Estavam* logo atrás nós", ela o corrigiu. Agora que a respiração dela estava mais plana, ela puxou as orelhas dela, mas não conseguiu ouvir nada exceto o som da respiração deles. "Eu penso... Eu realmente penso que nós poderíamos os despistamos."

Não teria sido difícil. Com a pouca luz vindo do céu e a neve que descia mais densamente agora, era difícil de ver mais de alguns jardas à frente deles enquanto eles correriam.

Neve e árvores. Isso era todo o Lou conseguia ver. Neve e árvores.

E como eles correram entre essas árvores, Lou não pode deixar de reparar como deveria ser difícil distinguir contra a neve e os troncos caídos e samambaia que eles foram forçados a saltar por cima os colocava em segurança.

Como se havia tal coisa neste lugar abandonado.

"Escute", Lou disse, enquanto alcançando fora para pôs uma mão no ombro de Jack.

"Você os ouve?"

Eles ficaram calados para um momento. Não havia nenhum som - nenhum exceto o

assobio de neve que caia no cabelo e ombros deles.

A neve e o vento, se movendo ao redor deles. Ainda não era vento forte, mas era um

vento que dava um frio forte. Um vento que indicou, para Lou, pelo menos, que coisas

iam ficar piores antes de eles melhorassem.

Ela pouco conseguia ver os traços do rosto de Jack. Não era noite ainda, mas o pequeno sol já havia se ido, deixando só um céu cinza úmido, já ficando mais escuro com o passar dos minutos.

Ainda, ela tinha visto freqüentemente muito o rosto dele – em Jornais, no cinema, ou no próprio aparelho de televisão dela, atrás em seu "STAT" dias – para saber que pela expressão dele, que ele também, não estava escutando nenhum snowmobile.

"Eu não ouço nada", ele disse, finalmente.

"Nem eu." Lou disse "Você acha que nós os despistamos?"

"Pode ser." Ele deu uma olhada na neve que estava enchendo rapidamente as pegadas que eles tinham deixando... mas não rapidamente o bastante. "Árvores são bastantes de grossas aqui. É difícil eles nos seguirem, exceto a pé. E isso. Bem, isso não seria difícil, pelos rastros que nós deixamos."

Lou dói até uma a árvore e a empurrou com o ombro e começou a olhar em volta para um

galho. "Nós podemos usar isto para apagar nossas pegadas", ela explicou a ele. "Como em *A Simple Plan*" um simples plano "Oh, claro", ele disse. "Assim em vez de seguir nossos rastros, eles podem seguir as marcas do galho." Lou sentia algo desagradavelmente quente. Para desespero dela, eram lágrimas, de raiva e medo.

"Olhe", ela disse a ele em um sussurro alto. "Eu dispenso o sarcasmo, ok? Nós não estaríamos aqui se não fosse por você, então tenta não ser um imbecil sobre tudo disto, ok?"

"Imbecil?" Ele olhou nos olhos dela. "O que foi que eu fiz?"

"Eu não sei", ela falou, grata que o vento frio lhe proporcionou uma desculpa para o por que dos olhos dela estavam molhando. Se ele notar, claro.

"Mas alguma coisa para deixar alguém bastante furioso para querer te matar. Não só matar você, Townsend, mas te caçar como um cachorro. Agora ache um galho.

Preferivelmente um com as agulhas (?)."

Jack, muito para o alívio dela, não disse nada mais e começou a dar uma olhada para a galho que ela tinha pedido. Lou estava alegre, desde que ela apenas pudesse saber, os olhos dela estavam tão cheios de lágrimas. Deus, o que tinha feito para merecer isto?

Ficar enalhada no meio do nada com uma estrela de filme de prima-dona que

aparentemente nunca vista um único filme de sobrevivência na vida dele. Ela teria sorte de sair daqui ter só alguns dedos do pé e com a ulceração produzida pelo frio. O modo que coisas estavam começando, eles não sobreviveriam a noite.

Pelo menos, não se eles construíssem um iglu. No *Shoot to Kill*, Sydney Poitier e Tom Berenger sobreviveram uma noite em um

temporal escavando na neve e se abraçaram para manter o calor um do outro. No filme, tinha sido uma cena cômica.

Na realidade, o pensamento de se abraçar até mesmo debaixo da neve com Jack

Townsend durante alguns minutos fez a pele de Lou ficar quente estranhamente, apesar

do fato de que ela estava meio congelada. Havia milhões de mulheres na América para

quem o pensamento de passar uma noite em um iglu com Jack Townsend poderia não

parecer como tal uma obrigação. Porém, Lou não era nenhuma delas. Querido Deus, ela

rezou. Não deixe acontecer isso. E então, um segundo depois, se apareceu que a oração dela poderia ter sido respondida.

"Ei", o Jack disse, há uma dúzia de jardas a frente, onde ele tinha ido procurar galhos.

"C'mere. Olhe para isto."

Lou, pensando há princípio que ele tinha visto mais snowmobilers, quase se ajoelhou na neve para dizer *eu me rendo*. Mas Jack não estava olhando na direção da qual o snowmobilers tinham vindo. Ao invés, ele estava olhando mais à frente deles, os olhos dele estreitaram contra a neve e vento.

"O que?" Lou perguntou, enquanto ia ao lado dele e tentando seguir o olhar dele. Mas tudo que ela conseguiu ver foi árvores. Árvores e neve, descendo mais duro agora.

"Eu não vejo nada."

"Lá", ele disse, enquanto apontando para frente. "Você vê isso?" Lou balançou a cabeça dela. "Tudo que eu vejo é neve."

"Não lá", Jack Townsend disse e abruptamente, ele foi para trás dela, e colocou as duas mãos por cima as orelhas dela e virou a cabeça dela na direção que ele tinha estado investigando. "*Lá.*"

Até que o Jack pôs as mãos dele nas orelhas dela, Lou não tinha percebido como frio eles eram. As orelhas dela, quero dizer. Elas estavam entorpecidos com o frio, desde que ela não tinha nenhum chapéu, só seu cabelo vermelho grosso para os proteger. O calor de Jack parecia a queimar pelo couro das luvas dele. Ela poderia sentir

um calor semelhante que emana dele toda atrás dela, entretanto as mãos dele estavam a tocando. De repente, a idéia de ficar a noite com ele em um úbere de buraco na neve não parecia tudo aquilo sem atrativos.

De repente, a idéia de ficar a noite com ele em um úbere de buraco na neve não parecia tudo aquilo sem atrativos. Não se significasse que ela poderia ter mais daquele calor, tudo para ela. Deus bom! O que estava pensando ela? Este era *Jack Townsend*. Jack Townsend, estrela de filme, herdeiro para Ações de Townsend, o *ator*. Ator, Lou. *Ator*.

Que significa, incapaz de lealdade, e como pude atestar muito bem com Vicky,

terminalmente sem compromisso.

Os sinos de alarme que soam, Lou ignorou o calor bem-vindo que flui dessas mãos e

olhou na direção que Jack estava apontando a face dela. E então ela viu algo. Uma forma retangular, preto mostrado em silhueta contra o céu cinza, para fora da copa de árvore.

Ela não pôde falar para o que era. Não uma casa, seguramente, porque era no ar, não no chão. Mas era retangular. Não havia nenhuma dúvida sobre isso. E retangular significado artificial.

"O que isso?" Lou perguntou, todos os pensamentos de se aconchegar

misericordiosamente debaixo da neve com Jack Townsend esfregaram da mente dela. "O

que poderia ser?"

"Eu não sei", o Jack disse. "Eu pensei que eu estava alucinando, mas se você vê isto, também... ." Abruptamente, ele tirou as mãos dele da cabeça dela e embrulhou esses dedos mornos, fortes em um dos braços dela. "Vamos sair daqui."

Lou notou a mão no braço dela. Como ela poderia não notar? Muito ela pode repugnar

ele, mas ela não pode negar que Jack Townsend tivesse uma qualidade magnética que faz com que seja difícil para pessoas arrastarem o olhar deles quando ele estava em tela, e até mais duro

para qualquer um - bem, certo, Lou - encolhem os ombros para tirar aquela mão de cima dela.

Mas começou a agradecer a mão. Porque para investigar o retângulo misterioso no céu,

ele estava a empurrando pela neve. E era muito mais fácil, ela descobriu, caminhar com os saltos de sapatos dela, com aquele laptop que pesa, quando alguém estava a empurrando. Cabo de reboque, ela pensou. Isso é o que eles precisaram. Um cabo de reboque...

E então eles estavam na base da coisa retangular, esticando o pescoço e piscando contra a densidade de neve que estava caindo para adquirir um olhar melhor daquilo.

"É uma estação de guarda-florestal" o Jack disse finalmente.

E era mesmo. Construído em apoios de madeira, a cabana verde escura pairava como

uma casa de árvore de uma criança sobre eles, com só uma escada de mão de madeira

raquítica-que conduz até o alçapão em seu chão. Pareceu escuro e inabitável, como se não tivesse sido usada em anos.

Também se pareceu com um lugar perfeito para aranhas e outras coisas de arrepiantes se pendurarem e se arrantarem nela.

"Venha, o Jack disse, libertando o braço dela e começando a escalar.

"Eu não vou entrar aí", Lou declarou.

"Bem." Jack nem mesmo olhou pra ela. Ele tinha alcançado o alçapão e estava a empurrando. "Fique aí embaixo e geadas. Pessoalmente, eu estou saindo deste vento."

E então o alçapão balançado e com um gemido de suas dobradiças enferrujadas abriu e

Jack entrou. Ela teve um olhar rápido das pernas longas, vestidas de jeans, então só as botas de vaqueiro dele – Botas de caubói! Perfeito - e então ele se foi.

Saindo de baixo da casa da árvore, a neve que começa a soprar lateralmente nos olhos

dela por causa de uma troca súbita no vento ártico, Lou esperou pela estrutura

desmoronar por causa do peso de Jack. Ela poderia ouvir o piso ranger com ele

caminhando pelo pequeno - certamente só nove pés- espaço.

Mas nada se desmoronou. Nada - Jack, por exemplo - vindo estalando exatamente.

A face de Jack apareceu na abertura do alçapão.

"Ei", ele disse, enquanto parecendo genuinamente feliz. "Você nunca vai acreditar isto.

Há uma cama aqui em cima. E mantas. Venha. Nós podemos ficar fora desse temporal

aqui. Você pode apostar que é isso que nossos amigos nos snowmobiles estão fazendo,

também. Nós deveremos ficar bastante seguros durante algum tempo."

Temporal? Lou piscou. O vento assobiou ao redor dela, enquanto passava pela lã das

calças compridas dela. Ela estava com meias por baixo, mas elas não ajudavam a manter fora o frio amargo. Os olhos dela estavam molhando. A neve desabou uma cortina branca fixa ao redor dela.

Oh, sim. Parecia um Temporal.

"Lou." O Jack apoiou pelo alçapão, enquanto olhava confusamente para ela. "O que está errado com você? Você não me ouviu? Nós podemos ficar fora da tempestade aqui. E a neve cobrirá qualquer rasto que nós fizemos. Com sorte, eles pensarão nós gelamos até a morte atrás de alguma árvore. Venha"

Estava escurecendo. Perfeito. A noite estava caindo. Bem, não realmente. Era

provavelmente só fim da tarde. Mas no inverno, era escuridão quase o todo o tempo no

Alasca, apenas no verão era um pouco mais claro.

E ela ia passar a noite na estação de guarda-florestal com Jack Townsend. Jack

Townsend, um dos ídolos de Hollywood mais quentes de América.

Ótimo. Simplesmente ótimo.

"Lou?" Jack estava começando a soar irritado. "Você está bem?"

Ela respirou fundo e estremeceu.

"Há aranhas?" ela perguntou, o som da voz dela diminuiu antes mesmo de ser lançada ao vento.

"Há o *que?*" A face de Jack que ela não podia ver bem, porque tudo era só neve e escuridão, parecia estar com uma expressão de incredulidade. " *Aranhas?* "

Lou acenou com a cabeça, porque não confiava na voz dela para falar novamente. Ela

não queria que ele ouvisse o medo na voz dela. Embora o que ela mais temia, aranhas ou passar a noite em uma pequena cabana com Jack Townsend, ela não sabia dizer.

"Lou" Jack disse, no tom irônico habitual dele. "Não há nenhuma aranha, ok? Aranhas geralmente não podem existir em temperaturas sub-árticas."

Lou sabia disso, claro. Ela só queria estar um pouco segura. Ela deu um passo e pôs o pé no primeiro degrau da escada de mão, então começou a subir. Ela repugnava aranhas mais que repugnava alturas, mas a verdade era, ela não louca por isso.

Porém, Jack ainda estava rindo quando a segurou em ambos os braços e a puxou para a cabana escura.

"Aranhas", ele disse, enquanto balançando o alçapão fechado atrás dela. "Atirar em pessoas tudo bem para você, mas aranhas você tem um problemas."

"Eu atirei aquele sujeito em autodefesa", Lou disse, ela se levantou na semi-escuridão. A única luz passava pelas pequenas janelas de observação fixadas a intervalos regulares em cada das quatro paredes. Felizmente eles estavam dentro, entretanto o copo estava inacreditavelmente sujo. "Ele ia nos matar."

"Eu não disse eu não aprovei", o Jack falou. "Só que seu medo de aracnídeos não está de acordo com sua pontaria Annie Oakley."

Jack, pegou o isqueiro de Sam do bolso de casaco dele, iluminou isto.

O brilho laranja a chama minúscula criada era bastante para Lou dar um olhar realmente bom ao redor do quarto no qual ela se

achou. Era impossivelmente pequeno, mas misericordiosamente conseguiu os abrigar da neve e o vento que tinham começado a gritar lá fora. Não havia muita mobílias, só uma única cama de tipo de exército, uma estante com algumas cópias de *National Geographic*, e um gabinete de arquivo.

Mas estava seco; estava fora do vento; estava bastante limpo; certamente nem havia

aranhas. E para agora, era casa. Era tudo o Lou poderia fazer para evitar desmaiar de onde ela estava de pé. Ao invés, ela conseguiu fazer os poucos passos de distância entre onde ela estava de pé e a cama e então caiu sobre ali. Felizmente, conseguiu se manter inteira com peso dela, apesar de algum rangido.

"Eu quero que você saiba algo", Lou disse se sentando, enquanto tremia. "Oh, sim?" ele disse, distraidamente, abrindo o gabinete de arquivo e gavetas e investigando um por um neles pelo brilho do isqueiro de Sam. "O que é isso?"

"Se nós saímos daqui vivos", Lou disse, enquanto sentia as bochechas dela e orelhas começa a formigar, sinais seguros dos que ela tinha estado sofrendo as primeiras fases de ulceração, "que eu que vou te matar."

Jack só sorriu. Embora não como se ele achasse qualquer coisa engraçado. O sorriso era sentido. E claro que, desde que estava vindo de Jack, era pecaminosamente atraente.

"Por que eu não estou surpreso?" ele desejou saber. "Olhe, Lou. Se você está pensando que eu fiz algo para estas pessoas vir atrás de mim, eu estou lhe falando agora mesmo, eu não fiz. Eu não tenho a mínima idéia do que eu poderia ter feito para deixar alguém bastante furioso a ponto de me matar."

"Oh", Lou disse, enquanto se desembaraçando das alças do laptop dela e o colocando de lado. "Você sabe."

"Eu estou lhe" falando, o Jack disse, com o menos que tom paciente, "eu não sei."

"Oh, vamos, Townsend", Lou disse, enquanto ela não soava tão paciente assim. "Ninguém envia assassinos de aluguel há um homem perfeitamente inocente. Você teve de ter feito algo. Agora o

que é? Somente me diga, para que eu possa ter uma alguma idéia contra o que estamos lidando. É droгаа?"

Jack lhe enviou o mesmo olhar ele usou para dar Meredith, o administrador do principal General de Município que sempre está surgindo a Dr. Paul Rourke para não ser tão impetuoso, com a "STAT."

"Eu não uso drogas, Lou", ele disse laconicamente.

Lou mordeu o lábio inferior dela. Ela disse, claro que sabia. Além do fato de que Jack nunca tinha esteve em qualquer dificuldade desse tipo, o estúdio agora escondeu habitualmente dos atores deles como parte da pechincha contratual deles.

Mas você nunca sabe. Uma menina provincial e filha de um policial, Lou nunca tinha

experimentado substâncias ilegais e tinha ficado chocada ao se mudar para LA para

descobrir como casualmente todo mundo parecia usar. Lou ainda não sabia de quantas

pessoas no negócio continuado a "festa", apesar do número dos colegas entrarem em centro de reabilitação por fazer isso, prova que você tirar uma menina de um cidade pequena, mas não a cidade pequena de dentro da menina.

Mas ela nunca havido escutado que Jack Townsend gostasse de vez em quando dar um

toque. Assim se isto não era uma dívida de droga, o que era que ele estava fazendo para tantos pessoas o querem morto?

Lou olhou para ele. "Jogando?"

Ele fez careta. "Lou. vamos."

"Bem, tem que ser algo" Lou criticou. "Não pode ser uma mulher. Eu quero dizer, Greta o deixou. Se fosse ao contrário, eu diria por que não? Eu quero dizer, eu posso ver Greta Woolston contratando um time de assassinos para matar você, mas-"

A voz dela se arrastou para fora quando ela deu um olhar rápido da face de Jack,

momentos antes da chama no isqueiro de Sam chamejar e apagar.

"Oh... meu... Deus", ela disse, lentamente. "Você quer dizer, há outra pessoa?" Ela não pôde dizer como ela soube isto, mas lá estava, por todo parte do rosto dele. "Já?"

Jack tremeu a cabeça dele, quase como se ele estivesse colocando para fora um

pensamento desagradável. "Não", ele disse. "Eu quero dizer, sim, há outra pessoa. Bem, quase isso. Mas ela não pôde ter."

"Aw, geez", Lou disse, enquanto rolava os olhos dela em desgosto. "O que há com sujeitos como você, de qualquer maneira? Você não pode suportar ficar sozinho em sua cama, mesmo durante uma semana? Quem é ela, Townsend? E eu juro Deus, se você disser Angelina Jolie, eu vou enlouquer e matar você."

Jack olhou ára a ela. "Não é Angelina Jolie, certo? E não é como se, há pouco era... Eu cometi um erro. Eu não deveria ter deixado isto acontecer, mas ontem à noite, eu tentei lhe falar e ela enlouqueceu um pouco, e-"

"Ontem à noite?" Lou o fitou. "Ontem à noite? Você quer dizer no hotel? Mas quem".

Então os olhos dela se arregalaram. "Melanie? Você e *Melanie Dupre*? Aw, Jack, você tem que estar brincando."

"Olha." Jack, na semi-escuridão, pareceu sério. Ela nunca o tinha visto olhar este jeito sério – Bem, não desde a última vez que ele tinha tido uma arma apontada para a cabeça sua cabeça e tinha sido só alguns horas atrás. "Foi um erro meu. Eu admito isto. Começou a algumas semanas atrás e há começou a ficar descontrolado. Ontem à noite, quando nós ouvimos falar as notícias de Greta e, um, Barry, que ela ... bem, ela começou a falar sobre como talvez nós deveríamos fazer, você sabe, o que eles fizeram – fugir - e eu lhe contei meu pensamento no assunto de casamento e-"

"E você pensa que Melanie Dupre", Lou interrompeu, "estrela de *Manhattan Junior High*, contratou um assassino?" Lou balançou a cabeça dela.

"Não. Eu não penso."

Jack tirou as luvas dele durante um minuto para esfregar o rosto dele na qual a barba já estava crescendo. "Não", ele disse. "Eu não acho isso. Melanie não realmente o tipo de garota que atira-em-um-

sujeito-e-empurra-ele-para-fora-de-um-helicóptero. Ela é mais do tipo chama-a- *Enquirer* -e-conta-tudo." Lou ainda estava balançando a cabeça dela.

"Melanie Dupre", ela disse, para ela. "Melanie Dupre."

"Ei", o Jack disse, enquanto olhava para ela. "Você a conhece pouco. Ela é muito amável, e um ser humano de coração bondoso."

"Oh, por favor", Lou disse. "Como se você estivesse realmente interessado no coração dela. O que é você, um cardiologista agora? Dá um tempo. A menina tem a inteligência de um Hines de untar bolo e você sabe disso."

"Eu sei." Lou teve que conter um riso. Não que tivesse alguma coisa divertida assim na situação. Aqui estava ela encalhada, centenas de milhas no fim do mundo, no meio de um temporal, com um ator. E não só qualquer ator, mas Jack Townsend, o ex da atual do ex dela.

Mas ainda. Melanie Dupre. Melanie Dupre que tinha atordoado o nutricionista do set dela para revelar a verdadeira quantidade de fibras que havia na fruta roll-ups. Até mesmo Greta Woolston era mais aguçada que Melanie.

Como se ele lesse os pensamentos dela, o Jack disse, de repente, "nós podemos falar

sobre qualquer outra coisa?"

"Oh." Lou colocou a mão no peito e piscou rapidamente. "Eu sinto muito. Eu o ofendi sugerindo que nós discutimos a razão que alguém poderia estar tentando para te matar?"

Gosh, eu lamento por não poder me desculpar o bastante por estar interessada nisso *por que eu estou atualmente tentando salvar a minha vida!*"

Jack a encarou. Na luz escassa, ele parecia mais charmoso do que alguma vez ela o tinha visto. "Bem, você lidou muito bem para alguém que não é acostumado a atirar. Onde você aprende disparar uma arma assim, de qualquer maneira?"

Lou olhou para o chão. "Oh, isso", ela disse. "Meu pai me ensinou."

"Sério?" Jack pareceu surpreso. "Ele caça?"

"Não", Lou disse. "Ele foi policial com a New York City Polícia durante quarenta anos."

Jack pareceu interessado. Não como ele se estivesse sendo cortês, mas como se ele

realmente se preocupasse. Mas claro que, ele era um ator, assim era completamente

possível que o interesse dele era fingido.

"Oh?"

Lou acenou com a cabeça. Ela não se preocupou se ele estivesse fingindo ou não. Ela

sempre adorou falar sobre a família dela, porque, mesmo os Calabreses às vezes a

irritasse, ela estava orgulhosa de todos eles.

"Quando nós éramos pequenos, e minha mãe ficou tão irritada de ter a gente vadiando dentro de casa ", ela explicou, "ela nos mandava todos para fora com nosso pai para tomarmos um sorvete. Só que em vez de sorvete, ele nos levaria ao estande e nos ensinava a atirar com a pistola de serviço dele."

As sobrancelhas de Jack subiram. Muito.

"Muito paterno ele", foi tudo que ele disse, porém. Lou encolheu os ombros.

"Era o modo dele, eu acho, de nos falar que ele nos amava."

"Nós?" Jack elevou as sobrancelhas escuras dele. "Você tem irmãos?"

"Quatro irmãos mais velhos", Lou disse. Ela esperou ver a reação dele e acrescentou,

"Todos eles cresceram para ser policiais." Porém, ele não pareceu assustado. Ao invés, ele olhou impressionado.

"E você cresceu para ser uma roteirista que escreve sobre eles. Policial, eu quero dizer.

Quando você não está escrevendo sobre zepelins explosivos, de qualquer maneira. Sua

mãe e pai devem estar bem orgulhosos", ele disse.

"Bem." Lou estava contente que não havia dificuldade na voz dela quando ela respondeu,

"Minha mãe morreu há dez anos. Mas sim, ela estava orgulhosa. Papai, também. Embora, você sabe, nós éramos muitos que estavam crescendo."

"Eu posso imaginar", o Jack disse, suavemente. "Tão agora eu sei de onde a inspiração para Pete Logan veio."

Ela olhou para ele. "Sim. Ele é um tipo de mistura de todos os quatro de meus irmãos-".

"E seria por isso que você não gosta que eu mude as falar dele, huh?" Jack

definitivamente parecia divertido agora.

"Bem", Lou disse, incapaz manter uma acidez no tom dela " faz parte disto."

"Certo. O resto disto é um pouco de vaidade artística claro", Jack disse.

"Não é, Lou gritou defensivamente. "Eu só não acho que você tem o tipo de caráter certo que -"

"-que você tem, eu sei, eu sei." Jack sorriu. Era aquele mesmo sorriso sarcástico que ele usa praticamente toda vez que ele fala, o mesmo que ele esteve usando em todos os cartazes de *Copkiller*. Por que ele nunca era sério quando estava com dela? Ela sabia que ele era capaz de seriedade, porque ela tinha visto a versão de Hamlet que ele tinha feito -

embora nada tirando o salvamento deste inferno ártico iria falar ela admitir que ela havia comprado um ingresso a para ver algo que Jack Townsend tinha dirigido e estrelado. Ele tinha feito um Hamlet comovente, uma personalidade que Lou sempre considerado muito forte.

E ele não tinha usado aquele sorriso nenhuma vez durante o filme inteiro.

"Bem", ele disse, ainda sorrindo. "Agora que eu sei como tão bem você controla uma arma, você pode estar segura que eu não irei mais improvisar-"

Ela sentiu um tremor passar por ela. Ela não era mais frio - pelo menos, não como aquele vento frio tinha estado rasgando ela. Não, o tremor não era porque ela tinha frio -

entretanto claro ela sabia pelo que era. Era porque ele a tinha feito lembrar de algo que ela tinha estado tentando tirar da mente dela. Algo que ela não queria se lembrar e algo que ela definitivamente não queria discutir.

E isso era o fato que ela tinha tirado a vida de um homem. Claro, ele tinha tentando a matar. Ainda, não era fácil, enquanto percebeu que ela foi de fato a primeira pessoa da família dela a tirar uma vida. E ela era a punica que não era um sócio de uma agência de execução de lei.

"Não é engraçado", ela disse, com um tipo de soluço. Onde o soluço tinha vindo, ela não sabia. Mas ela estava alegre com isto, desde que tirou sorriso fora a face de Jack Townsend.

"Ei", ele disse, parecendo alarmado. "Olha. Eu não quis dizer-"

"Oh, não quiz?" A voz dela falhou. Deus, o que estava acontecendo com ela? Como de costume, Lou nunca mostrou seu emocional com as pessoas que ela trabalhou. Era bastante difícil ser um escritor em Hollywood, sem esquecer o fato de que ela era uma escritora *feminina*. A velho-menino da rede de comunicação ainda estava bem vivo na maioria dos estúdios que Lou trabalhou e ela conheceu poucos executivos de filme femininos que não reclamaram de ter batido no teto de vidro em algum ponto durante as carreiras delas. A uma coisa que Lou mais tinha medo era de ser acusada que estava sendo muito emocional, muito "macia", queria ser levada seriamente.

E agora aqui estava ela, praticamente chorando, em frente à pessoa que ela mais queria ser considerada com seriedade... .

A esperança breve dela de que ele poderia não ter notado a falha na voz dela ou as

lágrimas que tinham de repente aos olhos dela se foi quando ele disse, em uma voz

assustada,

"Ei, Lou. Eu posso entender por que você pode estar transtornada, mas-"

"Não, você não pode." A voz de Lou racoteou. Oh, Deus, por que não ela pode só

esquecer isso, e leva fazer exatamente como um homem faria?
Por que ela tinha que

começar a chorar agora, na frente dele?

Mas não havia nada que ela poderia fazer. Não havia como
acabar com isso. Veio

inundando dela, como água de uma represa, todos seus
sentimentos retidos sobre o que há pouco tinha acontecido.

"Você não pode saber por que eu sou tão chateada", Lou disse.
Ela pode perceber que a voz estava aumentando, mas ela não se
preocupou mais. "Eu matei um homem hoje, certo? E eu só gostaria
de saber por que. Por que ele estava tentando para me matar.

Você. Nós. *Isso é perguntar muito?*"

E de repente, ela estava derretendo, lágrimas fluem dos olhos
dela, fazendo o homem em frente a ela desaparecer em um borrão
encharcado.

Ótimo. Simplesmente ótimo. Agora ela estava chorando –
chorando - na frente a Jack

Townsend. Tanto para não mostrar fraqueza na presença dele.
Tanto por tentar manter

um relacionamento digno e profissional. Ela estava chorando,
enquanto ele estava de pé, olhando para ela, tão boquiaberto
quanto se ela tivesse revelado que no tempo livre dela que ela gosta
de assistir reprises velhas de *Battlestar Galactica*.

Bem, o que ela esperou? Aqui estava um homem que passou
tempo de boa vontade com

Melanie Dupre que deve ser uma das pessoas mais estúpidas do
planeta. Ele

possivelmente não pode ter a mais leve idéia de como as
mulheres normais se

comportaram, porque ele provavelmente nunca na vida dele teve
gastado mais de cinco

minutos na companhia de uma mulher normal... exclua para
assinar autógrafos talvez.

Bem, o pressão. Ela não ia deixar de chorar só para fazer com
que ele sinta bem, ou

porque não pareceu muito profissional dela. Agora que ela seguiu de cabeça saudável, ela estava começando a sentir muito melhor. Até mesmo a neve que há pouco descia como uma folha branca nas janelas parecia menos odiosa, agora que lágrimas estavam gotejando em sua face com a mesma velocidade. A escuridão que estava invadindo o céu

rapidamente que ela podia ver através das vidraças sujas, não estava mais aborrecendo tanto agora que ela estava fungando.

Ela até mesmo poderia ouvir a voz do pai dela, no som do vento que golpeava as quatro paredes ao redor deles. *Ei, o sujeito era um imbecil, Frank Calabrese estava dizendo. Ele mereceu ser estourado. Não se sinta mal, criança. No fim, ou era você ou ele, não é ótimo que tenha sido você?*

Lou estava começando a pensar sobre ela ter chorando quando algo completamente

inesperado aconteceu, algo que quase fez ela parar completamente as lágrimas dela. Isso porque Jack Townsend tinha deslizado um braço ao redor dela.

Capítulo 10

Bem, ele tinha esperado-as, não tinha? Lágrimas. As lágrimas de Lou. Ele ficava

desconcertado quando elas não vinham.

Ele deveria saber que levaria mais que simplesmente um helicóptero explodido na selva de Alaska para trazer lágrimas aos olhos de Lou Calabrese. Não, conduzido uma bala no crânio de outro homem para fazer girar o seu sistema hidráulico.

Bem, Jack poderia respeitar isso.

Agora pelo menos ele sabia o que fazer. Ficou um pouco confuso antes. Ele não sabia

como as mulheres agiam—e falava—como homem. Quase todas as relações dele com

mulheres eram coquetes em natureza. Lou Calabrese era a única mulher que ele alguma

vez sabia—com a exceção da mãe dele, naturalmente—que sempre pareceu

completamente inconsciente a seu, er, charme. Não inconsciente ao fato que outras

mulheres o acham atraente, naturalmente. Caso contrário, por que ela escreveria todas essas cenas em o qual Pete Logan ficou nu?

Mas ela nunca tinha lhe dado qualquer razão para pensar que ela o achava atraente

pessoalmente. Na realidade, pelo tempo que ele a conhecia, ela tinha sido abertamente hostil para ele.

Que era por que ele nunca sabia totalmente como agir com dela. Jack não sabia ser

repugnado. Oh, seguramente, havia as pessoas em Hollywood com quem ele não se dava bem.

Jeff Berger, por exemplo, com quem Jack tinha discutido uma vez por causa de uma

discordância sobre uma cena. E ele não era de todo apaixonado por Russell Crowe.

Mas Lou era a única mulher em Hollywood com quem Jack tinha qualquer coisa como

uma relação de adversidade.

O que só tornava o fato que ele agora estava sentando em uma cama raquítica de uma

estação de guarda-florestal em uma floresta abandonada com o braço ao redor dela ainda mais estranho.

"Shhh", ele disse, batendo levemente no ombro enquanto ela chorava, porque, ele descobriu, tendia a ter um efeito calmante em mulheres. "Está tudo certo. Tudo vai dar tudo certo."

"Não, não está," Lou disse, em uma voz tipo lágrima-sufocada. "Só pergunte para Sam."

"Eu estou seguro que Sam está bem," Jack disse, embora ele não estivesse seguro de qualquer coisa.

"N-não, ele não está." Lou lamenta. "Ou ele ainda está lá fora, com a neve empilhada em cima dele, ou—"

"Ou os amigos dele o acharam, e conseguiram tratamento médico."

"Eles não fizeram", Lou chorou. "Eles não vão. Eu estou segura que eles só o deixaram lá fora para morrer."

Jack estava tendo alguma dificuldade quanto ao Sam Kowalski. Ele não quis admitir a

Lou que a única razão pela qual ele tinha arrastado o sujeito do helicóptero em primeiro lugar para poder dar uma boa olhada nos bolsos dele.

Ao invés, ele disse, "Eu aposto que você está errada. Eu aposto que Sam está bem. Eu aposto que ele está mais quente que nós estamos, agora mesmo. Eu aposto que ele está em algum lugar só em alguma cama de hospital, e que eles estão maravilhoso, enquanto bombardeiam-no de analgésicos."

Lou bufou. Ele percebeu que ela estava rindo. Só um pouco. Ainda, era um bom sinal.

Ele notou qualquer outra coisa, também. Ele não podia ajudar com isto. E isso era o fato que o ombro que ele estava batendo levemente era, em baixo do parka que Lou usava, um particularmente esculpido. Ele só notou o fato que eles não estavam em nenhuma parte em um milhão de milhas de que o cabelo dela, escovado de vez em quando suavemente a face dele, cheirando tão bom. E só as lágrimas que estavam fazendo os olhos escuros dela parecem tão grandes e brilhantes, da mesma maneira que fizeram os lábios dela parecerem úmidos, hipnóticos e beijáveis.

..

Pelo menos até Lou abruptamente deixar de chorar e tentar afastar o braço que ele tinha passado ao redor dela no minuto em que ele tinha olhado para aqueles olhos molhados, encantadores, e perguntou, "O que você está fazendo?"

Jack não estava acostumado a mulheres que o questionam depois dele fazer propostas

amigáveis para elas. Mantendo o braço onde estava, ele disse, não lúcido de verdade—

iera difícil estar lúcido com o cabelo dela emitindo um odor agradável de flores laranja

—"Eu? eu estou te confortando."

"Sim?" Ela saiu do abraço dele e se levantou. "Bem, me faça um favor", ela disse, a voz dela carrancuda, entretanto com lágrimas, brevemente ela pararia de chorar. "Conforte-me de longe."

"Lou", ele disse, razoavelmente. Ou pelo menos ele esperou que soasse razoável. Ele não sentia na verdade muito razoável. Algo sobre o corpo dela, como o tinha sentido apertado contra o lado dele, o tinha instabilizado—mais igualmente pelo fato que eles não estavam em parte alguma, encaçados com snowmobilers armado que os perseguia o tinha instabilizado. "Olha. Provavelmente está assustada. Inferno, eu estou—".

"Eu estou bem", Lou disse, em algo mais igual a voz normal dela. "Certo? Isto tudo aqui está bem. Você só fica longe. Entendeu?"

Ele levantou uma sobrancelha, mas não disse nada. Claramente, a antipatia de Lou para com ele excede o medo dela na atual situação deles. Este era um sóbrio—e enfurecedor— pensamento.

"Eu estou sofrendo de fome", Lou anunciou.

Jack olhou para ela. Agora que ela mencionou isto, ele percebeu também estava faminto.

Tipo faminto? Ele estava voraz. Ele não tinha comido desde o jantar de ontem. E isso

tinha sido só meio um bife e algumas frituras, como as notícias de Greta e a fuga de

Barry tinham chegado a ele, e Melanie tinha começado seu drama ...

"Talvez alguém tenha deixado algo", ele disse, enquanto se levantava e dava uma olhada ao redor no quarto. "Você sabe. Rações K, ou algo assim. Tudo que os guardas-florestais comem."

Lou tinha erguido a bolsa dela e tinha vasculhado lá, os cachos vermelhos e longos dela escondendo seu rosto. "Não há nada no gabinete do arquivo?" ela perguntou, ainda remexendo na bolsa dela.

"Eu não comi tudo isso." Jack voltou para o gabinete de arquivo e abriu a primeira gaveta mais uma vez. Ele fitou Wearily nisto, enquanto realmente não via todos os arquivos e documentos esmagados debaixo disto. O que teve com Lou Calabrese, de qualquer maneira? Era verdade que os dois nunca tiveram a melhor

relação, devido principalmente a própria sensibilidade dela sobre o trabalho dela e a insistência de Jack em autenticidade.

E era verdade sobre ele e Vicky que não separaram na melhor das condições. Mas isso

tinha sido nos velhos tempos. Assim o que houve com Lou Calabrese?

Mulheres normalmente gostam de Jack. Ele poderia dizer isso sem ser convencido,

porque era um fato. Ele não sabia por que isto era assim—se era porque ele sempre tinha se dado bem com a mãe dele, ou se simplesmente era porque ele gostava genuinamente de mulheres. Ele poderia manter relações sinceras com as ex dele—bem, com exceção de

Melanie. Mas olhe para Vicky. Ela entendeu que ele não podia dar o que ela queria—uma aliança de casamento—mas ela o odiou? Longe disto, tão longe quanto ele soubesse. Lou parecia ter um problema maior com o colapso deles que Vicky teve.

Assim o que estava errado com Lou Calabrese? Quando ela tinha olhado para ele só

então, depois que ele pôs o braço ao redor dela, ele poderia ter jurado que ele tinha visto medo nesses olhos marrons suaves. Medo? Medo do que? Dele? Para que? Jack nunca tinha feito qualquer coisa a Lou Calabrese.

Bem, certo, havia o eu preciso de uma de arma maior. Mas vamos. Ela não pôde se sentir possivelmente ameaçada porque ele tinha mudado uma linha desprezível do precioso roteiro dela... até mesmo se estivesse sido dela o primeiro roteiro, o que ela só tinha vendido na faculdade, o que tinha lhe feito um nome em Hollywood. Escritores, ele sabia, era engraçado o trabalho deles, pensando sobre os roteiros do modo como algumas pessoas pensam nas crianças deles, e não pode agüentar ouvir críticas ...

Ainda, ela não tinha caminhado longe com Hindenburg com um Prêmio da Academia?

Aquela prova não era bastante para que ela pudesse escrever? O que era isto quanto ao assunto que ele tinha mudado uma única linha? Certo, talvez uma linha importante. E

talvez a linha que ele tinha substituído tenha se transformado em uma frase de

propaganda que os meninos treze anos por toda parte do país estavam usando em

Camisetas e estavam escrevendo nos skate deles.

Mas vamos. Isso significa que ele não pode nem mesmo pôr um braço ao redor dela,

quando ela estava chorando, sem arrancar um pedaço da cabeça dele?

"Aha!".

Ele olhou pelo ombro e espiou Lou puxando algo da bolsa dela. Algo embrulhado em

uma folha prateada.

"Eu sabia que tinha alguns em algum lugar por aqui," ela disse, enquanto segurava o objeto no alto. Ela tinha aberto o parka dela, ele notou, e, entretanto, a alça de tricô do suéter que ela usava em baixo disto estava no lado volumoso, ele não tinha nenhum problema com toda a fabricação em baixo disto, que era dois extremamente bons — e

isso era sem, ele tinha razoavelmente certeza, a ajuda de silicone — peitos.

"O que é o que?" Jack perguntou, entretanto ele não se preocupava, realmente. O apetite dele tinha fugido, sendo substituído por um outro tipo de fome... Uma fome que ele estava quase seguro que não ia conseguir satisfazer tão cedo.

"Amendoim", Lou disse. Então ela voltou à bolsa dela. "E eu estou bem segura que tenho alguns wintergreen Life-savers em algum lugar por aqui, também. O que há com você?".

Jack arrastou o olhar dele relutantemente para longe da frente do suéter dela, e retrocedeu a atenção dele ao gabinete do arquivo. O que ele estava pensando, de qualquer maneira?

Ele não estava nem mesmo seguro se ele gostava de Lou Calabrese. Por que ele devia?

Certamente ela não gostava dele.

E quem tinha falado tudo àquilo sobre Melanie Dupre aproximadamente? Seguramente,

Melanie não era nenhum cientista de foguete, mas não era como se ela fosse algum bebê inocente no bosque, ou algo do tipo. Melanie sabia ficar alegre.

"Townsend?" A voz de Lou ainda era carrancuda entre as lágrimas dela. "Qualquer sorte?"

"Não", ele disse, enquanto batia a primeira gaveta fechada, e abria o segundo. "Não a menos que você conte com muitos dados sobre os hábitos migratórios do ártico.

Aparentemente, alguém está fazendo a dissertação deles em... Ei. Espere um minuto."

Ele golpeou a terceira gaveta. Uma caixa de saltines, uma meia dúzia de pacotes de geléia do pequeno Denny, e...

"Eureka", ele disse, e a garrafa semi cheia de Cutty Sark que tinha sido escondido na parte de trás da gaveta dos fundos, em baixo de um livro de capa mole Audubon-guia de pássaros da América do Norte. "Deus, eu amo os ornitólogos."; Lou, claramente impressionada pelo uísque, olhou esperançosamente para os pacotes de

geléia. "Qualquer dessa marmelada é de laranja?"

"Com licença." Jack apresentou a garrafa com um adorno, de modo que o Vanna White inverteu as cartas em "Roda de Fortuna". "Você talvez não tenha notado o que eu estou segurando aqui. Misturado, eu percebo. Mas ainda é um uísque perfeitamente saboroso.

Eu sei, porque eu participava do Cutty regularmente antes que eu pudesse dispor de um único malte."

Lou, enquanto afundava na cama, estava descascando a folha prateada atrás do amendoim.

"Eu não saberia", ela disse, enquanto mordida o doce. "Eu não bebo. Lance essas bolachas aqui em cima. E a geléia. Há uma faca, ou qualquer coisa?"

"Você também bebe", Jack disse, enquanto fechava a gaveta do gabinete de arquivo com o pé dele, desde que os braços dele estavam cheio de uísque e bolachas. "Eu a vi bebendo champanhe na estréia de Copkiller III."

"Eu não bebo licor quente", ela disse, enquanto mastigava. Ela segurou o pacote de amendoim para ele. "Quer alguns?"

"Não, eu não quero," Jack disse, enquanto se estabelecia na cama ao lado dela—e ignorando o olhar cauteloso dela quando fez ele isso. "Como você pode comer aquela matéria-prima? Não gruda nos seus dentes?"

Lou pareceu refletir sobre isto. "Sim", ela disse depois de um minuto.

"Mas eventualmente se soltam. E então você tem um lanche gostoso depois."

"Que", Jack disse, enquanto esvaziava o saltines e a geléia sobre a cama entre eles, mas mantendo cabo da garrafa de uísque, "repugnante."

"Oh, e o que você está fazendo não é?" ela perguntou, quando ele puxou a rolha da boca da garrafa e levou isto aos lábios. "Você não tem a mais leve idéia o que está bebendo desta última garrafa."

Jack, enquanto sentia o curso líquido ígneo descendo pelo intestino dele, disse, "Não, eu não faço. E eu não me preocupo, ou algo do tipo. Além, o álcool matará qualquer germes, se o resfriado não o fizer primeiro." Ele ofereceu a garrafa para ela. "Venha.

Tenha um toke."

"Uh, não", Lou disse. Ela tinha aberto a caixa de saltines, e devorava-os, um depois do outro, imergindo, em um dos pacotes de geléia. "Eu lhe falei, eu não bebo licor quente. A última vez que fiz isto, eu acordei o próximo com a minha cabeça parecendo que ia explodir."

"Sim? Bem, o que você estava bebendo?"

Era difícil contar na escuridão, mas ele achou que as bochechas dela ficaram um pouco mais vermelhas. Ela murmurou algo indistinto.

"Eu imploro seu perdão?" ele perguntou.

"Bailey's Irish Cream", ela disse mais claramente.

"Oh, pobre inocente", Jack disse. "Nenhuma maravilha. Mas você vê, isso não é nenhum licor de verdade. Licor de verdade é seu amigo."

"Licor", Lou assegurou, "nunca foi meu amigo."

"Sim", Jack disse, enquanto pegava um saltine para ele. "Debaixo de circunstâncias normais. Mas isto não é o que eu chamaria circunstâncias normais. Eu quero dizer, vamos. Você está encalhada com um homem que você menospreza na selva ártica no meio de um temporal."

"Eu não o menosprezo", Lou disse, enquanto usava uma bolacha para acumular o que foi partido no pacote de geléia que ela tinha aberto.

"Sim", Jack disse. Ele não tinha obtido o êxito botando para fora esse sentimento. Era ridículo, ele sabia. Estar contente com que ela não o odiava. O que era ele, no sétimo grau novamente? "Mas você não gosta de mim."

"Bem, isso é verdade", ela disse tocando no assunto fatídico.

Grande. Ele tinha causado isso, não tinha? Por que ele não ficou quieto?

Grande. Dois poderiam jogar aquele jogo.

"E você sobreviveu a um estrondo de helicóptero," ele mostrou. "E não uma, mas duas tentativas de assassinato."

"Não me lembre," ela disse, enquanto provava novamente o amendoim.

"E você atirou um sujeito", ele não pôde ajudar somando.

Ela luziu a ele. "Você deseja morrer?" ela quis saber.

"E estou certo sobre isso—" Ele olhou para a face escura do relógio dele. "Sim, eu diria que estou certo sobre isso, seu ex e minha ex provavelmente estão passando despercebidos em algum Jacuzzi coração-moldado, tomando um gole de algum Dom, e lambiscando ostras com metade das conchas... E um ao outro, naturalmente—".

"Cale-se." Lou se inclinou e arrebatou a garrafa de Cutty dele, então levou isto aos lábios.

Depois ela sufocou como uma andorinha e devolveu a garrafa para ele com piscar e uma expressão entristecida, ela disse, "Só se lembre, você pediu isto."

"Eu sei", o Jack disse. "Eu sou um grande, grande homem maço, que debocha de jovens escritoras—".

Ela bufou. "Oh, sim? Se este for um exemplo de sua técnica de debochar, eu juro que eu não vejo como as mulheres vão para cama com você tão freqüentemente."

Agora ele sufocou. "O-o que?"

"Oh, por favor," ela disse, enquanto revirava os olhos dela. "Você me ouviu. Há qualquer mulher na categoria com qual você não tenha dormido?" Ela pegou a garrafa dele e tomou outro gole. "Com a exceção de mim, naturalmente?" ela perguntou, depois que ela acabou de tossir.

"De fato", ele disse com a dignidade ferida, "Há."

"Oh, sim? Quem?"

"Eu não dormi com Meryl Streep", ele disse. "Ainda. Mas a esperança é eterna."

Ela riu. Quando Lou Calabrese riu, foi impossível se lembrar que a temperatura estava congelante, e que uma explosão ártica estava esbofeteando as quatro paredes fracas ao redor deles. A risada de Lou Calabrese era como o sol que vem depois de um mês de chuva. Como uma cerveja fria depois de uma caminhada quente longa. Como uma chuva

quente depois de um dia inteiro gelado. Estava pasmo por nunca ter percebido isto antes.

"Assim você pensa que ela quem pagou Sam para lhe matar?" Lou quis saber.

Ele piscou para ela. Até mesmo na semi-escuridão, a pele dela parecia impossivelmente clara, as bochechas dela lisas como nata. "Quem?"

Ela estava olhando para ele como se ele estivesse lento. "Meryl Streep. Você sabe. Por que ela está furiosa por ser excluída."

"Você sabe", ele disse, com o sentimento de boca seca de repente. "De alguma maneira eu duvido isto."

Ela só sorriu e quebrou outro pedaço de amendoim. Jack nunca havia conhecido uma

mulher que levava amendoim na bolsa dela. Listerine Pocket Paks, talvez. Vicky sempre tinha. Mas atrizes estavam de regime

perpétuo e não tendem a levar doces de altas calorias nas bolsas delas. O fólio, ele pôde ver, tinha algo escrito. Dizia, obrigado por apoiar Sherman Oaks Central High School.

Sherman Oaks. Deve ser onde ela morou. Quase na Califórnia sulista na qual você

esperaria achar um Prêmio da Academia—escritores que vivem sendo premiado. As

colinas, talvez. Ou o canyon. Mas não Sherman Oaks que não eram uma parte ruim de

LA. Só não era... Bem, não era muito fascinante.

"O que houve com você?" ele se ouviu perguntando. "Eu quero dizer, agora aquele Barry... você sabe. O que você viu nele?"

Ela estreitou os olhos para ele. "Sim", ela disse. "Robert Redford. Ei, talvez nós pudéssemos dobrar. Você e Meryl e eu e Bob."

Ele devolveu o Cutty. "Eu só estava perguntando", ele disse. "Eu quero dizer, você é uma mulher vital, atraente. Deve haver—"

Ela arrancou a garrafa de uísque das mãos dele. "Não continue,", depois de tomar um gole longo, aconselhou.

"O que?" Ele encolheu os ombros. "Eu só estava perguntando."

"Sim, bem." Ela levou a mão aos lábios—vermelho cereja, e sem, ele sabia, ajuda de batom, desde que ele teria notado se ela tivesse qualquer um—com a parte de trás de uma mão branca lisa. "Não."

Ele assobiou baixo e durante muito tempo. A voz dela estava cheia de uma nota de

advertência que tinha nas palavras dela.

"Desculpe", ele disse. "Eu não sabia. Eu quero dizer, você e Barry—você estava voltando com ele quando eu estava em 'STAT', certo? E isso era—"

"Seis anos atrás", ela terminou para ele, enquanto devolvia a garrafa. "O que você não entendeu?"

Talvez fosse o Cutty. Talvez a experiência da morte próxima deles. Talvez fosse o fato de que ambos foram apanhados em um quarto pequeno, com um temporal que se enfurecia fora de suas paredes, e só o calor do corpo um do outro para impedir de congelar até a morte. Ou talvez fossem apenas aqueles olhos marrons, tão cheios de inteligência, inteligência... E dor.

Em todo caso, ele ignorou a advertência dela, e estragou.

"Seis anos são muito tempo", ele disse. "Eu quero dizer, você dois estavam vivendo juntos, certo? Em Sherman Oaks? O que aconteceu?"

Ela lançou um olhar incrédulo na direção dele.

"O que aconteceu?" ela ecoou, em uma voz rachante. "O que você acha que aconteceu?"

Sua namorada Greta foi o que aconteceu. Muito ruim você não a manter em uma correia mais curta."

Ele levantou as sobrancelhas. "Hey", ele disse. "Eu poderia dizer a mesma coisa sobre você. Eu quero dizer, seu menino Barry não é precisamente inocente nisto."

Ela levou a garrafa dele aos lábios, tomou um gole enorme, e neste tempo não sufocado nem tossiu. Os olhos dela não fizeram nem mesmo água.

Porém, a enunciação dela não estava precisamente clara.

"Para sua informação", disse Lou, enquanto apontava o dedo indicador acusador ao tórax dele, "Barry teria se casado, se seu estúpido caso com o que Greta não tivesse acabado.

Eu quero dizer, ele estava pronto para um compromisso."

Ele pegou a garrafa de Cutty Sark dela. Ela tinha bebido até seu limite claramente.

"Querida", ele disse. "Eu consegui notícias para você. Se, depois de seis anos, o sujeito não se casa, é porque ele não ia."

"Dez", ela disse.

"Eu imploro seu perdão?"

"Dez anos", Lou disse. "Nós estávamos juntos há dez anos. Até que a estúpida loira Greta Woolshon se libertou. Nós íamos nos casar. Nós íamos comprar nossa casa dos sonhos em Santa Barbara. Nós íamos filhos. Você e Greta iam ter filhos?" Ela o esmurrou no ombro—surpreendentemente forte, também, para uma mulher. "Huh? Você ia?"

"Não, nós não íamos", ele disse, enquanto tirava a garrafa de uísque cuidadosamente do alcance dela. "Ei, você não estava brincando sobre não poder beber licor quente, estava?"

Lou não parecia ter o ouvido. Ela colocou ambas as mãos no seu tórax, só sobre os peitos altos, redondos dela, e disse, enfaticamente, "Eu ia me casar. Você estava usando Greta só para sexo. Então, minha perda é maior que a sua."

Se lembrando do dia que ele tinha conhecido Barry, no SET de "STAT", que ele disse primeiro, eu, "Lou, acredite. Você não perdeu uma coisa."

Ela derrubou as mãos sobre colo dela. "Eu perdi, entretanto", ela disse, com um suspiro, parecendo repentinamente trágico. "Eu perdi meus sonhos. Eu perdi os melhores anos de minha vida. Eu os desperdicei com um sujeito chamado Barry" Ela disse novamente o nome, em tom de descrença absoluta. "Barry."

Jack considerou solenemente. "Os melhores anos de sua vida, huh? Quantos anos você tem, vinte e oito?"

"Quase vinte e nove" Lou declarou, os olhos dela arregalados de horror.

"Anciã", Jack disse. "Você tem razão. Você perdeu tudo. Nunca amará novamente."

Os olhos marrons grandes dela se estreitaram. "Pelo menos eu amei", ela disse. "Amar é melhor do que nunca ter amado—".

"Isso", Jack disse, depressa, "é um filme que eu já vi. Eu até mesmo li o livro. Escute, é melhor você comer um pouco mais dessas bolachas, ou algo assim. Você está grogue."

Novamente, ela parecia não o ouvir.

"Você nunca amou qualquer um", ela disse, acusadora. "Não como eu amei o Barry."

Ele piscou para ela. "Como você saberia?"

"Oh, por favor,", ela disse, enquanto acenava com uma mão para ele como se dissesse, Vamos lá. "Melanie Dupre. Eu estou tão segura! O que os sujeitos falam com ela, de qualquer maneira? Sobre as cutículas dela?"

Isto parecia golpeá-la como sediciosamente engraçado. Ela apertou o estômago, estava

rindo tão tanto. Jack considerou o não sorriso dela. Não importava que ela tivesse razão

—conversar com Melanie nunca era brilhante. O fato era que ela parecia pensar que era tão moralmente superior a ele porque durante o curso de dez anos dela, de relação monogâmica com um homem, ele tinha tido com... Bem, muitas mulheres.

Mas hey, no fim que era o perdedor, huh? Ele, de quem o coração ainda era intocado, desprovido de dor? Ou ela, de quem o coração estava quebrado? Abruptamente, Lou deixou de rir.

"Oh meu Deus", ela disse, todo o rastro de humor saiu do rosto dela. "Eu matei um cara."

Ela olhou para ele, com um pânico nu naqueles olhos marrons grandes. "Jack! eu matei um cara hoje!".

Então ela se lançou para frente, enquanto pousou com o rosto dela entre as coxas dele.

Olhando com alguma surpresa para os cachos cor de cobre dela esparramados pelo colo

dele, Jack levantou-a e a balançou pelo ombro. "Lou?".

Quando ela não respondeu, ele balançou com mais força. "Olá? Lou? Você está bem?".

Quando ela não respondeu, ele balançou com mais força. "Olá? Lou? Você está bem?".

Um gemido amortecido surgiu da garganta dela. Soou como se ela tivesse dito, "Barry Kimmel pode beijar minha bunda." Ele a sentou direito, só para ter certeza que ela ainda respirava, e ela disse isto novamente. Yep. Barry Kimmel não era claramente uma das pessoas favoritas de Lou Calabrese. Igual a... Bem, Jack Townsend.

Não sabendo mais o que fazer, Jack a estirou fora na cama. Cheirava mofado, mas ele

figurou no modo como Lou estava não notaria. Ele pôs um das mantas roídas pelas traças em cima dela e refletiu que, se eles tivessem o calor do corpo um do outro para se esquentar, eles poderiam estar bem pela manhã.

Contanto que os snowmobilers não voltassem.

Capítulo 11

"Senhora", o comissário de vôo disse. "Eu sinto muito. Mas você terá que repor seu cachorro em seu portador."

Eleanor Townsend o olhou espantada.

"Oh, querido", ela disse, enquanto acariciando as orelhas sedosas de Alessandro. "Mas é um vôo longo. E realmente, ele é um anjo. Ele não aborrecerá ninguém, eu o prometo."

O comissário de vôo franzir as sobrancelhas lindamente. "Eu sinto muito, senhora. Mas nós não podemos ter animais que possam correr solto durante o vôo. É um assunto de segurança, você entende."

"Oh, mas ele não está correndo solto no corredor", Eleanor disse. "Ele sentará aqui em meu colo, quieto. Ele não causará dificuldade. Eu sou seguramente que este agradável cavalheiro não ira se importar. Você se importa, senhor?"

O cavalheiro alto, grisalho sentado ao lado dela, não parecia incomodado, e balançou a cabeça rapidamente.

"Oh, não", ele disse ao comissário de vôo. "Eu não me importo. Eu amo cachorros. Bem, cachorros maiores que este aqui, de fato. Mas este cachorro parece ok. Ele não me está aborrecendo. Ele é bem comportado."

Eleanor poderia o ter beijado. Teria, se ela não tivesse pensado que ele teria certamente batido nela. Ele estava segurando os descansos de braço tão forte como se ele esperasse que o assento fosse se lançar a qualquer momento.

"Isso", ela disse, dando o comissário de vôo o sorriso deslumbrante dela, Jack sempre tinha a chamado sorriso sofredor. "Você vê? Meu cachorro não está aborrecendo este cavalheiro e ele esta provavelmente perturbado. E não é como se houvesse qualquer outra pessoa na ser aborrecida."

Ela olhou significativamente para a primeira classe que estava ela, o cavalheiro grisalho e Alessandro. "Ele não pode somente se sentar e ficar olhando para a janela por tempo?"

O comissário de vôo, não estava encantado pelo Yorkie como por sua dona, disse,

"Bem... Eu realmente não devo. Mas... Eu acho. Só uma vez."

"Oh, obrigado", a Eleanor falou. "Você não sabe como isso é um conforto para mim." O

comissário de vôo entrou na cabine a frente para cuidar das comidas dos passageiros e Eleanor disse, ao cavalheiro ao lado dela, "eu não posso lhe agradecer o suficiente por ter entendido tão bem, senhor."

O cavalheiro grisalho lhe deu um sorriso superficial. Claramente, a mente dele estava em outras coisas, "Nenhum problema, senhora", ele disse. "Feliz de ajudar." Então ele retrocedeu o rosto dele para a frente do avião, como se ele, e não o piloto, estivesse voando isto. Eleanor, reconhecendo imediatamente que ele era um homem que estava acostumado a estar no controle e a repugnância de voar de avião, principalmente num

vôo de dez horas, ofereceu o cachorro dela para ele.

"Você gostaria de segurar Alessandro por um tempo?" ela perguntou. Ao ver o olhar dele de confusão, ela acrescentou, "eu acho que acariciando animais pode acalmar um pouco.

É provado cientificamente que abaixa a pressão sanguínea. E se você não prestar atenção a minha declaração assim, você parece nervoso."

Quando ele hesitou, a Eleanor mostrou, "Ele é um cachorro. E ele nunca é mordeu

qualquer pessoa na vida dele." Olhando como se ele tivesse adorado recusar, o cavalheiro grisalho ofereceu as mãos dele. A Eleanor colocou Alessandro nelas, e ele mostrando prazer, começou a se enrolar imediatamente no amável homem, de face bastante bonita.

"Lá", ela disse felizmente. "Ele gosta de você! Eu sabia que ele iria. Alessandro é realmente bastante particular, você sabe. É realmente uma honra ele o aceitar tão depressa."

O cavalheiro grisalho sorriu timidamente. "Bem", ele disse, entre colos da língua rosa de Alessandro. "Muito agradável. Eu não sabia que era permitido as pessoas entrar na primeira classe com os cachorros no colo enquanto eles voarem. Eles não fazem nos econômicos, você sabe."

Encantada em ter uma conversar para evitar de pensar no filho dela, Eleanor disse,

interessadamente, "Oh, você regularmente no econômico, não é?" "Sim", o cavalheiro grisalho disse. Alessandro, satisfeito que ele tinha lambido bastante a face do novo amigo dele, estabelecido no tórax dele e arquejou rapidamente. "Os únicos assentos disponível neste vôo estava em primeira classe. E eu preciso chegar o mais cedo possível a Anchorage."

"Eu também", Eleanor disse admiravelmente. "Meu filho estava lá em um acedente de helicóptero." O cavalheiro grisalho piscou a ela. Alessandro, enquanto sentindo a tensão súbita do homem, deixou de ficar deitado e lamentou um pouco.

"Minha filha", ele disse. A Eleanor agarrou o pulso do homem. "Meu Deus! Sua filha é a roteirista?"

"Sim", o cavalheiro grisalho disse. Então como se lembrasse de algo de repente, ele empurrou a mão direita dele a ela, Alessandro se surpreendeu. "Frank Calabrese. Minha filha Lou que está perdida."

"Eleanor Townsend", Eleanor disse, enquanto deslizava os dedos dela nos seus. "Meu filho Jack está perdido também. Eles dizem... eles dizem que ele podera estar morto. Que há um temporal na área onde o helicóptero caiu, e eles não podem um salvamento para lá antes de manhã."

Os dedos de Frank Calabrese estavam muito mornos e resseguros. Não era nenhuma

surpresa Alessandro ter gostado dele.

"Eles me falaram a mesma coisa", ele disse. "Eles estão preocupados que os sobreviventes - se houver qualquer sobrevivente - gelará à noite até a morte."

"Sim", a Eleanor disse. "Isso é o que eles disseram a mim, também."

Nenhum deles disse mais nada durante algum tempos. Não havia nada que dizer,

realmente. Ambos recusaram o champagne que o comissário lhes ofereceu depois alguns

minutos. E quando o filme veio, não aceitaram a oferta dos fones. Ao invés disso, eles ficaram sentados exatamente como estavam, enquanto seguravam as mãos um do outro, e olhavam pela janela a escuridão do céu noturno.

"Não", Tim Lord disse ao celular dele. Era mais simples para usar isto que entender as complexidades do serviço telefônico providas pelo hotel. "Eu estou lhe falando, Andre, nós temos bastante metragem de Jack que nós podemos sobrepor digitalmente em cima de qualquer coisa que eu não tenho. Não haverá necessidade, porque eu tenho tudo que

nós poderíamos precisar possivelmente."

"Papai", disse uma voz pequena ao lado do diretor. "Escute, André", Tim disse ao telefone. "Eu estou lhe falando, eu tenho isto. Há pouco aquela última cena, da explosão da mina. E uma vez nós adquirimos liberte daquelas ambientalistas, nós podemos -"

"Papai." Um menino moreno puxou no casaco de Tim. "Papai, o que está errado com Vicky?" Tim colocou o telefone longe do rosto. "Vicky está descansando, Elijah", ele disse. "A deixe só. Vá falar com a Babá, se você quer alguém para ler a você. De qualquer maneira, Andre". Ele falou novamente no telefone. "Eu não minha ida antecipo em um dia. Quando nós conseguirmos a cenas, nós teremos terminado. Nós podemos fazer as malas e -"

"Eu não quero que a Babá leia para mim", Elijah gritou, enquanto dando outro puxão no casaco do pai. "Eu quero Vicky! Eu bati e bati na porta do quarto dela e ela não abriria".

"Espere um minuto, Andre", Tim disse. Ele abaixou o telefone de celular, então se inclinou até o filho, "Elijah, escute. Eu lhe falei antes. Vicky não está se sentindo bem.

Ela está na cama. Ela está doente."

O que ela tem?" Elijah quis saber. "Gripe?"

"Bem, ela não tem nada", o Tim respondeu. "Ela está um pouco é... ela está triste."

"Por que ela está triste?"

"Porque..." Tim suspirou. Por que ele? Realmente. Por que hoje? O Tim repôs o telefone no rosto e disse, "Olhe, Andre. Eu vou ter que desligar." Então ele fez uma careta. "Olhe, eu sei o distúrbio do

estúdio. Eu já lhes falei que não há nada com que se preocupar, nós temos tudo o que nós precisamos. Eu vou conseguir." Ele apertou o botão, então murmurou, "Nem mesmo para esperarem o corpo esfriar." Então ele olhou para o filho.

"Olhe, Elijah", ele disse, enquanto pegava o menino pelos ombros e sentando sobre o tapete branco do apartamento de hotel. "Você se lembra de Tio Jack, não o lembra?"

"*Eu preciso de uma arma maior?*" Elijah recitou.

"Correto. Tio Eu-preciso-de-uma-arma-maior. Veja, havia um acidente de helicóptero e as pessoas estão preocupada que o Tio Jack possa ter - bem, que o Jack possa ter morrido.

E a outra amiga de Vicky, também. Você se lembra de Tia Lou, certo?"

"Claro", Elijah disse. "De *Hindenburg*. Um triunfo do espírito humano."

"Correto", Tim disse. "Tia Lou está perdida, também."

Elijah piscou. "É por isso que a Vicky não sairá do quarto dela?"

"Sim", Tim disse. "Você vê, Vicky era mesmo apaixonado pelo Tio Jack e Tia Lou.

Assim ela está muito preocupada e triste. E eu o preciso que você seja um bom menino e a deixar só durante algum tempo. E falar como as outras crianças, está bem."

Elijah piscou mais uma vez. "Certo", ele disse.

A celular do pai dele começou a tocar novamente. Parecendo cansado, Tim Lord colocou

o telefone à orelha. "Lord", ele disse. Então, depois de escutar um momento, explodiu ele, "Não! Paul, você não a pode deixar. Nenhuma declaração. Nós não estamos emitindo nenhuma declaração neste momento. Eu quero dizer, meu Deus, o tempestade ainda nem acabou. Fale para Melanie não emitir nenhum comentário e nenhuma entrevista coletiva

até manhã, quando nós temos mais notícias... ."

Elijah piscou mais uma vez. "Certo", ele disse.

A celular do pai dele começou a tocar novamente. Parecendo cansado, Tim Lord colocou

o telefone à orelha. "Lord", ele disse. Então, depois de escutar um momento, explodiu ele, "Não! Paul, você não a pode deixar. Nenhuma declaração. Nós não estamos emitindo nenhuma declaração neste momento. Eu quero dizer, meu Deus, o tempestade ainda nem acabou. Fale para Melanie não emitir nenhum comentário e nenhuma entrevista coletiva

até manhã, quando nós temos mais notícias... ."

Elijah foi para longe do pai, atrás para da mesa de jantar do quarto onde os lápis de desenhos dele e papel estavam. Escalou uma das cadeiras altas, cobertas de ceda, pegou uma folha limpa de papel, então cuidadosamente selecionou os lápis dele. Vermelho para o cabelo de Tia Lou. Marrom para os olhos dela. Preto para o cabelo de Tio Jack... mas havia alguns ficando cinzento, então, Elijah pontilhou isto cuidadosamente. Então ele achou o azul para os olhos de Tio Jack.

Satisfeito com a criação, Elijah deslizou da cadeira e, levando o desenho, pelo chão de apartamento de hotel de pés descalso, ainda que lá fora, a neve descia em uma cortina branca fixa, e no quarto o pai dele latiu no telefone dele.

"Não!" Tim Lord gritou. "Não, Paul. Tudo que nós precisamos é um 'em memória', antes dos créditos. Como eles fizessem com Vic Morrow em Twilight - bem, por que não? Eu acho que seria saboroso. Por que não seria saboroso?"

Elijah andou até à porta do quarto que a madrasta dele compartilhou com o pai dele. Ele tentou girar a maçaneta. Ainda fechado. Porém, isto não o aborreceu. Ele se abaixou e empurrou o desenho dele por baixo da porta.

"É para você, Vicky", ele falou da porta. "Agora Tio Jack e Tia Lou sempre poderão estar com você." Então, satisfeito a um trabalho bem feito, Elijah foi unir os irmãos dele e irmãs no próximo quarto onde eles estavam assistindo um vídeo de Disney e estavam borrifando um ao outro com garrafas de xampu de hotel.

Suspeito.

Isso é o que Xerife Walt O'Malley pensou sobre a cena de estrondo. Ele tinha estado no local de muitos acidentes de aeronave - aviões principalmente menores, privados, como eles não

adquiriram mais jatos comerciais nesse distante norte. Mas ele nunca tinha visto como este aqui, alguma coisa suspeita.

Ele não pôde dizer o que era, exatamente, o porque esta destruição ter tocado o alarme de sinos tocando interno dele. Era um monte de destroços, era verdade, na neve. Não estava mais pegando fogo.

O temporal de ontem à noite tinha apagado o fogo que e tinha enegrecido a armação de

metal, enquanto desintegrando qualquer coisa que não era feito de aço.

Talvez isso fazia parte do que o deixava tão suspeito. Porque aparte do dano de fogo, não estavam os 44 que mal batida para cima. Oh, a coisa nunca voaria novamente, isso sem dúvida. Mas tinha pousado em mais ou menos um pedaço. Seguramente, o nariz era

achatado. Ele não duvidou que o piloto tivesse morrido no estrondo.

Mas os passageiros? Havia nenhuma razão que Walt poderia ver que eles não deveriam

ter sobrevivido o acidente.

Assim onde inferno eles eram?

Eles acharam os restos de só uma pessoa. Tão queimada que estava irreconhecida, o

levariam até Anchorage para determinar se o cadáver era masculino ou feminino. Porém, em geral Walt suspeitou que era o piloto. A jaqueta xadrez que o companheiro tinha estado usando era protegida das chamas, a mesma jaqueta usada por pilotos de arbusto ao longo da região. Walt não pôde ver uma grande estrela como Jack Townsend usando uma jaqueta assim. Townsend provavelmente estaria usando como- é-chamado, aquele tecido

que a filha mais velha de Walt, Tina, sempre queria. Prada. Sim. Isso é que estrelas de filme usavam.

Coisa engraçada sobre o piloto, entretanto. Sam Kowalski, a companhia tinha dito que

esse era o nome dele. O corpo de Sam velho tinha sido achado no assento do piloto onde deveria estar se ele tivesse morrido no

acidente. Não, Kowalski estava no assento traseiro.

Agora, o que estaria fazendo o piloto no maldito assento traseiro?

"Walt." Lippincott chamou, enquanto parecendo corado.

Entretanto, Lippincott sempre pareceu corado. Foi no primeiro inverno dele no ártico e ele não tinha entendido contudo que era - até mesmo, varonil - usar hidratante. Inferno, Walt tinha uma coleção completa de minúsculas garrafas no banheiro dele. As meninas tinham tido uma explosão no centro comercial, amostras coletivas para o pai delas, ver de qual marca ele mais gostou. Ele preferiu Óleo de Olay.

Não entupia os poros, era o que Lynn dizia. Lippincott poderia ter usado um pouco de

Olay. Ou talvez Burt's Bees que as meninas colocavam nelas. A face do sujeito era uma bagunça de rachado e queimadura causada pelo vento.

"Algo suspeito, aqui, Chefe", Lippincott disse.

"Eu estava pensando a mesma coisa", Walt disse, lentamente. Já havia amanhecido, mas o único modo que alguém pode ter contado foi pela iluminação fraca da metade oriental do céu. A neve tinha parado finalmente, a tempestade tinha passado. Tinha

derrubado umas boas doze polegadas em um período de aproximadamente dezesseis

horas. Não era uma tempestade nada ruim, por medidas Alasquianas. Mas Walt não teria

gostado de ficar ao ar livre, como aparecia ser o modo que as vítimas tinham ficado.

"Só um corpo", Lippincott disse. "Nenhum sinal dos outros dois. Você acha que eles teriam caminhado por aí? Você sabe, 'caso eles tenham sobrevivido ao acidente ou qualquer coisa assim?'"

"Não os dois", Walt disse. Ele olhou para o céu densamente nublado. "Mais provável, que quando a neve ficou ruim, eles decidiram procurar abrigo."

O olhar de Lippincott varreu o lado da montanha coberto de neve. "Geez", ele respirou.

"Você quer dizer eles estão lá fora em algum lugar? E não queria dizer mas – eu acho, eles não teriam gelado até a morte?"

"Provavelmente sim", Walt disse pensativamente. Lippincott olhou para as ruínas carbonizadas do helicóptero. "Você acha que eles teriam ficado por perto," ele disse. "Eu quero dizer, o helicóptero devia estar emitindo bastante calor. Se eles tivessem ficado por aqui, eles não pensaram que logos seriam encontrados. Por que eles não ficaram por aqui?"

"Isso", Walt disse, o olhar dele esquadrinhando as copas das árvores cobertas de neve ao redor do local de estrondo, "é o que eu gostaria de saber."

Capítulo 12

Lou abriu um olho e imediatamente fechou-o novamente, depois de sentir uma dor

apunhalando a cabeça dela, indicou que mais sono era necessário.

A não ser que ela não pudesse dormir mais. Ela não podia dormir mais porque algo

estava errado. Só o que era, ela não podia mexer o dedo dela exatamente—não sem abrir um olho novamente, o que ela estava relutante em fazer, por causa da dor que tinha se apossado dela na primeira vez.

Ainda. Algo não estava certo. Na realidade, algo estava mesmo, muito errado. Ela não

pensou, por alguma razão, que ela estava de volta na própria cama dela no seu bangalô em Sherman Oaks. Em primeiro lugar, o quarto dela estava pintado com azul calmante e natalino. Ela não tinha visto nenhuma dessas cores quando ela tinha aberto o olho. Ao invés disso, ela tinha dado um olhar rápido e desconcertante na madeira de decorar a parede. Madeira sem decoração! Onde ela estava, de qualquer maneira? No porão dos pais dela?

E outra coisa. Ela tinha bastante certeza que não estava só. E ninguém de voltou a morar com ela na casa dela em Sherman Oaks desde que o Barry tinha se mudado.

Assim de quem era o braço que estava debaixo da cabeça dela?

Oh, sim. Definitivamente havia um braço em baixo da cabeça dela.

Que não foi muito racional, porque Lou não era uma pessoa promíscua.

Considerando que Barry tinha se mudado, as noites de sábado dela tinham sido gastas, ou talvez num jantar ou filme com Vicky, quando ela pudesse ficar longe dos enteados dela.

Lou nunca deu um amasso, ou até mesmo se permitiu fica. Ela e, simplesmente, não era

aquele tipo de menina. Para ela, era amor ou nada.

Assim o que estava fazendo ela em cama com um homem que definitivamente não era

Barry? Porque o Barry nunca tinha sido um spooner. Na realidade, ele sempre ficava

vagamente aborrecido quando Lou ficava um pouco em cima dele na cama... Excluindo

durante o sexo, naturalmente.

E então ela percebeu que não havia só um braço em baixo da cabeça dela. Havia outro

braço do lado dela, como bem. Não só por ela, ou.

Não, este braço estava enrolado ao redor dela, como se ela fosse alguma manta de

segurança. A não ser que a mão ao redor do braço dela fosse mais um dos peitos dela.

Oh, não, não havia nada errado nisto. Esses dedos estavam segurando lá, enquanto

segurava como se dependesse disso para viver.

E então a lembrança veio, inundando-a novamente, e Lou percebeu onde ela estava o que ela estava fazendo lá, e a quem pertencia aquela.

Ela se sentou com um grito.

Jack que estava enrolado contra ela na cama de exército estreita se sentou, também, e deu uma olhada selvagem nela.

"O que?" ele exigiu grunhindo. "O que é?"

Lou saltou da cama, enquanto arrastava as mantas com ela, mantendo apertado contra o tórax dela.

"Você!" ela chorou, enquanto apontava para ele com um dedo trêmulo enquanto segurava as mantas com a outra mão. "Eu não o posso acreditar!"

Ainda não completamente desperto, Jack correu uma mão pelo cabelo escuro grosso dele.

"O que eu fiz?" ele quis saber. "Eu não fiz nada."

"Sim, você fez", Lou disse, as bochechas dela começando a arder. "Você... Você...".

Mas quando ela estava lutando para achar as palavras certas, ela percebeu que, em baixo das mantas, estava vestida ainda completamente. Nenhum ponto fora de lugar, na verdade. Até mesmo as botas dela.

Assim ela trocou depressa, e disse, com muito menos rancor, mas ainda com um pouco de indignação, "Você me embebedou!".

Jack considerou o groggue dela. Mas infelizmente não groggue o bastante. Ele estava

acordado bastante para observar, com diversão indisfarçada, "Ei. Você está ruborizando."

"Eu não estou não," Lou gritou, entretanto ela sabia que o calor nas bochechas dela estavam queimando e a desmentido. "Eu só estou... Está quente aqui."

"Não está," Jack disse. "Está dez graus em aqui. Você está ruborizando."

Lou jogou as mantas no chão e começou a fechar o zíper do casaco dela. Os cabelos dela caíram em cima do rosto dela, enquanto cobriam misericordiosamente as bochechas em fogo dela.

"Eu não estou," ela disse, enquanto lutava com o zíper dela.

"Oh, sim, você está", o Jack disse da cama onde estava, sorrindo maliciosamente. "Você sabe, eu acho que você deve ser a última mulher em Hollywood que ainda se ruboriza quando estiver envergonhada. E que não pode controlar licor quente."

"Para sua informação—" Lou empurrou a cabeça para trás para conseguir olhar melhor para ele e imediatamente lamentou a ação quando dor inundou a cabeça dela. Ela não pôde ajudar deixando sair um gemido.

Jack ainda estava sorrindo para ela da cama, o corpo longo, magro dele perfeitamente relaxado. De alguma maneira, embora ele, como ela, ainda estivesse completamente

vestido, ele conseguiu emitir a impressão de estar nu. Lou não sabia como ele fez isto, mas lá estava.

E ele parecia supremamente indiferente ao que ela pensava dele, nu ou vestido.

"Você sabe, eu pensei que as garotas como você tinha ido o modo de Pedras Populares", ele disse.

Lou, furioso com ela, curvou-se para baixo e apanhou a bolsa dela que começou a vasculhar imediatamente.

"Sim?" ela disse, nas profundidades da bolsa dela. "Bem, eu tenho notícias para você.

Nós ainda existimos, e os sujeitos como você nos deixam furiosas como inferno.". Os dedos dela agarraram no objeto para que ela olhava, e ela deu um suspiro de alívio.

Jack, em cima de na cama, parecia interessado, e não ofendido. "Sujeitos como eu?

Realmente? O que nós fazemos?".

Lou abriu a tampa para a garrafa de aspirina e tirou três pílulas. "Como se você não soubesse", ela disse com raiva, então deu uma olhada ao redor do quarto para ver se havia algo que ela pudesse tomar com as pílulas. Tudo que ela achou foi a garrafa de Cutty, agora só um terço cheia. A mera visão disto fez a dor ao redor o crânio dela apertar.

"Você não deveria tomar isso com o estômago vazio," Jack observou da cama.

Ele tinha entrelaçado as mãos dele em baixo da cabeça dele e estava assistindo com tanta fascinação quanto se ela fosse uma exibição no jardim zoológico: A única fêmea no planeta que resistiu aos braços de Jack Townsend e não estava contente com isto.

"Coma algumas dessas bolachas, ou algo assim.".

"Obrigado, Ma", Lou disse e colocou as pílulas em sua boca, engoliu, e vomitou um pouco com o gosto amargo.

"Ei, como alguém que viu, apenas estou lhe dando um conselho". o Jack parecia estar numa piscina, ele a olhou tão relaxado. O cérebro dele não estava rachando em dois, claramente. "Ou você poderia tentar um ouco de pêlo de cachorro.".

Lou estremeceu. "Nenhum modo."

"Veja você". Agora Jack estava de pé, enquanto balançava para fora da cama tão facilmente quanto se ele tivesse fechando uma limusine, ou deslizando fora para trás de uma mesa de Spago. Ele era tão alto que o topo da cabeça dele quase escovou o teto da estação de guarda-florestal. Lou desejou saber por que ela não tinha notado este fato ontem. Também por que ela nunca tinha notado como o Jack enchia um quarto.

Realmente. Era misterioso. Ele parecia consumir o espaço, como se ele possuísse isto e tudo ao redor dele.

"Bem, a neve parou, de qualquer maneira", ele disse, quando olhou pelas janelas sujas.

"O que você me diz de tentarmos voltar ao helicóptero? Eles terão conseguido pessoas para nos procurar agora."

Lou que não imaginou tendo uma dor de estômago com a dor de cabeça dela e começava

a considerar em morder algumas das bolachas que sobraram, como ele havia sugerido.

Estava pasma o quanto um saltine podia melhorar, e quanto melhor eles estavam fariam a ela. Por que, pensou ela, com algum assombro, os dois tinham sobrevivido uma noite na selva do Alaska. Ninguém teria acreditado isto, mas era verdade. Eles poderiam fazer disto de um fato vivo.

"Certo", Lou disse. Ela apanhou a bolsa do computador dela, junto com a bolsa dela. Se fossem o saltines ou a aspirina, ela estava se sentindo bem depois de todos os minutos.

Não havia nenhuma razão para mencionar a Jack que ele tinha dormido com uma mão

sobre um dos peitos dela. Não havia razão para qualquer outra pessoa no mundo, além

dela, saber disso. As coisas estão bem. Coisas ficariam bem.

Pelo menos, foi isso que ela pensou até que ambos ouviram o ganido de uma máquina de snowmobile.

Jack que quase havia erguido o alçapão e a escada de mão que conduzia ao chão

observou nitidamente, enquanto reconhecia o olhar dela.

"Você ouviu isso?" ele perguntou suavemente.

Lou acernou com a cabeça. A tempestade lá fora havia parado, estava muito quieto além das quatro paredes do abrigo deles. O som da máquina de snowmobile parecia alto como trovão.

"Talvez", Lou se aventurou, "sejam as pessoas que vieram nos procurar."

"Eu estou seguro são", Jack respondeu. "Mas eles são os sujeitos bons, ou mais camaradas do velho Sam?"

Lou engoliu, não tanto por causa do que o Jack tinha dito, mas porque o som da máquina de snowmobile que tinha aumentado cada vez mais, de repente cessou completamente.

Então Lou ouviu um som mais terrificando que qualquer coisa que ela alguma vez tinha

ouvido na vida dela: o rapapé de uma bota nos degraus da escada que conduzia ao abrigo deles.

Jack enrolou os dedos dele ao redor da maçaneta para o alçapão, então sussurrou a ela,

"A arma".

Lou acernou com a cabeça, e, o coração na garganta, tirou o .38 do bolso dela. Um único olhar na câmara, porém, a fez assobiar, há só uma bala!"

Jack, sério sinalizou para ela ir para trás dele. "Eu o pegarei," ele sussurrou. "Se é só um deles."

Lou não gostou de como isto soou. Ela não se moveu de onde estava de pé, diretamente em frente ao alçapão.

"Ele tem uma arma", ela disse, com a voz pequena.

"Eu não me preocupo se ele tem um lança-chamas", Jack assobiou. "Saia daí de qualquer modo—".

Mas quem estava debaixo do alçapão já estava empurrando isto silenciosamente, como se ele não quisesse perturbar quem estivesse dentro. Lou duvidou que tal precaução fosse por causa do medo de aranhas.

Ela segurou o revólver do modo que o pai dela tinha ensinado, com ambas as mãos, com

o pulso esquerdo e o direito, e apontou para o centro do alçapão, enquanto ignorava Jack que parecia furioso o bastante para cuspir unhas.

Provavelmente era um Mountie, afinal de contas. Ou quem sabe não era alguém que

vinha salvar pessoas encalhadas nesta parte do mundo. Mas se não fosse... Se não fosse...

Quando o alçapão tinha aberto o bastante para Lou ver quem estava empurrando isto, ela viu imediatamente que não era nenhum Mountie. Era um homem com uma máscara de esqui preta e um parka de esqui de camuflagem, aparados ao redor do colarinho que parecia feito pele de coioete. Ele quase poderia ter se passado por um sócio da Guarda Nacional se não tivesse o .44 magnum, tirado e engatilhado, na mão direita dele.

Os olhos Lou poderiam ver os buracos de queimado na lã preta que eram azuis. O olhar

dele varreu o interior da estação de guarda-florestal, enquanto parou nas botas dela, então viajando para acima, até que eles se alargaram à vista do .38.

Em vez de gritar, "Polícia, ponha a arma no chão", ou até mesmo, "eu estou aqui para ajudá-los", o homem na máscara de esqui levantou o próprio revólver dele, enquanto tentava sustentar o alçapão e preparar para atirar ao mesmo tempo...

Ele nunca teve a chance. Jack, talvez enquanto via a expressão de Lou, percebeu que o visitante matutino deles era o inimigo, não o amigo, deu um empurrão no alçapão vicioso, enquanto o crânio do Máscara de Esqui com o painel de madeira pesado e lhe enviava num mergulho para baixo.

Impressionada, Lou abaixou o .38.

"Bom", ela disse a Jack.

"Você sabe", ele respondeu, "eu acho que essa é a primeira coisa agradável que você alguma vez me disse.". Então ele abriu o alçapão, investigando em baixo, e começou a escalar.

Lou desceu depois dele, um pouco pasma com mudança na paisagem toda depois da

tempestade. Tinha nevado antes, mas agora havia três pés de cobertura branca em tudo, considerando que antes só havia dois. Quando os pés dela finalmente tocaram o chão, ela afundou quase meia-coxa na neve.

Máscara de Esqui estava há alguns pés de distância, um das pernas dele inclinada num ângulo ominoso.

"Maldito", Jack disse, enquanto olhava para baixo dele.

Lou pôde ver a respiração que vinha das narinas do homem inconsciente que geavam para cima no ar frígido.

"O que está errado?" ela perguntou. "Você não o matou. Ele só está desmaiado."

"Como uma luz", disse Jack, severamente. "Esse é o problema. Havia umas coisas que eu queria lhe perguntar."

"Eu duvido que ele falasse", Lou disse. "A menos que você aplicasse... Pressão. E

desculpe, Jack, mas você não me parece ter algum tipo de pressão."

"Você seria pega de surpresa", Jack disse, enigmaticamente. Então ele se apoiou até pegar o .44 da mão do homem inconsciente. "Aqui", ele disse, enquanto passava isto a Lou. "Acrescente isto a seu arsenal."

Lou pegou a pistola, conferiu a segurança, então derrubou isto no bolso dela, junto com o

.38. Ela assistiu quando Jack alcançou puxou a máscara de esqui do rosto do de quem pretendia ser o assassino deles.

"O reconhece?" ele perguntou a ela, a respiração dele gelando imediatamente quando saiu.

Lou olhou para o inofensivo homem branco de meia-idade. Ambas as bochechas dele

estavam rosas com o frio. "Não", ela disse. "Eu devia?"

"Eu não sei", Jack disse, encolhendo os ombros. "Eu não o reconheço." Ajoelhando-se na neve ao lado do homem inconsciente,

ele olhou para ela e simplesmente perguntou, "Por que um grupo de pessoas ia me querer morto?".

Lou observou nitidamente. "Eu não sei", ela disse. "Mas nós não melhoramos o nosso tempo desperdiçando-os sentado e pensando nisto. Você ouviu isso?".

Jack inclinou a cabeça. Como ela, ele ouvia mal. O vento, suave comparado ao vento do dia anterior, mas ainda frio, arrastou ao cabelo escuro dele.

"Snowmobiles", ele disse severamente. "Vindo para cá."

"Eles poderiam estar do nosso lado", Lou disse, mas sem muito otimismo.

"Até que eu veja um distintivo prateado brilhante, eu não confio em ninguém." Jack embrulhou uma mão ao redor do braço de Lou. "Venha. Pelo menos neste tempo nós damos um passeio."

Ela se deixou conduzir para cima do snowmobile abandonado do Máscara de Esqui.

"Você já operou uma destas coisas antes?" ela perguntou, imediatamente.

"Seguramente", Jack disse, enquanto passava uma perna por cima do assento. "Nós usamos no inverno em Álamo quando eu era uma criança."

"Oh", Lou disse cinicamente. "Você usou no inverno em Álamo. Naturalmente. Como sou estúpida. E onde foi no verão? Ao vinhedo?".

Ele ligou a máquina, enquanto olhava para ela por cima de um ombro largo. "A capa", ele disse. "Você vem, ou quer ficar aqui e fazer comentários maliciosos sobre minha educação privilegiada?".

Ela olhou o assento preto largo. Havia espaço bastante para dois, mas seria um ajuste curto. Gratamente, havia guidões ao longo da parte de trás do assento, pelo menos ela teria algo além de Jack Townsend para se segurar. Jack Townsend que há meia hora atrás tinha embrulhado os braços ao redor do dela do modo mais firme que ela alguma vez tinha sido segurada por qualquer um na vida.

Atrás dela, estava o som da chegada dos snowmobiles mais alto que nunca. Eles estavam mais próximos, quem quer que fossem.

"Lou", Jack disse impacientemente. "Venha."

Bem, que escolha ela tinha? Seguir na parte de trás de um snowmobile com Jack

Townsend, ou correr risco que pegar uma bala na cabeça.

Ela provavelmente era, ela meditou, a única mulher na América que hesitava sobre uma decisão assim.

Mas ela não hesitou durante muito tempo. Isso porque uma bala foi passou por ela,

enquanto pendeu algumas polegadas sobre o ombro dela antes de mergulhar na neve

algumas jardas mais a frente.

Como se fosse impelida por um dispositivo de lançamento de foguetes, Lou saltou sobre o assento atrás de Jack, enquanto esquecia os guidões na parte de trás do snowmobile. Ao invés, ela entrelaçou os braços ao redor da coisa que estava disponível mais perto—Jack —e gritou, "Vá! Vá!" com todo os pulmões dela.

Jack não parecia precisou de mais um grito. Um segundo depois, eles estavam descendo o lado da montanha, o vento que rasgando os cabelos deles e as bochechas, e as balas voando em cima das cabeças deles.

Capítulo 13

Graças à aversão de Lou Calabrese por ele, Jack tinha-se encontrado em todos os tipos de situações retratando pelo infeliz Detetive Pete Logan. Houve um tempo em *Copkiller II* quando ele tinha sido conseguido lutar com um gigantesco python (espécie de jibóia) na lama em Belize. Tinha sido um python verdadeiro, também. Um amistoso. Os seus treinadores chamaram no de Skippy.

Entretanto, amistoso ou não, depois várias tomadas com Skippy, Jack tinha desenvolvido uma aversão profunda por cobras. Ele não pode até mesmo vê-las pela televisão sem se dirigir apressadamente para o controle remoto.

Então o teve aquele vez em *Copkiller III* quando ele foi obrigado a mergulhar na água

oceânica fria, e tinham que lanças arpões de pescar baleias nele. Eles não tinham

lançados arpões verdadeiros, naturalmente. E os arpões não foi o que o incomodou,

realmente. Foi a temperatura da água, ligada com o seu fato de ficar nu - Peter tinha conseguido, como de hábito, perder suas calças — que Jack tinha ficado assustado.

Lou tinha argumentado que a cena era necessária à epifania do seu caráter no terceiro ato.

O diretor acreditou nela, naturalmente. Jack tinha pulado corajosamente na água tomada após tomada. O filme arrecadou cem mil em sua primeira semana de lançamento.

Então veio *Copkiller IV. Copkiller IV*, onde Logan teve de jogar — totalmente nu— em um monte de neve. Novamente, Lou insistiu, neve temática não fazia sentido.

E Tim Lord acreditou nela.

Mas nem mesmo a roteirista de cinema Premiada pela Academia Lou Calabrese, Jack

estava convencido, pode ter bolado algo como a situação na qual ele atualmente se

encontrava, descendo a encosta da montanha em um Ski-Doo sem idéia onde ele ia, e

balas que voam na sua cabeça.

Ele, contudo, tinha uma coisa a estar realmente agradecido: Pelo menos esta vez ele

estava com suas roupas.

O seu instinto, naturalmente, o tinha mandado subir. Para cima era a direção na qual a destruição do R-44 aconteceu. Eles tinham começado a descer na primeira vez que foram perseguidos.

Era um pouco mais de oito horas pelo seu relógio quando Lou o acordou tão rudemente,

embora você não poderia saber disso pela posição do sol no céu, desde que lá só havia uma espécie de neblina acinzentada.

Seguramente por agora as equipes de socorro e de busca teriam localizado o local do

acidente, e estariam divididos em grupos, procurando por qualquer insinuação de onde

Jack e Lou tinham desaparecido.

Mas evidentemente os camaradas de máscara de esqui tinham pensado nisso, desde que eles voltarão, usando algum tipo de arma muito

convicente, tinham estimulado Jack a descer, em direção a sabe sei lá o que, em vez de subir, em direção a segurança e potencial resgate.

Se ele saísse vivo, foi todo Jack conseguiu pensar – a medida que ele tinha que se

esquivar das árvores e de ocasional pedras, lágrimas que caiam do seu rosto graças ao frio, suas orelhas tão entorpecidas com o frio que ele pensou que elas poderiam cair — ele nunca mais faria outro filme novamente. Era isso. Estava acabado. Ele iria se retirar.

A carreira cinematográfica de Jack Townsend chegou ao fim.

Tinha sido uma boa carreira, apesar de tudo, ele pensou. Ele tinha gostado do seu papel como doutor Rourke em "STAT". E a série *Copkiller* tinha dado a ele tanto solvência fiscal como a oportunidade ampla de exercer as suas habilidades como um ator. Lou poderia ter escrito a cena na qual o seu personagem tinha sido esticado em cima de uma viga de bambu uma tentativa um pouco perversa de humilhá-lo por toda a coisa do {i}Eu preciso de uma arma maior, mas a cena tinha permitido a Jack mostrar que ele era capaz de uma larga variedade da emoção humana, que tinha elevado aos seus papéis de em filmes menos bem conhecidos mas mais criticamente aclamados.

E em *Hamlet* tinha seguido inteiramente *Copkiller* em bilheteria. Jack tinha economizado o bastante para começar a sua própria empresa de produção e ele decidiu não deixar inteiramente o negócio. Ele podia parecer com um Americano Kenneth Branagh, fazendo

os filmes de Shakespeare menos conhecidos. Talvez até Ibsen ou Shaw. Eles seriam

mostrados só em casas de arte em áreas urbanas, mas foi perfeito com ele. Isso lhe daria mais tempo para passar na fazenda....

Sim, ele tinha tido uma carreira perfeita. Ele tinha realizado certamente mais do que o seu pai, exasperado pela incapacidade de

seu único filho em se apoiar em qualquer coisa, tinha esperado alguma vez.

Embora Jack altamente duvidasse que o seu pai ficasse muito impressionado se ele

pudesse vê-lo agora, fugindo de assassinos mortais em um Ski-Doo... uma cena que não

foi a de forma alguma escrita por Lou Calabrese, mas era de fato uma realidade.

Ziguezagueando pelas árvores em uma velocidade que ninguém deve viajar por cima de

tal terreno, ocorreu a Jack que eles poderiam facilmente serem mortos movendo-se como eles estavam do que algumas das balas chegar a sua direção. De qualquer maneira, ele teria preferido morrer desse jeito — caindo — do que resultado de um disparo. Ele não sabia quem quem eles eram, ou por que eles estavam atirando nele, mas ele não ia dar a eles a satisfação da obtenção o que eles queriam. Não se ele pudesse evitar.

Ele esperou que Lou sentisse o mesmo. Ela estava com os seus braços enrolados tão

apertado em volta da sua cintura que ele pode respirar fracamente.

Ela, contudo, não se agachava lá atrás como qualquer outra mulher do seu conhecimento teria feito. Em vez disso, ela gritava instruções na sua orelha para onde deveriam se dirigir.

Sorte o motor Ski-Doo's ser tão barulhento que ele não podia ouvir uma palavra que ela dizia.

Ele podia vê-la apontar, de qualquer maneira. De vez em quando ela arriscou a deixar ele escolher a direção que ela pareceu achar que ele devia tomar. Como ela tinha possivelmente idéia onde eles deveriam ir, tendo tão pouco conhecimento no Alasca

como ele tinha, ele não podia imaginar. Mas claramente, Lou Calabrese era uma mulher

que não gostava de sentir como se ela não estivesse no controle sempre. A olhar na sua cara quando ela percebeu que ele tinha dormindo na cama com ela a noite tinha sido inestimável. Bem, o

que ela tinha esperado, de qualquer maneira? Que ele fosse dormir no chão?

Além disso, tinha bastante espaço para os dois. Ele não sabia o porque dela ter agido dessa forma sobre—

"Olha lá!"

Ele a ouviu esta vez, alto e claro. Apesar de que o Ski Mask do seu snowmobile não

estivesse na condição excelente, e o motor era tão barulhento como um jato, ele ainda pode ouvir Lou.

O que ele não pode fazer foi ver o que foi que ela estava apontando. Pelo menos até que eles tivessem batido nele - uma rocha, meio-oculta abaixo da neve profunda — e a navegação ir pelo ar.

"Oh o meu Deus," ele ouviu Lou dizer, muito distintamente, provavelmente porque a sua cara ainda estava perto da sua orelha, "se você está querendo nos matar, Townsend, você está quase com —"

O Ski-Doo aterrisou, com um baque e fez ele sentir toda sua espinha. Isso foi Jack pode fazer para manter o controle do veículo, que era como se estivesse escorregando por uma correnteza, levantando oito pés neve no ar.

Entretanto, ele não falhou quando Lou terminou a sua frase: "- conseguindo!"

Ele pode ver apenas agora, já que seus olhos estavam tão lacrimejados pelo frio. Ele sabia que ele deve ter pego os óculos de proteção de neve que ele tinha visto em volta do pescoço do mascarado de esqui. Mas ele não teria conseguido tocar a máscara de esqui, sem falar em alguma da sua engrenagem.

Entretanto, ele pode decifrar as formas das árvores que estavam vindo em direção a eles.

E havia Lou, que estava protegido do vento pelo seu corpo, gritando instruções a plenos pulmões: "Esquerda!" Então, "Direita!" Então, "Townsend, o que você está fazendo?"

Esquerda, esquerda!"

Ele não podia dizer se havia ainda balas vindo de encontro à eles. No todo, ele achava que não. Seria difícil fazer pilotar um Ski-

Doo na velocidade na qual eles viajavam, e atirar ao mesmo tempo.

Eles ainda estavam os perseguindo, de qualquer maneira. Ele pode vê-los pelos contos

dos olhos, faixas amarelas e vermelhas. A visão deles fez com que seu sangue fervesse.

O que ele tinha feito para merecer isto? Ele não tinha mentido para Lou quando ele lhe disse que ele não usava drogas ou jogo de azar. Inferno, fora da tela a vida dele era francamente maçante. Ele fundou a Fundação de Fazer-desejo e Fundo Aéreo. Ele tinha doado bastante dinheiro ao Hospital de Crianças Jude, lá tinha até uma ala com o nome dele. Ele até resgatou cavalos abusados ou abandonados e os deixa viver os seus dias no luxuoso equino na sua fazenda.

Assim, quem diabos o queria morto?

Com a sua visão periférica, ele viu que dois dos snowmobiles atrás deles - eram quatro ao todo - se adiantando. Logo eles estariam a alguns metros do o Ski-Doo. Distância fácil para um tiroteio.

À frente dele tinham uma larga área aberta, estranhamente sem árvores. Ele não viu por que. Não imediatamente, de qualquer maneira. Todo que ele pensou foi, que empurrando snowmobile ao limite, logo puxando-o em uma volta súbita e fazendo ir para as madeiras à sua esquerda, ele poderia fazer os seus perseguidores os perder.

Ele também, contudo, provavelmente perderia Lou, que atualmente gritava roucamente

algo na sua orelha. Ele não tinha nenhuma idéia do que era. Ela foi consciente do fato que, se os pistoleiros atrás deles realmente os alcançasse, ela tomaria uma bala primeiro?

O seu corpo o protegeria, de fato, durante algum tempo, da chuva de balas.

Ele não pensou que ela estava consciente disso. Todo no que ela se concentrava era a sua direção, que, como a maior parte dos motoristas de assento traseiro, ela era abominável.

Ele não podia permitir que ela morresse. Lou Calabrese, durante anos, foi o mais distante de uma de suas pessoas favorita.

Mas a vida sem ela perderia definitivamente certo sabor. Não havia muitas mulheres que categoricamente o desprezavam. Certamente ninguém, exceto Lou, a quem ele foi atraído.

Por que ele precisava salvá-la quando ela mesmo tinha feito as suas próprias escolhas, muito diferente dele, ele não pode imaginar.

Talvez *porque* ela parecia não gostar tanto dele?

Em todo o caso, ele não podia deixá-la morrer, por estar de costas no Ski-Doo por causa de uma manobra evasiva, ou por causa de qualquer bala que poderia ser disparada na sua direção. Era, ele sabia, uma situação sem vitória. Ela ia morrer, ou ambos iriam.

E logo ele viu-o. Uma garganta. Por isso não havia nenhuma árvore à frente dele. Como eles se moviam em direção a seis pés na terra, no fundo a qual foi provavelmente uma correnteza, pitoresca no horário de verão, congelado agora. Não houve nenhuma ponte, não isto seria muito na selva. Era, sem dúvida, o fim do caminho.

Ele pode virar, naturalmente. Vire à direita para o tiroteio. Ou ele pode continuar indo diretamente. Qualquer caminho, ele tinha certeza, seria morte na certa.

Ele acelerou, encabeçando diretamente para a garganta.

"Townsend!" Lou gritou.

Ela tinha visto agora, para onde eles estavam se dirigindo. E ela não gostou muito.

"O que você está fazendo? Você é insano? Vire! Vire!"

Jack manteve seus dedos agarrados ao acelerador, e o seu olhar fixo na garganta.

"Você alguma vez viu *Smokey and the Bandit*?" ele lhe perguntou, por cima do seu ombro.

"Pensei," ela gritou atrás, "que você não gostasse de *filmes*—"

A palavra *filmes* terminou em um chiado tão barulhento, ele imaginou que pode ser ouvido por todo o Ancoradouro. Ele certamente repercutiu pela sua cabeça, o tempo inteiro que eles dirigiam, repentinamente leve, pelo ar, por cima do amontoamento de

neve que tinha se formado ao lado do desfiladeiro, através da brecha. Ele teve um

vislumbre alarmante, quando ele olhou para abaixo, do rápido cascateamento longe,

longe lá em baixo. A corrente devia ser bastante forte para não ter congelado neste

tempo. Ele teve o tempo para pensar que se, eles tivessem caídos verticalmente para

abaixo na água, eles seriam quebrados nas rochas, ou simplesmente ser arrastados por

aquela correnteza e ter se afogado....

"Pule!" Jack gritou, que ainda tinham os braços de Lou, enrolados em volta dele, arremessou seu corpo com toda a sua força à esquerda.

Ela caiu com ele, e dois pousaram na neve ao lado distante do desfiladeiro, enquanto o Ski-Doo, deles cambaleou, e logo caiu cem pés a baixo.

Através da garganta, os seus perseguidores não tiveram tanta sorte assim. Em vez da

aceleração, como Jack teve, eles puxaram os freios – um deles, o vermelho Arctic Cat, não perto o suficiente para parar. Ele mergulhou de cabeça, snowmobile e todos, na brecha.

Jack não não perdeu tempo para ver o que aconteceu aos outros. Ficando de pé com

dificuldade, e puxando Lou junto com ele, ele gritou, "Corra!" Então, segurando apertadamente seu braço, começou a se dirigir às árvores.

"Corra!" Então, segurando apertadamente seu braço, começou a se dirigir às árvores.

Ele esperou sentir a picada de balas nas suas costas há qualquer momento. Enquanto ele corria, o ar ártico parecia que iria furar seus pulmões. Junto dele, Lou mantinha, a cor nas suas faces, e sua respiração que saia em sopros de branco. Jack tentou lembrar-se de ziguezaguear porque um objetivo que não se movia em uma linha direta era mais difícil de acertar, uma coisa que ele todos naqueles anos, quando ele esteve pesquisando para o personagem de Pete Logan, tinha-o informado. Ele puxou Lou junto com ele. Ela veio,

não protestando, o computador portátil em volta dos seus ombros que batiam

pesadamente contra o seu quadril.

Ele não sabia quanto tempo eles tinham corrido antes repararem que ninguém havia

atirado neles. Ele começou a diminuir a corrida, percebendo que eles estavam tão

rodeados de árvores que nenhum snowmobile podia os seguir... mesmo que os seus

caçadores pudessem compreender um modo passar por aquela garganta.

Lou, contudo, com suas pupilas tão dilaceradas que os seus olhos pareceram

completamente pretos, continuou a puxá-lo.

"Vamos," ela disse. "Jack, vamos. Eles estão logo atrás de nós. Vamos, Jack."

"Não." Jack parou e, apoiando-se contra uma árvore e respirando pesadamente, memorou. "Não, eles não estão, Lou. Olhe. Eles ainda estão através da garganta. Eles nos perderam. Por agora."

Lou, com sua cara tão branca como a neve que estava em volta deles, exceto nos lugares vermelhos nas suas faces lisas, olhou. A sua respiração, como a sua própria, saía irregular.

"Oh meu Deus," foi tudo que ela pode dizer. "Oh meu Deus, Jack."

Os seus olhos, ele notou, estavam tão grandes que eles pareceram consumir o resto de seu rosto. A sua respiração não saía como respirações também, ele agora notou. Ela soluçava.

Sem lágrimas, mas ainda soluços. Ele nunca tinha visto ninguém parecer tão

amedrontado.

"Está tudo bem," ele disse, conseguindo enrolar um braço em volta do seu pescoço, e a puxando em direção a ele. "Hey. Está tudo bem."

Durante um minuto, ela parecia ser outra pessoa.

A convencida, insolente Lou Calabrese, havia desaparecido, substituída por esta

estranha com olhos amedrontados e lábios trementes. Lou conseguiu até entrar na sua

jaqueta, enterrando seu rosto no seu peito, repentinamente tão suave e vulnerável como um gatinho. Ele sentiu a sua respiração quente contra o seu pescoço, sentiu os seus peitos, a firmeza e vital, contra o seu peito. Surpreendentemente, uma pontada de desejo passou por ele.

Era incrível. Ele não pode ficar encalhado no ártico, centenas de quilômetros no meio do nada, sem saber se ele ia sobreviver na hora seguinte, sem falar no resto do dia, sem o seu corpo reagir ao toque de uma bonita mulher... até uma mulher como Lou Calabrese, que tentou, há não muito tempo atrás, fazer da sua vida tão desagradável como ela poderia.

Especialmente uma mulher como Lou Calabrese, que poderia ser espinhosa como um cacto quando ela quisesse, mas quem era também, ele descobria agora, capaz de se parecer com um cordeirinho....

Foi justamente quando ele começou a se questionar se deveria fazer um movimento —

ele realmente não estaria tirando proveito da sua fraqueza momentânea, ele pensou,

inclinar o seu queixo e beijar aqueles lábios de uma vez, que estavam vermelhos e os —

que Lou repentinamente ficou rígida, saiu do seu abraço, foi para atrás e o golpeou, muito forte, seu braço.

"Ow!" ele gritou, não tanto da dor que o soco tinha causado — que não foi não considerável — mas porque ele o tinha sido pegado de surpresa. "Qual é o seu problema?"

"Qual é o meu problema?" Lou gritou roucamente. Suas pupilas, ele viu, tinham-se retraído ao seu tamanho normal. Ela não estava mais assustada. Ao contrário. Ela parecia louca como inferno. "Qual é o *meu* problema? Qual é o *seu problema*? Quem diabo você pensou que você era lá atrás, de qualquer maneira, Evel Knievel?"

Jack esfregou o seu braço onde ela tinha socado ele, indignado e mais que um pouco

envergonhado por ter sentido um pouco de atração para ela.

"Eu nos tirei de lá, não foi?" ele exigiu. "Você poderia ficar surpresa de ouvir isto, mas aquelas eram balas de verdade que eles atiravam em nós, não espaços em branco, você sabe."

"Atiravam em nós?" ela repercutiu. "Atiravam em você, você sabe. Não sou eu que—"

"Que, o que?" ele interrompeu, calorosamente.

"Que fez o que você fez para ter alguém bastante louco querendo matá-lo," ela terminou.

Jack fechou os seus olhos, rezando por força.

"Pela última vez," ele disse, tão lentamente e exatamente como ele poderia, "eu não fiz nada para ter alguém bastante louco querendo me matar."

"Oh, é? Então quem está lá?" Lou perguntou. "O Myra, Clube de Arma de Alasca? O que é isto, Pauly Shore chicotada?"

Jack respirou profundamente. "Olha", ele disse. "Eu já lhe disse. Não sei por que esses estão atrás de mim. Todo que posso fazer é sugerir que a gente saia daqui antes de que eles compreendam um modo de atravessar aquela garganta e vir atrás de nós. Isso soa bem para você?"

Ela olhou para ele. "E para onde," ela perguntou acidamente, "você sugere para irmos?"

Caso você não tenha notado, estamos perdidos."

Ele olhou em volta. Eles estavam em uma área arborizada, silenciosa exceto pelo som do vento que se move entre os ramos secos, frágeis em cima. Ele não pode ver nada nas quatro direções além de neve, árvores, e rocha.

Foi bastante fácil escolher uma direção. Ele apontou para baixo e disse, "Aquele caminho."

Lou não pareceu impressionado.

"Esta é a direção que eles querem que nós vamos," ela disse. "Eles provavelmente estão reunidos naquele direção."

"É por isso que devemos continuar indo por aquela direção," ele disse. "Eles estarão esperando que nós subamos, em direção a Myra e local do acidente. Com alguma sorte, é onde eles estão reunidos, nos procurando. Só os superaremos em esperteza.

Iremos para baixo, em direção ao Ancoradouro."

Ela não parecia convencida.

"Não sei, Townsend," ela disse, ceticamente.

Ele lhe deu o seu sorriso mais encantador, aquele que, a primeira vez ele o tinha usado em "STAT", tinha gerado mais e-mails de fãs do que qualquer outro episódio.

"Confie mim," ele disse.

Ela olhou para ele, como se ele estivesse fora de sua mente.

Mas quando ele começou a descer a encosta da montanha, tentando ignorar a neve que se aproximava das pernas da sua calça a cada passo, logo gotejou nas suas botas, ela o seguiu

Não era muito, ele sabia. Mas ele era um começo.

Capítulo 14

Flores cobriam toda superfície do apartamento do hotel. Frank não tinha visto tantas

flores—lírios, rosas brancas, ramalhetes de flores nem mesmo o que ele reconhece—

desde o serviço funerário de Helen, dez anos mais cedo. O concierge—isso era o sujeito que os conheceu na recepção e os trouxe aqui, para o apartamento de Tim Lord, tinha dito que esse era o título dele—disse que tantos arranjos florais estavam fluindo desde que eles tinham sido forçados a começar uma conferência no hotel. O mundo inteiro, ele tinha dito, estava lamentando por Jack Townsend.

E por Sra. Calabrese também naturalmente, ele tinha somado com um relance rápido a

Frank. Frank não tinha notado, entretanto. Lou tinha explicado há muito tempo para ele que na cadeia alimentícia de Hollywood, estrelas de filme como Jack Townsend—e agora, graças a Hindenburg, Barry Kimmel—eram filés mignon, enquanto roteiristas, como Lou, eram considerados batatas. Nem mesmo frituras, ou. Batatas Fritas. Ou às

vezes até mesmo Rice-A-Roni.

As flores no apartamento do hotel pareciam fúnebre para eles. Ou talvez só porque era estava tão quieto no quarto branco elegante. Tim Lord tinha meio-dúzia de filhos— muitos deles, de vários matrimônios diferentes, supostamente. Mas nenhum deles

parecia estar agora. O apartamento estava tão calado quanto um necrotério.

Os arranjos florais não ajudaram. A pessoa ficava amoldada até mesmo com uma

grinalda. Do outro lado da grinalda estava uma bandeira de seda branca. Na bandeira, em letras de ouro, estavam as palavras, "Com Nossas Condolências mais Profundas."

Eleanor Townsend que, em vez de ir se sentar no sofá branco, como o homem que os

conheceu na recepção do hotel tinha sugerido, estava olhando para todos os cartões que tinham vindo com as flores. Esbelta e elegante no terno escuro dela—agora coberto por um pêlo de ouro pálido, cortesia de Alessandro que sentou atentamente nos braços dela— ela dobrou para examinar o cartão que pertence à grinalda.

"Do estúdio do filme," ela disse a ele com um pouco de desgosto. "Você acha que eles esperariam até que nós soubessemos sem dúvida que eles estenderam as condolências mais profundas deles."

Frank olhou na xícara de café que segurava, enquanto cozinhava em vapor, na mesa em

frente a ele. Ele não tinha tocado nisto contudo, mas cheirava como café bom.

"Chamada dura", ele disse. "O que mais iam eles dizer disto? Boa Sorte?"

Eleanor balançou a cabeça dela. "Eles não deviam ter enviado nada se eles não pudessem enviar algo com uma mensagem enaltecedora."

Frank, como ele esteve tão freqüentemente nas últimas doze horas, encontrou-se

concordando com Eleanor Townsend. Estava pasmo com a freqüência que isto parecia

estar acontecendo. Era ridículo, por causa da vida dos dois, eles não tinham

absolutamente em comum nada.

Olhe para aquele cachorro dela, por exemplo. Frank nunca tinha podia estar de pé com

pequenos cachorros latindo. A família de Calabrese sempre tinha tido cachorros grandes, pastores alemão e labs. Frank nunca tinha tido alguma paciência com as raças mais exóticas, como Yorkies e shih-tzus.

Mas até mesmo ele tinha de admitir que havia algo de atraente em Alessandro.

Havia inteligência naqueles pequenos olhos pretos, e algo meio raposa esperta naquela pequena face peluda.

E Alessandro não era a única coisa de que o Frank gostou em Eleanor Townsend. Não,

aquela senhora tinha muito mais interesse para ela que só um cachorro inteligente e amigável.

Então a porta para o apartamento do hotel se abriu, e Tim Lord —Frank o reconheceu do

Oscars. Lou tinha levado o bom e velho pai a cerimônia. Ele tinha conseguido conhecer Paul Newman. Helen teria amado isto—entrou, seguido por outro, muito companheiro mais alto em um terno e gravata, levando uma pasta.

"Frank!" Tim Lord chorou quando ele , os olhos dele parecendo artificialmente luminoso, o viu. Unshed(?) rasga? Ou muito soprados? Era impossível contar com estes filmes tipos empresariais. "E Sra. Townsend, é um prazer conhecê-la afinal. Como eu desejo que fosse em circunstâncias melhores—".

Tim Lord arremessou-se adiante e agarrou a mão de Eleanor na sua. O sujeito era, Frank notou, só uma pategada ou tão mais alto que ela, e Eleanor Townsend não era uma mulher alta.

"Eu sinto muito, muito por eu não poder conhecê-la na recepção", Lord estava dizendo.

"Mas a imprensa... Bem, eu estou seguro você os viu. Eles são como urubus, eles

realmente são. Criaturas asquerosas. Eu tenho tentado dar uma larga explicação quanto o possível desde... Bem, desde a tragédia."

Frank Calabrese não sabia muito de Hollywood, era verdade, o que a filha dele tinha lhe contado. E ela, ele estava bem seguro,

pintava o mais bonito quadro disto que ela pudesse, para não preocupar seu querido pai velho.

Mas o Frank não tinha passado dos quarenta anos de força sem aprender uma coisa ou

duas. E uma coisa que ele tinha aprendido era descobrir bobagem.

E quando Tim Lord se aproximou deles, o detector de bobagens de Frank Calabrese

lançou em alerta completo. "Não é realmente uma tragédia ainda, Mr. Lord", Eleanor disse naquela sua voz, aquela voz que fez Frank lembrar daquelas atrizes de filme antigos que Helen gostava, aquela Kate Hepburn, e aquela outra, o que tinha se casado com um príncipe. "Afinal de contas, nenhum corpo foi encontrado, não é?"

Tim Lord não disse nada. Entretanto, ele pareceu um pouco preocupado. O homem mais

alto de terno, porém, colocou a pasta dele na mesa de centro e disse, "Não, eles não encontraram. E Mr. Lord e eu estamos rezando, como o resto do mundo, que ambos o Mr. Townsend e Ms. Calabrese estejam vivos e bem. Porém, enquanto isso, há algumas coisas que nós precisamos discutir-"

Então abriu a pasta. Frank, olhou com descrença para sujeito de terno, enquanto ele

enrolava os lábios. Um Advogado. Tim Lord tinha trazido um advogado com ele.

Incrível. Seus filhos estavam perdidos em algum lugar e tudo que o estúdio estava se

preocupando era como cobrir seu traseiro ...

Então a porta do quarto do hotel se abriu novamente. Este tempo todo havia algum tipo de discussão do lado de fora, como se houvesse alguém de guarda parado na porta -

alguém que não queria que a pessoa que estava entrando, entrasse. Mas desde que essa

pessoa que entrava era um xerife de município uniformizado, Frank teve um satisfatório pensamento de que, quem estivesse tentando manter as pessoas fora, não teve muita chance.

"Um, com licença", o advogado disse, enquanto parecendo alarmado. "Eu posso ajudar você?"

O xerife era um sujeito alto, com o cabelo grisalho por baixo do chapéu forrado com pele.

Ele foi seguido por um comissário muito mais jovem que parecia ter dolorosa

queimadura causadas pelo vento forte por toda parte do rosto dele. O olhar cinza dos

olhos do xerife foi de Tim Lord para o advogado, então para Frank e Eleanor Townsend.

Ficou em Eleanor Townsend. E uma mão subiu apressadamente removendo o chapéu.

"Mrs. Townsend, senhora?" o xerife perguntou educadamente. Atrás dele, o comissário removeu também o chapéu dele. Eleanor, enquanto parecia alarmada, parecia apertar Alessandro muito firmemente, se o som que saiu do pequeno cachorro fosse qualquer indicação.

"Sim", ela disse. "Eu sou Eleanor Townsend."

"E Mr. Calabrese?" O xerife mandou o olhar dele para Frank, que apesar de saber seguramente o que estava vindo, tinha que dar crédito sujeito. Ele queria lhes dar as notícias, em lugar de empurrar o que sempre parecia ser o dever desagradável do capelão departamental. Frank tinha que respeitar o sujeito.

"Eu sou Franklin Calabrese", ele disse e estava surpreso que a voz dele não pareceu ser a própria dele. Pareceu à voz de um homem velho, não a voz de Frank Calabrese.

Seguramente, o Frank já tinha passado o principal, mas sessenta e cinco anos realmente não era tudo aquilo -

"Xerife Walter O'Malley", o homem alto disse uniformemente. "Eu vim há pouco do local da colisão do R-44 que sua filha e seu filho, senhora, estavam ontem de manhã. Eu pensei que eu seria o melhor eu lhes informar que ambos Mr. Townsend e Ms. Calabrese sobreviveram a colisão."

"Sobreviveram?"

A voz de uma mulher falou. Mas não era Eleanor que falada. A voz veio do lado oposto

do quarto. O Frank virou a cabeça dele e viu uma mulher minúscula, em um par de pijamas de cinzas de seda, com o cabelo loiro dela em desordem, em pé do que parecia ser a entrada de um quarto vizinho. No impossivelmente bonito rosto dela tinha um olhar de alegria absoluta e completa.

"Você realmente quis dizer isto?" a mulher perguntou, enquanto saltando adiante em um par de pés nus lindamente pintados de vermelhos, até que ela tinha alcançado o lado do xerife a qual ela pôs ambas as mãos no braço dele, o abraçando. "Eles estão vivos?"

Walter O'Malley pareceu incômodo. Ele evidentemente não era um homem a ter jovens mulheres estranhas apertando os peitos delas contra o braço dele.

"Um", ele disse. "Bem, senhora, havia só um corpo nos destroços e pertencia ao piloto.

Nós estamos penteando a área, claro que, procurando por Mr. Townsend e Ms. Calabrese.

Parece que eles devem ter andado para longe do local de estrondo, talvez à procura de um abrigo--"

"Você tem que os achar", Tim Lord disse, firmemente, indo até ao lado da mulher jovem de pijamas, pondo o braço dele ao redor dela. "Não deixe nenhum custo atrapalhar, tampouco. O estúdio está completamente preparado para pagar tudo para ter de voltar esses dois aqui seguros."

Walter O'Malley olhou para Tim Lord com desgosto no rosto dele. Provavelmente, o

xerife também tinha um detector de bobagens, Frank refletiu.

"Não é o custo que está interferindo na procura", o xerife disse, enquanto conseguia desembaraçar o braço dele do abraço loiro. "Sinceramente, é o tempo. Nós temos aviões no ar - o FAA está trabalhando um pouco mais - mas há outra tempestade se aproximando. Nós podemos esperar novamente hoje à noite outro temporal -"

"Oh, não." Eleanor Townsend que saindo de perto da mesa com os arranjos de flores se afundou no sofá ao lado de Frank como se

as pernas dela já não a pudessem mais a manter de pé. Ela procurou cegamente, as mão dele. Ele fechou os dedos dele ao redor

dos dedos dela, como Alessandro ansiosamente deu lambidas no queixo dela.

"Se eles conseguissem sobreviver a tempestade de ontem à noite", o xerife disse, "há uma chance boa que eles viverão está também. Estamos esperando que está seja só um pouco mais severa."

"Oh, Deus!" A loira de pijamas elevou uma mão ao rosto, como se ela não agüentasse ouvir mais. O xerife olhou brevemente para ela, então retrocedeu a atenção dele a Frank.

"O que comissário Lippincott e eu viemos descobrir aqui", Xerife O'Malley disse, "é se vocês dois saberiam se o seu filho, Mrs. Townsend ou sua filha, Mr. Calabrese, tem algum tipo de habilidades de sobrevivência na selva." Eleanor piscou inexpressivamente ao xerife. "Por favor me perdoe. Mas eu não sei o que você quer dizer.

"Bem, se vocês saberiam ou não se um deles saberia o que fazer em uma situação dessa", Xerife O'Malley disse educadamente. "Por exemplo, Mr. Townsend. Ele sabe caçar? É acostumado a ficar ao ar livre?"

"Ele tem uma fazenda", a Eleanor disse. "Ele mantém cavalos lá. Mas é em Salinas. Não neva em Salinas." Xerife O'Malley acenou com a cabeça. Frank poderia ver que ele ficou desapontado.

"O que sua filha, Mr. Calabrese?" o xerife perguntou. "Ela teve algum tipo de experiência no ártico que você acredita que poderia lhe ajudar a saber o que fazer em uma situação...

bem, como esta aqui? Eu só estou perguntando, você vê, porque poderia nos dar alguma

pista sobre onde começar a olhar. Há muito espaço lá fora para nossos aviões cobrirem e sua filha poderia saber, por exemplo, como achar um lugar sem uma bússola... ."

Frank cuidadosamente considerado o que o xerife estava dizendo. Lou, até onde ele sabia, nunca tinha acampando na vida dela. Ela nunca tinha sido uma menina de ficar ao ar livre. Quando

era criança, ela tinha gastava a maioria do tempo livre dela lendo um livro.

Ou em frente à televisão. Na realidade, era difícil da tirar ela de frente da TV, ela amava tanto isso.

Helen tinha ajudado não desencorajando este tipo de comportamento. Na realidade, Frank nunca teria a acusado na cara dela, mas em parte era culpa de Helen que Lou teve aquele pequeno problema de peso. Em vez de encorajar a menina a sair e andar de bicicleta, ela tinha deixado Lou assiste toda a TV que ela quisesse, porque, como dizia a Helen, "Ela ama tanto isso. Qual é o problema? As notas dela são ótimas."

As notas de Lou sempre eram boas, até mesmo antes de eles terem comprado um

videocassete, quando Helen ligou ma escola de Lou e os informou que ela estava doente de cama, quando na verdade, Helen não queria fazer Lou perder filme da tarde no canal onze, se fosse um que ela que ela acreditasse que a filha realmente gostaria de assistir -

qualquer um estrelando Jimmy Stewart ou aquela atriz de pescoço magro, Audrey alguma coisa.

Agracia a Deus que quando Lou fez doze anos, Frank conseguiu finalmente comprar

um videocassete ou a menina nunca teria se formado na escola secundária. Enquanto ele estava pensando nisso que algo bateu em Frank. Não, Lou nunca tinha sido mesmo uma menina de ficar ao ar livre. Ela repugnava acampamentos e até mesmo uma caminharia pelo centro comercial. Mas tinha visto todos os filmes feitos. Disso, ele tinha certeza.

E assim ele disse, "Filmes" e olhou esperançosamente para o xerife.

Que parecia, ao contrário todo o mundo outro no quarto, o entender. "Ela já assistiu filmes sobrevivência?" O'Malley perguntou.

"Todo maldito que existi", Frank disse. Então acrescentou, quando lembrou de Eleanor,

"Desculpe." Mas Eleanor parecia calma com o deslize dele.

"Filmes", ela disse, pensativamente. "Eu gostaria de saber... ."

Mas Frank não. Desejou saber. Porque ele sabia. Se havia um filme sobre sobreviver no ártico, Lou tinha visto. A única pergunta, claro, era se isso seria o bastante?

Capítulo 15

"Jesus, Lou", Jack chamou por cima de uma daqueles ombros impossivelmente largos –

aqueles ombros nos quais Lou teria matado pra atirar dardos, se ela tivesse algum nas mãos. "Vamos logo". Lou afastou uma longa mecha de cabelo ruivo de seus olhos, e puxou seu pé do buraco onde seu pé havia caído. Mesmo apesar dela ter parado há muito tempo e ter colocado as pernas das suas calças no topo das suas botas de cano longo, a neve ainda parecia chegar até elas, descendo lentamente até os seus dedos dos pés congelados.

"Vamos, Lou", ela murmurou pra si mesma. "Apreste-se, Lou. É fácil pra você dizer isso.

Tente caminhar em um metro de neve com saltos de dez centímetros e veja quão rápido você consegue andar."

Ela deu um passo cuidadoso à frente. Em alguns lugares, uma camada de gelo havia

endurecido no topo da neve, e ela ocasionalmente conseguia andar sobre ela sem

mergulhar no pó branco e profundo. No entanto, dessa vez não. Lá ia o pé dela, pra baixo, pra baixo, pra baixo, até que ela não conseguia vê-lo mais, ou nenhuma das pernas dela, na verdade, do joelho pra baixo. Droga de neve estúpida. Havia um motivo pra ela ter se mudado para a Califórnia, e não tinha sido só porque Barry havia insistido que eles se mudassem pra lá pra que ele pudesse perseguir a sua carreira de ator. Não, ela tinha ficado feliz por se mudar pra lá, porque isso significava que ela nunca mais teria que se aventurar através da altura do joelho – "Neve". Ela olhou pra cima, piscando, pra o céu cinza. Não. Não era possível.

Simplesmente não podia ser. Mas estava. Estava nevando. De novo. O céu estava coberto de flocos, caindo rápido, e não parecia provável que eles parassem muito em breve.

Maldição. Maldição! Como se as coisas já não estivessem más o suficiente –

“Lou”, Jack chamou de onde ele estava a vinte pés de distância. “Anda logo. Eu estou te dizendo, nós temos que chegar até aquela elevação antes do pôr do sol”.

“É só um objetivo”, Jack explicou, parecendo com um homem que estava chegando no

limite de sua paciência. Bom, se fosse isso, ele mesmo tinha se colocado lá. Lou

certamente não tinha nada a ver com o fato de que eles estavam encahados no Yukon

com assassinos armados atrás deles. “Você nunca esteve em uma fuga antes? Você

escolhe caminhos e diz pra si mesmo, eu vou continuar até alcançar aquela árvore. E aí quando você alcança a árvore, você escolhe outra, e aquela se torna seu objetivo”.

“Eu não corro do lado de fora”, Lou disse vagamente. “Eu só corro assistindo Judge Judy, e só isso”.

Jack não pareceu muito impressionado. “Você não vai conseguir nenhuma stamina em uma estrada plana”.

“ Eu tenho bastante stamina”, Lou disse. “Você não vai conseguir me enganar até me

fazer acreditar que existe algo ótimo atrás daquela elevação. Exceto mais das mesmas

coisas. Neve. Árvores. Mais neve. E aí, adivinhe o que? Oh, talvez um pouco mais de árvores e neve.

“O que você quer que eu faça, Lou?” Jack quis saber. “Minta pra você? Quer que eu diga que há uma lanchonete depois da próxima colina?”

“Isso podia ser legal”, Lou disse. “Poderia me inspirar mais confiança nas suas

habilidades de liderança. Eu certamente não vi nada impressionante até agora”.

Mesmo através da neve que agora caía grossa, ela viu o olhar de descrença dele.

“O que você quer dizer?” ele perguntou. “Eu impedi que atirassem em nós, não foi?”

“É”, ela disse, com um sopro de nojo. “Mas como é que eu vou saber se nós não estamos saindo da panela pra entrar no fogo? Você não sabe nem em que *direção* estamos indo.

Sabe, Tony Hopkins, em *The Edge*, fez um compasso com um clipe de papel e uma folha.

Eu não vi nenhuma dessas inovações brilhantes com você”.

“É, bem, eu não tenho nenhum clipe de papel comigo” Jack disse, o olhar de descrença

desaparecendo. “E se você vir alguma folha, me avise. Porque só o que eu vejo são

gravetos. E neve. Desculpe, mas eu não interpretei MacGyver, lembra? Foi aquele outro cara. Se você precisar ser entubada, no entanto, eu sou o seu cara”.

“Ha”, Lou disse. “Como se eu fosse deixar *você* colocar alguma coisa na minha garganta”.

Aí, se dando conta tarde demais do que isso parecia, Lou adicionou rapidamente. “Eu

acho que essa tempestade de neve está ficando séria. Nós devíamos pensar num lugar pra nos abrigarmos até que ela passe. Eu vi um episódio de *“Little House on the Prairie”* em que eles construíram um iglu. Talvez nós devêssemos –”

Mas Jack não ia deixar ela se livrar tão facilmente.

“Você está corando de novo”, ele apontou.

“Não estou”, Lou disse rapidamente, sem encontrar o olhar dele. “Eu só estou com frio, só isso”.

“Porque, eu me pergunto, a idéia de que eu colocasse alguma coisa na sua –”

“É só por causa do vento!” Lou gritou. Por causa da neve caindo, a voz dela não foi muito longe.

Ele, no entanto, ouviu ela.

“Claro que é, Lou”, Jack disse.

Ela estava perto dele o suficiente pra ser capaz de vê-lo através da coisa branca caindo grossa. Para grande consternação dela, ele estava sorrindo.

“Não foi aquilo que eu quis dizer”, ela disse exasperadamente. “Okay? Quando eu disse aquilo sobre colocar alguma coisa na minha garganta, eu estava falando do tubo de entubação –”

Mas Jack não pareceu ouvi-la. Ao invés disso, tudo o que ele disse foi “Que tipo de nome é esse, afinal? Lou? Esse nome não é de homem?”

“É um apelido”, Lou disse, parando pra sacudir a neve de cima da sua bota. “Não é meu nome de verdade”.

“Mesmo?” Jack parecia incrivelmente interessado. No entanto, porque ele estaria, sendo que ele nunca demonstrou o mínimo de interesse nela antes de agora, ela não conseguia imaginar.

A não ser, é claro, que fosse porque ela era a única fêmea em centenas de quilômetros.

Sem contar os alces. Ou alças. Ou elsas, ou qualquer que fosse o nome das fêmeas dos alces.

“Qual é o seu nome de verdade?”

Lou murmurou ele enquanto dava o próximo passo, mas o som da neve se partindo embaixo do peso dela engoliu a palavra.

“Perdão?”, Jack disse.

Arrancando o pé dela do buraco, ela disse, através dos dentes trincados. “*Louise*”

“*Louise?*” ele fez piada. “Louise Calabrese?”

“Oh, isso é muito maturo, Townsend”, Lou disse mal humorada. “Faça piada com o meu nome. Vá em frente”.

Ele ficou sóbrio imediatamente. “Desculpe”, ele disse. Mesmo assim, um sorriso

reapareceu no rosto dele. Ela podia vê-lo, mesmo com a neve. “O que os seus pais estavam pensando?”

“Eles não estavam pensando, tá legal?” Lou estalou. “Louise era o nome da mãe da

minha mãe. E além do mais, você não pronuncia *Calabreeze* se for Italiano, é

Calabraizai, e portanto –”

“Whoa”, Jack disse, levantando as mãos enluvadas. “Vai com calma, parceira. Você está agindo como se fosse a única com quem fazem brincadeira na escola por causa do nome”.

Lou disse, com um pouco de amargura, “Oh, certo. Como se o nome Jack Townsend

fosse cheio de potencial para piadas”.

“Pode ser”, Jack apontou. “Lembre-se, eu fui para uma escola só de garotos. E os rapazes não são particularmente criativos. Só o que eles faziam era acrescentar um *off* depois do Jack...”

Lou teve que pensar nisso por um segundo. E aí ele fez, “Oh”, e se seu conta de que

estava corando mais do que nunca.

(Jack + off = igual a Jackoff. “Masturbador” em inglês)

Por sorte, dessa vez Jack pareceu não reparar. Isso foi porque ao mesmo tempo que ela começou a corar de novo, ela afundou seu pé em outro buraco de neve particularmente fundo, afundou até o meio da coxa, e quase caiu.

Ela teria caído de cara se Jack não tivesse se inclinado e pego ela pelo ombro.

“Tá bom”, ele rosnou, quando colocou ela em ângulo perpendicular à terra mais uma vez.

“Já chega. O laptop vai ter que sumir”.

Lou olhou pra ele como se ele fosse demente – não era uma façanha muito simples com

flocos de neve grudando em suas pálpebras.

“Q-que?” ela disse. “Do que você está falando?”

“Você já arrastou essa coisa por aí por tempo suficiente”, Jack disse, alcançando a

mochila de computador dela. “Não é de admirar que você não consiga acompanhar, isso

pesa uma tonelada. Vamos” Ele deu um tapinha nele. “Diga adeusinho para o laptop”.

Lou colocou as duas mãos nas alças de ombros da mochila e começou a se afastar dele.

“Você está louco? Esse é um computador de dois mil dólares. Eu não vou deixa-lo no meio da mata”.

“Então você vai comprar um novo quando nós voltarmos à civilização” Jack disse, sem

soltar a mochila, e seguindo ela, passo a passo. “Você não pode me dizer que está sem dinheiro, Lou, eu li na Variety que você ganhou sete dígitos por Copkiller IV. Então passa pra cá. Isso está te deixando com as costas pesadas e te deixando lenta. Tem que ir embora”.

“De jeito nenhum” Lou disse, ainda andando pra trás. “Você não entende. Eu tenho

coisas aqui. Coisas que eu não quero perder, ok?”

Jack parou de se mexer. Ele só olhou pra ela como se ela estivesse maluca.

“Você não arquiva as suas *coisas*?”

“É claro que eu arquivo”, Lou disse, dando outro passo pra trás. Só que ele não se moveu com ela, então ela ficou lá, com as alças da mochila esticadas entre eles. “Só que tem essa coisa que eu coloquei na outra noite que eu não coloquei em disco, tá bom? E eu não vou perde-la. É muito importante pra –”

“Lou”, Jack, mesmo com barba crescida de dois dias no rosto – talvez, especialmente

com barba crescida de dois dias no rosto – era impossivelmente lindo. “Nós estamos

falando de sobrevivência aqui. Você entende? O laptop só está dificultando a sua

caminhada pela neve. Deixe-o aqui. Nós vamos voltar pra pega-lo –”

“Oh, certo” Lou interrompeu com uma risada sem humor. “E como é que vamos

encontra-lo? Com cachorros farejadores de computador?”.

“Eu falo sério, Lou” Jack deu um tapinha na mochila. “Deixa ela pra lá. Não vale a pena.

Nós podemos morrer aqui. Alguns protetores de tela idiotas tendem a não significar nada perto de morrer de hipotermia...”

“Não é um protetor de tela idiota”, Lou disse, puxando a alça da mochila. “Tá legal? E

não é pesado demais pra mim. São as minhas botas que estão me atrasando, tá bom? Não

é computador. Agora *solta* -”

Na palavra *solta*, Lou puxou com toda a sua força – sem se dar conta qté que já era tarde demais, que Jack tinha se apoderado do zíper da mochila. Com um movimento limpo, ele abriu o zíper da mochila completamente. Aí o único problema foi soltar o computador da segurança das tiras de velcro, e, magicamente, ele estava com o laptop, enquanto tudo o que ela estava segurando era a mochila vazia.

Abismada, Lou gaguejou. “N-nem sequer pense –”

Mas já era tarde demais. Ele o atirou, com toda a força que podia, na direção da elevação para a qual ele estava seguindo.

Aí ele alisou uma mão enluvada na outra, como se estivesse dizendo *Isso dá um jeito nas coisas*.

“Pronto”, ele disse. “Agora livre-se dessa mochila e vamos. Nós devemos fazer um

tempo muito melhor agora. Você não vai ter nem metade dos problemas quando nós

chegarmos na neve funda de verdade...”

A voz dele se perdeu, possivelmente porque ele tinha conseguido dar uma olhada no

rosto de Lou. Ele tinha ficado, ela tinha certeza, tão branco quanto a neve ao redor deles.

Ela não conseguia lembra de ter sentido tanta raiva – exceto talvez pelo dia em que Barry anunciou que, depois de dez anos, ele ainda não estava pronto para o compromisso.

Ela reagiu agora da mesma forma como agiu daquela vez. Com uma raiva incontrolável, branca e quente.

“*Você!*” ela gritou, se lançando em cima de Jack Townsend.

Jack pareceu surpreso. Ele deu um passo rápido pra longe dela – bem, tão rápido quanto a neve profunda permitia, na verdade. E aí outro.

“Agora, Lou” ele disse. “Olha. Seja razoável. Aquela coisa pesava uma tonelada. Não

tinha nenhuma serventia pra nós aqui, e estava te deixando pra trás. Nós temos que –”

Mas ele não falou mais nada, exceto um *oof* enquanto Lou lançava seu ombro no

abdômen dele, fazendo ele cair na neve tão facilmente como seus irmãos, que, pensando que luta era uma parte importante na educação de qualquer garota, ensinaram ela. Assim que ela derrubou ele, ela passou uma perna por cima da cintura dele e se sentou nele, e aí segurou os ombros dele com as mãos dela, exatamente como Nick tinha mostrado pra ela.

“Você está fora de sí?” ela olhou pra ele, o rosto dela estava apenas alguns centímetros do dele. “Aquele computador era a única coisa que estava me mantendo sã, você entende? Eu estou assustada... e estou com fome... e estou congelando... e não consigo sentir meus dedos dos pés... e eu estou presa no *Alaska*, em uma *tempestade de neve*, com *você!* *E isso é tudo culpa sua!* Então é melhor você encontrar aquele computador, e é bom que ele esteja inteiro, porque se ele não estiver, *eu mesma vou atirar em você!*”

Jack, olhando pra ela da neve com uma expressão no rosto que só podia ser chamada de

divertida, disse “Quer saber uma coisa? Você fica bem bonitinha quando está com raiva”.

Por um segundo ou dois, Lou só olhou pra ele, sem ter certeza que havia ouvido ele direito.

E aí ela cometeu o primeiro erro. Ela soltou os ombros dele. Ela soltou os ombros dele pra que as mãos dela estivessem livres pra agarrar o pescoço estúpido, egocêntrico, super privilegiado dele – Não era fácil, no entanto, asfixiar uma pessoa que estava rindo tanto quanto Jack Townsend estava. Especialmente porque, assim que ela

colocou as mãos perto do pescoço dele, ele agarrou os dois punhos dela, e a tirou de cima dele

rapidamente, jogando-a na neve ao lado dele.

Na próxima coisa que Lou soube, ele estava em cima dela, exatamente do jeito que ela

havia estado no topo dele apenas alguns segundos antes. Só que ao invés de agarrar os ombros, ele estava agarrando os pulsos dela, pra que ela não pudesse, como ela estava com vontade de fazer, enfiar os polegares dela nos olhos dele.

Ao invés disso, todo o campo de visão dela foi tomado pelo seu rosto grande, estúpido, lindo e risonho.

E não havia nada que ela pudesse fazer sobre isso.

“Deixa eu me *levantar*?” ela rosnou. Era *muito* desconfortável, ficar naquela posição. A neve estava descendo pelo colarinho o casaco dela, por baixo do seu sweater, e pelo seu pescoço. Ela esperava que houvesse muita esparramada nele. “Você me ouviu? Deixa eu me *levantar*”.

“Agora, eu precisaria ser muito burro pra fazer isso, não é?” Jack disse, com uma risada.

Os dentes dele eram uniformes e brancos e cem por cento dele, cada um deles. Lou havia descoberto que eles eram cortesia de um dentista de Los Angeles, que também havia cuidado da última cárie dele. “Quer dizer, você disse que ia atirar em mim”.

“Jack”, Lou disse, se tornando consciente de repente que os olhos dele, de um azul tão pálido que quase eram cinza, estavam num tom escuro que quase chegavam a ser pretos.

“Olha. Deixa eu me levantar e me ajude a encontrar o computador, e nós estaremos quites. Por enquanto”.

A pele bronzeada ao redor daqueles incríveis olhos azuis enrugou como se ele estivesse considerando essa oferta.

“Não” ele disse depois de alguns segundos. “Desculpe. Não é suficiente. Quer dizer, no fim das contas, você parecia bem homicida por um minuto ou dois. Eu não estou convencido que se eu me virar, você não vai passar com um carro de neve por cima da

minha cabeça – “

“Jack”, Lou disse. O calor do corpo dele na verdade estava fazendo com que ela se sentisse, pela primeira vez no dia, aquecida. Era uma sensação boa. Boa demais.

Alarmanamente boa. Já faziam semanas – meses, até – desde que ela havia sentido um homem perto assim dela... isso é, sem contar o que tinha acontecido essa manhã. Mas ela tinha bastante certeza que de que Jack não sabia o que estava fazendo naquela hora.

Agora ele sabia. Oh, agora ele certamente sabia.

“Tem neve descendo pelas minhas costas”, Lou disse. “Tá legal? Então deixa eu me levantar”.

“Eu não sei”, Jack disse, contorcendo os lábios, pensativo. Infelizmente, essa ação só fez com que o olhar de Lou fosse em direção à boca dele. Aquela boca risonha, insolente, sarcástica. Que ela não queria que estivesse em nenhum lugar perto dela. Não, obrigada.

“As coisas meio que ficara interessante de repente. Eu não posso deixar de me perguntar o que o detetive Pete Logan faria numa situação como essa”.

Lou, começando a se sentir um pouco sem fôlego – apesar disso não ser porque o peso do corpo dele estava fazendo com que a inalação fosse difícil, já que ele só estava em cima dos quadris dela – disse, com uma voz de quem dava um aviso.

“Townsend. Eu estou falando sério. Deixe eu me levantar”.

“Se isso fosse um script de Copkiller” Jack continuou, como se ela não tivesse falado.

“de ninguém menos do que a vencedora do Academy Award, Lou Calabrese, Pete Logan

sem dúvida se encontraria aqui fora, num frio de 2 graus e sem calças. Agora, porque isso? Você pode me dizer, Lou?”

“Eu estou dando às pessoas o que elas querem”, Lou disse, mantendo seus olhos no céu, ao invés dos olhos azuis hipnóticos dele.

“Você está?” Jack perguntou. “Ou você está tentando me punir, script após script, por aquela coisa de eu preciso de uma arma maior?”

“É claro que não”, Lou disse. “Acontece que eu sou uma profissional. Eu não deixo que os meus sentimentos pessoais se envolvam com o meu trabalho. Eu lamento por te desapontar, Townsend, mas a razão pela qual Pete Logan sempre acaba vestindo a roupa

de seu nascimento é porque o público Americano gosta de olhar para a sua bunda”.

“O público Americano”, Jack disse, uma daquelas sobrancelhas subindo. “ou Lou Calabrese?”

“Não fique se vangloriando”. Mas mesmo enquanto ela dizia isso, ela podia sentir seu

rosto ficando vermelho. De repente, a neve que estava no pescoço dela não estava nem

um pouco tão fria como estava antes. Na verdade, ela quase parecia refrescante. “Meu

Deus, Townsend. Isso pode ser um choque pra você, mas ao contrário do que você

aparentemente acredita, existem algumas mulheres que se importam mais com o que um

homem tem na cabeça do que com o que ele tem nas calças.”

“Oh, é?” o rosto de Jack, ela percebeu, estava perturbadoramente perto do dela. “Então porque é que você está corando de novo?”

“Eu não estou corando”, Lou disse, ficando ainda mais corada. “Se o meu rosto está

vermelho é porque você está cortando a circulação da parte de cima do meu corpo.”

“Oh, certo.” Jack disse. “Eu mencionei que você fica bem bonitinha quando está com raiva, não mencionei?”

“Você disse alguma coisa parecida”, Lou disse. “Mas —”

“Bom”, Jack disse. “Então isso não deve ser uma surpresa tão grande pra você”.

E aí aquela boca – aquela boca risonha, que a deixava furiosa, a boca perfeita – desceu até a sua. E Lou morreu e foi para o paraíso.

Capítulo 16

Ela deveria saber, naturalmente, que é assim que ela deveria sentir. Beijar Jack

Townsend. Ou melhor ser beijada por Jack Townsend. Porque não foi Lou que começou

o beijo. Oh, definitivamente não.

Exceto que era difícil, quando se era beijada tão completamente e tão perfeitamente como Jack Townsend a beijava, não beijar também.

Que não devia dizer que ela gostou de ser beijada por Jack Townsend. Bem, em teoria.

Na prática, de qualquer modo ... bem, na prática a história era outra.

Porque Jack Townsend beija como ninguém. Isto não foi nenhuma bicada educada,

nenhum beijo de Beverly Hills. Isto foi completo, uma exploração oral com a boca aberta

- luta romana de língua como seus irmãos chamavam sempre que eles a pegavam com

Barry.

Mas o beijo de Barry nunca foi parecido com isto. Barry nunca fez, como Jack fazia,

conduzindo uma investigação tão devagar do território em volta da sua boca. Barry nunca a fez sentir, como Jack a estava fazendo sentir, que aquele beijo era absolutamente a única atividade na sua agenda para aquele dia, e que havia todo o tempo no mundo para realizá-lo. Barry nunca a fez ter, com um mero beijo, a sensação de que se o seu coração iria explodir dentro do seu peito de prazer físico absoluto.

Mas está é exatamente a sensação que o beijo de Jack Townsend a fez sentir. Ela pode

sentir ele, o seu calor, o seu peso, a sua intensidade, todo o caminho dos seus lábios, fazendo ela sentir a ponta dos dedos dos pés — que estavam, ela notou, em algum intervalo do seu cérebro, não tão congelado afinal de contas, já que se enrolaram nas suas botas no primeiro elétrico toque da sua boca na dele.

Era ridículo, naturalmente, que o seu corpo reagisse dessa forma. Ela não era nenhuma adolescente cabeça de vento, nenhuma solteirona sexualmente enalhada. Ela era uma profissional sofisticada, uma mulher cuja carreira meteórica — sem falar na vida amorosa, até há pouco tempo, de qualquer maneira — servia de inspiração para as

meninas ruivas bochechudas de todo lugar....

uma tremente poça feminina Jell-O.

No gelo.

Isto, Lou foi capaz de pensar com a parte do seu cérebro que não tinha sido reduzida a uma mera massa gelatinosa de neurônios pela intensidade do seu beijo, era completamente impossível.

Ela *odiava* este homem.

Assim como era possível que ele, simplesmente pondo a boca contra a sua, possa causar uma sensação desta forma... como se, pela primeira vez em meses, ela estivesse de fato viva? Por que quando ele jogou o peso do seu comprido corpo em cima do seu fez ela enrolar suas pernas -Deus a ajude — em volta dele?

Por que quando seu barba por fazer, roçou contra seu liso - provavelmente agora

vermelho - rosto, a fez querer passar sua língua por todo o corpo longo, e magro dele?

Isso não fazia nenhum sentido. Em um segundo ela tinha estado pronta pra acertá-lo entre os olhos. No outro segundo, ele estava fazendo ela ronronar como um gatinho.

Isso não era a magia de Hollywood, também. Oh, não. Não havia nenhum efeito visual

envolvido. Isto era, Deus, a honesta e velha química.

Química! Entre ela e Jack Townsend? Impossível!

Exceto que não era. Ela sabia que era por causa do que acontecia, ela sentiu muito ter que admitir, entre as suas pernas.

Que era muito, de fato. Bastante para que Lou, repentinamente ficasse consciente dele —

e de quem o causava: Jack Townsend. Jack Townsend, que tinha quebrado o coração do

sua melhor amiga. *Jack Townsend*, um ator. E ela tinha jurado nunca mais atores -

enrijecendo de repente e, tirando os pulsos dela de abaixo dos dedos dele, colocou suas mãos nos cotovelos dele e levantou um joelho de encontro com sua famosa bunda.

Então, puxando nos cotovelos dele e empurrando com o joelho dela - uma técnica de

autodefesa que o pai dela tinha lhe ensinado antes de ela ir para a faculdade, no caso de, ele tinha dito, acontecer dela enfrentar dificuldade em sua casa de fraternidade - ela conseguiu lhe lançar voando por cima da cabeça dela e colidindo com a neve atrás dela.

A exclamação que saiu da boca de Jack quando ele aterrissou teria ganhado um NC-17 na

avaliação de qualquer crítico de Hollywood.

Lou ficou de pé, juntando suas mãos como Jack tinha feito, depois que ele tinha

arremessado o seu computador dela pelo ar, disse, em uma voz que foi

surpreendentemente firme, considerando o fato que os seus joelhos ainda tremiam por

culpa do beijo — sem falar do que ainda parecia estar acontecendo no fundo de sua

calcinha— "Se eu não encontrar meu computador, você lamentará que aqueles caras não tenham conseguido ter atirado em você."

Então, andando com passos largos pela neve — com a dificuldade, tinha que admitir,

graças àquela umidade traidora entre as suas pernas, embora ela estivesse determinada de que ele nunca, jamais saberia – Lou foi em direção à subida da qual ele tinha jogado seu laptop.

Ainda na neve, sentindo como se a sua espinha pudesse estar quebrada, Jack olhava o céu que estava escurecendo e se

surpreendeu com o que tinha acabado de acontecer. Ele tinha de fato beijado Lou Calabrese? O que ele estava pensando? O que ele tinha feito?

Bem, ele sabia o que ele tinha feito, muito bem. Ele tinha respondido a uma pergunta que o estava incomodando durante algum tempo....

Bem, desde a noite passada de qualquer maneira.

E aquela pergunta — que tinha o ocorrido quando ela tinha se sentado naquela cama, com todo aquele glorioso cabelo deslizando sobre os ombros dela e aqueles seus lábios frescos que parecem acenar para ele — tinha sido *Como seria beijar Lou Calabrese?*

Bem, ele tinha conseguido a sua resposta, muito bem:

Doloroso. Era assim que parecia beijar Lou Calabrese.

Mas antes da dor... ah, sim. Antes da dor, tinha sido prazeroso. E muito.

Ele não sabia dizer o que o fez agir sobre o seu desejo. De todas as mulheres no mundo para ele para estar atraído, ele tinha que ter escolhido a única — certamente não a única, mas a única que ele tinha encontrado pessoalmente — quem não teve o interesse nele desse jeito. Ou qualquer jeito, ele suspeitava. Lou Calabrese era imune aos seus encantos

— e Jack sabia que ele tinha alguns - como os roteiros que ela escrevia pareceu imune ao fracasso.

Ela o odiava.

Mas talvez não completamente. Porque houve um momento, quando ele a estava

beijando, que ele podia jurar que ela estava o beijando também. Ele tinha sentido o toque tentativo, quase experimental da língua dela na sua. Ele tinha sentido que os seus peitos, ainda que por cima de todas as suas várias camadas da roupa, parecem se avolumar, ele quase ousou, ele sabia, tocá-los.

Oh, não. Ela tinha gostado de ser beijada por ele.

Talvez só por um minuto ou dois. Mas ela tinha gostado.

Agora se ele pudesse conseguir fazer ela admitir isso....

Não que ele não tivesse atualmente assuntos mais urgentes no momento. Apenas que, ele estava com fome e frio, e aparentemente

perdido no maior estado da América. Nevava, e a noite estava se aproximando, e se ele continuasse aqui, homens armados que estavam atrás dele ou uma hipotermia iria conseqüentemente mata-lo.

Ainda que de alguma maneira, o mais urgentes dos problemas de Jack parecia ser o que

estava tão insistentemente apertado contra o zíper da calça dele.

E não foi sempre assim? Um cara pode estar morrendo de fome no meio de uma nevasca,

com assassinos atrás dele e uma possibilidade da sobrevivência em que ele seria disposto a arriscar ser aproximadamente, oh, vinte por cento, e todo que ele realmente estava preocupado era se uma garota gostava dele.

Ele deveria ter imaginado como seria a beijar. Parecia que ele sabia desde o princípio.

Era como um fascinante arame elétrico ao vivo em seus braços e ao redor da boca dele.

Era totalmente assim que Lou Calabrese parecia, como se sua vida fosse cheia de paixão.

Se isto é como ela beija um cara que ela não gostava, ele não pode imaginar como seria se ela de fato tivesse algum tipo de afeto para ele...

Barry Kimmel foi tolo.

Assim como, ele percebeu, ele também foi. Ela tinha estado ali, embaixo do seu nariz, durante seis anos— e o que ele esteve fazendo todo aquele tempo? Discutindo com ela sobre as entregas das falas em vez de tentar, como ele deveria estar testado, fazer ela ser sua. Vicky nunca o tinha beijado com a metade de devassidão que Lou, e Vicky tinha confessado amá-lo com toda a sua alma! E Greta?

Segurar Greta era como segurar um pano de prato, quando comparada a experiência de segurar Lou.

Isso foi espantoso, ele pensou, quando ele lentamente se levantou, e descobriu, para sua surpresa, que ele não tinha nenhum osso quebrado. Mas pela primeira vez em um longo tempo, ele de

fato sentiu-se... bem, vivo. Com fome, sim. Frio, certamente. Mas vivo.

Graças a Lou Calabrese. E não somente porque ela era comprovadamente boa com uma arma.

Mancando um pouco — onde ela aprendeu um movimento assim? Todas as mulheres que ele ultimamente tinha saído tinham uma preferência distinta por Pilates como autodefesa.

Lou não era evidentemente do tipo Pilates — ele a seguiu, notando que a neve começava a cair mais densa agora. Ficaria escuro logo. Se eles não saíssem deste vento e acendessem um fogo logo, eles seriam isca de urso polar.

Lou, ele viu pela neve, estava ajoelhada no final da subida ele tinha encontrado o seu computador. Ela olhou para ele por cima do seu ombro a ele como se ela tivesse ouvido seus passos na neve.

"Você tem sorte," ela o informou obscuramente tirando o pó da neve do seu laptop. "Ele ainda tem conserto."

"Lou," ele disse, parado a alguns metros longe dela. Ele teve de elevar a voz do rugido do vento fazia, que estava mais forte, este lado da subida. "Temos que conversar."

Ele não era, pela força do hábito, de conversar. Era uma das razões, ele muitas vezes pensava, que ele passava tanto tempo na sua fazenda. Ele não era muito chamado para conversar por lá — exceto claro quando ele cometia o erro de trazer uma acompanhante feminina. As mulheres tiveram esta necessidade incessante de discutir coisas, falar sobre as suas sensações, antes que deixá-las simplesmente acontecer. Jack nunca foi capaz de entender isso.

Mas este era um dos poucos casos que Jack pensou que uma conversa sobre sentimentos

poderia ser necessária. Não que ele estava perto de entender os seus. Isso é, Sentimentos.

Mas há pouco, bem, algo muito poderoso tinha acontecido e ele não ia ignorar isto. Ele *não podia*.

Mas Lou, ao que pareceu, poderia, desde que ela disse o sendo - muito cuidadosa, ele

notou, de não olhar nos seus olhos — "não há nada para conversar."

Jack, sentindo o vento penetrante nas suas costas, disse, incapaz manter o sarcasmo da voz dele "Uh, acho que eu não concordo com você, Lou. Isso que aconteceu lá atrás foi —"

"O que aconteceu lá atrás foi um erro grande, colossal, estúpido," Lou disse,

decisivamente. Ela olhou para os olhos dele agora, piscando contra o vento. "Ok? Está acabado. Pronto, você não tem que dizer nada. Eu já fiz. Agora, no evento improvável de voltarmos à civilização e ligar esta coisa e descobri que não posso acessar nenhum dos meus documentos, quero que você saiba agora mesmo que pretendo responsabiliza-lo por qualquer perda do rendimento que está ocorrendo pode gerar. Você escutou, Townsend?"

Jack, contudo, escutava claramente. Isso porque enquanto ela estava tagarelando — a

primeira mulher ele tinha encontrado que claramente *não* gostava de falar sobre seus sentimentos — ele tinha visto algo contra as árvores a algumas centenas de jardas à frente. Ele não estava certo do que era, com a neve que caía em volta deles, e escurecendo tão rápido.

Mas parecia ser... ele tinha quase certeza que era...

"Townsend, você está me escutando?" Lou estava fechando seu computador dentro de seu casaco. "olhe, temos de sair deste vento. Talvez devemos começar a reunir ramos caídos de um alpendre, ou algo assim. Não é mesmo que os chamam? Aquela coisa que Tom Hanks construiu em *Cast Away*, você sabe, antes dele encontrar a caverna. Pelo menos cortará o vento.. .."

Sem tirar o olhar dele da coisa além das árvores, Jack se abaixou e a levantou pelo braço.

"Não acho que iremos de um alpendre," ele disse, puxando-a até ficar de pé, então mostrou. "A menos que isto seja uma miragem."

Lou olhou na direção que ele apontava. Mesmo com sombras embaixo dos seus olhos e

neve no seu cabelo, ele notou, ela era excitantemente linda. Como ele alguma vez pode ter pensado nela como uma cadela

friamente calculista - ele tinha que admitir, ele a tinha chamado assim uma vez — ele não podia mais imaginar.

Então ela inalou nitidamente.

'Oh, meu Deus,' ela gritou. 'É uma *casa*?'

Jack largou o seu braço. Uma espécie de nostalgia se apoderou dele. Era errado sentir que finalmente, eles poderiam estar seguros?

'Portanto você o vê, também,' ele disse. 'Não estava certo se isso não era coisa de minha imaginação. ..'

'Não, você não o está imaginando. Vamos.'

Lou agarrou o braço dele e começou a arrastá-lo excitadamente pela neve em direção à

estrutura de madeira que pareceu ter aumentado, da escuridão, como uma aparição.

Parecia, Jack percebeu, agora que estavam mais perto, que a estrutura, era pequena, mas com grandes janelas de vidro de ambos os lados da porta dianteira que permite aqueles que estavam do lado de dentro uma visão espetacular da encosta da montanha atrás deles.

Considerando o fato, contudo, que a neve soprava agora quase perpendicular à terra, Jack não pode deixar de perceber que na maior parte do ano, os proprietários da casa seriam incapazes de ver algo por essas janelas. Ele era incapaz de saber se havia um caminho que conduzia até a casa, ou até qualquer transporte estacionou próximo a ela, e ele estava quase em frente à casa. Isso porque os seus olhos abertos, eram bombardeados por flocos de neve surpreendentemente pesados.

Ele pode ver, contudo, que a casa tinha um distinto aspecto de abandonado. Não havia

nenhuma luz no interior. E a neve que se põem na varanda não continha pegadas.

Não por muito tempo, de qualquer modo. Lou, o largou porque pareceu que ele não

estava apressando-se bastante, disparou na frente, com seu computador batendo contra o seu quadril. Ela apertou a seu rosto contra a primeira janela que ela viu.

"Oh, Jack!" ela lamentou, curvando as mãos aveludadas ao redor dos olhos e olhou dentro da casa. "Ninguém em casa! O que vamos fazer? Oh, o meu Deus, há uma cozinha, Jack. Um refrigerador. E é isto... oh, meu Deus. Há um banheiro. Vejo uma

cortina de banho! Um banheiro, Jack! Um *banheiro!*"

Jack andou a passos lentos até ele, e começando a perceber, agora que bastante tempo

tinha passado que o seu braço, os dedos do pé, os dedos, e as orelhas estavam meio—

gelados. Entretanto, ele conseguiu enrolar uma mão em volta da maçaneta em forma de

botão e tentou gira-la....

"O que você está fazendo?" Lou deu um passo para longe da janela e olhou para ele.

"Jack, o que você— nós não podemos entrar sem ter alguém em casa. Isto é

arrombamento e transgressão!"

A maçaneta não se moveu. Trancado. Indubitavelmente, Jack pensou, esta era a cabana

de fuga de verão de alguém. Ficaria assim abandonada, até a primavera, quando a neve

descongelaria e as estradas ficaram acessíveis novamente.

Ele tirou a mão da maçaneta.

"Se você pensa", ele disse, "que eu vou ficar aqui e congelar quando eu posso estar lá dentro e tomando um banho longo e quente, você vai precisar pensar novamente. Fique aqui."

E ele começou a passar com terrível dificuldade pela neve em direção a parte dos fundos da casa.

Lou chamou dele nervosamente, "Onde você está indo? O que você está fazendo?"

Mas todo que ele disse foi, "Fique ai. Estarei de volta em um minuto." Então ele desapareceu na esquina da casa.

Foi a última vez que ela viu dele durante quase cinco minutos.

Foram os cinco minutos mais longos da sua vida. O vento estava tão forte agora que

pareceu cortar diretamente por ela. As suas orelhas, ela concluiu, deviam estar

congeladas à sua cabeça. Se ela as tocou, ela temeu que elas se partissem. Por que ela não tinha pensado trazer um chapéu? Com certeza ela teria sofrido a indignidade do seu cabelo sob o chapéu. Mas pelo menos ela não estaria perdendo oitenta por cento do calor do corpo pela sua cabeça, como ela fazia agora.

E o que estava acontecendo com o seu estômago? O salgadinho que ela tinha comido no

café da manhã parecia um sonho distante. Por outro lado, ela pensou que agora ela seria capaz de ter aquela barriga côncava que outras mulheres na praia pareceram ser capazes de conseguir tão facilmente.

E o que estava acontecendo com os seus olhos? Eles lacrimejavam muito agora, graças ao vento que era a única coisa que ela conseguia ver.

Mas ela ainda podia pensar. E ela não pensou no fato de que, se ela ficasse nesse vento por muito mais tempo, eles iam encontrá-la, como a Pequena Menina dos Fósforos, solidamente congelada.

Não, no que ela pensou foi Jack Townsend. Jack Townsend, e o modo ele tinha a beijado, e a sensação que ela teve, pela primeira vez em muito tempo, como algo desejável, algo de fato diferente do processador de textos ambulante. Ela tinha visto um episódio "Star Trek " uma vez no qual o Capitão Kirk e a sua tripulação tinham encontrado uma raça de estrangeiros tão altamente desenvolvidos que eles mais precisaram de corpos. Eles foram simplesmente cérebros, que flutuam em volta em um encaixotamento de vidro.

Isso era como, desde que o Barry tinha ido embora, Lou tinha se sentido. Como se ela

fosse um cérebro, solto do corpo.

E ela não tinha pensado muito, tampouco. Só era mais fácil ser um cérebro, não ficar

cheia de querer e desejo.

Surpreendentemente, foi Jack Townsend que tinha feito ela se sentir inteira novamente, quem a tinha feito lembrar de que poderia haver um objetivo ao corpo do que apenas alojar o cérebro que

parecia estar muito exigência desde a criação de *Hindenburg*. Ele, para não pôr um ponto muito perfeito nisso, fez o seu corpo cantar.

Não é de admirar ela tenha ficado tão apavorada. Foi *Jack Townsend* que fez ela ter essas sensações. Jack Townsend, toda mulher de Hollywood — toda mulher da *América*, praticamente — estavam atrás. Lou tinha tido o bastante com celebridades. Ela não estava a ponto de fazer disso um hábito.

Mas oh! Como o beijo dele tinha a feito sentir!

Exceto que depois, ele quis falar sobre ele. Como se analisar o que tinha acontecido no inferno iria fazer isso desaparecer da mente dela. Não com muita probabilidade. Ela estaria pensando naquele beijo em seu leito de morte, ela tinha certeza.

Foi Jack que quis discuti-lo, de qualquer modo. Ele sempre queria discutir motivações do seu caráter. Fazia sentido que agora ele também quisesse falar até morrer.

Bem, ela não ia lhe dar essa satisfação. Além disso, aquele beijo era seu agora. Ele não podia leva-lo embora com explicações e argumentos racionais. Tinha acontecido e ela estava feliz. Alegre porque conseguiu provar que ela não estava morta por dentro, coisa que ela tinha começado a suspeitar. E contente porque tinha acontecido dessa forma. Não aconteceria novamente. Eles tinham tentado, não funcionou - ela havia cuidado disto com aquela manobra de dobrar as costas pra trás - e agora eles podiam voltar ao jeito que eles estavam antes: comendo os intestinos um do outro com igualdade manobra atrás que sacode — e agora eles podem voltar ao modo que eles tinham sido

antes: ódio de cada um tripas de outro com equanimidade. Isto estava terminado. Estava *acabado*.

E logo, para sua surpresa, uma luz se acendeu dentro da casa. Ela não precisa curvar as mão por cima dos seus olhos para ver Jack pela janela de vidro, caminhando através da mobília da sala de estar. Ela o olhou, e ainda o olhava enquanto ele destrancou a porta e a abriu.

'Oh, oi,' ele disse com o melhor sorriso dele, aquele que ele geralmente reservava para a imprensa. 'Você estava certa o tempo todo. Você não vai entrar?'

Lou continuou o olhando. 'M-mas como?...' ela gaguejou.
'Que...?'

Porta de porão não estava trancada,' Jack explicou, deixando de sorrir. 'Pessoas

geralmente não trancam a porta do porão de suas casas de Verão. Eu sei nós nunca fizemos.'

E então ele a puxou para dentro.

Lou somente teve tempo de pensar, *Oh, meu Deus. Eu menti. Não está acabado*, antes de que ele fechasse a porta atrás dela.

Capítulo 17

Era uma cabana de caça, não uma casa de verão.

Lou foi capaz de fazer essa distinção quase imediatamente pelo número de armas na casa

– 30-30's na parede, junto de várias cabeças empalhadas – e a quantidade enorme de

carne de veado congelada no freezer. Havia também a carência de roupas de verão no

guarda-roupas do única quarto. Tudo o que ela encontrou foram camisas de flanela,

calças de moletom, jeans, e uma pilha de meias de lã.

Esse fato, somado com a aparente falta de telefone, televisão, ou rádio – pelo menos, a primeira busca frenética deles não havia revelado nenhum desses – fez com que Lou deduzisse que ela era a primeira visitante feminina da cabana. O dono dela – cujo eles descobriram, por causa de uma conta amassada do American Express que eles encontraram na gaveta, era Donald R. Williams – ou era solteiro ou casado com uma

mulher que não era apegada o suficiente do grande ar livre para acompanhar o marido em suas viagens de caça, já que não havia nem sequer utensílios pra unhas em lugar algum da casa.

Pela aparência das coisas na geladeira – que tinham todas passado da validade a um mês atrás - Donald não tinha estado em sua cabana a semanas. Lou esperava que ele não se importasse por eles terem se apropriado dela por uns tempos... apesar dela não poder

dizer que ela se importava muito profundamente com o que Donald achava. Ela estava

aquecida, e isso era só o que importava. Aquecida e limpa, graças ao banho, que, depois que Jack bolinou no porão, tinha provado conter uma grande reserva de água quente. Lou não passou tanto tempo quando queria embaixo daquele chuveiro, consciente de que ela precisava guardar *um pouco* daquela água deliciosamente quente, de qualquer forma, pra Jack.

Ainda assim, os poucos momentos preciosos que ela tinha tido pra lavar e condicionar o seu cabelo – mais provas de que aquele era um habitat só de homens: o shampoo no chuveiro tinha sido daquele tipo que já vem com condicionador – estavam entre os mais gloriosos que ela podia lembrar...

Além do beijo que Jack tinha dado nela, é claro.

Mas ela estava determinada a não pensar mais nisso. Emergindo do banho,

deliciosamente escaldada do couro cabeludo até a solas dos pés, Lou vestiu uma das

camisas de flanela que ela havia roubado do guarda-roupa do quarto – nada faria ela

voltar a vestir as roupas que ela tinha vestido por vinte e quatro horas seguidas –

acompanhada com um par de longas calças de moletom de homem, que, se não estavam

exatamente na moda, pelo menos eram quentes e limpos. E já que ela havia determinado

que o que quer que tivesse acontecido entre ela e Jack tinha sido apenas uma epidemia –

e que se fosse algo mais, precisava ser desencorajado imediatamente – ela não se

incomodou com a maquiagem, mas emergiu do banheiro com as roupas emprestadas e

uma toalha enrolada na cabeça.

“Hey”, ela disse a Jack, que havia acabado de acender a lareira no centro de pedra da sala de estar. “O chuveiro é seu”.

“Obrigado”, ele disse, se virando pra olhar pra ela...

... e derrubando o fósforo aceso no chão de madeira.

“Nossa”, Lou disse, enquanto ele tentava apagar as chamas que apareceram. “Não é ruim suficiente que nós tenhamos invadido a casa do cara. Você tem que tocar fogo nela também?”

O olhar de Jack foi azedo. “Engraçada”, ele disse. “Escute, eu deixei dos bifés

descongelando no microondas. Se o timer tocar enquanto eu estiver no chuveiro, e eles aparentarem estar prontos, passe eles no pouco de óleo vegetal que eu encontrei, e coloque eles na frigideira que eu separei, e acenda o fogo. Entendeu?”

Lou piscou pra ele. Ela não pôde evitar. Ele tinha tirado o casaco, e na luz do fogo, as linhas do corpo dele estava perfeitamente evidentes por baixo do sweater de casimira e o denim ajustado do jeans dele.

Mesmo sem tomar banho, com uma barba de dois dias no queixo, o cara era bonito.

O que mais ela podia dizer?

“Você sabe cozinhar?” foi tudo o que ela conseguiu botar pra fora, no entanto, mesmo que isso soasse piedosamente boboca.

“É claro que eu sei cozinhar” Jack disse, caminhando ao redor do sofá roto em direção ao banheiro. “Você não sabe?”

“Um”, Lou disse, sentindo de repente que a toalha em seu cabelo molhado estava

pesando demais. “Claro. Claro que eu sei”.

“Bem, que bom”, Jack disse. “Jogue aqueles bifés lá dentro quando eles estiverem prontos”.

Aí ele desapareceu no banheiro. Lou, apesar dela estar a uns bons dez pés do fogo, sentiu como se ela pudesse expirar a onda de calor repentina que passou pelo corpo dela. Ela se inclinou pra tirar a toalha de seu cabelo, pensando que seus cachos molhados podiam acalmar a efervescência repentina de suas bochechas.

“Oh”, Jack disse, colocando a cabeça pra fora pela porta do banheiro. “Eu encontrei uma garrafa de vinho no porão. Ela está

descansando no balcão. Coloque em dois copos, tá bom? A não ser”, ele acrescentou, com o que ela só podia chamar de picardia, “que o vinho vá te nocautear como o whisky da noite passada”.

Ele fechou a porta na expressão agravada de Lou, como se ela não tivesse apreciado o lembrete.

Sozinha na sala de estar, Lou estendeu a toalha que havia coberto seu cabelo nas costas de uma entre as muitas cadeiras que estavam arrumadas ao redor da grande mesa de jantar, bem ao lado da cozinha. A cabana praticamente era constituída de apenas um quarto grande, que ela supôs que as pessoas estavam chamando de quartos “enormes”

ultimamente, apesar dela duvidar muito de que essa era a forma como o dono dessa

cabana se referia a ele. A mobília era confortável e robusta, mas não podia ser chamada de uma decoração chique. Pelo menos a cozinha estava equipada com todas as conveniências modernas... com exceção de um telefone.

Mesmo assim, Lou estava determinada a tirar o melhor da situação. Pelo menos ela

estava aquecida e, pelo menos por um momento, segura. Do lado de fora, outro temporal aparentemente estava se aproximando deles. Ela podia ouvir o vento – pelo menos, ela certamente esperava que fosse o vento – uivando, e ela podia ver a neve, refletida na lamparina da sala de estar, descendo com força e rápida contra o céu negro da noite.

Mas ela estava aquecida, e ela estava limpa, e estava prestes a ser alimentada – se era verdade que Jack sabia cozinhar. O que mais uma garota podia pedir?

Um, bem. Um pouco de dignidade podia ser bom.

Lou estava plenamente convencida de que, depois daquela exibição na neve, ela não tinha mais nenhuma. Dignidade, quer dizer. Ela tinha beijado aquele homem com tano abandono quanto... bem, como uma fã. Sério. Não era de estranhar que ele quisesse “conversar”. Ele provavelmente queria lembra-la que eles dois estavam vindo de

relacionamentos fracassados, e que provavelmente não seria “sábio” apressar as coisas agora. Como se ela tivesse considerado namorar com Jack “eu não estou pronto pra me comprometer” Townsend. De jeito nenhum. Nada mais de atores pra ela, obrigada. Se ela um dia se envolvesse em outro relacionamento de novo, seria com alguém que tivesse uma carreira normal. Como um policial. Ou um salva-vidas.

O microondas apitou. Lou abriu a porta e espetou os bifés que encontrou lá dentro. Eles não estavam mais congelados. Ela os tirou de lá e esfregou eles em óleo de oliva, como Jack havia instruído, e aí os colocou na panela que estava esperando, e acendeu o fogo.

Enquanto ela esperava que o óleo começasse a espirrar, a boca dela começou a encher

d’água. Foi aí que ela espiou a garrafa de vinho.

Foi Barry quem fez o esforço pra se educar em vinhos. Ele tentou ensinar ela sobre a

diferença entre um merlot e um montepulciano. Lou nunca se incomodou de verdade em prestar atenção.

Ela sempre tinha coisas mais importantes pra descobrir, como uma forma de fazer seus

personagens ficarem juntos no terceiro ato sem que o diálogo não soasse pouco

convicente. Ela se perguntou se Greta era uma aficionada em vinhos, e isso era algo que ela e Barry tinham em comum.

Depois que uma inspeção no refrigerador – quase vazio – e na dispensa – a mesma coisa

– provou que eles eram insuficientes pra fornecer alguma coisa pra comer enquanto os

bifés estavam assando, Lou colocou um copo de vinho pra si mesma. Só uma, ela disse

pra si mesma, não ia machucar. Além do mais, ela conseguia lidar com cerveja e vinho

muito bem. Eram as coisas pesadas que ela não agüentava.

Pegando seu copo de vinho, ela se sentou no tamborete do balcão pra olhar os bifés,

pensando, enquanto fazia isso, que se alguém – Vicky, por exemplo-tivesse dito que ela podia, uma noite, estar fazendo bifés de carne de veado com as roupas emprestadas de alguém, com o cabelo molhado em sem nenhuma maquiagem, enquanto Jack Townsend

estava no outro quarto, tomando banho, Lou jamais teria acreditado. Esses tipos de coisa simplesmente não aconteciam. Não com Lou. Esses tipos de coisa aconteciam com as outras pessoas, e Lou escrevia sobre isso. Era isso que ou tinha feito, quase sua vida inteira: recordado as lembranças sobre as vidas – algumas vezes inventadas por ela mesma – dos outros. Ela própria não vivia uma vida que valesse a pena recordar.

Pelo menos, não até recentemente.

De repente, no entanto, as coisas haviam ficado muito complicadas na vida de Lou

Calabrese. O vinho era rico e bem-encorpado. Lou sabia o suficiente sobre vinhos pra

saber disso. Ele era delicioso na boca dela, suave em sua língua. Ela já estava aquecida, pelo banho, e depois pela forma como Jack Townsend – no que ele estava pensando, afinal? – olhou pra ela logo depois disso.

Mas agora ela estava mais aquecida que nunca, com alguns goles do vinho em seu estômago vazio.

Aí o chuveiro foi desligado, e alguns segundos depois, Jack saiu do banheiro, usando

nada além de uma toalha amarrada nos quadris.

E Lou não pôde deixar de pensar que, mesmo com todas as vezes que ela já tinha visto

com menos roupas ainda – e isso tinha acontecido em cerca de todos os filmes que ela

tinha escrito e que ele tinha estrelado – tinha sido bom que ela engolisse antes dele aparecer, ou ela podia ter cuspidado vinho pela

sala toda, de tão forte que a visão dele tinha feito o coração dela bater contra as suas costelas.

“Como estão aqueles bifés?” Jack perguntou.

“Bem”, Lou respondeu, incapaz de encontrar o olhar dele.

“Ótimo”, ele disse. “Eu volto em um minuto pra finalizar eles”.

Lou baçançou a cabeça, e misericordiosamente, ele foi embora... esperava-se que ele

fosse colocar algumas roupas no quarto. Ela provavelmente era, ela refletiu, a única

mulher na América que, depois de encontrar um Jack Townsend meio nu, na verdade

teria preferido vê-lo vestido.

Isso provavelmente era porque ela era a única mulher na América que achava que a idéia de ter o coração partido por Jack Townsend não era muito atraente.

Se Jack tinha ouvido a prece muda dela, ela não sabia, mas quando ele voltou do banheiro alguns minutos depois, ele estava completamente vestido... seguindo uma certa moda. Ele também havia criado uma aparente aversão às suas roupas, e estava usando, como ela, uma das camisas de flanela de caçador. Só que ao invés de escolher uma longa calça de moletom pra usar como parte de baixo, ele estava usando um par de jeans do dono da casa. Lou não pôde deixar de reparar que tanto a camisa quanto a calça estavam um

pouco justas demais.

“Tudo bem” Jack disse, vindo até o fogão e virando os bifés – o aroma deles estava

fazendo com que a cabeça de Lou parecesse um pouco leve... a não ser, é claro, que isso fosse por causa do vinho. Ou possivelmente o homem que o estava vertendo. “O que mais nós temos? Um homem não pode sobreviver apenas de carne de veado”.

Ele abriu o freezer, dando a Lou uma longa visão privilegiada como os jeans emprestados se ajustavam ao famoso posterior de Townsend.

“Eureka” ele disse, puxando um objeto incrustado de gelo dentro do freezer.

“Espinafre com creme. Perfeito. Nós não poderíamos pedir por nada melhor no Peter Luger”.

Aí ele estava arrancando a embalagem do espinafre com creme e jogando ele no microondas.

Lou, cujos conhecimentos sobre arte culinária se estendiam a torrada e um ocasional

sanduíche de ovo, disse, em uma voz que soava estranhamente diferente da dela, de tão fraca e educada que era. “Eu não sabia que você cozinhava”.

“Oh, claro” Jack disse, virando os bifés com um garfo que ele havia encontrado em uma das gavetas. “Eu tive que aprender a me virar na cozinha muito cedo. Eu era um comedor exigente quando era criança, e se você não gostasse do que o cozinheiro servia...” Ele levantou os ombros. “Bem, as regras da casa eram, se você não gostasse do que o cozinheiro estava servindo, você cozinhava sozinho o que você quisesse. Então, é, eu aprendi a cozinhar”.

Cozinheiro, Lou pensou. Ele dizia isso tão casualmente, como se todo mundo tivesse tido um cozinheiro na infância.

Mas hey, até agora ele estava mais confortável na cozinha do que Lou ou Barry já

estiveram, e nenhum deles tinha crescido com serventes em casa. Na verdade, se não

fosse pela comida de fora, ela e Barry podia ter morrido de fome antes de pegar uma panela pra fazer macarrão.

Foi aí que ela se deu conta de que, além fato de que Jack havia crescido como rico, o herdeiro da fortuna da Townsend Security, ela não sabia literalmente nada sobre ele.

“Você, um, tem irmãos ou irmãs?” ela perguntou, de novo com aquela voz esquisita que parecia tão diferente da dela.

“Não”, Jack disse. Ele colocou um pouco de vinho no outro copo vazio. “Éramos só eu,

Mamãe e Papai”.

“Oh”, Lou disse. Aí, já que ela não conseguia pensar em mais nada – exceto em como a

bunda dele continuava bonita naqueles jeans – ela disse, “Isso deve ter sido solitário”.

“É isso que todos vocês que vêm de famílias grandes acham” Jack disse, com um sorriso malicioso. “Mas como é que eu podia sentir falta do que eu nunca tive? E eu me dava bem com os meus pais”. O sorriso desapareceu. “Pelo menos, até que eu decidi que queria ser ator”.

Lou, aliviada pelo sorriso ter desaparecido, porque ele tinha feito alguma coisa com a pulsação dela que ela não gostava nem um pouco, descobriu que esse era um tópico sobre o qual eles podiam duelar até a hora de ir dormir, se ele pudesse fazer com que ele não sorrisse, estragando a resolução dela de não ter nada a ver com ele... pelo menos, fisicamente, de qualquer maneira.

“Oh? Os seus pais não aprovaram que você tenha seguido a carreira de ator?”

“Bem, a minha mãe não se importou”, Jack disse. “Meu pai queria que eu tomasse conta

dos negócios da família. Ou, que pelo menos, fosse para a faculdade de Direito”. Ele deu um gole em seu vinho. “Quando eu discordei, ele me cortou quase inteiramente. Eu não acho que interpretar um faxineiro em uma minissérie extremamente curta era exatamente o que ele tinha em mente pra o seu filho único”.

Lou disse, “Oh, mas você fez várias coisas desde então. Quer dizer, aquilo foi só quando você estava começando, certo? Você fez um sucesso incrível desde então. Quer dizer, ele deve ter ficado orgulhoso do trabalho de você fez em *STAT*”.

“Talvez”, Jack disse, levantando os ombros. “Mas ele nunca teve exatamente uma chance de me dizer. Ele morreu durante a segunda temporada. Ele nem sequer chegou ao primeiro Copkiller”.

“Oh”, Lou disse. Incrivelmente, ela realmente se sentia mal por ele. Por Jack Townsend!

“Isso deve ter sido duro”.

“Não mais duro, eu espero, do que crescer em uma casa cheia de caras” O sorriso malicioso estava de volta. “Foram eles que te ensinaram aquele movimento que você executou em mim lá atrás?”

Ela sentiu suas bochechas ficando vermelhas com essa referência, mesmo que oblíqua, ao beijo que eles compartilharam. Felizmente, o timer tocou no microondas, e Jack teve que ir ver o espinafre com creme.

“Não”, ela disse cuidadosamente. “Aquilo foi meu pai. Ele estava preocupado comigo, sabe, quando eu fui para a faculdade. Ele queria ter certeza que eu saberia tomar conta de mim mesma”.

“É”, Jack disse, mexendo o espinafre. “Bem, você pode dizer a ele, por mim, que deu certo. Aquilo deve ter sido bem intimidante pra os seus namorados no colegial, huh?”

Quer dizer, namorar uma garota com quatro irmãos mais velhos e um pai que possuía armas de fogo”.

Lou não sabia se era o vinho, o motivo da facilidade que com que eles estavam

conversando – sem rancor, praticamente pela primeira vez no dia inteiro, ou o fato que ela estava finalmente, depois de um pesadelo de quarenta e oito horas, começando a relaxar. Em qualquer caso, ela se encontrou rindo com a pergunta de Jack, e dizendo,

“Bem, eu não sei. Só houve um”.

“Só um o que? Uma arma?”

“Não”, ela disse com uma risadinha. Uma risadinha! Lou, que nunca dava risadinhas,

mas praticamente ria guturalmente, como Linda Fiorentino, quando estava presa no trânsito em uma estrada! “Namorado”.

Jack aparentemente queimou a mão no espinafre com creme. Ele balanço ela no ar

enquanto perguntava, com um pouco de confusão. "O que? Barry? Barry Kimmel foi seu único namorado? De sempre?"

Atrasada, Lou se deu conta do que havia acabado de confessar. Para um homem que já esteve ligado romanticamente com tantas mulheres quanto Jack – e isso era só desde que ele tinha ficado famoso – o total de parceiros que Lou já teve devia ser impressionante, uma coisa até assustadora.

Ela se incomodava se ele se assustasse com isso? Ela não queria ter um relacionamento com ele, de qualquer jeito. Vicky tinha curado ela das tendências nessa direção. E além do mais, Lou havia prometido que não namoraria mais atores, lembra? Afinal, não era pra isso que servia a toalha na cabeça e a falta de maquiagem?

Então, ela levantou seu copo de vinho, deu um gole fortificante, e disse, "É. Só Barry".

Jack olhou pra ela absolutamente descrente. A última vez que ela viu ele ficar tão

surpreso desse jeito foi durante a leitura de Copkiller IV, quando ele chegou a parte em que a mão do detetive Pete Logan era forçadamente quebrada por um mestre do crime de Inuit.

"Meu Deus", ele disse. "Só um cara, a sua vida inteira? Você é praticamente –" Ele parou.

Ela apertou os olhos suspeitosamente pra ele. "Praticamente o que?", ela perguntou.

"Nada", ele disse e se virou para o fogão. "Oh, hey, isso está quase pronto. Deixa só eu pegar dois pratos e –"

"Praticamente o que, Townsend?", ela perguntou, sua voz endurecendo.

"Bem, você sabe", ele disse, levantando os ombros, envergonhado. "Uma virgem".

Capítulo 18

Oh!" A esposa de Tim Deus gritou, enquanto aplaudindo as mãos junto dela. " *Ele não fez!* Isso é *muito* engraçado. Soa como o tipo

de coisa que só ele faria. Não parece o tipo de coisa que o Jack faria, Mel?"

Melanie Dupre - que, Eleanor pensou, era outro desses nomes fictícios que os amigos de Jack pareciam ser fascinados para ter; a menina não podia *ser* francesa de verdade.

Nenhuma francesa que Eleanor conheceu nomearia sua filha de Melanie - sorriu, mas só

um pouco. Diferente de Vicky, Melanie não parecia particularmente interessado das

histórias da infância de Jack. Eleanor não a culpou, particularmente. Jack tinha sido uma criança adorável, claro. Mas não podia estar entretendo uma jovem mulher como a Senhorita Dupre, que era tão arrebatadoramente bonita, sentada em uma noite de sábado em um quarto de hotel, escutando as histórias afetuosas de uma mãe sobre o filho dela, um homem que a menina quase não conheceu.

Ou talvez Melanie conhecesse Jack melhor que ela imaginava desde que ela disse,

enquanto escondia educadamente um bocejo atrás de uma bonita mão - entretanto as

unhas da menina, Eleanor não pôde deixar de pensar, era realmente um pouco longas

demais para o gosto dela - "Oh, Jack me falou dessa história um milhão de vezes."

Mrs. Lord atirou a menina um olhar que Eleanor só poderia descrever como venenoso.

"Ele falou?" Vicky disse acidamente. "Bem, ele nunca me falou."

Então, o olhar angelical de Vicky - que, depois que ela soube que havia uma chance de Jack ainda estar vivo, tinha ficado animada e tinha tirado os pijamas dela e de fato penteou os cabelos - retrocedeu para Eleanor e disse, com os olhos azuis largo dela como uma criança, "Me fale o que o Jack fez logo, Mrs. Townsend."

"Oh", Eleanor disse. Ela olhou para Mr. Calabrese - ou Frank, como ele tinha lhe sugerido que o chamasse. Eleanor não, como uma regra, aprovava apelidos, mas Franklin parecia um nome muito formal para este homem tão bondoso. Pobre criatura. Ele olhou tão

sonolento quanto ela se sentia, enquanto quase acenava com a cabeça no sofá branco.

Pobre, doce homem.

Ela gostou dele desde o momento que se conheceram, enquanto ele deixou Alessandro sentar com eles.

E como inestimável ele provou ser falando com a polícia! Como oficial aposentado ele

entendeu totalmente a "linguagem" deles e tinha explicado tudo pra ela, como a polícia continuava a administrar a procura e uma missão de salvamento e como o um eles tinham atualmente embarcado para achar o Jack e a pequena Lou de Frank. Eleanor já tinha desenvolvido uma real simpatia pela Senhorita Calabrese, que infelizmente teve o grande infortúnio de ser chamada de Louise.

Se alguém deveria realmente reclamar do nome, deveria ter sido a filha do pobre Frank Calabrese. Louise Calabrese realmente!

Ainda, ela era realmente uma bonita menina - Frank tinha lhe mostrado uma fotografia - e muito próspera, também, na carreira dela, assim Eleanor supôs que o nome da pobre não a tenha causado mal. Ainda, tinha aquele terrível negócio com aquele homem di Blase, Frank disse se chamar Barry, e a horrível Greta Woolston deixou o Jack por ele. Eleanor não gostava de difamar pessoas que ela nunca tinha encontrado, mas ela concordada com a avaliação de Frank que este Barry era um "ordinário."

Tais encantadoras novas palavras que Frank tinha lhe ensinado! Realmente, ele era uma descoberta deliciosa. Eleanor deslizou um olhar a ele pelo canto dos olhos dela. Também, ele é um real cavalheiro. Por que, Eleanor não conseguia se lembrar da última vez que alguma pessoa tinha segurado uma porta aberta para ela passar - exceto Richards, claro.

Muito mais cavalheiresco que aquele horrível Tim Lord. Imagine, aquele homem que tem

dirigido uma acumulado de filmes o tempo todo - até aquele sobre zepelim que a filha de Frank escreveu. Não era de estranhar, realmente, que o pequeno homem seja tão cheio de si. Ainda, era injusto dele e a esposa dele, os manter aqui.

Ele devia saber que ela e Frank tinham passado o dia inteiro dentro e fora de entrevistas com a polícia, a Associação de Aviação Federal, a imprensa... . Isso já teria sido o bastante para uma pessoa muito mais jovem e aqui era Eleanor, que estava indo fazer sessenta e cinco... embora cavalos selvagens não a fariam dizer a verdade sobre isso.

Ainda, poderia ter ocorrido ao anfitrião e a anfitriã que os dois ainda estavam no fuso horário oriental. E já era quase meia-noite! Até mesmo Alessandro estava inconsciente na pequena cesta feita de vime dele.

"Mrs. Townsend?" Vicky Lord estava olhando esperançosamente para ela. Oh, Deus. Ela deve ter feito uma pergunta. Eleanor estava simplesmente tão cansada. Como podia ela se lembrar...? Oh, sim. A história que ela estava contando, sobre Jack.

"Bem, Jack, quando ainda era criança, não tinha todo esse real interesse em arte", ela disse "e assim ele estava correndo aquele pequeno carrinho que ele tinha - um brinquedo, você sabe - ao longo da parede... do Louvre! Eu não tinha nenhuma idéia até que um guarda olhou para ele e disse, '*Petit monsieur.*' Tão cortês, os guardas no Louvre, você alguma vez notou? '*Te ? S'il te plait, ne conduis pas sur le mur!*' Por favor não dirija na parede. Tão divertido não é?"

A esposa de Tim Lord riu, mas Senhorita Dupre não. Uma criatura bonita mas bastante

densa, Eleanor pensou. Ela era parecida com Greta Woolston.

Tal pensamento fez a Eleanor dar uma olhada na co-estrela do filho dela. Céus, ela

pensou. Poderia esta menina e Jack –

Não. Isso era um absurdo. Seguramente Jack tinha aprendido a lição dele até agora. Ele não poderia ter se envolvido com essa garota. Não *outra* atriz. Não... .

Entretanto a menina disse, enquanto olhando para Mrs. Lord pelos cílios dela, "Sim, Jack me falou sobre isso, quando eu estava na fazenda. Você foi à fazenda, não foi, Vicky?"

Mrs. Lord estava tomando um gole do champagne dela. À pergunta da outra menina,

sufocou ela um pouco. Tim Lord que estava sentando em uma cadeira em frente à esposa

dele pareceu preocupado. "Você está bem, querida?" ele perguntou, tão cortesmente que se Eleanor não tivesse sido convencido da falsidade desse homem, poderia ter pensado melhor dele.

"Bem", Vicky disse, enquanto tossindo no punho fechado dela. "Eu estou bem. Desculpe.

Só desceu pelo tubo errado, eu acho. Eu sinto muito." Ao lado dela, Frank Calabrese se mexeu, aparentemente se despertando pela tosse. Ele deu uma olhada, com os largos olhos azuis dele, como se ele não estivesse certo de onde ele estava. Eleanor entendeu o sentimento. "Que horas são?" ele perguntou.

Tim Lord olhou para o relógio dele. "Só meia noite e 9", ele disse. "Me deixe lhe servir um uísque, Mr. Calabrese. Eu tenho um doze anos isso derrubará suas meias-"

"Não, obrigado", Frank disse, enquanto ficava de pé. "Está tarde para mim. Já passou da meia-noite. E nós temos outro dia longo pela frente amanhã. Eleanor você está bem? Ou você quer que eu a leve até o seu quarto?"

Eleanor sentia uma gratidão por esse homem. "Oh, eu *estou* cansada", ela disse. "Todos vocês foram tão amáveis, mas se vocês não se importarem-"

"Não", Vicky Lord disse, enquanto ficava rapidamente de pé, como se estivesse repentinamente ansiosa para que eles fossem embora.

Que era estranho, desde que ela foi tão insistente na vinda deles até o apartamento para bebidas depois do jantar - que tinha sido lamentável; sempre era um lamentol um restaurante não aderir o simples preço americano se o chefe de cozinha não estivesse altamente qualificado nas artes culinárias - no restaurante de hotel. "Eu sou segura que você deve estar exausta. Me deixe levar você à porta."

Ela fez, Também, desnecessariamente bastante suspense, Eleanor pensou, enquanto

Frank recobrou Alessandro e a cesta dele. Ainda, pelo menos havia algo agradável sobre a jovem Mrs. Lord. É uma pena que o mesmo não possa ser dito de Melanie Dupre. A mais mal-humorada garota que a Eleanor tenha encontrado atualmente.

Se Jack estivesse saindo com ela, só poderia ser por causa da aparência dela que eram, claro, extraordinários. Mas como Eleanor tinha lembrado a ele durante algum tempo, aparência não era tudo. Por que ele parece não poder achar uma menina agradável, alguém para ficar com ele naquela sua fazenda e ter algo mais que só cavalos? Os netos dela, por exemplo?

Bem, certamente isso não ia acontecer logo. Não se Jack continuasse se relacionar com novas atrizes mal-humoradas como aquela horrível Melanie Dupre. "Esperemos boas notícias pela manhã", Vicky Lord disse na entrada, enquanto apertava a mão de Eleanor.

"Sim", a Eleanor disse. "Vamos."

"Boa noite", Vicky disse.

"Boa noite", Frank disse.

Então Vicky fechou a porta do apartamento e Frank que estava com a cesta de

Alessandro em um braço e o cachorro no outro disse, "O que é o problema com essas pessoas?"

Eleanor fez tudo que pode para não cair na gargalhada. Mas realmente, eles poderiam

escutar. Ainda, ela nunca tinha ouvido os próprios pensamentos expressos tão exatamente por outro ser humano.

"Eu não sei", ela disse, enquanto apertava o botão ao lado do elevador. Tim Lord tinha ficado com o único quarto de cobertura.

"Era um pouco estranho, não era?"

"Estranho?" Frank Calabrese balançou a cabeça. "Completamente estúpido, era o que era.

Eu quero dizer, nossos filhos estão perdidos e eles quiseram beber champagne. Isso pode ser o que eles fazem em Hollywood, mas eu lhe falarei, em Long Island, quando o filho de alguém está perdido, ninguém estará bebendo champagne."

"Eu acho", Eleanor disse, quando o elevador chegou, Frank educadamente segurou a porta de forma que ela pudesse subir primeiro, "que é isso que eles costumam beber. Do mesmo modo que nós bebemos café."

"Bem, eu poderia ter tomado uma xícara de Java ou duas", o Frank disse, enquanto apertava o botão do andar deles.

Eles tinham sido colocados em quartos no mesmo corredor. "Poderia ter me mantido acordado enquanto aquele Tim Lord ia falando sobre aquele negócio *Hamlet*. Grande golpe de esse, huh?"

"Foi totalmente aclamado criticamente, eu acho", Eleanor disse. "Mas, oh, querido. Não me dá muita confiança, Frank que o Jack e Lou vão ser encontrados logo, se esse for um exemplo do tipo de pessoas que estão procurando por eles."

"Bem, não são", Frank disse. A porta de elevador abriu no andar deles. O Frank segurou a porta para ela poder entrar no corredor, atapetado.

"As pessoas que estão procurando nossos filhos não são do tipo de Hollywood. Elas são reais. Especialmente aquele xerife. Ele parecia do tipo que achar um urso-branco em uma nevasca não fosse muito para ele. Então não se preocupe, Eleanor. Eles vão se encontrados."

A Eleanor desejou poder acreditar. Mas como duas pessoas simplesmente podem

caminhar para longe de um acidente de helicóptero, e desaparecer tanto como seus rastros nos bosques? Não fazia sentido. Sim, claro, o tempo estava impedindo a procura, toda esta neve terrível - ela estava tão alegre por ter vendido a cabana de esqui em Álamo; realmente, ela nunca mais queria ver neve novamente.

Mas quanto tempo eles poderiam durar, nesse frio? Não muito tempo. Ninguém tinha

falado isso a ela, mas a Eleanor tinha visto o olhar de Frank e aquele xerife que veio de Myra, de onde tinha sido o local do estrondo e para lhes falar que Jack e Lou não tinha sido encontrados lá, eles trocado de assunto quando esse assunto surgiu. Eles estavam a protegendo da verdade, ela tinha certeza disto.

E a verdade era que ninguém - não importa quantos filmes de sobrevivência eles

poderiam ter visto - poderia durar no ártico por mais de quarenta e oito horas. Eleanor não era, claro, despreparada para a perda. Ela tinha perdido ambos seus pais há muito tempo, e mais recentemente, o marido dela. Ela tinha resistido todas as três perdas, os resistiu com o melhor humor que ela pôde, como também com pouca graça... ou assim ela esperou.

Mas como poderia resistir a perda de seu único filho? Isso não pode acontecer. Se o Jack tivesse sido ido... se o Jack tivesse sido ido... .

Ela estará morta, também.

Então Frank estava colocando Alessandro na cesta dele. Só que ao invés de lhe pedir a chave dela, de forma que ele pudesse abrir a porta dela para ela e então educadamente lhe oferecer o boa-noite, ele levou o braço até ela e disse, "Agora o que é isto?" enquanto olhava para o rosto dela. Eleanor que tinha bastante certeza que estava parecendo realmente mal-humorada - até mesmo mais mal-humorado que aquela sórdida Melanie

Dupre - tentou sorrir corajosamente.

"Nada", ela disse. "Não é nada. Eu só... Eu tenho algo em meu olho."

"Agora, Eleanor", Frank disse, na voz profunda e amável dele. "Nós conversamos sobre isto. Você e eu temos casal de filhos agitados. Você realmente acha que casal de agitadores vão deixar um pouco frio e neve os mate?"

Eleanor aspirou ruidosamente. Ela não podia evitar isso. O lenço dela estava na bolsa, mas ela não tinha vontade de pegá-lo. Ela estava tão cansada. Tão terrivelmente cansado.

"Me escute", Frank disse. "Minha filha é a pessoa mais teimosa que eu já me encontrei, fora a mãe dela. Se você acha que ela vai deixar algo como um pequeno temporal acabar com ela, bem, você não a conhece. E do que eu ouço falar de seu Jack, bem, hipotermia não deveria o incomodar. Eles vão estar bem, Eleanor. Muito bem. Eles provavelmente estão enfurnados em alguma caverna, enquanto o urso que eles chutaram para fora dela está ronronando."

Eleanor não pôde deixar de dar um pequeno sorriso quando imaginou isso. "Sim", ela disse. "Isso parece com Jack."

"Eu tenho razão?" Frank disse. "Ou eu não tenho razão? Agora você se jogar na cama e se entregar ao sono. Porque amanhã, você pode apostar que eles terão encontrado local que nossos filhos estão e os dois estarão nos acompanhando ao café da manhã."

"Esperançosamente, não naquele infeliz estabelecimento lá embaixo", a Eleanor disse, enquanto secava uma lágrima do canto do olho.

"Você está brincando?" Frank disse. "Eu tive que abaixar meia garrafa de Mylanta depois daquele lombo da vaca. Eu não sei como

você pode arruinar um bife, mas aquele lugar conseguiu. Nós acharemos um agradável lugar no centro da cidade em algum lugar e

temos Comida de verdade no café da manhã. Como isso parece para você?"

"Isso parece bom", Eleanor disse. E então, impulsivamente, ela ficou na pontas dos pés e deu um beijo rápido na bochecha de Frank Calabrese. "Obrigado", ela sussurrou. Para a surpresa dela, Frank ficou surpreendente bastante cor-de-rosa. Eleanor levou um segundo ou dois para perceber que ele não estava tendo um ataque de coração, mas estava ruborizando. Fazia tanto tempo que ela não via ninguém ficar ruborizado que ela não

conseguiu se impedir de dizer " Frank! Você está se ruborizando!" embora a Eleanor pensasse que fazer observações pessoais era rude.

Depois que ela disse isso, ela colocou uma mão em cima da boca e olhou culpavelmente

para ele. Para desânimo dela, ele virou uma cor mais funda que vinho. "Eu sei", ele disse miseravelmente. "É uma maldição familiar. Todos nós fazemos isto."

Eleanor tirou a mão da boca e disse, enquanto dava um pequeno aperto no braço dele

"Bem, eu acho que é *encantador*."

Frank pareceu contente, mas um pouco descrendo. "Sério?"

"Absolutamente", Eleanor disse, firme. "É um alívio, de fato. Às vezes parecia que ninguém mais se envergonhava... especialmente as pessoas que têm motivos para ficarem envergonhadas."

"Eu sinto exatamente a mesma coisa", o Frank disse, enquanto sorrindo amplamente. "É engraçado não é?"

Eleanor sentiu um puxão curioso dentro dela - quase parecido com o puxão que sentia

quando Alessandro arrastava a correia dele porque queria fazer uma inspeção mais íntima de algo. Só agora, o puxão não estava no braço dela, mas - e ela tinha bastante certeza disto - no coração dela.

Isto estava assustando, porque Eleanor não conseguia se lembrar de ter sentido tal

sensação antes, excluía possivelmente a primeira vez ela tinha viu Gilbert, de Maude

Total-Dunleavy cotilhão (a última dança de um baile), há anos atrás... .

Céus. O *que* estava acontecendo aqui?

"Bem", Frank disse, a rosto dele tinha voltado para seu normal, só um pouco corada.

"Boa noite, Eleanor."

"Boa noite, Frank", que Eleanor disse e ela acelerou em colocar Alessandro no quarto deles e fechou a porta, antes de ele pudesse notar que agora ela o rosto dela que tinha ficado em chamas.

Capítulo 19

Lou pegou um pedaço de carne de veado com o garfo dela. A carne estava deliciosa era

como creme de espinafre, mas ela não daria a Jack Townsend a satisfação de saber que ela pensava assim.

Embora o fato que o prato dela estivesse quase vazio, como ela tinha devorado a maioria do que estava nisto, poderia possivelmente sinalizar isso.

"Deixe-me falar sobre esta linha", ela disse, entretanto com o sentimento morno, com o estômago dela cheio parecia muito difícil ficar com raiva de Jack Townsend. "Você pensa que só porque eu transei—e eu uso o seu senso bíblico, naturalmente—com apenas uma pessoa que eu sou uma virgem é?"

Ele parecia desconfortável. Entretanto, ele parecia desconfortável desde que a palavra virgem tinha deslizado dos lábios dele.

"Olhe", ele disse. "Nós podemos apenas esquecer isso?"

"Não", Lou disse, "nós não podemos apenas esquecer isto. Eu quero saber o que você queria dizer com isso. Porque eu não sou uma virgem, Townsend. Eu quero dizer, eu vivi com um sujeito durante seis anos. Seis anos.". E ele ainda não enlouqueceu para fazer a proposta, ela somou... Mas não em voz alta, claro.

"Olhe, Lou", Jack disse, enquanto pegava comida com o garfo dele. "Eu não estou fazendo nenhum julgamento, ou qualquer coisa. Só que... Bem, você tem que admitir. É um pouco raro nestes dias."

"O que é?" Ela piscou para ele aonde ele estava sentado na mesa —a mesa áspera, desigual que ela tinha posto com o talheres de mismatched(?) da gaveta de talheres de Donald. Ao menos era o que ela poderia fazer, ela figurou, desde que o Jack tinha feito a refeição.

Porém, agora a ocorreu que ela tinha se aborrecido. A opinião de Jack sobre ela era obviamente bem determinada.

"Você está falando sobre monogamia?" ela perguntou, um pouco incrédula.

"Bem", ele disse, enquanto tomava um gole de vinho. "Sim. Eu ordeno esse pensamento que tinha diminuído com pulos os de milkshakes na farmácia local."

Ela continuou o encarando por cima do pedaço de carne de veado que ela tinha prendido com o garfo.

"Você sabe que eu tenho armas, não o faça?" ela perguntou. "Eu posso muito facilmente só te matar e deixar seu cadáver apodrecendo aqui para Donald achar."

"Nenhum julgamento, eu disse." Ele apanhou a garrafa de vinho, e reencheu o copo dela.

"Eu não sei por que você está sendo tão defensiva."

"Você me chamou de virgem", Lou mostrou.

"Praticamente", Jack a lembrou. "Eu disse que você é praticamente uma virgem. Como sua carne de veado é?"

"Não tente mudar o assunto", Lou disse, embora ela estivesse tendo dificuldade de ficar com a mão no tópico. Como podia, quando ele estava tão perto, só uma mesa os separava, e olhando melhor... Bem, ela sentia que ele estava inteiro para. Ele tinha aplicado um do cremes Bic de Donald claramente nele, mandíbula quadrada, como o restolho de navalha que tinha coberto a face dele ontem de manhã tinha sido. O cabelo escuro grosso dele

ainda estava úmido da chuva dele, e aderiu em resumo à parte de trás do pescoço dele, enquanto rodava os cachos. Cachos mais escuros — estes do cabelo do tórax—espiavam do V da abertura da camisa de flanela que ele vestia.

Embora Lou tivesse visto o tórax dele nu cem vezes antes—na telona, até mesmo—de

alguma maneira o fato que ela podia alcançar pela mesa e, tirando alguns botões, tenha toda aquela masculinidade para ela através do seu tato ...

... Bem, um pouco morno.

Talvez fosse o Johns longo. Talvez fosse o fogo rugindo no forno a alguns pés. Talvez dosse a comida rica e bem-cozida ao fundo do estômago dela.

Ou talvez fosse o fato que Jack Townsend estava provando ser surpreendentemente

natural, para um ator. Ele não tinha proferido a palavra arte uma vez, ou havia feito uma única referência ao agente dele. Que tipo de ator ele era, estava faltando assim em ego-absorvido? Só o fato que ele não tinha mencionado Stanislavsky durante todo o tempo que eles estavam junto bastante para fazer Lou suspeitar.

"Eu não estou tentando mudar de assunto", Jack disse. "Eu estou genuinamente interessado em sua gastronomia experimental aqui no Chez Donald."

Ela estreitou os olhos para ele. "A comida está deliciosa", ela disse. "Como eu estou segura que você percebeu."

Ele encolheu os ombros e apanhou o copo de vinho dele. "Bem, eu nunca sei. Eu acho que tudo o que eu cozinho está delicioso. Outros conhecidos parecem discordar. Se interessa por sobremesa?"

Lou esqueceu todo o aborrecimento com ele. "Sobremesa?" ela perguntou, os olhos dela arregalados. "Que tipo de sobremesa?"

"Donald tem algum Breyers no congelador, e eu notei uma garrafa de Hershey no freezer."

Lou apoiou-se pela mesa e arrancou o prato vazio dele. "Eu lavarei a louça", ela disse.

"Você serve o chocolate quente."

Só que ele não o fez. Ele só continuou sentado, enquanto olhava de lá para ela enquanto ela tirava a mesa, enquanto empilhava os pratos sujos e lançava o talheres usados em cima.

"O que?" ela perguntou, quando finalmente notou o olhar fixo dele. "Eu tenho espinafre nos meus dentes?" Ela alcançou até que os esfregou com um dedo. "Onde está? Eu consegui isto?"

"Você não tem espinafre em seus dentes", Jack disse, com aquele sorriso de quinze milhões de dólares com toda sua potência em watts—talvez um ponto de quinze. "Eu só não estou acostumado a jantar com mulheres que se interessam por sobremesa."

Lou bufou e começou a limpar a pilha de pratos usados.

"Chocante", ela disse quando a água quente começou saturar os pratos dentro da pia. "E eu estava segura que Greta Woolston levava amendoim na bolsa dela, como eu. Tudo que, Townsend. Só digamos que a maior parte de seu recente gosto por mulheres deixa de ser desejado."

"Oh", Jack disse, inclinando-se para trás na cadeira dele e dobrando as mãos atrás da cabeça dele—trazendo, Lou não podia ajudar, mas poderia notar, os bíceps dele para cima de uma maneira alarmante em baixo da camisa de flanela dele, "e Barry Kimmel era uma ótima escolha para marido."

"Pelo menos", Lou disse, enquanto esguichava água na pia, "Barry não é um cadáver ambulante."

"Talvez não", Jack disse. "Mas você não pode contar todos os músculos do sujeito são estourados. E você gastou dez anos com ele? Pelo menos eu só desperdicei um par de meses com Greta."

"Oh." Lou colocou uma mão contra o tórax dela. Donald, claro, não parecia possuir luvas de lavar.

"Meu Deus. Você tem razão. Você uma pessoa tão melhor que eu". Ela derrubou a mão dela e os olhos deles reviraram. "Para sua informação, Townsend, eu estava apaixonada por Barry. Eu não estou orgulhosa de admitir isto. Mas pelo menos eu estava tentando ser um madura, ter uma relação de adulto, em vez de só acumular uma coleção de coelhas para transar descartáveis."

Algo neste pronunciamento pareceu trazer Jack de volta e inclinou-se na cadeira um

pouco mais, até que ele quase caiu. Ele se corrigiu no último minuto, mas só porque ele saltou da cadeira. Quando ele se virou enfrentar Lou depois, ele usou uma expressão de filhote de cachorro machucado.

"Coelhas para transar?" ele ecoou.

Lou voltou aos pratos. "Oh, eu sinto muito", ela disse. "Você está insinuando que você estava atraído por Melanie Dupre pelo intelecto dela? O que, vocês sentam para discutir Kant no piano dela? Você sabe que de alguma maneira, eu não posso imaginar isso."

"Você sabe algo," Jack disse, em um tom maravilhado. "Eu não sei se é assim por causa de todos esses irmãos, ou seu pai a levando para sair ao estande em vez de tomar sorvete quando você era uma criança, ou algo do tipo. Mas você é uma realidade ball-buster(?)."

"Sim?" Lou disse, enquanto virava da pia para encará-lo. "Bem, eu preferia ser uma ball-buster que um cara bonito que quando vai ao parque que de brinquedos e para em frente a uma máquina fotográfica e muda as falas escritas para ele, e que gasta todo seu tempo sendo conduzido sem filmar no seu camarim."

"Bem", Lou disse. "E não é?"

"Você acha que eu não posso escrever minhas próprias linhas?" Jack exigiu. "Eu fiz um satisfatório trabalho com uma, não fiz? Eu quero dizer, eu não vejo ninguém reclamando disto e sempre é engraçado até que alguém sai ferido em adesivos de pára-choque, não acha?"

Lou inalou nitidamente. Ela poderia se sentir ruborizando, mas ela não se preocupou. Ela alcançou e bateu furiosamente o nariz dela com a parte de trás de uma mão.

"Não, graças a você", ela brigou. "Ao invés disso as pessoas estão passando dizendo que é idiota eu preciso de uma arma maior. Você sabe, o tamanho da arma não é que importa, a potência de fogo é que sim—você acha. O que você está fazendo?"

Porque Jack tinha alcançado de repente para cima, e estava esfregando o nariz dela contra o fundo da camisa dele.

"Ainda espere um minuto", ele disse, desde que Lou estava tentando se torcer para longe dele. "Você tem espumas em seu

nariz."

Lou, alarmada com o fato dela se encontrar contra a pia, e com Jack Townsend na sua

frente contra ela, não ficou contente quando a face dela foi agarrada de repente por ele entre ambas as mãos.

Até mesmo mais alarmante que a proximidade dele e o aperto dele era o fato que antes de Jack agarrar a face dela, Lou tinha sido premiada com uma olhada rápida no estômago duro e longo dele.

Pior, a tira escura de cabelo que serpenteava para baixo naquele estômago desapareceu abaixo a frente das calças jeans que ele estava usando como uma

seta que aponta a um tesouro escondido. O rastro de velhinha, Vicky sempre tinha

chamado este fenômeno.

O rastro de velhinha de Jack era algo que, naturalmente, Lou tinha visto antes.

Mas nunca tão perto. Nunca fora de uma tela, e nas últimas fileiras...

Lou não era aparentemente a única repentinamente atenta que a temperatura na cozinha

tinha se elevado rápida e dramaticamente. Jack, enquanto segurava o rosto dela entre

ambas mãos, mãos bronzeadas, olhou para baixo nela com aquela mesma expressão

especulativa que ele tinha usado antes quando ele tinha a agarrado na neve... Corrijindo: Antes de ele beijá-la.

Lou, sentindo um jato de algo que não era totalmente medo, mas não era exatamente

nenhuma excitação, ou, apenas estava consciente que o coração dela estava batendo

muito rápido contra as costelas dela, e que a respiração dela tinha aumentado um pouco rapidamente. No nano segundo de tempo que eles ficaram assim, com a ela contra a pia e as mãos de Jack segurando o rosto dela, ela ainda pôde refletir que isto era precisamente o que ela queria que não acontecesse.

"Jack", ela disse, a voz dela soando estranhamente instável, até mesmo para as próprias orelhas dela. "Nem mesmo pense nisto. Nem se dê ao trabalho. Eu não quero me envolver com outro ator de ego absorvido."

"Você acha que eu quero me envolver com uma sabichona de pavio curto como você?"

ele perguntou sugestivamente.

E então, quando isso clareou, ele a beijou, com desejo, na boca.

Lou sentiu que esse beijo, apenas igual o primeiro, batia de baixo da espinha dela como uma montanha-russa. De repente ela foi pressionada contra ele, podia sentir todos os botões daquela camisa de flanela dele, chamuscada pelos músculos duros em baixo disto.

O calor dele estava vertendo igual ao vapor de um grande mochachino, se enrolando nos dedos dos pés dela, nas meias emprestadas deles, indo de todo o modo para cima das pernas dela, fazendo paradas no caminho em todas as ruas eróticas principais. Era tudo que ela podia fazer para se impedir de embrulhar as pernas ao redor da cintura dele e gritar, me Leve, como Marlene Dietrich em...

Espere. Tinha sido Marlene Dietrich? Oh, Deus quem se preocupava?

Havia uma delas agora, enquanto achava um peito nu, e habilmente pegando e então

apalmado isto, causando a espinha de Lou, que tinha se recuperado apenas do primeiro

beijo, fraqueza. De repente, parecia que os joelhos dela já não podiam agüentá-la.

Mas isso era verdade, porque Jack parecia entender. Impaciente com a diferença da altura deles, ele impulsionou os quadris dela para cima de forma que ela se sentou na extremidade da pia, as pernas dela esparramaram-se separadamente e aquela parte dele que mais a interessava foi solidamente pressionada contra o osso púbico dela. Ele tirou a camisa dela—Jack Townsend não era um homem que se interessava em botões—e felizmente isso parecia muito bom para ela já que os mamilos dela estavam ao alcance dos lábios muito persistentes e trabalhadores dele.

O primeiro toque ardente daquela boca num dos mamilos róseos e sensíveis de Lou quase a fez cair despercebida para trás. Felizmente a outra mão dele, a que não sustentava a camisa dela, a segurou firme. Obrigada Deus, porque o mundo parecia ter virado de cabeça para baixo de repente. Tinha que ter, para Lou fazer o que ela estava fazendo: Indo para baixo e estava desabotoando os botões da calça jeans de botão-mosca de Jack Townsend. Estouro. Estouro. Estouro.

E de repente aquela parte dele que ela sentia tranqüilamente dura e quente contra ela estava pesada na mão dela, a única parte do corpo de Jack Townsend que ela nunca tinha visto antes, mas a qual ela achou que podia aprovar cordialmente, como era tudo que uma menina esperaria de uma estrela da tela grande, e oh tanto, muito mais.

O rastro de velhinha de Jack, era confortante saber, não conduzia a decepção.

No minuto que a mão dela o agarrou, Jack, desacostumado a tal atenção direta para

aquela área—dificilmente sentia, considerando a assiduidade as mulheres do passado dele

—inalou nitidamente e enterrou a face contra a garganta de Lou. A respiração quente dele chamuscou o pescoço dela.

E a mão que tinha imergido em baixo da camisa dela para afagar os peitos dela de repente os deixou e imergiu para baixo, para o cós elástico caindo do Johns longo dela...

E então os dedos de Jack tinham deslizado entre as pernas dela e tinham achado o quente e molhado lugar para entrar. Lou não pôde abafar um gemido quando os lábios dele desceram novamente em cima dos seus, a língua dele tão inflexível quanto os dedos dele.

Tudo ela podia fazer, ela percebeu, seria tirar a mão dela de onde estava, e ela não seria virgem durante muito tempo. O pensamento estava tentando-a imensamente. Na realidade, estava com dificuldade de se impedir de se lançar contra aquele órgão grosso e quente, enquanto pulsava pela necessidade da mão dela—.

Mas Jack parecia ter outras idéias. Ele deslizou ambas as mãos de repente debaixo dela e a ergueu da pia, então começou, com Lou

carregada contra ele, para a porta de quarto.

Jack evidentemente tinha algo contra transar com mulheres contra a pia de cozinha—essa era a única razão que Lou poderia pensar para a mudança súbita na jurisdição.

Mas ela estava ficou mais contente com a resolução dele quando, um segundo depois, ele a tinha abaixado sobre a cama de Donald... E então se abaixou em cima dela. De repente ela pôde sentir aquele rastro de velhinha contra seu próprio estômago nu... O rastro de velhinha dele, e o outro.

Então ele estava puxando às roupas dela. Saiu a camisa de flanela. Adeus a cada uma das meias dela. Últimos foram o Johns longo, e esses ele tirou dela com cuidado, enquanto assistia atentamente polegada por polegada de pele nua que era revelada na lasca de luz que se derramava do fogo ao próximo quarto.

"Assim você é uma ruiva natural", ele observou roucamente, enquanto corria os dedos pelo triângulo entre as coxas dela.

"Você duvidou disto?" Lou perguntou bruscamente.

"Querida", ele disse, "eu nunca duvidarei novamente de qualquer coisa, quando você estiver preocupada."

E então ele estava beijando-a novamente, outro daqueles que tira a respiração, os dedos dos pés de enrolando durante os beijos fizeram com que o tato dela fosse a razão exclusiva pela qual ele fora posto nesta terra, este e só... Beijá-la. Quando ele a beijou, ele correu as mãos para cima e para baixo no comprimento do corpo nu dela, enquanto fazia coisas, coisas comovedoras, que Barry nunca tinha feito ou tocado. Fazer amor com Barry era divertido, mas havia certa superficialidade nisto. Eles faziam isto, três vezes por semana, regularmente e se satisfaziam.

Mas Barry nunca tinha a apertado contra uma pia e a beijado como se a vida dele dependesse disto.

Barry nunca tinha feito o barulho que o Jack fez quando ela enrolou as mãos ao redor

dele, então enterrou a cabeça dele no pescoço dela. Barry nunca tinha feito ela se sentir como Jack estava fazendo, como se só

houvesse ela e ele no mundo inteiro, e que a única coisa que importava naquele mesmo momento fossem eles dois.

E Barry nunca tinha, como estava fazendo de repente Jack, rasgando as próprias roupas dele, como se ele não pudesse se levantar muito tempo mais tempo que um segundo.

E lá estava, em toda sua glória, a famosa bunda de Townsend.

E estava, para o momento de qualquer maneira, suas, fazendo exatamente como a agradava.

O que a agradava era ver isto naquele momento e correr as mãos dela em cima de sua perfeitamente redonda suavidade...

Então penetrou muito duro nela.

Jack entendeu a mensagem e parecia não precisar de mais nenhum grito para seguir

adiante. Um segundo depois, ele estava dentro dela.

Casa. Isso foi tudo o que Lou conseguiu pensar. Que depois de meses—anos igualmente

—viajando, ela tinha vindo para casa afinal. O que era ridículo, naturalmente, porque não havia nada remotamente acolhedor em Jack. Jack não estava confortável. Jack não estava relaxando. Com exceção da coisa toda de arte culinária, Jack fez não era nem metade dela no sentido doméstico.

Mas eles ajustaram. Oh, Deus, como eles se ajustaram bem juntos, como se o corpo dele tivesse sido criado com o propósito exclusivo de se juntar ao seu. Lou nunca tinha experimentado qualquer coisa como a sensação de abundância que varreu ela quando

toda aquela dureza entrou nela, embutida tão profundamente que ela podia ter jurado que sentia tudo até na espinha dela—aquela espinha que continuava conseguindo se debilitar com os beijos dele. Lou não conseguia se lembrar de já ter se sentido tão completa, assim menos como um cérebro, e muito menos como uma mulher. Na realidade, ela tinha bastante certeza que ela só tinha morrido e ido para o céu.

Até que ele se moveu.

Só uma fração de polegada. Mas ainda, enviou sensações pelo corpo de Lou que ela

apenas sabia que existia. De repente ela estava em outra montanha-russa, mas esta aqui era uma montanha-russa de necessidade. Ela precisava que Jack se movesse novamente assim. Ela precisava mover-se junto com ele...

E para a alegria perpétua dela, ele o fez. E ela, enquanto se movia contra ele, percebeu que isto não era como ela supunha, não aquela coisa seca, mecânica que ela tinha feito com Barry desde aquela noite depois da formação sênior deles na parte de trás do Chevette da mãe dele. Não, era isto, molhado, uma montanha-russa de amor quente, a

coisa que todo o mundo falava, a coisa que ela tinha gastado anos escrevendo sobre, mas nunca tinha experimentado, nunca havia entendido...

Até agora. Agora ela entendeu. Agora ela sabia, deitada em baixo de Jack Townsend, o

corpo dela moldado a seu, os lábios deles e línguas enlaçados, o sobre o qual tudo era espalhafatoso.

A única pergunta, realmente, era como no inferno tido ela terminado sem isto para tão longo?

E então algo começou a acontecer. Algo estava crescendo dentro dela, uma pressão que

ela reconheceu vagamente quando ela experimentava com Barry, mas era cem vezes mais intensa.

Seguramente ela não podia ser o orgasmo. Regularmente levava pelo menos vinte atas

para o clímax, e isso só precisou de uma meia hora para acontecer.

Mas algo definitivamente estava acontecendo, bem para cima de algum lugar ígneo

profundamente dentro dela, começando a crescer então, como uma chama em ponto de partida.

Só em vez de espichar e queimar para fora, como acontece, esta chama crescia e crescia, até que isto era maior que a chama de uma vela, maior até mesmo que um acampamento em chamas, do que uma casa em chamas, queimando descontrolada. Não, era um incêndio furioso de floresta, e a estava consumindo, e a fazia fazer coisas que ela nunca havia feito na vida dela, como arranhar a bunda de quinze milhões de dólares de Jack Townsend e chamar o nome dele em uma voz rouca que pareceu completamente própria dela, como uma parede de água azul batendo em cima dela, enquanto apagava as chamas e a submergia em ondas de sol beijadas santificadamente molhadas ...

E então Lou abriu os olhos dela e percebeu que pela primeira vez na vida dela, ela teve um orgasmo sem fantasiar que ela estava com outra pessoa—como aquele sujeito sexy do "Horatio Hornblower" séries de A&E. Não, tinha vindo tudo dela própria—bem, com uma pouca ajuda de Jack—e em tempo recorde.

E Jack, ela percebeu logo, desmoronou em cima dela fosse qual fosse a indicação, tinha vindo, também, sem nenhuma dúvida em algum ponto durante o frenético clímax dela própria. O único sinal que ele não estava na realidade morto era a batida do coração dele que ela podia sentir estrondando muito rápido contra o peito dela.

"Meu Deus, Jack", ela disse, quando pode achar finalmente energia para falar. "O que foi isso?".

Capítulo 20

"Veja," Jack disse quando cavou a colher no recipiente de sorvete. "Aconteceu. Eu quero dizer, quando duas pessoas lutam tanto quanto você e eu fazem—".

"—há muita tensão," Lou terminou para ele, enquanto escavava com a própria colher dela. "Seguramente, eu tenho isso. Mas vem. Eu quero dizer, eu posso ser praticamente uma virgem—".

"Eu já disse que me arrependi." Jack carranqueou para ela na cama. "E acabou a cauda de chocolate."

"Bogarting só por fumar", Lou disse, enquanto passando a garrafa de apertão para ele.

"Tudo que", o Jack disse. "E isso não era o que eu ia dizer. Seguramente, nós lutamos muito. Mas por que nós lutamos? Veja, isso é a pergunta que você deveria estar fazendo."

"Eu sei por que nós lutamos", Lou disse. "Porque você é um asno."

"Isso," Jack disse, enquanto esguichava cauda de chocolate diretamente na boca dele, enquanto acrescentava uma colherada de sorvete a isto, " Não é que nos tenhamos lutado.

Nós lutamos porque você não pode controlar sua luxúria insaciável por mim, e o faz isso distorcidamente."

"Você fala com sua boca cheia de todas as suas namoradas?" Lou quis saber. "Ou eu sou só afortunada?"

Ele engoliu, então rolou até onde estava descansando a cabeça dele, contra uma das coxas nuas dela. Lou, ele tinha descoberto isso no primeiro momento que tinha deslizado uma mão por baixo daquela camisa de flanela que ela usava, na cozinha, tinha na pele consistência de cera de esqui, lisa e macia. Ele nunca tinha sentido pele como aquela desde... Bem, ele não podia se lembrar quando. Possivelmente nunca.

Ele sabia de uma coisa, entretanto. Ele não tinha conseguido o bastante disto, contudo.

Não por um longo tempo.

"O que você acha de apenas ficarmos aqui" ele perguntou, enquanto levantava a mão e tocava um dos cachos longos, ruivos dela. "Sempre. Ou pelo menos até a neve derreter."

Ela tinha apanhado o recipiente de sorvete e raspava o fundo disto com a colher. "Nós não podemos," ela disse. "Nós estamos fora de pecã de manteiga. Além do que não há nenhuma TV."

"Nós não precisamos de TV," Jack disse. "Nós temos um ao outro."

"Certo," Lou disse, rindo. "Nós mataríamos um ao outro em um dia, talvez dois, tops."

"Não, nós não vamos," Jack disse. "Alguém já lhe falou que seu cabelo lembra um pôr-do-sol de Key West?"

"Não," Lou disse. "Alguém já lhe falou que quando você vem, parece um macaco uivador?"

"Veja," Jack disse. "Isto é por que nós trabalhamos tão bem junto. Você é a única mulher que eu já encontrei que é absolutamente imune a elogios. Nas últimas quarenta e oito horas, eu percebi que a maioria de minhas relações passadas foram só uma série de

encontros sexuais sem sentido, vazios—".

"Falando disso," Lou disse, "se você me passou alguma doença, eu pretendo ir a mídia."

"Você gostaria", ele cortou, "de me deixar terminar? Eu estou tentando transmitir a você o que tem um significado profundamente pessoal para mim."

Ela sustentou uma mão. "Contanto que você não transmita alguma calamidade, eu sou toda ouvidos. Mas da próxima vez, nós usamos preservativo."

Jack suspirou. Ele não tinha idéia por que isto era tão difícil. Talvez porque ela mantinha piadas prontas. Talvez porque ele estivesse emocionalmente e fisicamente desgastada— entretanto de um modo bom. Talvez fosse por que ela não estivesse acostumada a ser

caçada, não em uma perseguição.

Ou talvez fosse porque, pela primeira vez na vida, ele estava se preocupando de verdade

—se preocupando mais do que queria—com o que a mulher dele pensava.

Em todo caso, ela era mais distante que ele tinha esperado.

"Olhe", ele disse. "Eu sei que no passado nós tivemos nossas diferenças. Mas nas últimas quarenta e oito horas, eu comecei realmente a respeitá-la, Lou. Você é sensata, valente, e boa em uma crise. Não mencionando totalmente quente em cama. Eu percebi agora que, um, algum do tipo de mulheres que eu dormi no passado, eu tenho limitado meu

crescimento como um ser humano. Há algo para ser dito, eu sei agora, intelecto acima de beleza física."

"Se você pensa que eu vou lhe dar um beijo agora," ela disse, enquanto lambia a colher,

"você está alto."

"Você sabe o que eu quero dizer," Jack disse. "Lou, você é a primeira mulher que eu já estive não só que comeu toda a comida que eu preparei, mas se ofereceu para lavar a louça depois... E não teve medo de comer uma pequena sobremesa."

"Obviamente", Lou disse, "você não incluiu em nenhuma de suas outras datas quarenta e oito horas de viagem aterroziante, do modo como eu fiz. Correndo de assassinos armados tende a deixar uma garota faminta."

"Lou," Jack disse. "Eu falo sério. Eu penso que quando nós voltarmos a civilização, talvez... Nós poderíamos considerar... bem, eu estava pensando que nós deveríamos morar juntos."

Era, ele sabia, um risco. Ele nunca tinha pedido para uma mulher que morasse com ele.

Eles sempre tiveram só feito isto. Nada de quando ele vai ao estúdio e quando volta

naquela noite, ao chegar em casa, todo seu material estava no armário dele.

E ele não queria que Lou pensasse errado. Ele não estava falando de casamento. Só um

bobo se casaria uma mulher com uma mulher que só tinha dormido uma vez. Bem, certo,

duas vezes, se ele contasse com a vadiagem depois na chuva.

Mas viver junto. Isso era diferente.

A não ser que ele sentisse que Lou Calabrese era o tipo de mulher que não ia apenas

aparecer no degrau da porta dele numa manhã com uma mala e uma caixa de CDs. Não,

Lou definitivamente era o tipo que esperaria por um convite.

Assim ele estava estendendo isto, e agora, antes que outra pessoa pudesse entrar e chegar lá primeiro.

Mas se ele tivesse esperado gratidão pela oferta amável dele, ele estava destinado a

decepção.

Ela se inclinou e, muito amavelmente, bateu levemente no ombro dele. "Obrigada,

amigo," ela disse. "Mas por que não esperamos para ver se nós pudermos passar as próximas vinte e quatro horas sem qualquer pessoa atirando em nós antes de tomarmos qualquer decisão importante sobre nossos arranjos domésticos futuros."

Ele olhou inseguro para ela. Ele não estava seguro se ela entendeu o que ele há pouco tinha dito.

"Lou", ele disse. "Eu não estou falando sobre a fazenda em Salinas. Eu tenho um lugar nas colinas, você sabe. Sete quartos, com uma piscina que tem uma vista para um horizonte desaparecendo...".

Lou pegou o recipiente de sorvete vazio, com ambas as colheres, e o chocolate temperado dele. "Isso é grande, Jack", ela disse. "Mas por que nós não consultamos só o travesseiro?"

Eu imagino que nós estamos ambos bem exaustos."

Ela deslizou da cama, então acolchoada, totalmente nua, para o quarto no banheiro.

Alguns segundos depois, ele ouviu-a empregando a escova de dente de Donald novamente.

Isso era outra coisa. Quantas mulheres ele conhecia que usariam a escova de dente de um estranho? Nenhuma.

Jack não estava seguro do que estava acontecendo com ele. Por que ele estava tendo esta reação pós-sexo com Lou? Só porque tinha sido o melhor sexo que alguma vez ele tinha tido não era nenhuma razão para convidá-la a morar com ele por causa disto. Se ele não assistisse isto, ela ia começar a pensar que estava apaixonado por ela, ou algo assim. O

que ele não estava. Ele definitivamente não estava.

Ele só nunca queria nunca mais se afastar dela. Isso não era amor, necessariamente. Só era...

Interesse. Ele estava interessado nela. Ela era como alguma linha nova e exótica de carro.

Ele a testou, e gostou do que viu. Agora ele queria alugar. Não próprio.

Com uma opção de comprar, talvez.

Lou saiu do banheiro e voltou ao quarto. Veja, agora este era o problema. Como

supostamente ele permaneceria racionalizando com ela completamente nua?

Por causa que ela naturalmente mostrou que debaixo daquele suéter de lã folgado e calças compridas estava um corpo que era curvado em todos os lugares certos, e esbelta em todos os outros. Aquele fato, perfeitamente juntou com um par moldado, peitos

arredondados, o fim do qual era um cor-de-rosa atormentando, e isso sem o maldito de

cabelo vermelho—era natural, Jack não tinha sido pego de surpresa ao descobrir, isso que Tim Lord dizia ao ser surpreendentemente lascivo quando não havia mulheres para escutar, teria chamado de um "quim em bom estado"—foi o que soletrou a destruição dele. Como ele supostamente resistiria a algo assim tão deleitável?

Talvez, ele pensou esperançosamente, quando Lou deslizou na cama ao lado dele, ela

roncasse. Ele nunca poderia viver com uma roncadora. Roncar o tiraria do sério.

Lou olhou para ele, com um desses pequenos sorrisos de duende que ela às vezes usava, enquanto encurvava seus lábios.

"Boa Noite, Townsend," ela disse antes de alcançar o interruptor do abajur ao lado da cama.

"Boa Noite, Lou," ele disse.

O quarto foi mergulhado em escuridão. O fogo no outro quarto tinha morrido há muito

tempo. Agora a casa estava perfeitamente imóvel... Com exceção do vento que ainda se

enfurecia ao redor, enquanto fazia um barulho uivante que podia, para alguém com uma

imaginação, que fossem os gritos tristes de um lobo ártico.

Ele se deitava lá, o recipiente de sorvete vazio cheio de colheres usadas e calda de

chocolate não era a única barreira, ele sentia, que estava entre eles.

Porém, pelo menos esse era facilmente afastado. E assim que ele o fez, Jack removeu do colchão o recipiente junto com as colheres, com ela na frente dele, ele passou um dos braços dele comprimindo-a, e uma mão enrolou-se possessivamente ao redor de um dos peitos dela.

"Não isto novamente," Lou disse, não precisamente agradavelmente.

Ele olhou para ela. "Sobre o que você está falando você?".

"Nada", ela disse. "Só que você é uma criatura de hábito tenaz".

Ele não teve a mais leve idéia sobre o que ela estava falando.

Porém, ele sabia que tudo era, não importava. Não mais.

"Você pode bem admitir isto, Calabrese", ele disse na escuridão do cabelo dela, abanada pelo travesseiro entre as cabeças deles.

"Você me atingiu com força."

A risada dela era agora o único som que ele podia ouvir, além do vento. Ele pretendia ficar acordado, por via das dúvidas se Máscara de Esqui e os amigos dele os descobrissem. Mas ele desistiu ao ouvir o som da risada dela e sentir o cheiro da risada dela. Ele não percebeu que a fragrância era o xampu-condicionador de Donald. Ele pensou que fosse o cheiro da alma de Lou. Ele dormiu pensando que era um milagre eles unirem-se, mas um até maior milagre que eles fundirem um ao outro. Ele dormiu fantasiando sobre todo o tempo que eles passariam juntos na cabana, enquanto esperavam ser salvos: as refeições que ele cozinaria; os jogos de cartões— Donald parecia do tipo que tinha jogos de botões em algum lugar— eles jogariam em frente ao fogo; as histórias que eles contariam um ao outro.

E o amor—especialmente o amor—que eles fariam.

Exceto que quando ele acordou na outra manhã, ela tinha ido.

Não era como isto deveria ser. Quando as mulheres passam a noite com ele, elas tendem a ficar exatamente onde ele as queria quando estavam na cama. Elas não se levantavam e iam vagar sem ele. Não a menos que elas quisessem fazer um café da manhã surpresa.

Mas Lou não tinha se levantado para fazer um café da manhã surpresa. Ele percebeu isto assim que ele tropeçou, enquanto estava

enrolado apenas com um lençol da cama, na sala de estar. Lou não estava na cozinha, ou na sala de estar. A porta do banheiro estava aberta, enquanto revelava outro quarto vazio.

E isso não era a única coisa que estava errada. Jack estava com a visão escura em

algumas atas percebendo que mais aborrecido. E isso era a luz. Sim, a luz estava fluindo pelas janelas, e até mesmo por uma clarabóia que ele não tinha percebido na noite anterior. Luminosa luz solar, o tipo que ele só tinha captado em olhares rápidos, desde a chegada ao Alasca.

O sol estava alto no céu azul sem nuvens—ele podia ver isso pela clarabóia. Fez a neve ao redor da cabana vislumbrar com uma intensidade quase ofuscante.

E isso foi quando ele percebeu para onde Lou tinha desaparecido. Ela estava parada,

embrulhada em um lençol próprio, na varanda dianteira, uma xícara de algo que

cozinhava em vapor em uma mão, a outra matização dos olhos dela enquanto

contemplava a neve branca.

Ele abriu a porta da frente e imediatamente inspirou na respiração dele como um golpe frio na face.

"Lou, o que você está fazendo?" ele exigiu. "Está congelando lá fora. Volte para a cama."

Ela olhou para ele. O cabelo dela estava amarrotado e selvagem depois de ter ido para a cama, e tudo que ela estava usando em baixo do lençol eram outra das camisas de Donald e o Johns longo ela tinha usado na noite anterior. Os pés dela estavam comprimidos em um par de workboots de homens enormes, pelo menos cinco centímetros maiores que o pé ela, e o frio deixou o nariz dela rosa, como uma coelha.

E Jack se convenceu que nunca tinha visto mulher mais bonita na vida dele.

"Me chame de louca," ela disse, enquanto apontava a distância. "Mas aquilo parece com uma estrada para você? "

Capítulo 21

"Eu não posso acreditar que eu a deixei falar isto," Jack disse amargamente, a respiração dele saindo em pequenos bolos brancos como vapor de um trem.

"Olhe." Lou tinha ficado nervosa com um suor saudável agradável, e ela na verdade se sentia bastante confortável. "Eu lhe falei. Se nós não colidirmos com a civilização antes do crepúsculo, nós podemos nos virar e voltar."

"Assim um pacote de lobos podem nos atacar na escuridão e pode desmembrar nossos corpos," Jack disse. "Bom plano. Você tem que ir tão rápido? Eu nunca aprendi a andar em cidades de interior. Só em declive."

Lou olhou em cima do ombro, para ele. Como sempre, ele parecia impossivelmente

bonito. Até mesmo o boné batido e o lenço de lã que ele tinha pedido emprestado a

Donald que poderiam ter parecido ridículos em outros homens pareciam sexys nele.

Revirando os olhos com desgosto—ela sabia exatamente o quão estúpida parecia na

engrenagem emprestada—Lou lançou um olhar pelo ombro para o par de esquis.

"Você nunca teve um Nordic Track próprio? " ela perguntou. Ela gostou do shoosh-shoosh-shoosh dos esquis deles contra a neve branca encaracolada. Se não fosse pelo fato de que ela tinha medo que os homens armados surgissem, rugindo a qualquer momento e fazendo buracos de explosivos neles, ela quase poderia ter desfrutado.

E por que não? Ela não podia explicar o que tinha acontecido quando ela e Jack tinham feito amor, por que os corpos deles tinham parecido tão bem apropriados um ao outro, e como ele tinha conseguido enviá-la ao êxtase do prazer que antes ela nunca tinha conhecido, e o que tinha acontecido depois—o convite inexplicável de Jack para ela se mudar com ele, seguramente um resultado de muitas endorfinas distantes no cérebro.

Mas ela tinha que admitir, embora não pudesse explicar isto, que tinha gostado. Muito.

"Não, eu nunca tive um Nordic Track," Jack rosnou. "Quem eu pareço a você, Suzanne Somers?"

Ela enrugou o nariz pensativamente para ele. "Talvez", ela disse. "Mas ela fez o Thighmaster, não Nordic Track. Eu não acho que o traseiro dela seja totalmente bem contornado como seu, entretanto."

"Você deixe meu traseiro," Jack disse "fora disto".

Lou só riu e atirou algumas jardas à frente. Não era nenhuma caminhada precisamente

fácil, e ela tinha suas reservas a respeito viajar na estrada que tinha descoberto... bastantes grandes, e uma que, quando não estava coberta com três pés de neve, provavelmente era boa para viagem. Os dois, andando ao longo daquela estrada, estariam sentados em patos se os amigos de Jack com armas conseguissem outro helicóptero.

Então eles se colariam ao lado da estrada, onde eles tinham a saliência dos ramos dos pinheiros de ambos os lados da estrada para protegê-los a vista. O chão quase não era nivelado como teria sido se estivessem esquiando abaixo da linha central, mas pelo menos eles não tinham que se preocupar com agressões aéreas.

Jack tinha ficado contra se apropriar dos esquis, que eles tinham achado em um dos

armários de Donald, junto com dois jogos de botas de esqui, embora fossem grandes para Lou e pequenas para Jack, suficientes por um curto prazo. Ele nem sequer queria tentar a estrada, ver se levava a um povoado ou talvez a uma rodovia, onde eles talvez pudessem sinalizar para um carro ou um caminhoneiro com um CB.

"Por que nós não podemos apenas ficar aqui?" ele queria saber.

"Porque as pessoas provavelmente estão preocupadas conosco," Lou tinha explicado. "Eu estou segura que todo o mundo acha que nós estamos mortos. Quem sabe que tipo de história Sam cozinhou para cima deles sobre o que aconteceu conosco?"

"O que a faz pensar que Sam lhes contou qualquer coisa?" Jack queria saber. "Quem disse que ele sobreviveu a primeira noite?"

"Você me falou que achava que os pequenos amigos dele no snowmobiles teriam

apanhado-o," Lou tinha dito, os olhos dela repentinamente arregalados de preocupação.

"Você não acha que eles fizeram?".

Jack tinha dito "Seguramente", mas Lou não sentia que ele se preocupava de qualquer modo. Bem, Sam tinha atacado-os, de forma que era um pouco compreensível. Ainda, Sam era um pai, afinal de contas. O que ia acontecer aos pobres filhos dele se ele congelasse até morrer?

Como era típico de estrelas fashions, Jack só parecia preocupado com as coisas que o

afetavam diretamente. Embora pretendesse reembolsar Donald pela hospitalidade

inconsciente dele, Jack tinha balançado ao outro fim do espectro, enquanto se

preocupava, Lou sentia, muito longe.

"Dê a ele um cheque de mil dólares," Jack tinha dito.

Lou que tinha tirado o talão de cheques desde que nem ela nem Jack estavam levando

muito dinheiro, parou com a caneta dela equilibrada na linha de quantia.

"Mil dólares?" ela tinha ecoado, as sobrancelhas dela levantadas muito altas. "Jack, tudo que nós fizemos foi comer um par de bifés dele e desordenar um pouco as folhas dele. Eu estava pensando que trezentos seria mais que suficiente."

"Poupe-me de sua frugalidade do centro-oeste."

"Eu sou de Long Island," Lou lembrou-o.

"Nós usamos a escova de dente dele," Jack tinha protestado para ela. "E nós estamos a ponto de roubar os esquis dele."

"Nós mandaremos de volta os esquis," Lou tinha dito, "quando nós alcançarmos à civilização."

"Mil dólares," Jack tinha dito. Ao olhar confuso dela, ele somou, "Eu sou bom nisto, juro"

O que só a desnorteou mais. Jack não podia ser menos interessado sobre uma vida

humana, mas ele queria ter certeza que um homem com quem ele nunca tinha se

encontrado era mais que adequadamente compensado por qualquer inconveniência que

Jack o tivesse causado.

Por outro lado, Donald nunca tinha tentado matá-los. Que em si mesmo, decidiu Lou, era o que mais valia. Certamente muitos poucos vizinhos dele teriam acomodado-os assim.

Jack a tirou destas reflexões a alcançando-a agora e, para algumas batidas do coração dela, de qualquer maneira, entrando em passo—ou shoosh—ao lado dela, e perguntando, "Tudo isto está em seu próximo enredo, não é?" ele perguntou.

Ela olhou para ele. O sol que tinha aparecido deslumbrante tinha desaparecido depressa atrás de outro banco de nuvens. Mas estas nuvens, pelo menos, eram brancas, e não parecia como se elas pretendessem, a qualquer ponto, derrubar baldes de neve neles.

Porém, com sol ou sem sol Jack Townsend parecia bem. Jack Townsend sempre parecia

bem. Ela se viu preocupada sobre como parecia—ela não tinha, afinal de contas,

realmente nada haver com maquiagem, com exceção de algum brilho nos lábios. Como

infernamente ela supôs que competiria com os antigos amores de Jack, nenhuma de

quem tinha precisado de maquiagem até mesmo para aumentar a beleza natural que todas

elas nasciam com?

Então ela se tocou. O que ela estava pensando? Ela não ia competir com quaisquer dos

antigos amores de Jack, porque não havia nada entre ela e Jack. Aquela festinha da noite anterior tinha sido um erro, um resultado de ter estado longe muito tempo da companhia de um do outro.

Isso era tudo. Ela não ia sair com outro ator. Ela não ia. Ela ia achar um veterinário agradável ou um professor de escola ou algo do tipo.

E certamente ela não ia se deixar cair para Jack Townsend. Ela sabia apenas como ele

operava muito bem, graças a Vicky. Seguramente, ontem à noite ele estava vagueando

sobre os dois morarem juntos. Mas podia ser que depois de um mês, ou talvez dois, que ele a estaria a jogando fora novamente? Não, obrigado. Lou Calabrese não deixaria que Jack Townsend quebrasse o coração dela.

"Para sua informação," disse Lou, enquanto agarrando as varas de esqui dela muito firmemente, "eu estou fora do negócio de roteiristas."

Jack olhou nitidamente a ela. "O que?"

"Você me ouviu," Lou disse. "Eu não estou escrevendo mais nenhum enredo. Copkiller IV é meu último."

"Realmente?" Jack, para a fúria dela, não soou muito convencido. Na realidade, o Realmente? dele soou suspeitosamente cortês. "Se aposentando antes das trinta, você vai?"

"Não me aposentar," Lou disse, enquanto se abaixava de um galho particularmente baixo, coberto de neve. "Não escreverei mais só para a tela."

"Eu vejo." Jack se abaixou, também. "E só o que vai você escrever, então? Jingles comerciais?"

"Ha-ha," Lou disse sarcasticamente. "Se você tiver que saber, eu estou pensando em escrever um romance."

"Um romance," Jack disse.

Encorajada pelo fato que ele não tinha deixado escapar repiques de risada barulhenta, Lou disse, "Sim. Um romance. Na realidade, eu já comecei isto."

"Eu vejo," Jack disse novamente. Então o relance do olhar dele caiu no computador que ela tinha atirado pelos ombros dela. "Agora eu entendo sua determinação por pendurar aquela coisa."

Lou se ruborizou. Isso é porque quando Jack tinha, mais cedo aquele dia, oferecido levar isto para ela, ela tinha se recusado deixar, enquanto se lembrava muito claramente do modo como ele tinha maltratado isto da última vez ele tinha conseguido ficar com isto nas mãos dele.

"Sim," era tudo que ela disse agora, porém.

"E eu posso perguntar," Jack indagou, "sobre o que é este romance?"

"Oh," Lou disse enquanto experimentava o calor familiar que sentia toda vez que perguntavam por seu trabalho "Bem, é sobre mulher que é traída por seu primeiro amor, mas acha redenção por...".

Ela rompeu, mortificou. Bom Deus, ela não podia contar para Jack o enredo do livro dela! Ele poderia pensar que era sobre ele! O que certamente não era. Ela pensou no enredo para isto antes de alguma vez ter dormido com Jack. E além, o caráter do livro dela era sobre achar o amor novamente nos braços de um homem bom. Isso certamente Jack não era. Jack não era bom. Ele estava longe do bem.

Na realidade, ele era mesmo, um homem muito ruim. Um homem bom nunca poderia fazer Lou sentir como ela tinha se sentido na noite anterior na cama com ele, como se o topo do crânio dela fosse apagar, apenas como Mount St. Helen. Não havia um grão de bem em Jack.

Ou havia? Afinal de contas, porque ele tinha lhe feito aquele jantar. E não, em ambas as noites que eles tinham passado junto, tinha exibido uma mesmo atípica tendência masculina em abraçar?

De fato, ela realmente não sabia de nada ruim de Jack. Excluindo, claro que, o que ele tinha feito a Vicky. E o fato que alguém o queria morto.

"Achou a redenção pelo que?" Jack quis saber.

"Oh", Lou disse, enquanto sabia que ela estava virando um ígneo vermelho e esperando que ele não notasse. "Pelo trabalho dela com o pobre."

Jack piscou para ela. "Você está brincando comigo, certo?" ele perguntou. "Uma junta de Lou Calabrese, e não tem nenhuma explosão nisto?"

Ela administrou um sorriso. "Duro de acreditar, não é?" Então, em um esforço para mudar o assunto, ela perguntou brilhantemente, "E sobre você? Qual é a próxima aventura de Jack Townsend?"

Ele carranqueou. Até mesmo fazendo carranca, naturalmente, ele ainda estava

deleitavelmente bonito. Parecia perfeitamente incrível a ela que só há doze horas atrás, essas impressionantes características estavam enterradas para ela—.

"Dirigir," ele disse.

Era a vez de ela piscar. "Eu imploro seu perdão?"

"Eu quero dirigir," ele repetiu. Então ele gemeu. "Oh, Deus. Todo o mundo diz, eu sei.

Mas eu dirigi um filme ano passado—eu duvido que você viu isto, não era amplamente

mesmo liberado. De qualquer maneira, me fez perceber quanto poder os diretores têm. Eu quero dizer, eu não estou dizendo que você tem razão sobre aquela coisa que você mencionou ontem à noite—sobre mim sendo um brinquedo que só passeia em frente à máquina fotográfica e diz o que outra pessoa escreveu—".

Lou estremeceu. "Olhe, sobre isso. Eu sinto muito. Eu não quis dizer isto."

"Sim, você fez", ele disse sem rancor. "Mas isso é certo, porque de certo modo, você tem razão. Há mais a isto, naturalmente. Eu quero dizer, que só dizendo a linha. Ou pelo menos, deveria haver, se a pessoa que diz que sabe o que ele está fazendo. De qualquer maneira, esta coisa de dirigir. Eu realmente desfrutei isto. E desde que eu tenho, você sabe, trabalhado agora em ambos os lados da máquina fotográfica, eu penso que eu seria um bom diretor. Um tipo de ator-diretor. Não um fudido megalomaniaco como Tim Lord."

Lou foi pega de surpresa ao ouvir isto assim que ela quase quebrou um esqui em uma

pedra que ela não tinha notado ressaltada na neve. Porém, Jack alcançou a tempo e corrigiu-a.

"Você está bem?" ele perguntou.

"Sim," ela disse, enquanto ria. "Só que isto... fudido megalomaniaco. É o que realmente sujeitos como você pensam dele? Tim Lord? Eu quero dizer, ele ganhou como melhor diretor ano passado—".

"Eu sei," Jack disse. "Ele mereceu isto, enquanto considerava com o que ele tinha que trabalhar. Não com seu roteiro como você sabe, perfeito. Mas ele tinha Greta e Barry para negociar. Isso deve ter sido como dirigir dois pedaços de tábua—".

Lou estava rindo tanto que ela quase tropeçou novamente, mas Jack que ainda tinha uma mão no braço dela apertou ainda mais o aperto dele e a manteve na vertical.

"Oh, Deus", ela disse, enquanto esfregava as lágrimas dos olhos dela com a luva dela.

"Pedaços de tábua. E você está errado, eu vi isto."

Jack ainda não tinha deixado o braço dela. "Viu isso o que?"

"Hamlet," Lou disse. "O filme que você dirigiu. Era bom."

A bela face dele clareou. "Realmente? Você pensou assim? Eu—".

Mas ele nunca teve chance de terminar. Isso porque, das copas das árvores, veio um som novo, um whomp-whomp-whomp que parecia só não reverberar do ar, mas no tórax de Lou interior, como bem.

"Bosta," Jack disse e a puxou com dificuldade e rapidez para perto dele. Perdendo o equilíbrio, Lou caiu, mas felizmente—para ela, de qualquer maneira; não tanto para Jack —ela pousou no diafragma dele, enquanto o fazia deixar sair um 'oof' que depressa virou um 'ack' quando as lâminas do helicóptero mexeram as pilhas de neve dos ramos sobre eles e chuvas disto em grandes aglomerações.

"Talvez não sejam eles," Lou gritou, para ser ouvida por cima do som do cortador.

"Você quer quebrar a cobertura e descobrir?" Jack gritou de volta.

Bem, não. Não realmente. Lou não apreciou o que era borrifado com fogo pela máquina—

arma, ou algo assim. Assim a posição onde ela estava nos braços de Jack—não

exatamente uma posição incômoda—esperando ver se o helicóptero pousaria, como lá

tinha bastante espaço para uma aterrissagem na estrada, ou se mudaria.

Cinco batidas do coração mais longas do que Lou já poderia se lembrar depois, o

helicóptero mudou, enquanto encabeçava na direção que eles há pouco tinham vindo.

Através dos ramos acima deles, ela viu um pedacinho dele enquanto ele se afastava. Era um eight-seater branco, com uma grande cruz vermelha pintada na sua barriga.

"Você viu isso?" Lou gritou, virando-se para golpear Jack no peito com o punho. "Era um helicóptero de salvamento aéreo! Eles estavam procurando a gente!"

"Bem, como eu deveria saber?" Jack exigiu, jogando um braço para evitar seus golpes.

"Eu não ia exatamente ficar por perto para descobrir."

Resmungando, Lou chegou aos pés dela e começou a procurar pelos seus esquis. Um

deles deslizou vários metros na estrada.

"Poderíamos estar no nosso caminho de volta", disse ela, a ninguém em particular. "Neste momento, poderíamos estar no nosso caminho de volta ao hotel, e as nossas próprias escovas de dente, e roupa de baixo fresca, e café de verdade, não instantâneo."

"Hey", disse Jack, mancando atrás dela. Um de seus próprios esquis tinha saído, também.

"Não foi tão ruim. Quer dizer, você pareceu gostar do espinafre com creme, se eu não estou enganado."

Lou, chegando perto de seu esqui, que tinha deslizado em torno de uma curva na estrada, voltou para ele, suas mãos indo aos quadris.

"É, eu gostei dos espinafre com creme" disse ela. "Mas adivinhe? Eu poderia ter tido espinafre com creme em Anchorage, muito obrigado."

"Não, você não poderia", disse Jack. "Porque já em Anchorage, você não estava interessada em comer espinafre com creme comigo. É apenas pelo fato de você ter começado a me conhecer aqui que você desenvolveu um gosto por espinafre com creme."

"Vamos deixar isso bem claro agora mesmo", disse Lou, levantando um dedo. "Eu sempre gostei de espinafre com creme. Eu

apenas nunca lhe dei muita oportunidade —"

"— Até que você ficou encalhada com ele aqui", Jack completou por ela, sem paciência.

"Vê, isso é exatamente o que eu quis dizer."

"Bem, talvez", disse Lou ", isso é porque espinafre com creme estava demasiadamente ocupado transando com meninas chamada Greta, e Melanie, e Winona —"

Foi a vez de Jack de levantar um dedo. "Ei", ele disse. "Eu nunca pus um dedo em Winona. Ela não é o meu tipo."

"Oh, por quê?" Lou quis saber. "Porque ela pode ler?"

Um olhar de incômodo temporariamente enrugou a aparência de Jack. No entanto, ele não parecia menos atraente.

"Qual é, Lou", disse ele. "Você sabe que isso é apenas...."

Ela não interrompeu ele. Sua voz só se dissipou. Primeiro, ela não podia descobrir o

porquê. Depois ela percebeu que ele estava encarando muito atentamente algo atrás dela.

Pensando que era mais dos amigos de Sam, ela virou, rápido...

E viu-se olhando um edifício desmantelado do lado da estrada, com uma grande placa

néon na frente que dizia, piscando em azul e vermelho, Bud's Bar.

Capítulo 22

Bud não estava atendendo no bar quando Jack cautelosamente empurrou a porta e espiou

dentro. Em vez disso, uma loira com um cabelo levemente maltratado de cor de água de

lavar louça, estava limpando alguns copos, um cigarro pendurado em um canto da boca.

Ela deu uma rápida olhada pra Jack quando sentiu o ar frio que ele estava deixando entrar.

"Estamos fechados", ela resmungou pra ele. "Volte em meia hora."

Jack não podia acreditar no que ele estava vendo. Era um bar típico, com uma jukebox e mesa de sinuca, uma enorme TV nos fundos, placas néon Coors e Strohs nas janelas, uma antiga e acabada figura de Spuds MacKenzie pendurada do teto, e um longo e brilhante balcão, contra o qual mais ou menos vinte bancos foram enfiados.

Aquilo parecia a Jack como o Paraíso.

"Você tem um telefone que eu poderia usar?" Jack perguntou.

"Eu vou demorar apenas um minuto."

A loira apontou sem dizer uma palavra para um telefone público na parede, ao lado da jukebox.

"Seja rápido", disse ela.

Jack abriu mais a porta, de modo que Lou que estava em pé atrás dele, batendo

avidamente sobre suas costas com os punhos, pudesse entrar. O sorriso dela, enquanto

avaliava o lugar, era como o sol.

"Bud's", disse ela apreciativa. "Eu *amo* Bud's!"

"Bud não está aqui," a mulher por trás do bar disse. "E você não pode ficar. Eu já disse.

Ainda não estamos aberto. "

"Oh", disse Lou, apoiando seus esquís na entrada e correndo na direção da televisão, que estava ligada. "TV. Olha, Jack. TV. "

Jack tinha posto seus próprios skis de lado. "É," ele disse, observando enquanto Lou tirava suas luvas e correu suas mãos apreciativa ao longo dos lados da televisão com todo o carinho de um jockey por um amado cavalo. "Ótimo." Para a mulher atrás do bar, ele disse, enquanto deslizava para um dos bancos, "Eu sei que vocês estão fechados, senhorita.

Mas escute. Eu poderia realmente usar uma cerveja. "

Ele lhe deu seu melhor sorriso, o que tinha lhe conseguido o papel de Dr. Paul Rourke em

"STAT," acima de mais conhecidos e mais experientes atores.

Não tinha, aparentemente, perdido nenhum de seus efeitos, uma vez que a loira, encarava ele como uma lebre encara uma serpente,

sem piscar, nem mesmo se movendo para tirar as enormes cinzas de seu cigarro, disse, "Claro. E me chame de Martha. "

"Obrigado, Martha", disse Jack, piscando pra ela. "Você é um amor."

Martha não corou. Ele não conhecia nenhuma mulher que corasse mais, com a exceção

daquela no canto, indo ao êxtase por causa da televisão. Mas Martha removeu o cigarro de seus lábios e, com um sorriso tímido, colocou alguns cabelos soltos para trás das orelhas.

"É por satélite," disse Lou, deslizando para o banco do lado de Jack. "Setecentos canais.

Nove deles são HBO."

"Isso é ótimo," Jack disse. Ele tomou a cerveja que Martha deslizou na frente dele e inclinou a garrafa em sua direção. "Saúde."

Martha sorriu, então olhou com raiva da direção de Lou. "Algo pra você?" ela perguntou indiferente.

"Oh", Lou disse, arrastando seu olhar da televisão. "O mesmo que ele está tomando.

Obrigada."

Martha assentiu e, o sorriso desapareceu, começou a encher uma caneca de uma das

torneiras.

Lou tinha tirado seu telefone celular da bolsa.

"Olhe para isso", ela estava dizendo. "Setecentos canais, mas ainda nenhum sinal no celular. Essa coisa está completamente morta. Talvez eu devesse ter carregado ontem à noite. Mas duvido que teria feito diferença. Ainda deveria ter *alguma* energia. Então—"

"Shhh", Jack disse, levantando uma mão e acenou na direção da TV.

Lou virou sua cabeça e se viu encarando sua própria imagem.

Ou, pelo menos, uma imagem dela em uma longa, rosa saia rodada.

Lou deixou escapar um grito agudo. "Oh meu Deus! O que é isso? "

Jack olhou para Martha e perguntou educadamente, "Você se importaria de aumentar o som?"

Martha fez forçada, e a voz profunda, tranqüilizadora de um correspondente de notícias da CNN encheu o bar.

"Já faz quase setenta e duas horas desde que o helicóptero transportando a estrela de filmes de ação-aventura Jack Townsend e a ganhadora do Prêmio da Academia a roteirista Lou Calabrese caiu nas proximidades do Monte McKinley." A foto de Lou desapareceu e foi substituída por uma de Jack em um smoking. Ele a reconheceu como uma tirada no Golden Globes do ano anterior.

"Equipes de busca e salvamento ainda estão vasculhando a área na esperança de encontrar sobreviventes", o repórter continuou. "Nem o corpo de Townsend ou o de Calabrese foram recuperados do local da queda. Tempestades de inverno têm dificultado os esforços da procura. Um porta-voz do Floresta Nacional McKinley diz que, quanto mais tempo o casal permanecer desaparecido, menor são as chances deles serem

encontrados vivos, já que as condições na área são simplesmente muito cruéis para

sustentar a vida humana. "Filmagens do terreno onde Jack e Lou tinham ficado por quase três dias perambulando foram mostradas, juntamente com uma foto de helicópteros exatamente igual ao que eles tinham se escondido.

"Um porta-voz de Tim Lord, diretor do filme que Townsend estava no Alaska para

filmar, afirma que os pensamentos e orações de toda a comunidade em Hollywood estão

com os amados das vítimas, que estão orando pelo seu retorno seguro."

O repórter mudou para uma história sobre a contínua luta pela paz no Oriente Médio.

"Deus!" Lou gritou, com nenhuma pequena quantidade de indignação. "Você viu aquela foto minha? *Essa* foi a melhor foto que eles poderiam colocar?"

Jack disse, "Eu achei bonitinha."

"Eu vou matar Vicky", Lou disse, parecendo que falava sério. "Aquela foto foi do casamento dela com Tim, você sabe. Eu era uma

das madrinhas. Deus, eu *implorei* para ela não escolher saia rodada."

Jack disse: "Você parecia Little Bo Peep*."

Lou deixou escapar exclamação frustrada, então se dirigiu ao telefone público. "Minha foto da *carteira de motorista* está melhor do que *aquela*", ela disse enquanto ela saía pisando com força.

Jack, sorrindo, voltou a sua cerveja. Foi só então que ele reparou que por trás do bar, Martha estava olhando pra ele, com os olhos arregalados.

"Aquele era você, não era?" Ela disse sem fôlego. "Na televisão?"

Jack suspirou. Então ele convocou um outro sorriso.

"Sim, Martha", ele disse. "Aquele era eu mesmo."

"Você é Jack Townsend", disse Martha. "Daquele programa sobre médicos. E aqueles filmes *Copkiller*."

"Esse sou eu", Jack disse.

Lentamente, Martha deslizou um guardanapo para ele.

"Você pode assinar isso pra mim?" Ela quis saber. "Porque se não, ninguém vai acreditar em mim."

Jack tomou a caneta que ela ofereceu e rabiscou seu nome sobre o guardanapo. Em

seguida, abaixo, ele escreveu, *É sempre engraçado até alguém se machucar*. Então ele entregou de volta para ela.

Martha pegou o guardanapo e deu uma olhada seus lábios se moviam enquanto ela lia o

que ele tinha escrito. Então ela olhou para cima.

"O que é que isso significa?" Ela quis saber.

"Bem, isso significa—" Então Jack deu de ombros. "Aqui, só me dá de volta." Ela deu, e ele riscou a fala de Lou, e escreveu em vez disso, *Eu preciso de uma arma maior*.

Quando Martha leu isto, um sorriso apareceu no seu rosto.

"Oh", ela disse. "Claro. Eu me lembro disso." Então ela olhou para Lou, que estava tagarelando animadamente ao telefone. "Ela é alguém famosa, também?"

Jack assentiu. "Ela escreveu o filme *Hindenburg*."

Os olhos de Martha se arregalaram. "Mesmo? *Hindenburg* é o meu filme favorito de todos os tempos. Você sabe que nós pegamos

aquela canção — você sabe, aquela do filme? 'My Love Burns for You Tonight'? Nós temos ela na jukebox. Você quer que coloque pra tocar? "

"Não", Jack disse rapidamente. "Não, na verdade, tá tudo bem. Eu acho que vamos apenas, você sabe. Tomar uma cerveja e utilizar o telefone e verificar o placar na TV, se estiver tudo bem."

"Oh, está bem," disse Martha.

* Personagem de rima infantil, uma pastora que perdeu sua ovelha, veste uma saia rodada, veja fotos:

<http://homepage.eircom.net/~brianm68/bopeep/little-bo-peep-1.jpg>

<http://www.alphabet-soup.net/goose/bopeep.jpg>

Pelo quarto, Lou estava tendo alguma dificuldade em compreender. O telefonema dela

tinha ido bem longe. Ela tinha terminado no Ancoradouro Quatro Estações, e pediu o quarto de Tim Lord.

Mas quando o telefone foi apanhado por Vicky e a empregada de Tim, e Lou disse,

"Lupe? Oi, sou a Lou Calabrese a Sra. Lord está aí, por favor? " ela foi cumprimentada por um grito agudo seguido por um grito de "Nombre Dios!".

Então houve um ruído, como se Lupe tivesse derrubado o telefone.

"Oi?" Lou olhou na barra. Mas Jack não era nenhuma ajuda. Ele estava assistindo a televisão. "Os Jets ganharam?" ele exclamou para ninguém em particular, enquanto soava indignado.

Lou ouviu um trinco, e então a voz de Tim Deus soou na orelha dela.

"O que é isto?" ele exigiu. "Se isto é algum tipo de piada, me permita assegurar que é de muito mal gosto. Eu quero que você saiba que eu estou atendendo a uma chamada localizada—".

"Tim", Lou disse. "Tranquelize-se. Sou eu. Lou."

Houve um silêncio atordoado. Então Tim estourou, "Lou? Oh, meu Deus! Você está

viva? Você está viva!".

"Claro que eu estou viva," Lou disse. "Eu estou falando com você, não estou?"

"Onde você está?" Tim quis saber. "Jack está com você?"

"Eu não sei onde estou", Lou disse. "E—".

Houve o som de uma leve luta no outro fim do telefone. Então a voz de Vicky veio a linha.

"Lou?" ela chorou. "Lou, é realmente você?"

"Oi, Vicky," Lou disse pacientemente. "Sim, sou eu. Jack e eu estamos bem. Nós estamos —".

"Oh, graças à Deus!" Vicky demoliu, enquanto chorava no que Lou só poderia descrever como uma maneira semi-histórica.

Lou, não pela primeira vez aquela manhã, sentia uma ponta de culpa. Afinal de contas, ela há pouco tinha dormido com o ex da melhor amiga dela. Mas isso era tudo que Jack era: O ex de Vicky. Vicky estava agora alegremente casada. Assim o que podia ter para Lou se sentir possivelmente culpada? Nada.

Adequadamente, ela rosnou no telefone, "Vicky, o que você estava pensando, dando aquele meu retrato no seu casamento para CNN? Você sabe que eu enlouqueço de ódio com aquele retrato. E agora o país inteiro me viu naquele vestido—Vicky? Vicky?"

Tudo que ela ouviu era choro. Lou suspirou e olhou cansada. "Vicky, eu sinto muito. Eu não quis dizer isto. Eu amo aquele retrato. Sim. Eu igualmente amo o vestido. Olhe, reponha o Tim no telefone, você vai? Vicky? Vick?"

Então os choros cresceram mais lânguidos, e uma nova voz veio a linha.

"Lou? Lou, querida, é você?"

Lou se achou piscando ao receptor. Levou alguns segundos para o cérebro dela registrar o que estava ouvindo. Até mesmo quando o fez, ainda não fez sentido.

"Pai?" Lou disse incredulosamente.

"Sim, querida," o pai dela disse. "Sou eu. Você está bem? Onde você está?"

"Oh," Lou disse, porque ela não podia acreditar que ela tinha chamado Tim Lord e de alguma maneira tinha conseguido localizar o pai dela. O que poderia significar apenas uma coisa, naturalmente. Que o pai dela, notificado do desaparecimento dela, tinha saído para o Alasca para procurá-la.

Fazia sentido, claro, para Frank Calabrese ter feito assim. Ele era aquele tipo de homem, o tipo que gosta de estar no controle. Ele provavelmente queria supervisionar a procura e as tripulações de salvamento.

Mas ainda. O pai dela tinha voado de algum modo para o Alasca para procurá-la. Poderia haver qualquer coisa mais doce—ou mais humilhante?

"Oh," Lou disse, novamente, começando a fungar. "Eu só estou... bem, agora mesmo, eu estou em um bar, Pai".

"Uma bar?" O pai dela soou rigoroso. "Agora você escute aqui, jovem senhora. Você sabe que muitas pessoas estão lá fora lhe procurando? Nós estivemos assustados à toa! E

você me fala você está em uma bar?"

"Pai," Lou disse. "É uma adorável história longa."

Ela desligou algumas atas depois, enquanto se sentia completamente entorpecida.

Lentamente, ela retornou ao bar e se sentou.

Jack tirou os olhos da televisão. "Jets ganharam", ele disse. "Você pode acreditar?"

Lou apanhou a cerveja que Martha tinha deixado para ela e escoou a metade disto

enquanto Jack, um pouco perplexo, a assistia.

"Conseguiu algumas notícias ruins?" ele perguntou.

Lou derrubou a cerveja com um baque.

"Eu direi," ela disse. "Quem supostamente estava no apartamento de Tim Lord quando eu liguei para lá agora mesmo."

Jack pareceu deliberar nisto por um momento. Então ele clareou. "Oh, eu sei", ele disse.

"Robert Redford e Meryl Streep."

"Não," Lou disse, sem nem sorrir. "Meu pai."

Jack levantou suas sobrancelhas. "Realmente? O que ele está fazendo lá?"

"Jack, todo o mundo pensou que nós estávamos mortos. Aparentemente há um contingente familiar inteiro junto lá às Quatro Estações. Meu pai, sua mãe—".

"Com licença?" Jack perguntou depressa. "Minha o quê?"

"Sua mãe," Lou disse, enquanto alcançava novamente sua cerveja. "Sua mãe, Eleanor Townsend. Um grande tipo e uma senhora elegante, meu pai diz."

Jack alcançou depressa sua própria cerveja.

"Oh, Jesus," ele disse, quando abaixou novamente sua cerveja.

"Meu pai," Lou disse fracamente, "e sua mãe conhecem um ao outro. Não só conhecem um ao outro. Aparentemente, o cachorro de sua mãe—".

"Alessandro," Jack disse, enquanto fechava os olhos dele firmemente, como se assim ele pudesse dirigir uma imagem dolorosa da mente dele.

"Sim. Aparentemente Alessandro realmente gosta de meu pai—".

"Oh, Deus," Jack disse, enquanto abaixava a cabeça dele até que descansou contra o bar.

"Por favor pare."

"Eu desejaria poder. Eles tomaram café da manhã juntos esta manhã."

Jack empurrou a cabeça dele de volta para cima.

"Eles o quê?"

"Você me ouviu," Lou disse. Martha chamou-a, "Com licença, senhorita? Nós poderíamos servir mais cerveja?"

"Me fale," Jack disse urgentemente, "que você não disse o que você há pouco disse."

"Meu pai," Lou disse, "teve ovos com toucinho canadense, embora o cardiologista dele, depois da ponte de safena, lhe aconselhasse que não comesse materiais gordurosos. Sua mãe aparentemente é muito mais light. Tudo que ela comeu foi uma torrada de trigo inteira com metade de uma toronja e água quente com—".

"—limão e mel," Jack terminou para ela. "Eu sei. Eu sei. Isso é o que ela tem para o café da manhã todas as manhãs desde que eu nasci."

"Bem," Lou disse, "certamente impressionou meu pai. Ele gosta de comedores sensatos."

Jack parecia alarmado. Ainda, ele tentou ser razoável sobre a coisa toda. "Bem, o café da manhã," ele disse. "Assim eles tomaram café da manhã juntos. Eu quero dizer, isso não significa... Eu quero dizer, é só café da manhã."

Lou, enquanto percebia o significado de tudo que ele dizia de uma vez, fez uma face

enojada. "Claro que é só café da manhã," ela disse. "Você pensa meu pai e sua mãe vão".

"Não," Jack disse apressadamente.

"Claro que não," Lou disse. "Jeez. Tire sua mente da sarjeta."

"Ainda," Jack disse, incomodamente, "eu quero dizer, só o fato que eles conhecem um ao outro—".

"Eu sei" Lou disse. "Deixe de falar sobre isto. Você está me dando o heebie-jeebies. Eles estão enviando algum xerife até. Aparentemente ele está familiarizado com Buds. E

escute. Não estamos dizendo nada"—ela sustentou um dedo de advertência—"sobre nós.

O que aconteceu entre nós. Atrás no Donald. Para qualquer um. Especialmente nossos pais. Entende?"

"Deus, sim," Jack disse, enquanto acernava com a cabeça vigorosamente. "Você pode imaginar as manchetes? Amantes rejeitados acham conforto nos braços um do outro."

"Manchetes?" Lou bufou. "Você tem muito mais para se preocupar do que meras manchetes, meu amigo. Meu pai ainda carrega a sua pistola de serviço. Se ele descobre como você tirou vantagem de mim em meu momento de fraqueza, ele o estourará."; Como o Jack sufocou no bocado de cerveja nova que ele tinha engolido da caneca que

Martha tinha deslizado na frente dele, Lou sorriu ao garçom do bar e disse, quando

também reencheu a caneca, "Quanto eu lhe devo?".

Martha balançou a cabeça dela. "Oh, nada, nada. As cervejas são por conta da casa. Eu só quero dizer, Sr. Townsend aqui, ele me falou você escreveu o filme Hindenburg?".

Lou acenou com a cabeça. "Sim. Sim, eu o fiz."

"Bem," Martha disse. "Eu só queria que você soubesse. É meu filme favorito de todos os tempos. Realmente."

"Bem, obrigada," Lou disse educadamente. "Muito obrigada. E pelas cervejas, também".

"E realmente é verdade, você sabe", Martha disse, num clima de conspiração.

"O que é?" Lou parecia confusa. "Você quer dizer a história? Sim, era baseada em um verdadeiro incidente."

"Não," Martha disse reverentemente. "Eu quero dizer que verdadeiramente era um triunfo do espírito humano."

Capítulo 23

"Deixe-me ver se eu entendi direito", disse Sheriff Walter O'Malley, olhando no espelho retrovisor, a fim de que ele pudesse ver as expressões deles enquanto falava. "Você diz que homens armados em snowmobiles perseguiram vocês pela mata."

"Isso mesmo", disse a ruiva, acenando vigorosamente. "Atirando na gente."

"Atirando em vocês", disse Walt. "E que vocês, por sua vez, atiraram neles. Com uma arma que vocês tiraram do piloto, Sam Kowalski, que também tentou atirar em vocês."

"Ele deveria me matar", o rapaz alto, Jack Townsend, disse. Walt estava achando difícil acreditar que este rapaz, e o rapaz que ele estava acostumado a ver na tela do cinema quando ele batia com sua 9.50, era o mesmo. O rapaz na tela do cinema era bem... maior.

Embora Walt pensou que, 1,83m mais ou menos, na vida real, Townsend era grande,

também. Ele apenas não tinha seis metros de altura, do jeito que Walt costumava vê-lo.

Isso, Walt pensou, pela centésima vez, pelo menos, era um caso que não cheirava bem.

Entre aquela atraente mulher com que o diretor era casado, a que continuava agarrado seu braço – não que ele se importasse, já que fazia um bom tempo que seu braço tinha sido agarrado por uma mulher que não fosse uma de suas filhas, a mãe delas tendo falecido há quase cinco anos atrás - e esta história que ele e Lippincott estavam ouvindo enquanto eles transportavam os sobreviventes do acidente da cidade de Damon, população de trezentos, a Anchorage.

Bem, vamos apenas dizer que Walt estava contente que Lippincott era o que estava se

esforçando para anotar tudo, e não ele.

"Você diz que o Sr. Kowalski deveria lhe matar, Sr. Townsend," disse Lippincott agora, do banco do passageiro da frente, onde se sentou apumado com um formulário de boletim de ocorrência e uma prancheta e uma caneta. "Posso perguntar como você soube disso?"

"Porque ele disse isso, diabos." Townsend, pelo menos, Walt ficou aliviado em notar, tinha o mesmo pavio curto como o personagem que ele interpretava na tela grande. De uma pequena maneira, isso fez a coisa toda da altura mais fácil de suportar. "O que você acha, que estamos inventando isso?"

No espelho retrovisor, Walt viu a ruiva pôr a mão sobre o braço de Townsend. Ele pode ter sido o que desempenhou papel de policial na tela, mas ela foi a única que realmente entendeu como os policiais trabalham. Pelo menos se a sua declaração a seguir fosse alguma indicação.

"Sr. Kowalski nos informou de que alguém o pagou para matar Jack", disse ela uniformemente. "Ele não disse quem era essa pessoa, mas ele parecia sentir que se falhasse na sua missão, ele iria estar em grandes apuros."

Lippincott escreveu isso, mas pareceu não poder conter um comentário enquanto escrevia.

"Bem, ainda bem para ele que ele ficou carbonizado no acidente, então", disse ele, a maioria sob sua respiração.

Ainda assim, Walt não foi o único que escutou. A menina Calabrese ouviu, também, e

inclinou para a frente.

"Como é?" ela perguntou.

Lippincott ficou vermelho, mas a única pessoa no carro que percebeu foi Walt. A pele do rapaz era muito queimada pela exposição ao vento para ninguém mais perceber aquela profunda sombra de castanho-escuro não era sua coloração normal.

"Nada, senhora," disse Lippincott apressadamente.

"Escuta, você pode ir mais rápido?" Townsend não pareceu partilhar o mesmo interesse da Sra. Calabrese na observação do assistente do xerife. "Temos um grupo de pessoas à espera de nós no hotel, e estamos tipo ansiosos pra-"

"Nós vamos estar lá em breve", foi a curta resposta de Walt. Ele mandou o departamento de abridor de caminhos indo a trinta, que era rápido o suficiente para esta estrada com neve. Embora, ele pudesse compreender a impaciência do rapaz. Os alojamentos, onde quer que os dois tinham ficado, poderia não ter tido a variedade de conforto que uma

grande estrela de filmes, como Jack Townsend estaria acostumado. Uma estação de

guardas florestais? A cabine de caça de alguém? Será que eles realmente esperavam que ele acreditasse nessa merda? Mas por que razão, ele se perguntou, pela milésima vez, eles iriam inventar? A menos que eles estivessem envolvidos em seja lá qual coisa mal cheirosa que tinha acontecendo no local do acidente... "Então, você tirou a arma do Sr.

Kowalski", disse Walt a ruiva", e você atirou em um dos caras no snowmobile-"

"O que ele quis dizer?" Lou quis saber. Ela sempre se chamava de, nunca seu nome verdadeiro, Walt tinha sido informado pelo seu pai - a única pessoa ligada a este caso até agora, com a única exceção de Eleanor Townsend, que não parece estar cheio de conversa fiada. Todos os outros parecia para Walt tão mal cheirosos como a queda do

helicóptero... provavelmente, porque todos os outros envolvidos era um desses tipos de Hollywood.

"Ele disse algo sobre uma carbonização," Lou continuou. "Eu não sou um idiota, você sabe. Eu sei o que isso significa. Quem é o carbonizado? "

"Sinto muito, senhora," disse Walt, vindo ao resgate de seu assistente. "O que ele pretendia dizer era, talvez tenha sido sorte para o Sr. Kowalski ter perecido na queda do helicóptero, já que dessa forma ele não foi forçado a admitir o fracasso a seus empregadores."

Houve silêncio no abridor de caminhos por alguns segundos. Então Townsend disse,

"Kowalski não morreu no acidente."

Lippincott, que tinha levantado sua caneta para registrar isso, parou de escrever, e olhou para o banco traseiro.

"Poderia repetir isso, senhor?" Disse ele.

Um olhar no espelho retrovisor provou que Jack Townsend parecia zangado.

"Kowalski não morreu na colisão", disse ele, novamente. "Ele estava vivo quando eu o puxei para fora. Inconsciente, mas vivo. "

"Puxado ele pra fora?" Walt abrandou. Ele queria certificar-se de que tinha ouvido corretamente. "Do helicóptero?"

"É", disse Townsend. "Ele foi espancado bastante, mas ele estava definitivamente -"

"Quando chegamos no local do acidente", disse Walt cuidadosamente ", encontramos um corpo na aeronave que já foi identificado através de registros dentários como pertencente a uma Samuel Kowalski."

A ruiva prendeu a respiração. "Oh meu Deus", disse ela, sem soltar a manga de Townsend. "Oh meu Deus, Jack. Eles o mataram. Eles mataram Sam. "

Walt viu Townsend levantar seu braço e envolvê-los em torno de Lou. Quando ele falou, ele parecia cansado, mas firme. "O piloto estava vivo quando o vimos pela última vez", disse Townsend. "Eu o arrastei uns bons nove metros dos destroços. Ele estava respirando normal. Ele não estava queimado. De nenhuma maneira."

De repente Walt, que não tinha bastante conhecimento sobre o que fazer com a história do par de pistoleiros mascarados e vôo pela

selva ártica sentou-se um pouco mais reto.

"E você diz que atirou num destes sujeitos?" ele perguntou para Townsend. "Um dos snowmobiles? E abateu?"

"Eu não fiz," Townsend disse. Ele encontrou o olhar de Walt no espelho retrovisor direcionado para a cabeça de Lou que estava enterrada na frente do suéter de Townsend.

"Nós não achamos nenhum sinal," Walt disse cuidadosamente, "de qualquer corpo, excluindo o do piloto."

Lou observou, os olhos dela molhados.

"Isso é impossível," ela disse. A voz dela estava esfarrapada. "O sujeito bateu em uma árvore, e o snowmobile dele—não mencionando seu motorista—soprou em mil pedaços.

E você está tentando me falar que você não achou qualquer sinal disso?"

Lippincott clareou a garganta dele incomodamente. Um recruta solteiro, ele não era

treinado, como Walt, para lidar com fêmeas.

"Uh," ele disse. "Talvez eles limpam depois."

Walt tossiu significativamente, e Lippincott se calou.

"Mais provável," Walt disse, "a neve ter coberto tudo que estava lá fora—".

Foi Townsend que interrompeu em uma voz incrédula, "Você não acredita em nós."

"Agora", Walt disse. Felizmente, ele estava começando a dar olhadelas para a cidade do Ancoradouro iluminada à frente deles. Este passeio não ia durar muito mais tempo.

Neste caso, porém. Neste caso ele tinha sensação que ia durar muito, muito tempo. Só o que ele precisava. Como se isto não bastasse ele tinha que lidar com todos esses árvore-huggers que saem dos bosques por causa desse maldito filme. Agora ele tinha supostamente algum amável time de assassinos contratados encaçados, se estes dois

estivessem contando a verdade.

"Ninguém disse que eles não acreditamos," Walt disse, no que ele esperou ser uma voz razoável. Muito ruim, ele pensou, eles não podiam chamar o FBI. Como ele teria gostado de entregar este aqui

para o federais, deixá-los lidar com isto. Tudo que ele queria fazer era chegar em casa e tomar um banho. Talvez por um pouco daquele Aveeno que as meninas usaram na água, ajudando com a pele seca dele. Isso era o que ele precisava. Um banho quente, algum Aveeno, e talvez um desses charutos caprichosos que o Mitch tinha passado quando Shirl teve seu último bebê...

Walt viu Townsend cutucar a menina. "Mostre para eles," ele disse.

E a ruiva acenou com a cabeça e cavou nos bolsos do parka dela...

"Hey!" Walt chorou, quase perdendo controle da roda, ele estava tão surpreso. Bem, quem não ficaria? Não era diariamente que ele conseguia um par de revólveres apontados para ele. Na realidade, ele tinha vinte anos na força sem ter que sacar a própria arma dele.

"Jesus H. Christ!" Lippincott gritou quando ele viu as armas. Ele cavou freneticamente o próprio sidearm dele, enquanto chorava, "Agora, ma'am, falemos sobre isto. Acredite, você não quer atirar em nós—".

"Não se preocupe," Lou disse secamente. "As seguranças estão acesas. Eu só estou tentando mostrar para você que nós estamos contando a verdade. Nós levamos este .38 do piloto—o homem que você diz ter queimado no estrondo—e o .44 do sujeito que tentou nos atacar na estação do guarda-florestal. Prossiga e os leve. Talvez você possa localizar os números de série e possa achar a quem eles realmente pertencem."

Walt administrou, com dificuldade, adquirir o controle da roda—e o coração batendo

acelerado dele. "Deputado Lippincott," ele disse. "Você por favor aliviaria Sra. Calabrese dessas armas de fogo?"

Lippincott levou cada arma devagar das mãos de Lou, então os colocou cuidadosamente

no porta-luvas do Trailblazer.

"Agora," Townsend quis saber, "você acredita em nós?"

O que Walt poderia dizer além de "Sim?"

Mas isso não era precisamente verdade, naturalmente. E não significou certamente que o que eles tinham dito fez mais algum

sentido do que antes.

"E você diz que você não tem nenhuma idéia," Walt perguntou para Townsend, "por que alguém poderia o querer morto?"

"Nenhuma, absolutamente," Townsend respondeu. Então, com um relance de lado para Lou, somou ele, "eu não sou certamente nenhum anjo, mas eu nunca tive—ao meu conhecimento—feito qualquer coisa que deixe qualquer pessoa furiosa o bastante para querer me matar. Desarrumar meu apartamento de hotel, talvez, mas não, você sabe, atirar em mim."

"Quem desarrumou seu apartamento do hotel?" Walt quis saber. "Pode haver uma conexão—".

"Não há," Townsend disse, planamente. "Vá por mim."

"Você nunca sabe." Walt agarrou mais firmemente o volante agora que ele viu a silhueta do Ancoradouro Quatro Estações, um dos edifícios mais altos em seu bloco, assomando ante a eles.

"Sr. Townsend, eu vou sugerir que você tenha proteção de vinte-quatro-horas até que você deixe o estado—".

"De modo algum," Townsend interrompeu.

"Sr. Townsend," Walt disse no tom mais razoável dele, o que ele usou quando quaisquer das filhas dele colocou na cabeça usar Lycra. "Foram feitas várias tentativas em sua vida —".

"Seguramente," Townsend respondeu. "Lá fora. Não aqui."

"Não contudo," Lou Calabrese lembrou-o.

Townsend, Walt viu pelo espelho retrovisor, olhou para ela. Ela estava contemplando-o seriamente.

"Jack," ela disse. "Por favor escute o xerife. Ele sabe sobre o que está falando. Quem está atrás de tudo isso, ele pode da mesma maneira facilmente estar em Ancoradouro como em Myra. E até que nós formos embora, você é um alvo ambulante—".

"Lou." Townsend tinha abaixado a voz dele a um sussurro bravo, mas Walt ouviu fácil o bastante de qualquer maneira. "Eu não quero ter um policial me seguindo em todos os lugares que vou."

"Você preferiria ter uma bala em seu crânio?" Lou quis saber.

Townsend não disse nada. Agora eles estavam balançando na calçada circular às Quatro

Estações. No espelho retrovisor, Walt viu Lou Calabrese se sentar um pouco mais reta

quando ela viu as multidões de manifestantes que se levantava ao longo do West Third.

"Oh meu Deus," ela respirou. "Eles ainda estão lá fora?"

"Sim, ma'am," Walt disse alegremente. "E eles ainda estão bastante furiosos sobre aquele cabo de mina que Sr. Lord está planejando explodir."

Alguns dos manifestantes balançaram os punhos deles furiosamente ao Trailblazer,

entretanto eles poderiam não idéia que os passageiros dentro disto estavam de qualquer forma conectados ao filme. Muitos deles seguravam placas com mensagens como "Salvem a Mina" e "Protejam a Raposa de Ártico" e, notavelmente, "Leve de volta Seus Brinquedos a Tinseltown.". Uma tripulação do filme de um dos espetáculos de notícias de entretenimento estava entrevistando um manifestante particularmente cabeludo enquanto eles dirigiam por, enquanto obtinham a real concha claramente sobre as ameaças do homem montês atual.

"Poderia ser um deles," Lou disse do assento de trás. "Qualquer um deles."

Jack fez um barulho desprezativo, a meio caminho entre um riso e um bufo.

"Esses ecologistas não estavam nos snowmobiles, Lou," ele disse. "Acredite."

Ela olhou para ele. E naquele relance, embora ele só visse seu reflexo no espelho

retrovisor, Walt viu fogo.

"Você está adquirindo proteção policial," Lou disse em uma voz dura. "E esse é o fim disto."

E, para surpresa de Walt, era. Townsend não disse outra palavra sobre isto.

Walt não o culpou. Se estivesse entre uma faixa de atiradores e Lou Calabrese, ele

colocaria o dinheiro dele na ruiva qualquer dia.

Capítulo 24

"Lou!" berrou o repórter do Extra. " Como se sente por ter ficado três dias perdidas com o cara mais gostoso da América, Jack Townsend?"

"Lou!" exclamou jornalista da US Weekly. "Jack Townsend lhe disse alguma coisa sobre como está se sentindo a respeito do casamento de Greta Woolston com Bruno di Blase?"

"Lou!" a representante do Greenpeace abanou uma faixa que dizia "Hollywood Não se Importa". "Como você pode justificar a morte de centenas de criaturas silvestres inocentes, tudo para fazer um filme que glorifica a violência?"

"Srta Calabrese", uma garota adolescente gritava, tentando colocar algo na mão de Lou. "

Você pode dar para Jack Townsend meu número de telefone? Por favor! Eu quero ter um filho dele!"

"Okay, Pai", Lou disse, enquanto seu pai a conduzia através dos reporters para a segurança do elevador do hotel. "Esta é a última vez que saímos para comer, está entendendo? De agora em diante, é só serviço de quarto."

Frank Calabrese apertou o botão para o seu andar e disse, "Querida, você não entende. Eu comi a comida do hotel ontem a noite, e deixe eu te contar, fui obrigado a beber Mylanta até..."

"Tudo bem," Lou disse enquanto as portas do elevador se fechavam, misericordiosamente bloqueando o barulho do lobby. " Nós vamos pedir pizza. Ou algo assim. Eu só não vou passar por aquele lobby de novo. Não vou aguentar, não levando em conta todo o resto."

"Agora, querida," seu pai disse. " Eu já te disse. Jack vai ficar bem. O xerife O'Malley arranhou para sua proteção, cortesia do departamento de polícia de Anchorage. Se alguém está tentando matar Jack, os policiais..."

"Se?" Lou não podia acreditar em seus ouvidos. "Ah, maravilha. Você também não acredita em nós?"

"Eu não disse isso." Frank observou os números acima das portas se acenderem enquanto subia. "É claro que eu acredito em você. Todos nós acreditamos. Só estou dizendo que você não deveria se

preocupar tanto com ele. Ele é um homem crescido e, além do mais, está sob proteção dos melhores de Anchorage."

Lou não disse nada a respeito da sua falta de fé nos melhores de Anchorage. Ela sabia que eles estavam fazendo o melhor possível. Além do que não fazia sentido começar uma discussão com seu pai naquele momento. Bom, eles tinham compartilhado uma refeição cordial e gostosa no Shandy's Shrimp Shack - um cara na segurança do hotel tinha dito ao sei pai que este era o melhor lugar para se comer na cidade. Frank tinha tentando ter uma refeição calma com sua filha após toda a confusão circundando a volta dela e do Jack.

Assim que saíram do carro do xerife O'Malley, Lou e Jack tinham entrado, sem saber, em uma festa que Vicky Lord tinha organizado, com balões escritos "bem vindos" e um buffet e com a presença de cada pessoa no hotel que estivesse minimamente associada com o filme.

Incluindo a mãe de Jack e o pai de Lou.

E tudo o que Lou queria mesmo era escapar para seu próprio quarto, tomar um banho e ir para cama. Mas ela não tinha conseguido. Ah, ele tinha dado um jeito de escapar para um banho antes do jantar. Mas nenhum cochilo. Ao invés disso, ela tinha se preocupado.

Primeiro a respeito de Jack. Alguém tinha tentado, várias vezes, matá-lo, e eles ainda não tinham idéia de quem esse alguém fosse, ou se tentaria novamente. Claro, o Xerife O'Malley tinha a 44 e tentaria rastrear o seu dono. E talvez ele conseguisse.

Mas e se não conseguisse? E se independente do número de seguranças extras que o hotel tinha arranjado, e o policial que segia Jack para qualquer lugar que ele fosse, alguma coisa acontecesse - alguma coisa como o que tinha acontecido com o pobre Sam?

"Lou?"

Ela tirou os olhos de seus sapatos para ver seu pai a encarando.

"Está tudo bem com você?" ele queria saber.

Ela se sacudiu. "Sim," ela disse rapidamente. "Estou bem. Sinto muito. Eu estava... eu estava só pensando..."

...Sobre o cara mais gostoso da América. Oh, Deus! O quão patética ela era? Era isto o que ela ganhava por se apaixonar por

atores. por que ela não tinha tomado seu próprio conselho? Ela era algum tipo de masoquista?

Aqui entrava a outra coisa que ela estava preocupada: o convite de Jack de ir morar com ele...

... e o fato de que ela estava muito tentada a aceitar.

Então a porta do elevador se abriram e o rosto de Lou pegou fogo. Porque parado no

corredor do oitavo andar - seu andar, não o do Jack, já que Jack tinha se mudado para o décimo andar depois do ataque de Melanie em sua suíte no oitavo - não estava ninguém mais do que o cara mais gostoso da América.. e sua mãe.

"Ora, Frank", Eleanor Townsend disse, em um tom de voz, se Lou não estava muito enganada, de extremo deleite. "E Lou. Que bom ver você. Nós acabamos de passar pelo seu quarto Lou, para ver se você e seu pai não queriam ir jantar com a gente, mas vocês não estavam lá. Mas aí estão vocês! Que maravilhoso nos encontrarmos!"

"Nós acabamos de comer," Lou disse rapidamente, esperando que nem Jack nem sua mãe tenham notado o rubor que estava tornando sua cabeça, ela tinha certeza, em vermelho.

Seu pai foi mais gracioso.

"Que pena," ele disse em uma voz que Lou só o tinha visto usar uma vez antes - e isto tinha sido na suíte de Lord, quando ela e Jack tinham acabado de chegar. Seu pai a tinha apresentado para a mãe de Jack no mesmo tom caloroso... um tom que tinha causado Jack e Lou a trocarem olhares nervosos, principalmente desde que isso tinha levado Eleanor a um acesso de risadinhas que era clamaramente infamiliar a seu filho.

"O buffet mais cedo na suíte de Lor foi legal e tudo," Frank continuou jovialmente. "mas um homem não consegue sobreviver só de canapés, não é?"

"Não, ele não pode," Jack disse com um sorriso. " É mesmo uma pena, já que seira ótimo se vocês pudessem se juntar a nós..."

"Sim!" Eleanor disse, ansiosa. "NEm que fosse por apenas uma xícara de café..."

"Nós adoraríamos", Frank disse, soltando seu aperto na porta do elevador, que ele vinha segurando aberta para a mãe de Jack. "Não é mesmo, Lou?"

Mas Lou tinha percebido uma coisa. E isto era que Jack e sua mãe estavam parados

sozinhos no corredor do oitavo andar-totalmente sozinhos.

"Onde está o policial?" Lou quis saber, virando-se acusadoramente para Jack. "Aquele que deveria estar mantendo um olho em você?"

Jack sorriu para ela, aqueles olhos azul elétrico cheios de algo que Lou não conseguia identificar - que nunca tinha conseguido identificar.

"Eu dei a noite de folga para o Policial Juarez", ele disse.

"Jack." Lou sentiu que sua cabeça podia explodir. Realmente explodir. "O ponto de ter proteção policial é que esta deve estar em volta o tempo todo. Você não pode lhe dar uma noite de folga. E se alguém tentar te atacar aqui no hotel?"

"Nós estávamos descendo para o restaurante." Jack disse.

"O quê? É proibido atirar no restaurante? Se aparecer sem sapatos, sem camisas ou se atirar não é servido?"

Jack deu um sorriso para sua mãe e o pai de Lou. Foi só então que ela notou que os dois a estavam encarando. Bem, encarando ela e Jack.

"Porque vocês dois," Jack disse, "não vão indo. Eu não estou com tanta fome assim."

Eleanor parecia chocada. "Oh, mas Frank já comeu..." ela parou de falar.

"Sempre lugar para um pouco mais," Frank disse jovialmente. "E não comi sobremesa ainda."

Lou não podia acreditar no que estava ouvindo. Seu pai estava se oferecendo para jantar com a mãe de Jack em um lugar que ele reclamara que tinha lhe dado azia. E ele ia arriscar passar novamente pelo grupo de repórteres para fazer isso! O que estava acontecendo ali? Era só um pouco de intimidade parental entre duas pessoas cujos filhos tinham passado por um calvários juntos? Ou era - ah Deus - algo mais?

"Vocês vocês depois," Frank disse enquanto guiava - arrastava era uma palavra melhor -

Eleanor para o elevador. "Jack, escute Lou. Ela sabe do que está falando. E não esperem acordados!"

O elevador se fechou na risadinha de Eleanor. Risadinha! A mulher tinha mesmo dado uma risadinha!

Assim que eles tinham saído, Lou se virou e bateu no ombro de Jack com o máximo de força que conseguiu.

"Ow," ele disse, embora parecesse estar se divertindo. "Para que foi isso?"

"Encorajando meu pai," Lou soltou. "Não consegue ver que ele está interessado na sua mãe?"

"Ele?" Jack esfregou o lugar onde ela tinha acertado. "Tudo o que minha mãe consegue fazer é falar sobre *Frank isso* e *Frank aquilo*. Você sabia que seu pai faz seu próprio molho para macarrão? Bem, eu sei. Sei até o que tem nela. a receita de molho da família Calabrese. E eu sei. Eu juro que passei a maior parte do tempo desejando que eu ainda tivesse uma daquelas armas que você entregou para que eu pudesse colocar uma bala na minha cabeça."

Lou, furiosa, começou a andar de um lado para o outro do corredor. "Ótimo," ela disse.

"Isso é ótimo, Jack. Como se não tivéssemos problemas suficientes. Alguém está

tentando te matar e agora nossos pais estão interessados um no outro." Ela congelou no meio de um passo e lançou para ele um olhar de puro horror. "Meu Deus, Jack. E se nossos pais começarem a namorar?"

"Bem," Jack disse, pensativamente. "Eu admito que pode ser estranho explicar para as crianças. Quer dizer, porque os pais de sua mãe e pai estão casados. Talvez se nos mudássemos para Appalachia eles não seriam tão zoados na escola..."

"Você não pode, só por uma vez, ser sério?" Lou quis saber.

"Eu acho," Jack disse com uma cara perfeitamente séria. " que você está se preocupando demais. E não só sobre a coisa toda do

policial. Lou, ninguém vai tentar me machucar aqui no hotel. Testemunhas demais, okay?"

Lou abriu a boca para discutir, mas Jack ergueu uma mão.

"E então nosos pais se gostam," ele continuou. "E daí? Deixa eles se divertirem. Eu pessoalmente posso pensar em algumas coisas..." ele se aproximou dela e colocou as duas mãos em sua cintura. "... que eu preferia estar fazendo agora do que me preocupar a respeito de nossos pais. E quanto a você?"

Ela se afastou dele - ou tentou, de qualquer jeito. Ele a estava segurando muito forte e não parecia disposto a deixá-la ir. E ela, tinha que admitir, sentia alguma coisa dentro dela tremer um pouco quando ela respirou o aroma de recém banho de Jack...

... maldito!

"jack," ela disse, tentando se manter o mais rígida possível enquanto ele abaixava a cabeça e passava os lábios pelo seu pescoço. " Eu já disse. Isso nunca vai funcionar."

"Você nunca me disse nada parecido," Jack disse, mantendo sua boca onde estava... e causando, como ela tinha certeza que ele sabia, toda a maneira de reações em relação ao seu pulso. "Você disse na noite passada que precisava pensar a respeito. Bem, agora você pensou a respeito. E, se der na mesma para você, eu gostaria de continuar do ponto logo antes de sermos rudemente interrompidos por perseguições de ski e garçonetes chamadas Martha..."

"Jack," Lou disse, fraca. Mas ela ainda estava determinada a se manter fiel as suas decisões. "Você sabe perfeitamente que isso é uma péssima idéia."

"Eu acho que isso é uma excelente idéia," Jack disse contra a sua garganta. "E eu tenho uma ainda melhor. Vamos pedir uma garrafa de champagne, colocar o sinal de 'não disturbe' na porta e tomar um longo banho de espumas junto."

"Jack," Lou disse enquanto os lábios dele viajavam para seu queixo. As batidas de seu coração estavam descontroladas como um pebble (?) sobre a superfície de um lago congelado. Mas ela se recusava a se deixar levar por desejos carnis. Era isso que tinha

acontecido com Barry. E veja onde isso a tinha levado. "Esqueça. Eu não vou mais me envolver com atores."

"Que bom que estou desistindo dos negócios, então," ele disse, seus lábios em sua orelha.

"Hei, eu tenho uma idéia. Vamos arranjar um cachorro. Um golden retriever. Nós

podemos chamá-lo de Dakota e quando o "Entertainment Tonight" vier nos entrevistar sobre a nossa relação totalmente feliz nós podemos passear pela praia e jogar frisbes para Dakota, exatamente como John Tesh e Connie Selecca..."

"Jack," Lou disse, sus pálpebras se fechando contra a sua vontade. "Nós não vamos ter um cachorro juntos."

"Só um cachorro," Jack sussurrou, seus dedos tirando devagar a blusa da calça que Lou tinha posto antes de ir jantar com seu pai.

"Para ir com nossa cara na praia."

"Nós não vamos ter uma casa na praia juntos," Lou disse enquanto sentia a boca dele deslizando em direção a sua. "Eu já te disse. Eu nunca mais vou sair com um at..."

Seus protestos, no entanto, foram abafados pelos lábios de Jack. Ela se sentiu derreter nos braços dele. Uma parte dela se amaldiçoou pela sua fraqueza.

Mas outra, uma parte bem maior dela se deliciou em sentir o corpo longo e duro de Jack contra o seu... a maneira deliciosa com que a língua dele encontrava com a sua... o jeito como os dedos dele viajando pela sua blusa e como seus polegares, com absoluta gentileza, por baixo do laço de seu sutiã...

Ela gemeu, suavemente, contra a sua boca. Ela não pode evitar. Ela podia sentir agora aquela familiar dureza na frente da calça que Jack tinha colocado para jantar se pressionando urgentemente contra ela.

"O que você disse?" Jack separou seus lábios dos dela por perto suficiente para fazer a pergunta. Enquanto eles se beijava, ele a tinha afastado devagar até contra a parede do corredor. Agora ela a prensava ali, com ambas as mãos debaixo de sua blusa, segurando seus seios inchados, enquanto sua vontade, rígida e imperativa,

pressionava contra sua barriga. "Um pouco de Dom Perignon e Sr. Bolha para esquecer seus problemas?"

Teria sido tão fácil dizer sim. Tão fácil se deixar solta em seus braços, deixar com que ele fizesse o que bem entendesse, o que ela sabia que ele podia fazer tão bem.

E ela teria dito sim. Para sua vergonha eterna, ela teria dito sim, gritado ainda por cima, se...

... naquele exato momento as portas do elevador não tivessem se aberto revelando

ninguém além de Madeline Dupre, carregando uma garrafa de champagne e duas taças, e

usando apenas uma camisola, um par de saltos com plumas, e uma expressão

determinada.

A expressão determinada desapareceu, no entanto, quando ela reparou neles. De repente, Madeline começou a gritar, alto o suficiente, Lou estava convencida, para acordar os mortos até o Canadá... talvez até mesmo o México.

"Seu mentiroso!" ela berrou, apontando para Jack com uma de suas unhas pontudas. "Seu mentiroso maldito! Você me disse que não tinha mais ninguém. Você me disse que só queria tentar ficar solteiro por um tempo. E o tempo todo - o tempo todo - você estava se divertindo com *ela*?"

O olhar de horror no rosto de Madeline quando disse *ela* foi tudo o que Lou precisava para se desvencilhar da neblina que tinha caído desde o primeiro toque dos lábios de Jack em sua pele.

Endurecendo o corpo, ela o empurrou para longe dela, causando vários botões em sua blusa a se soltarem. Ela nem se importou. Tudo o que conseguia pensar era *tenho que sair daqui. E rápido.*

Jack estava com ambas as mãos levantadas para se defender, como se Madeline fosse

uma cobra que se aproximava lentamente ou uma daquelas moças de loja de

departamento que vendem perfumes.

"Mel," ele disse em uma voz que Liyu supunha que ele queria que soasse baixa e calmante.

"Me escute. A outra noite, quando eu disse que queria tentar ser solteiro por um tempo, eu estava falando sério. De verdade. Mas então, como você sabe, eu passei por uma experiência de quase morte. E uma dessas pode mesmo fazer com que você reorganize suas prioridades, não? E foi então que eu percebi que talvez eu não tenha tentando o

suficiente ter uma relação monogâmica..."

"Você," Melanie berrou. "Quer tentar ter uma relação monogâmica com ela? Com ela e não comigo?"

Vidro explodiu na parede atrás da cabeça de Jack quando Melanie jogou as taças que estava carregando.

Felizmente a essa altura Lou tinha conseguido tirar a chave-cartão de seu quarto de sua bolsa. Ela não tinha certeza se era exatamente justo deixar Jack sozinho com aquela lunática. Por outro lado, ela não tinha sido aquele estúpido suficiente para ter um caso com Melanie Dupre - ou dar a noite de folga para o Policial Juarez.

Uma segunda explosão de vidro fez com que se decidisse. Ela estava escapando da linha de fogo - especialmente desde que Melanie parecia estar culpando Lou pela decisão de Jack de terminar seu relacionamento com ela. Inserindo sua chave-cartão na fechadura, ela esperou sem fôlego para que a luz se tornasse verde, enquanto Melanie berrava "Você tem alguma ideia o quanto vai ser humilhante quando a notícia de que você me deixou por essa roteirista se espalhar? Quer dizer, meu Deus, ela nem mesmo tem um cartão

SAG!"

A luz mudou para verde. Lou abriu a porta com toda vontade. Ela se abriu e Lou entrou correndo, e então fechou a porta com força as suas costas e colocou a fechadura, só por precaução.

Ela estava pronta para pegar o telefone e chamar a segurança quando percebeu que não

estava sozinha no quarto. Não, tinha um homem sentado em sua cama. Um homem em

um suéter de caxemira, uma jaqueta de camurça e jeans. Um homem que parecia

perturbantemente familiar. Um homem que acabava por ser...

"Olá Lou," Bruno di Blase, também conhecido como Barry Kimmel, disse para ela.

Capítulo 25

Lou o encarou completamente chocada. O que Barry estava fazendo ali, em Anchorage?

Barry que tinha, algumas noites atrás, se casado com Greta Woolston, e deveria estar em sua lua de mel com ela?

"Uh," Barry disse. "Lou. Sua, hum, blusa está meio que..."

Lou olhou para baixo e percebeu que sua blusa, onde os botões tinham caído, estava

escancarada. Seu sutiã branco estava aparecendo para todo mundo ver.

"Barry," ela disse, dando a volta e pegando o robe de terracota que ela tinha deixado em uma cadeira depois de ter tomado banho. "O que você está fazendo aqui?"

"Oh," Barry disse, piscando um pouco. "Eu passei cinquenta para um dos caras da recepção e ele me deu um desses cartões-chave. Você sabe. Para o seu quarto."

"Não," Lou disse, enquanto colocava o robe, então amarrou seu cordão em volta de sua cintura. "Eu não quero dizer aqui no meu quarto. Quero dizer aqui em Anchorage."

O rosto de Barry, sempre tão facilmente bonita, aparentava uma beleza ainda maior

quando ele estava incrédulo a respeito de algo, o que ele evidentemente estava naquele momento.

"Lou!" ele disse, levantando. "Como você pode me perguntar uma coisa assim? Eu pensei que você estava morta. É claro que eu vim!"

Lou demorou um minuto para digerir esta. "Barry," ela disse devagar. "Eu não sei como te dizer isso, mas... nós terminamos. Lembra?"

"E por causa disso não tenho permissão para me preocupar com você?" ele perguntou.

"Quer dizer, Lou, você estava lá..." ele gesticulou em direção da grande janela de vidro que, quando não estava escuro lá fora, mostrava a visão de uma montanha do Alasca. "...

perdida na tundra congelada-"

"Floresta," Lou o corrigiu.

Ele a observou com olhos castanhos sonolentos. Barry sempre se movia pela vida com

uma aparência de sonolâmbulo, como se estivesse esperando que a mulher certa

aparecesse e o acordasse. Mas não parecia que Greta, também, era essa mulher já que

Barry ainda parecia estar com os olhos caídos.

"Que seja," Barry disse. "Quer dizer, fala sério, Lou. É claro que eu tinha que vir. Eu sei que tivemos nossas diferenças perto do fim, mas não importa o que aconteça, você sempre será minha melhor garota."

"Sério." Lou lançou um olhar para a mão esquerda dele. Era notável a falta de um brilho dourado. Ela disse, "Barry, você não deveria estar na sua lua de mel nesse instante?"

Barry pareceu ofendido. Ele sempre tivera uma habilidade de fazer isso, de parecer

sofrido quando alguém apontava suas transgressões, como se elas serem mencionadas em

primeiro lugar fosse, de alguma maneira, pior do que ele cometê-las.

"Você realmente pensou que eu poderia me divertir," ele perguntou. "Sabendo que você estava em perigo moral?"

Lou tossiu. "Eu acho que você quer dizer mortal." Mesmo que, dentro das circunstâncias, sua visão encaixava também.

"Que seja," Barry disse. "Assim que eu ouvi, tomei o primeiro voo que pude encontrar para cá."

"Sério," Lou disse. "Isso não foi legal de sua parte?" Aquilo era estranho. Mais do que estranho. Bizarro, é o que era. Ela e Barry não tinham se separado amigavelmente. Então o que ele estava mesmo fazendo ali? "E Greta? Ela veio também?" Lou olhou para a porta do banheiro. "Ela não está escondendo no chuveiro, está? Eu já te disse antes, Barry, nada de três pessoas."

O rosto bonito de Barry se fechou. Ele parecia, de novo, ressentido por ela ter trazido tal assunto a tona.

"Lou," ele disse. "Por favor, não empobreça o momento. É claro que Greta não está no seu chuveiro. Ela não veio comigo." Ele não explicou sobre isso, mas seu tom era fechado o suficiente para acionar os alarmes na cabeça de Lou: Uh-oh, problemas no paraíso.

"Lou," Barry disse, com o que ela gostava de chamar de seu olhar de derreter, aquele que ele tinha dado para Greta em Hindenburg, antes dos dois correrem para a segurança saindo da aeronave condenada - um olhar que Cosmo tinha sugerido poder transformar

uma geleira em água fervente. "Eu estou mais feliz do que posso dizer que você acabou por estar bem."

Mais alarmes soaram na cabeça de Lou. Se a presença de Barry não fosse o suficiente

para despertar suas suspeitas, o fato de que ele pagou cinquenta para entrar em contato com ela, Barry sendo uma das pessoas mais mesquinhas que ela conhecia, juntamente com o fato de ele afirmava estar feliz ao vê-la, serviram para convencê-la de que ou ele estava tentando uma nova personalidade - o que Barry fazia com regularidade - ou tinha sofrido uma batida na cabeça.

"Barry," Lou disse com cuidado. "Alguma coisa pesada caiu em você recentemente?"

Barry uniu suas sobrancelhas perfeitamente depiladas. "O quê?"

"Não importa," Lou disse. Barry, era estranhamente bom perceber, ainda era Barry. Ele, como o restante de Hollywood, nunca ia mudar. Tinha algo de reconfortante em tudo isso. "Olha, Barry, é legal de sua parte cortar a sua lua de mel para poder me ver, mas eu tive um dia muito longo e, se você não se importa, gostaria de dormir um pouco."

Barry fez sua expressão séria.

"Lou," ele disse. "Eu estava mesmo esperando... quer dizer, eu preciso falar com você. Eu sei que você anda ocupada e tudo, mas... nós nunca mais nos falamos."

Lou afundou na cama. "Barry," ela disse. "É porque você me deixou por outra mulher."

"Mas vê, é só isso," Barry olhou para trás, encontrou uma cadeira e a puxou para perto da cama onde Lou sentava. "Quer dizer, só

porque estou com outro alguém agora, não quer dizer que não me importo mais com você, Lou."

"Sério," ela disse, sem inflexão. Por dentro, é claro, sua mente estava correndo. O que, ela imaginou, estava acontecendo ali? As pessoas costumam dizer que coisas ruins acontecem em trios, mas aquilo já estava ficando ridículo. Primeiro, Barry lhe dava o pé na bunda por causa de Greta Woolston, então estranhos atiravam nela no Alasca, e então Barry decidia que a queria de volta? Muito estranho. A não ser...

A não ser que tudo estivesse conectado. Não podia ser... não era possível que Barry

estivesse por trás dos atentados contra Jack.

Por que Barry iria querer Jack morto? Para roubar o papel de Pete Logan? Era verdade

que desde Hindenburg, Barry estava encontrando problemas para encontrar roteiros que

se encaixassem no que ele considerava sua imagem de super estrela. Mas para tentar

assassinato na tentativa de conseguir o papel perfeito? Aquilo não era a cara do Barry. Ia precisar de muito esforço... para não mencionar dinheiro.

Não. Sua imaginação de escritora estava exagerando novamente. Ela precisava se

acalmar. Ela precisava se controlar...

... ela precisava tirar a mão de Barry de seu joelho. Porque foi aí que ele a colocou, de repente.

"É claro que eu ainda me importo, Lou," Barry disse. "Nós estivemos juntos por, o quê, dez anos? Você acha que eu posso simplesmente ligar ou desligar meus sentimentos?"

Não. Não funciona dessa maneira. Eu vou sempre me importar com você, Lou. Sempre."

Ele estava com sua cara de sincero. Ele tinha usado a mesma expressão em Hindenburg

quando o personagem de Greta o tinha questionado sobre suas intenções. Ele também,

Lou se lembrou, a usado frequentemente quando era parado pela polícia por estar dirigindo rápido demais.

"Barry," Lou disse em voz severa, não acreditando na sua cara de sincero do mesmo jeito que não caíra em seu olhar de derreter. "O que você quer?"

Seu rosto de sincero desapareceu para ser substituída por uma expressão que Lou gostava de chamar de *quem, eu?*

"Quer?" Barry repetiu. "Lou, eu já te disse isso. Eu queria ter certeza de que você estava bem." ele sacudiu a cabeça, aparentando confusão. " Eu não entendo de onde toda essa hostilidade está vindo."

"Deus, Barry," Lou disse. "Eu não sei. Talvez seja porque por dez anos você me disse que não estava pronto para um compromisso, que você precisava se conhecer antes de conhecer totalmente qualquer outra pessoa. Então eu descobri assistindo a porcarias do Access Hollywood que você e Greta Woolston tinham se casado numa Capela do Elvis..."

"Não era," Barry disse, ofendido novamente, "uma Capela do Elvis. Era o Salão Hindenburg no Cassino Trump e..."

"Que seja, Barry," Lou disse. "Eu não quero brigar. Eu só quero..."

"Que seja, Barry," Lou disse. "Eu não quero brigar. Eu só quero..."

"Eu também não quero," Barry disse com pressa. "Porque mesmo com as nossas diferenças passadas, Lou, você é ainda uma das minhas pessoas favoritas de todos os tempos. Você não sabe o quanto eu desejei que você tivesse no casamento. Você foi a única coisa que realmente faltou."

"Uh," Lou disse, relutante em apontar o óbvio, mas com medo de que ele realmente não estava sacando. "Porque você me deu o pé para casar com outra. Lembra, Barry?"

Barry fez uma careta, mas mesmo com sua expressão esticadas em desaprovação, Barry

Kimmel - Bruno di Blase para o resto do mundo - era um dos homens mais lindos vivos.

Um deles. O outro, como Lou podia muito bem ouvir, ainda estava levando chutes em

seu traseiro de quinze milhões de dólares por uma modelo/atriz tamanho 36 no corredor do lado de fora.

"Então não funcionou romanticamente entre nós," Barry disse, no exato tom em que teria dito *eu prefiro peperoni na minha pizza*. "Você ainda é como irmã para mim. O que é outra razão do porquê eu tinha que vir para o Alaska te ver, Lou."

Barry clareou sua garganta e Lou percebeu, com o coração afundando, que ele estava

prestes a fazer um discurso. Seu último discurso-aquele sobre ela ter se tornado muito dura e cínica que ele quase não a reconhecia mais como a garota doce com quem ele tinha se mudado-ainda estava soando em seus ouvidos, e ele tinha sido dito semanas atrás. Ela imaginou o que poderia ter feito para merecer tanto castigo.

"Eu tenho uma idéia," Barry disse com ênfase, como se anunciar algo assim fosse

raridade. O que, considerado o fato de que era Barry, era verdade: ele não era muito dado a idéias.

"Uma idéia," Lou disse.

"Sim," Barry disse. "Eu tive esta no avião a caminho das Ilhas Cayman. Essa é onde nós estamos em lua de mel, Greta e eu. Você sabe do que as Ilhas Cayman são compostas, não sabe, Lou?"

Lou tricotou sua sobrancelha. "De contas bancárias costeiras?";

"Não," Barry disse, com uma risada que revelou todo o plano dele, assim como seus dentes brancos. "Vulcões, Lou! O Anel de Fogo. E isso foi quando me bateu. Uma idéia para um projeto que faria o Hindenburg parecer com o Aeroporto '77. E no minuto em que eu pensei nisto, eu disse a mim mesmo que tinha que contar isto a Lou. Porque ela é a única pessoa que eu sei que pode realizar isso."

Lou sorriu fraco para ele, amedrontada com que ela sabia que estava vindo. "Realmente."

"Realmente," Barry disse. Ele ofereceu ambos seu bronzado, mãos manicuradas—mãos que estiveram, durante dez anos,

vagando em um ponto ou outro do corpo de Lou, mas que nunca tinha conseguido sequer uma vez fazê-la sentir o do modo que Jack tinha feito ela se sentir em uma noite. "Você está pronta?".

Lou pensou longamente em rastejar entre as folhas brancas frescas que ela estava sentada e em ir dormir. "Pronta," ela disse.

Barry fez uma pequena forma de filme-tela das mãos dele. "Pompeii", ele disse, dramaticamente.

"Pompeii", Lou repetiu enfaticamente.

"Certo!" Barry saltou para cima na cadeira dele e esparramou seus braços abrindo-os largamente. "Nunca é houve um filme sobre a destruição de Pompeii. Pinte isto, Lou.

Um as pessoas cultas, sofisticadas—os artesãos, realmente—não sabem que se mantém na

boca de um vulcão. Eles estão vivendo a rotina deles, negócios de artesão quando de

repente—POW! —a montanha explode, enquanto envia lava fundida pelas ruas

remendadas da cidade deles, destruindo tudo em seu caminho. Irão nossos dois jovens

amantes—você tem que ter dois jovens amantes, veja. Dois jovens amantes cujos os pais censuram da relação deles—possam escapar do magma e da cinza vulcânica a tempo?

Fala sobre um triunfo do espírito humano."

Barry abaixou os braços dele e estava de pé, enquanto sorria para ela. "Bem?" ele disse.

"O que você acha? Eu me vejo como a parte do jovem amante. Jovem general romano, ou algo. E a menina poderia ser, você sabe, de uma linhagem longa de jogadores de panela-flauta, e os pais dela não querem que ela se case um soldado, porque eles querem que ela continue o negócio de panela-flauta, ou alguma merda assim. E o general, veja, ele pode ser a única pessoa que sabe que o vulcão vai soprar, porque a mesma coisa aconteceu na ilha nativa dele. Ele está como um vulcanologista antigo. Assim ele está tentando advertir todo o mundo, só que eles não escutarão, por causa de serem todos obcecados com as panela-flauta—".

"Gosh, Barry," Lou interrompeu. Ela não queria interromper, mas Barry não parecia perto de perder a corda, e ela o queria fora do quarto dela antes da meia-noite, se possível.

"Isso é tal como uma grande idéia."

Barry sorriu para ela. "Veja. Eu sabia que você gostaria. Isso é por que assim que eu pensei nisto, era como, eu tenho que falar com Lou. Só, você sabe, você estava perdida na tundra."

"Bosques," Lou disse, enquanto se levantava. "E eu acho que isso é só uma grande idéia para um filme, Barry. E você sabe o que é melhor nisto? O modo que você conta.

Compelindo assim. Na realidade, você fala tão bem disto, eu acho que deveria ser você a escrever o enredo, não eu".

Ela tinha pego o braço dele e tinha começado a encaminhá-lo para a porta. Porém, agora Barry tirou o braço dele do alcance dela.

"Mas, Lou," ele disse. "Eu não sou um escritor. Por isso é que eu vim a você. Você pode ter isto, Lou. Você pode ter a história cheia por, através dos créditos do enredo, tudo que, eu não me preocupo, tão longo como eu consigo estrelar. Veja, Lou, os scripts que eu tenho conseguido desde Hindenburg... Bem, eles são todos realmente ruins. Eu quero

dizer Jim Carrey, Robin Williams ruim. Eu preciso que você escreva algo para mim.

Outro veículo de estrela... " .

Lou sorriu para ele. Ela não quis fazer isto. Realmente estava como atirar peixe em um barril.

Mas a coisa era, ele tinha pedido isto completamente.

"Mas Barry," ela disse, com os olhos muito arregalados. "Se lembra de quando você me falou que eu tinha crescido tão dura e cínica que apenas você me reconhecia como a mesma menina com quem você tinha se mudado para a Califórnia?"

Ele a olhou, inquieto. "Sim... "

"Bem, eu percebi então, Barry, que você tinha razão. Eu cresci muito dura e cínica.

Assim eu decidi deixar o negócio de escrever roteiros de filmes."

Barry encarou-a, tão surpreso que ele nem mesmo se lembrou de pôr uma expressão em

sua face.

"Deixar o negócio de roteiros de filmes?" ele ecoou.

"Sim," Lou disse, enquanto pegava o braço dele novamente e guiando-o para a porta.

"Você vê isso que uma influência enorme que você teve em cima de mim, Barry? E eu há pouco não lhe posso agradecer bastante para isto."

"M-mas você não pode," Barry gaguejou. "Você SÓ não pode deixar. Eu quero dizer, o que você vai fazer ao invés?"

"Bem," Lou disse. "Eu estou trabalhando em um romance."

Barry parecia esperançoso. "Realmente? você pensa traduzir à tela? Porque você sabe que eu apostei que o estúdio poderia adaptar isto, e se você mencionasse meu nome para o personagem de dianteira—".

Lou riu. Ela não pôde ajudar com isto.

"Bem," ela disse. "Eu não sei sobre o personagem de dianteira. Mas definitivamente há uma parte nisto para você, Barry."

Ele clareou. "Realmente?";

"Uh-huh," Lou disse. "Você pode atuar como o ex-namorado que usa a heroína e então joga fora quando alguém mais bonito vem."

O sorriso deixou a face dele. "Ei. Ei, agora! Isso não foi pedido."

"Não é, Barry?" Lou perguntou. Eles tinham alcançado a porta agora. Tudo que ela tinha que fazer era retirar a corrente, abrir, e empurrá-lo.

Mas ainda tinha uma coisa que ela deixou de dizer.

" *Hasta la vista*, Barry".

Então, da mesma maneira que ela tinha planejado, ela ergueu a corrente, abriu a porta, e estava pronta para empurrar Barry por isto. Exceto que ela não pôde. Porque um mesmo Jack Townsend desfigurado estava lá parado, enquanto segurava uma garrafa de Dom

Perignon em uma mão, e na outra, uma caixa rosa luminosa de Mr. Bubble.

Capítulo 26

"Eu não posso acreditar que você fez isto," Jack disse, pouco tempo depois. "Me deixado lidar só com a coelhinha de transa de

1,50m."

"Ei," Lou disse, do banheiro onde ela estava escovando os dentes. "Ela era sua coelhinha fodida, não minha."

"Oh, certo." Jack disse. "Como se eu não a salvasse agora mesmo de seu próprio ataque de coelhinho se transa."

"Para sua informação," disse Lou "Barry não era um coelho de transa. Ele e eu compartilhamos um amor profundo e permanente uma vez um pelo outro."

Jack, esticado fora na cama dela, a garrafa de Dom descansando contra o abdominal

planos dele, disse "mais uma vez, em inglês, por favor."

Lou tirou a pasta de dentes da boca, enxaguou, então, esfregando a face dela em uma

toalha de mão, pisou fora do banheiro dizendo, "Eu estava apaixonada pelo Barry.

Durante anos e anos."

Jack estremeceu. "Isso não é algo que eu ficaria repetindo," ele disse. "Não o lance na luz mais positiva, você sabe."

"Oh, e você mantendo sexo com Melanie Dupre lhe faz disso o quê?" Lou exigiu.

"Ghandi?"

Jack a observou da cama onde ele estava. "O que você têm debaixo desse roupão?" ele quis saber.

Lou sentia, à fúria dela, as bochechas dela começando a ferver. "Nada," ela disse. "E não pela razão que você pensa. Aconteceu de estar chovendo quando você reapareceu. Eu não esperava vê-lo novamente hoje à noite. Eu achei que você ia escoltar o Barry de volta para o quarto dele, então aposente essa de um pequeno ator bom. Supostamente você estará amanhã de manhã no SET às nove, se eu li a folha de chamada corretamente."

Jack rolou sobre o lado dele, e, sustentando a cabeça dele em uma mão, disse, "Ei, um sujeito não pode ter demasiado cuidadoso onde uma mulher como você está preocupada.

Eu me viro lidando com uma ex enraivecida, e a próxima coisa que eu sei, você está aqui com um sujeito que eu pensei não só ter

sido saído muito tempo de sua vida, mas supostamente que tinha se casado seguramente com outra. Você está certa sobre o maldito momento em que voltei. Eu não estava seguro sobre o que eu acharia logo aqui.

Eu pensei ver Matt Lauer vagando ao redor no salão de entrada, enquanto procurava uma concha. Parecia uma aposta boa que ele apareceria eventualmente no oitavo chão velho.

Todo o mundo parece outro.";

"Você," Lou disse, "é um homem doente, doente."

"Eu sei." Ele bateu levemente no colchão sugestivamente. "Venha e se sente aqui em cima. Eu acho que preciso dar uma olhada debaixo desse roupão."

Lou que apanhou uma garrafa de hidratante e se sentou no lado oposto da cama dele e

começou a esfregar as recentes pernas raspadas. Ela também fez isto para impedir o olhar dela de perambular doentamente em cima do corpo longo, magro dele, disposto assim energicamente pela cama dela. Ela não ia entrar na tentação novamente. Não neste tempo.

"Eu recordo, Jack," ela disse, "meu ditado é que este pequeno flerte entre nós, nos impedirá de trabalhar."

"Bem, não se você não tirar aquele roupão, não vai."

"Eu estou séria, Jack," ela disse.

"Assim sou eu."

"Jack." Lou suspirou. "O que aconteceu lá fora—você sabe, enquanto nós estávamos, um, perdido. Isso era só um ferro. Certo? Essa não era eu. Eu não faço coisas como... Bem, o que nós fizemos na cabana de Donald. Okay? Eu não sou aquele tipo de garota."

"Poderia ter me enganado," Jack disse, com um riso sugestivo.

"Eu sei." Lou sentia começando a ruborizar-se quando ela se lembrou de todas as coisas que ela tinha feito para merecer aquele riso. Seja forte, ela disse a si mesma. Se lembre do que aconteceu com Barry. Jack poderia quebrar seu coração dez mil vezes pior. Ela balançou a cabeça dela. "Olhe, eu sinto muito se eu o enganei. Mas isto—tudo que isto é

—é conseguiu parar. É conseguiu parar agora, hoje à noite..".

As sobrancelhas escuras de Jack se levantaram. "Espere um minuto." Ele olhou—e soou

—incrédulo. "você está se separando de mim?";

Ela não lhe pôde culpar por estar chocada. Ela provavelmente foi a primeira mulher que já dobrou uma chance de ser Sra. Jack Townsend durante um mês, levando em conta o quanto as ligações românticas dele tendem a durar.

E ela era, ela disse a si mesma, provavelmente uma das poucas mulheres ainda a sair de perto dele com o coração intacto.

Ou pelo menos ela seria, se ela rompesse as coisas agora com ele, hoje à noite, isto muito minuto...

"Escute," Lou disse. "Para que eu me separe com você, nós teríamos que ter estado dentro alguma relação romântico. O qual nós nunca estivemos."

"Nós não estávamos?" Jack parecia mais incrédulo até mesmo. "Você poderia ter me enganado."

Lou deu uma risada nervosa. Ela não sabia que mais fazer. Ela tinha esperado certamente que ele nunca lutasse nisto. Ela tinha pensado que seria alívio para ele. Todo o daters consecutivo como Jack só não estava morrendo para uma desculpa para esvaziar as chamadas atuais deles, assim eles poderiam passar para o próximo? Ele deveria estar nos joelhos dela em gratidão miserável.

Ao invés, ele parecia preocupado.

"Quem vai dar as notícias para Dakota?" ele quis saber.

Ela o encarou. "Sobre o que você está falando?"

"Bem, que você não pode terminar comigo agora," Jack disse. "Nós nem mesmo decidimos quem vai ficar com a custódia de Dakota. E você já considerou o impacto que algo assim vai ter em seu frágil subconsciente? Ele pode ficar anos na terapia por causa disso."

Ele estava brincando. Demorou um pouquinho para Lou perceber, mas é claro que ele

estava brincando. A resistência dele tinha sido só fachada no final. Ele não se importava.

Ele não se importava nem um pouco.

Ela disse a si mesmo que aquilo era uma coisa boa - que agora ela seria capaz de se separar facilmente dele.

Exceto que uma parte dela estava machucada. Uma parte dela - a mesma que acreditava

que finais felizes duravam e que o amor podia triunfar sobre tudo no final das contas - estava machucada pela rapidez com que ele podia brincar com a situação que, mesmo sendo rápida, tinha significado mais para ela do que... bem, do que ela estava pronta para admitir para si mesma.

Mas era melhor assim. Muito melhor. Agora eles podiam voltar as discussões sobre as

ceias de nu dele e sobre a fala *eu preciso de uma arma maior*. As coisas voltariam a ser do jeito que eram antes. Coisas voltariam ao normal.

Tudo, ela sabia, exceto por ela mesma. Lou Calabrese, com certeza, nunca seria a mesma novamente.

E era por isso que era bom ela estar se safando da situação agora, antes que o estrago fosse irreparável, e ele a arruinasse para qualquer outro homem.

Ele tentou copiar o seu tom casual, para que ele soubesse que ela não se importava. "Eu pensei que Dakota," ela disse, seca. "Fosse um golden retriever."

"Mudei de idéia," Jack disse. "O nome do cachorro é Ranger. Nosso primogênito é Dakota."

Lou suspirou. Ele só estava provocando, ela sabia. Era o que Jack fazia. provocava.

Mas esse tipo de provocação machucava. Ele não sabia, é claro, como no colégio, quando ela planejava a vida futura que teria com Barry, ela estivera certa de que teria o primeiro filho até seu trigésimo aniversário. Claro ela ainda tinha um ano ou dois antes de atingir a data limite.

Mas ainda assim não era um assunto para piadas.

"Você não deveria ter voltado para cá, Jack," Lou disse, séria.

"Eu tinha," Jack disse. "Eu deixei o Sr. Bolhas aqui."

"Estou falando sério, Jack," ela disse.

"Hey," ele parecia sinceramente irritado. "Eu pensei que tínhamos um encontro, se lembra? No corredor? Antes de sermos tão rudemente interrompidos. Eu estava decididamente capitando vibrações de encontro. E então eu volto aqui, e do nada, você está terminando comigo. Eu não entendo. O que mudou? Foi o policial Juarez? Olha, eu juro que amanhã eu me algemo com ele. Tim não vai gostar muito disso para a cena que vamos filmar, mas ele vai ter que editar o cara depois..."

"Não é isso," Lou disse. "Embora eu queria que você levasse o fato de que alguém está tentando te matar mais a sério."

"O que é, então?" Jack ordenou. "É a Melanie? Eu já não disse com estou arrependido por isso? Mas, juro por Deus, Lou, eu nunca fiz nenhuma promessa para ela, e quando descobri o quanto ela estava se apegando, eu tentei terminar - foi assim que meu quarto do hotel ficou destruído. Eu não tinha idéia que ela era assim tão louca..."

Lou, que sabia perfeitamente bem que Melanie Dupre era, na verdade, uma louca bem

antes de se envolver com Jack, não pode deixar de sentir um pouco de simpatia em

relação a ela. Deus sabia que valia a pena queimar uma cadeira por um homem como

Jack Townsend. Olhe só para ele, deitado em sua cama. Ele era delicioso, como uma

barra de doce fechada.

Uma pena que ela tinha desistido de chocolate.

"Eu não posso fazer isso, Jack. " ela disse, sua voz sem o menor traço de humor. "Não posso mesmo."

Piscando, ele se sentou ereto. "Isto está começando a soar muito confuso," ele disse. "O

que, exatamente, você não pode?"

"Isto," Lou disse, levantando uma mão e a deixando cair de volta no colo em seguida. "

Você. Eu não posso fazer essa coisa de sexo casual, Jack. Eu nunca fui capaz de ver o objetivo. E eu especialmente não posso fazer com um cara que é um tipo de rei do sexo casual. Eu não tenho em mim. Eu acho que é melhor parar com isso antes que vá mais longe."

"Oh," Jack disse, e para a surpresa dela, o tom de provocação tinha sumido de sua voz.

Agora ele parecia... bem, machucado.

"É isto o que eu fui para você, então?" ele perguntou. "Um caso rápido?"

Se ela não tivesse visto a expressão no rosto dele, ela poderia ter pensado que ele estava brincando. Mas por uma vez não havia uma sugestão de humor nesses olhos azuis-gelo.

"Bem, Jack," ela disse, enquanto dando uma risada nervosa em uma tentativa para quebrar algo da tensão no quarto. "Eu quero dizer, vamos. Você não pode me dizer que está querendo dizer que isso tem algo mais. Um flerte casual. Certo? Quero dizer...

Feito?"

Ela tentou não parecer ansiosa. As chances de Jack Townsend, homem notório de

senhoras, jamais determinou exatamente nada. Ele disse a Playboy, em uma entrevista

que ele achava que matrimônio era uma instituição antiquada, e que ele não pensava que os humanos foram determinados a serem monogâmicos.

Assim quando ele disse, "Adivinho que nós nunca saberemos agora, saberemos?" então lhe deu um sumário, sorriso frio, ela não pôde ajudar encarando-o. Este não era o Jack que ela viria, durante

os últimos dias, a conhecer. Aqui de repente não havia nada impertinente, nada brincalhão, nada remotamente parecido com casual.

Mas como isso era possível? Ela não era só outra em um fio de atrizes principais com

quem ele tinha se envolvido? Oh, seguramente, neste tempo ele tinha escolhido uma que trabalhava atrás em vez de uma que trabalhava na frente da máquina fotográfica. Mas essa era a única diferença, realmente. Não era?

Ou ele não falaria sobre Dakota com todas suas namoradas? Ele tinha falado sobre

Dakota com Vicky?

Lou levou uma respiração funda, trêmula. Quando ela liberou isto, ela disse, "Jack, eu lhe falei antes, eu não posso entrar em outra relação com um ator."

"Coisa boa Copkiller IV é meu último, então," ele disse.

Ela balançou a cabeça. "Falo sério."

"Assim como eu."

Ele olhou isto, também. Ela nunca tinha visto o olhar dele tão sombrio.

"Não." a voz dela tremeu. Ela tentou manter isto sob controle. Agora não era o tempo para esmigalhar. "Eu quero dizer isto, Jack. Eu só não posso me deixar ferir daquele modo novamente, não agora mesmo. Haverá... não haverá nada partindo de mim."

Havia silêncio. Uma batida do coração. Duas.

Então Jack se levantou para fora da cama.

Lou assumiu que ele estava partindo. Ela pendurou a cabeça, enquanto sentia a picada de lágrimas em baixo das pálpebras.

Mas isto, ela disse a si mesma, era para o melhor. Ela tinha lhe contado a verdade. Ela não podia se dispor a ser machucada novamente... Especialmente não por alguém como Jack que, diferente do Barry, era tão rápido, tão eminentemente capaz de causar real, duradoura dor. A decepção que ela tinha sentido em cima do que tinha acontecido com Barry, afinal de contas, tinha sido tingida com alívio, desde que ela tinha conseguido escapar da

relação com ele com só seu orgulho, não tanto o coração dela, quebrado.

Com Jack, ela sabia, seria diferente. O amor dela por Barry era como um hábito que ela tinha pegado desde a adolescência. O que ela sentia—estava começando a sentir, de qualquer maneira—por Jack era de longe mais profundo... E tão mais perigoso. Se ela não se desvencilhasse agora, ela sabia, ela só cairia mais fundo. E com Jack, não seria só orgulho dela que sofreria. Oh, não.

Mas para surpresa dela, Jack não partiu. Ao invés disso, ele deu a volta na cama, até que ele estava se levantando em frente a ela. Ela olhou para ele, enquanto desejava saber o que ele poderia possivelmente querer. Ela já tinha decidido, estava segura, perfeitamente clara.

Mas ela deveria saber. Ela deveria saber quando ele se ajoelhou e arrastou a garrafa de hidratante da mão dela. Ela deveria saber quando, depois de fixar o hidratante em baixo na mesa-de-cabeceira, ele se ajoelhou na frente dela, os joelhos dele afundando na pilha funda do tapete do quarto do hotel dela. Ela deveria saber quando ele colocou ambas as mãos nos joelhos nus dela, ainda cor-de-rosa da pele dela, e suavemente, mas firmemente, os esparramou separadamente... .

... então enterrou a face dele contra os cachos úmidos entre as coxas dela.

"Jack!" ela chorou, os dedos dela voando para cabeça dele, cada punhado ávido do cabelo escuro grosso dele. "O que você está—Jack, pare. Você não pode—".

Mas ele pôde. E ele fez. A boca dele apertou tão firmemente quanto uma mão contra ela.

A textura da língua quente, competente dele. Os braços dele, enquanto se moviam em

baixo do roupão, circulando os quadris dela e a trazendo mais firmemente contra ele, os dedos dele chamuscando a carne macia do menos-que-quinze-milhões-de-dólares da bunda dela.

E ela nada poderia fazer além do que apertar o cabelo dele e gemer, a bunda e o pescoço arquejando com cada carícia especialista da língua dele...

Era qualquer maravilha quando ela caiu contra a cama, todos os argumentos dela contra o fazer exatamente completamente isto deles esquecidos? Era qualquer maravilha que os dedos dela deixaram o cabelo dele para viajar ao longo dos tendões de ropelike dos

antebraços dele, até que ela veio às mãos que agarravam as coxas dela agora, enquanto a mantinha ancorada na cama desde que os lábios dele e língua estavam fazendo os quadris dela rolar com cada novo golpe? Era qualquer maravilha que ela afundou as pontas do dedo dela nas parte de trás dessas mãos, enquantourgia mais alto, até que eles tinham separado o roupão e tinham achado os peitos dela?

Estava errado. Ela sabia que estava errado. Ele estava usando armas contra ela para as quais ela não tinha nenhum sistema de defesa.

Ele era ruim para ela, ruim para a população feminina em geral. Ele a machucaria, no

fim, do modo como feriria tantas outras. E então ela seria o coelho de transa que se

levanta de um négligé em um corredor de hotel, enquanto lançando flautas de champanhe.

Ela sabia tudo isso. Ela conhecia isto perfeitamente bem.

Assim por que o que ele fazia a fazia sentir tão muito, muito bem?

E então a boca dele deslizou para fora de entre as coxas dela, queimando num curso em cima da barriga dela e para cima a gaiola de costela dela, com paradas em qualquer peito, importunando cada um de seus mamilos cor-de-rosa, enquanto uma mão deslizava entre as pernas dela onde a boca dele tinha estado, as pontas do dedo dele causando e

emocionando duramente como a língua dele tinha feito arreliando e amaciando.

Quando o rosto dele ficou no mesmo nível do dela, ele olhou para baixo nela, os olhos azuis dele escuros com desejo, a boca dele usando um sorriso dobrado.

"Você sabe qual é seu problema, Calabrese?" ele disse. "Você pensa muito. Às vezes você tem de deixar de pensar, e só estar."

Na palavra ser ele substituiu os dedos que tinham estado dentro dela por algo muito mais grosso. Ela nem mesmo teve tempo para desejar saber como ele tinha conseguido tirar as calças dele sem ela notar. A única coisa que ela sabia era, aquela parte dele o qual ela tinha sentido apertando contra ela com tal urgência no corredor tinha achado afinal seu caminho para dentro dela, enquanto enchia o que tinha começado a sentir como uma vacuidade dolorida. O peso dele—não mencionando a ereção dele—prendeu ela para a cama, e ela gostou. Olhe o quanto ela gostou, se o modo como ela estava se movendo

contra ele fosse qualquer indicação. Ela estava erguendo os quadris dela para penetrar, empurrando e empurrando, enquanto os lábios dele buscaram o pescoço dela e as mãos dele, oh, as mãos dele deslizaram atrás dos ombros dela e a levantaram, de forma que a cada vez que ele se dirigia a ela, ele foi até mesmo mais profundamente para casa.

Era loucura. Era o céu. Ia ter que parar. Realmente, ela não podia evitar mesmo assim, como algum amável de se estorcer, ofegando como escrava para o desejo ...

Mas oh, como ele se sentia bem. Afinal aqui era algo que era mais forte que a voz dentro da cabeça dela lhe falando que nada disto seria bom ou ia dar em qualquer lugar. Afinal aqui era algo que abafava todas as vozes, todas as palavras de conselho que ela tinha ouvido durante os anos, todas as advertências sobre os bad boys e homens que só quiseram uma coisa ... Ele poderia ter isto, até onde Lou estava preocupada, tão longo quanto ele a mantivesse assim.

E então ela estava lá, enquanto tremia na extremidade de um abismo escuro, tão profunda que ela não podia ver o fundo. A qualquer minuto, ela ia cair. Tudo que ela precisava era um último, empurrão final—.

Ele a empurrou.

E então ela estava caindo, caindo e abaixando. E agora ela podia ver o fundo do abismo se apressando para ela, tão grande que ela teve tempo apenas para registrar que estava cheio com água até

que ela tinha mergulhado nisto. Fria, gotas prateadas beijaram a pele nua dela por toda parte... Então, quase não lhe dando uma chance para recuperar, fez isto novamente.

Oh, sim, Lou refletiu, quando se deitou em um amontoado úmido depois, enquanto sentia o coração de Jack tocando como tambor duro contra seu. Bad boys eram mais divertidos.

"Agora," Jack disse convencionalmente levantando a cabeça de um de seus peitos nus. "O

que foi que você estava dizendo sobre o por que nós não podemos ficar juntos?"

Capítulo 27

Oito andares debaixo da cama na qual Jack e Lou se deitam, emocionalmente e

fisicamente gastos, Frank Calabrese apanhou um microfone e sussurrou nisto.

" *My love burns for you tonight,* " ele cantou, em uma voz de tenor surpreendentemente agradável. " *Nothing ever felt this right.* "

Eleanor Townsend, uma das únicos outros clientes, além de Frank, no bar do Anchorage

Four Seasons Hotel, aplaudia felizmente. Ela nunca tinha ouvido falar de karaokê antes, e achou muito surpreendente que um hotel do calibre do Four Seasons oferecesse isto.

Entretanto, este era o Alasca.

Além, ela achou que aprovava cordialmente o karaokê. Era muito de divertido. Na

realidade era uma pena, ela pensou, Jack estar muito cansado para acompanhá-los ao

jantar. Ele teria desfrutado muito disto, especialmente do hambúrguer de alce—realmente bastante delicioso, e tão baixo em calorias! —o qual ela tinha tido, junto com uma cerveja, à sugestão de Frank. Os dois pareciam ir bastante bem juntos. Bastante como o Frank e karaokê.

" *And when my heart fire's burning,* " o Frank cantou, " *you know it's for you I'm yearning.* "

Eleanor estiver, infelizmente, tomando um pouco de cerveja quando Frank cantou essa linha. Agora, tendo tossido pelo absurdo daquela letra - sério, que uma música assim poderia ter ganho um prêmio de qualquer tipo, quanto mais um Oscar, era absurdamente ridículo - ela sentiu um pouco da cerveja subir para seu nariz. Meu Deus! Rir tanto que líquido saía de seu nariz! Isso não acontecia com ela desde que ela era criança no acampamento de seus pais em Adirondacks.

Morta de vergonha, Eleanor pressionou o guardanapo contra o nariz. Felizmente nem

Frank nem o garçom pareceu notar qualquer coisa.

When the world goes up in flame," Frank cantou, chegando ao grande final *"and nothing stays the same, I will whisper your name ..."*

Frank encerrou o refrão com um gesto elegante. E então ele se curvou quando ela o aplaudiu, abaixou o microfone, e voltou para a mesa.

"Agora você canta uma," ele disse.

Eleanor colocou o guardanapo de lado e disse, "Oh, Frank, não. Eu não sei cantar."

"Quem se importa?" Frank perguntou. "Hei, aqui está a pasta com as músicas. Você deve saber uma dessas. Aqui. Que tal essa aqui. 'You Light Up My Life'. Você deve conhecer essa. Todo mundo conhece essa."

"Oh, Frank" Eleanor disse, rindo novamente - mas dessa vez evitando beber cerveja enquanto ria. "Você não sabe o que está pedindo. Eu realmente não sei cantar."

"Esta aqui" Frank ergueu a pasta com músicas. "Você deve conhecer esta aqui. You're So Vain.' Cante 'You're So Vain.'"

"Frank, não!" Eleanor não conseguia se lembrar da última vez que se divertira tanto.

Certamente não desde a morte de Gilbert. Gilbert, por todas as suas manias, tinha sido bem divertido quando queria assim. A vida

tinha se tornado monótona desde que ele tinha morrido, embora Eleanor tenha tentado de manter ocupada com seu trabalho voluntário.

Ainda assim, trabalho voluntário só podia ser interessante até certo ponto. Isto, no entanto

- comer hambúrguer de veado e cantar karaokê com um policial aposentado de Nova

Iorque - era infinitamente mais excitante. Quem iria pensar que, viajando para o Alaska para procurar seu filho perdido, ela iria encontrar um homem que fazia com que se sentisse adolescente novamente? Certamente não Eleanor.

"Você tem que cantar alguma coisa," Frank disse. "Eu cantei, então você também tem que fazer."

"Ah, tudo bem," Eleanor disse, com um suspiro exagerado. "Mas eu vou escolher minha própria música, muito obrigada."

Olhando a pasta de música, ela começou a passar as páginas, dando uma olhada nos

nomes de músicas que tinha ali. Tantas músicas e a maior parte delas sobre uma coisa—

amor. Bem, e que assunto era melhor para uma música do que algo que produzia em

peessoas que antes eram sensíveis uma sensação de felicidade idiota, como a que...

Bem, como a que Eleanor estava sentindo naquele momento.

Efevercente como bolhas em uma taça de champanhe, era assim que Eleanor se sentia. O

que era perfeitamente ridículo, pq era perto da meia noite em horário do Alaska, o que significava que estavam perto das três da manhã em Nova Iorque. Qual tinha sido a última vez que ela estivera acordada até as três da manhã? Ela não conseguia nem mesmo se lembrar. Era meio impossível que ela estivesse apaixonada por um policial aposentado, e pai de cinco, que ela só tinha conhecido há três dias.

E Alessandro tinha gostado dele logo de cara. E Alessandro nunca estava errado sobre as pessoas.

"Eu vou fazer," ela anunciou. "Eu vou cantar."

Frank começou a aplaudir enquanto o garçom muito gentilmente pegava o número da música e anotava no computador.

Então Eleanor, segurando o microfone com muita força, virou-se para encarar sua

audiência de um - o garçom estando muito concentrado em um jogo de paciência para

prestar a mínima atenção - e começou uma interpretação de uma música que ela nunca

tinha ouvido antes, e não fazia idéia de como cantá-la.

Era, no entanto, a primeira música que ela tinha posto os olhos depois de ter percebido que estava apaixonada por Frank Calabrese, e por essa razão, no coração de Eleanor, sempre haveria um lugar especial para "Kung Fu Fighting."

Doze andares acima do bar do Four Seasons Hotel, Vicky Lord não podia dormir.

Ela devia, ela sabia, estar desfrutando o sono da primeira boa noite desde o

desaparecimento de Jack e Lou. Afinal de contas, eles agora estavam seguros. Quando ela tinha ouvido o que tinha acontecido primeiro—que o helicóptero deles tinha caído, e que temiam a morte deles—era como se uma parte dela tivesse morrido, também.

Realmente, assim era como ela tinha se sentido. Ela não pôde sair de cima da cama durante quase

trinta e seis horas...

Entretanto ela tinha ouvido que havia uma chance que eles tivessem sobrevivido. Uma

boa chance. A relação dela não sabia de nenhum salto. Ela tinha dado até mesmo para

Lupe um aumento de cem dólares por semana.

E agora eles estavam de volta. Eles estavam de volta, e eles estavam seguros, e para isso, ela estava mais contente do que pudesse dizer. Ela tinha organizado de volta para o pequeno acolhimento da festa no apartamento da cobertura, resgatando a provisão do

hotel de Dom Perignon e camarão de coquetel para a ocasião. A festa tinha ido bastante bem. Jack e Lou pareceram apreciar o gesto.

Era o que tinha acontecido durante aquela festa—e então depois, nas notícias das onze horas—isso deixou Vicky tanto tempo acordada que até mesmo as pílulas de dormir que o doutor dela tinha prescrito logo antes o casamento dela, quando ela tinha estado tão nervosa, não estava fazendo o truque. Não, ela estava acordada, e provavelmente permanecerá assim muito tempo enquanto a mente dela continuava jogando de novo as

notícias horríveis, surpreendentes que Jack tinha lhe contado.

E isso era que ele tinha atirado.

Não só atirado, mas perseguido—perseguido—pela floresta, por homens que brandiam

armas. O próprio piloto deles, o que morreu na explosão, aparentemente não tinha

morrido na explosão. Tanto que tinha sido confirmado em um jornal local de fim de tarde.

"Em uma torção intrigante que envolve a explosão fatal do helicóptero que estava levando estrela de ação-aventura Jack Townsend e um outro passageiro para o SET de Copkiller IV, sendo atirado atualmente para fora de Myra, Alasca," o repórter do jornal do Canal Onze tinha dito, os relatórios do escritório de "o legista de Anchorage reporta que o piloto daquela aeronave, Samuel Kowalski, não foi, como foi declarado antes, morto na explosão. Ao invés, aparece que Kowalski foi morto por uma bala que entrou no crânio dele algum dia antes de seus restos estarem carbonizados no destroços do R-44

caído que ele pilotava para uma empresa privada contratada pelo estúdio de cinema. O

departamento do xerife de Myra recusa fazer um comentário sobre este mais recente

desenvolvimento neste caso estranho. Townsend esteve encalhado durante quase setenta

e duas horas na selva do Alaska com a roteirista que escreveu o filme de grande sucesso Hindenburg. Os relatórios de publicidade do Sr. Townsend reporta que a antiga estrela do seriado de televisão dramático-médico 'STAT' e atual estrela dos prósperos filmes de Copkiller está descansando depois da provação dele, e é esperado que continue atuando no filme atual dele de acordo com horário. Em outras notícias—".

Mas Vicky não ouviu quais poderiam ser as outras notícias. Toda a atenção dela tinha

sido rebatida através de uma palavra, e uma só formula. E aquela palavra era bala. Bala.

Uma bala tinha entrado no crânio de Samuel Kowalski. Ele não tinha, como previamente

tinha sido informado, morrido no acidente que tinha derrubado o helicóptero. A história que o Jack e Lou tinham contado, na pequena festa dela, de ser espiado basicamente por homens armados para o que se mostrou ter sido por dúzias de milhas, era verdade. Era absolutamente verdade, e só poderia significar uma coisa.

E era aquela coisa que estava mantendo Vicky, sentada no sofá da sala de estar do

apartamento com a televisão remoto na mão dela, sacudindo de canal para encanar, mas

não vendo nenhum deles.

Alguém estava tentando para matar Jack. Não Lou. Não, Lou estava segura. Só era

porque ela estava com Jack que a vida dela alguma vez tinha estado em qualquer perigo, em primeiro lugar. Era Jack o objetivo, Jack que ainda estava em perigo.

Ela tinha que adverti-lo. Ela sabia que tinha que adverti-lo.

E ainda não houve uma chance. Ele tinha ficado na festa durante um tempo breve antes

da mãe dele tê-lo levado, enquanto queria—e o sentimento era compreensível—ficar só

com o filho durante algum tempo de qualidade desde que ela tinha pensado que o tinha perdido.

E quando, depois da festa, Vicky tinha chamado o quarto dele, não houve nenhuma resposta. Ela tinha tentado ligar novamente na hora, todas as horas, desde, mas Jack nunca atendeu ... Ela tinha que lhe falar. Ela tinha. Antes de estivesse muito tarde —.

"Vicky?"

A voz, enquanto vinha da parte mais escura da sala de estar, a assustou tanto que ela quase caiu do sofá. Mas era só seu marido, afinal de contas, chamando-a para ela ir dormir no quarto deles.

"Vicky". Tim Lord, em pijamas de seda cinzas e um roupão preto, veio, enquanto se arrastava para fora das sombras e para o sofá. Tim não se preocupava muito como se parecia enquanto estava trabalhando—na realidade, ele parecia preferir as calças jeans e as botas de vaqueiro onipresentes dele. Mas ele também se vestia magnificamente para cama. Isso era porque, como ele tinha confiado uma vez a Vicky, a mãe dele que criou o Tim sozinha depois que o pai dele tinha deixado-os para ir a partes desconhecidas, tinha podido dispor de comida e roupas da escola para a única criança dela, mas muito pequeno outro.

"O que está conservando você acordada até tão tarde?" Tim quis saber. "Você não está se sentindo bem?"

Vicky bateu o interruptor de poder no remoto. Ela não quis que ele visse, em seu brilho azul, quão pálido ela estava sem a maquiagem.

"Não," ela disse. "Não, eu estou bem."

"Bem," Tim disse. "Então venha para a cama, você vai? Você sabe que eu não posso dormir sem você. E eu tenho um dia grande à frente amanhã. Nós estamos atirando a cena de mina. É o último tiro, você sabe. O último tiro antes de nós chamemos isto de uma envoltura e encabecemos de volta."

Vicky deixou o sofá obedientemente e deixou o marido guiá-la de volta para o quarto que eles compartilhavam.

Era um testamento às habilidades suplentes dela que ele nunca soube, nunca nem mesmo

suspeitou, o que ela tinha descoberto. Ele não tinha nenhuma pista. Nenhuma pista de

nada. Mais ele soube que ela se deitou desperta ao lado dele durante a noite inteira...

... exceto até todo o mundo no hotel inteiro—esses que ainda não estavam acordados—

foram sacudidos pela explosão que rasgou pelo quarto de Jack Townsend, dois andares debaixo do seu.

Capítulo 28

Jack Townsend não estava no quarto novo dele no décimo andar quando este virou uma

bola de fumaça e chama. Ele ainda estava no quarto de Lou Calabrese no oitavo andar.

Sendo exato, ele estava em Lou Calabrese.

Mas ele não estava tendo muita diversão—pelo menos então—como ele poderia ter

esperado. Isso era porque Lou, contra os desejos expressos dele, tinha atendido o telefone dela quando tinha começado a tocar à hora descrente de seis quarenta-cinco pela manhã.

Não importa que só minutos antes de tocar, Jack que tinha despertado para se achar

agradavelmente engessado contra Lou, ambos seus braços ao redor dela, tinha descoberto que ele estava sofrendo de uma ereção sobre o tamanho, se ele não estivesse enganado, de um projétil de SCUD.

Enquanto isto não era completamente uma situação incomum, foi a primeira vez que

tinha acontecido com Lou.

E, ocasião feliz, ela parecia estar mexendo como bem. Jack—que só sabia muito bem que aquela Lou não era exatamente uma pessoa matutina, se o comportamento dela no tempo na estação do guarda-florestal tinha sido qualquer indicação—deu o tempo dela para acordar, enquanto fossando só seu ombro, e aquele suavemente.

Lou abriu os olhos e disse, em uma voz desbaste com sono, "Você sabe o que? Você estava errado. Você não precisa de uma

arma maior."

"Ah," Jack disse, contra o ombro dela. "Já romântica."

"Você," ela disse, "é insaciável."

"A maioria das mulheres seria apreciativa com esse fato," ele mostrou.

Lou rolou para cima com um suspiro, e, alongando a parte de trás dela, disse, "Certo.

Faça."

Jack fez assim. Felizmente eles ainda estavam ambos nus da noite anterior, assim não

havia nenhum espalhamento sobre vestir. Ao invés, Jack pôde arremessar o lençol para trás e fixar para trabalhar imediatamente, enquanto apertava os lábios dele a um dos mamilos rosas dela até que ele beijou docemente outro mamilo entorpecido. Ao toque dele, porém, pulou a vida, enquanto germinava debaixo do olhar dele a dureza completa, rósea.

Planando uma mão abaixo a barriga lisa, plana dela, ele achou a confusão de cachos

ruivos que ele tinha dado um exame tão completo na noite anterior. Mas este tempo, em vez da língua dele, ele deslizou um dedo lá e achou que ela estava tão pronta quanto ele estava para amor, o espaço que eles fizeram isto.

Um segundo depois, ele a puxou, enquanto gritava, em cima dele, com a sugestão que ela fez algum do trabalho para uma mudança...

Uma tarefa que ela estabeleceu para cumprir com uma aptidão empolgante. Ela tinha só

puxado-o bem profundo nela—tão quente, assim molhado, assim deliciosamente apertado

—quando o telefone tocou.

Ele não pensou durante um minuto que ela responderia de fato a isto. Não com ele dentro dela, tão íntimo—entretanto ela aparentemente não parecia saber disto—para explodir dentro dela. Felizmente Lou não era nenhuma vagarosa no departamento de clímax. Ela

veio luxuriantemente e freqüentemente e nunca uma vez sem ele. Ela tinha que ter sido íntima, também.

E ainda ele viu o alcance dela para o telefone...

"É tão cedo", ela explicou. "É conseguiu ser importante. Poderia ser a polícia. Ou meu pai."

O pai de Lou não era um tópico que Jack desejava discutir apenas naquele momento particular.

Então ela ergueu o receptor e disse, "Oi?".

Só não era a polícia ou o pai dela. Era a agente de Lou, Beverly Tennant, ligando da

Cidade de Nova York onde eram quase dez horas.

Excluindo, aparentemente, a agente de Lou era importante para ela como a polícia e o pai dela, desde que Lou imediatamente entrou em uma conversa enfadonha com a mulher sobre Tim Lord, e quando Lou tinha que quebrar isto a Tim hoje ele não pôde, em boa

consciência, explodir um pedaço grosso e grande da selva do Alaska; que este era um

engano crítico da parte dele que ia resultar em uma impressão terrível para o filme e além disso tinha todas as árvores-huggers no país para cima nos braços das goddamn raposas árticas; que só Lou podia fazer isto, porque ele a tinha escutado antes, no SET de Hindenburg, quando ele queria explodir um depósito de trem húngaro histórico, somente porque aconteceu para ter os explosivos disponíveis, e tinha pensado que as chamas resultantes pareceriam boas na máquina fotográfica.

Pelo menos isto que Jack armazenou foi o ponto crucial da conversa. Ele poderia ouvir só o fim disto, mas ele tinha uma estaca muito pessoal nisto, como se ele pudesse sentir que a voz grogue de Lou expressava todo o modo abaixo do corpo dela, pela conexão física muito íntima que eles estavam compartilhando atualmente.

"Desça do telefone," Jack disse eventualmente, quando a conversa desceu no que parecia ser uma descrição enfadonha, da parte de Beverly Tennant, de alguns azulejos de chão italianos.

Lou fez uma expressão a ele e apressou-se para pôr a mão dela em cima do bocal do

receptor. Só que aparentemente o gesto estava muito atrasado, porque Jack ouviu a voz inquisitiva de uma mulher, "Alguém está aí com você? Meu Deus, Lou quem é?" E então algo sobre ter cuidado com um documentário no Canal de Aprendizagem do Alaska sobre os pescadores de caranguejo e os antebraços impressionantes deles e Lou conseguiu

bobinar a pessoa dentro.

Jack fez um movimento para agarrar o telefone, enquanto pretendia contar para Beverly Tennant uma coisa ou duas sobre caranguejos, mas Lou arrebatou o receptor fora no último minuto, enquanto dizia apressadamente nisto, "Desculpe, tenho que ir," antes de desligar.

A qual ponto o Jack pensou ser mais seguro mantê-la fora do alcance do telefone, e a

sacudiu sobre a bunda dela, tudo sem quebrar a própria conexão...

"Eu tenho que pegar Tim," Lou murmurou—mas fraco, Jack notou—"antes de ele deixar o SET—".

"Você tem bastante tempo para isso," Jack disse, enquanto baixava os lábios dele ao pescoço dela. "Ele não pode fazer nada até que eu chegue lá, e eu não estou chegando lá —" ele afundou até mesmo mais no pescoço nela—"até que eu esteja bem e pronto."

O que aconteceu depois disto era, na opinião de Jack, de qualquer maneira, a mesma

definição de sexo bom. Era extraordinário como eles pareciam se ajustar bem juntos,

quanto cada um dos corpos deles parecia ter sido feito para complementar o outro. Ele nunca teve, não na vida inteira dele, uma experiência sexual que poderia se comparar de qualquer forma ao que ele e Lou compartilhavam—em calor e paixão, de qualquer maneira. Talvez fosse porque pela primeira vez na vida dele, ele tinha achado uma

parceira que ele não só estava atraído, mas de fato gostava, e até mesmo, até certo ponto, admirava.

Mais a boca que ela estava usando. Deus, como ele amava aquela boca.

Porém, o problema era que aquela boca estava começando a exigir coisas dele, coisas que ele não estava seguro que podia entregar. Por que Lou não podia estar contente com o fato que ele tinha lhe pedido que fosse morar com ele? Por que ela tinha que querer mais?

Ela não sabia que mais viria naturalmente, se ela só deixasse isto acontecer?

Não. Não, ela não sabia. Porque ela tinha sido queimada antes. Ela precisava ouvir as palavras.

Mas essas palavras eram as únicas que Jack tinha a maior dificuldade para declarar...

porque, naturalmente, ele nunca as tinha dito antes. Como você pedia para uma mulher

que ficasse com você pelo resto da vida dela? Como você dizia que você a amava e

queria se casar e ter os filhos e cães de caça dourados com ela sem parecer um careta total? Jack não sabia. Ele poderia ter dito as palavras se elas tivessem sido impressas em um roteiro, mas ele teria sentido desprezo pelo caráter do que ele estava filmando, o que estava dizendo.

Agora, porém. Agora ele entendia essas frases vulgares e os sentimentos por trás delas.

Ele só não podia entender como as proferir sem soar como como grande um bobo quando

caráter delas ele filmava tão freqüentemente.

Assim ele tentou mostrar para ela, ao invés. Mostrar para ela como ele sentia, em vez de lhe falar. Ele fazia amor com ela, ternamente, ele esperava, entretanto havia alguns momentos lá pelo fim onde nada em andamento era tenro, onde a necessidade crua o agarrava e ele passava despercebido em cima da beira em um desejo possessivo feroz.

Mas uma das razões pela qual ele amava Lou—e como se sentia estranho por usar aquela

palavra, amor, até mesmo dentro da cabeça dele—era que a necessidade dela parecia

toda-consumida como a dele próprio.

Na cama, toda aquela dureza afiada que ela tinha cultivado tão cuidadosamente em ordem de competição no que era, a maior parte, ainda o mundo de um homem, caía para revelar uma mulher sem pudores, alguém que tinha contas de banho e não estava nem um pouco amedrontado em usá-los, maldição. Alguém que tinha amendoim frágil na bolsa dela.

Alguém que vinha sem apologia, mas assim tão feminina que às vezes Jack evitava o

próprio prazer dele só para a alegria completa de assistir o dela.

Ele fazia de tal forma que de manhã, enquanto segurava a própria libertação dele de

forma que ele pudesse se divertir dentro Lou. Só quando o último espasmo estremeceu

tinha deixado o corpo dela que ele se permitiu levar o próprio prazer dele... Mas quando ele fez, era rico e cheio e o deixou gasto, como uma esponja de retorcida.

O que era que ele deveria dizer? Que eles tinham que estar juntos para sempre, porque ela era a única mulher que ele alguma vez sabia que o fazia sentir como uma esponja retorcida depois do sexo? De alguma maneira ele não achava que isto seria recebido em sua luz apropriadamente com cortesia. Por que era a primeira vez na vida dele quando na verdade importava o que ele dizia, ele não podia pensar no jeito certo para por qualquer coisa? Lou não podia ter razão. Ele era muito mais que só um robô que vomitou fora tudo que estava escrito em frente a ele.

Mas ele teria apreciado um escritor de fala só então, alguém, qualquer um, que pudesse ter lhe falado a coisa certa a dizer, a coisa que a manteria exatamente onde ela estava— bem, certo, talvez não exatamente—pelo resto da vida deles.

O que estava errado com ele? Milhões de homens faziam isto diariamente. Propor, isso é.

Também, seguramente ele poderia fazer isto e sem ajuda externa. Sim, a mudança

conjunto a sugestão não tinha trabalhado, mas Lou já tinha tentado viver com um sujeito, e olhe o que ela tinha conseguido.

Talvez o que ela precisasse ouvir—estava esperando para ouvir—era

algo com um pouco mais de permanência, um pouco mais de compromisso da parte dele. Ele podia fazer isso. Ele queria fazer, pela primeira vez na vida dele. Tudo que ele tinha que fazer era dizer as palavras.

"Lou," ele disse. Aí. Isso era bom. Ele tinha conseguido por aquela parte para fora.

Ela abriu os olhos escuros dela e olhou para ele, os cabelos vermelhos dela esparramados pelo travesseiro atrás dela como um halo. Um halo de cobre.

"Sim?".

Ele levou uma respiração funda. Ele podia fazer isto. Ele totalmente podia fazer isto. Ele não tinha ganho o People's Choice Award em ator favorito na categoria Drama de Televisão? Ele não era o solteiro mais cobiçado segundo a Los Angeles magazine's? Ele era sensual. Ele era legal. Ela diria que sim. Tudo que ele tinha que fazer era dizer as palavras. Três delas. Isso era tudo. Três palavras, menos que quatro.

"Eu—" ele começou a dizer.

E isso foi quando o hotel foi balançado por uma explosão que quase sacudiu ambos da cama.

"Oh meu Deus!" Lou chorou, da confusão de lençóis e membros nas quais eles se deitavam. "Jack. O que foi isso? Um terremoto?".

Jack, não muito feliz por ter sido interrompido, disse, "Terremotos não fazem tanto barulho. Provavelmente foi só um estrondo sônico. Escute, Lou—".

Mas era muito tarde. Lou já estava empurrando-o para fora dela. Embrulhando um lençol

ao redor do corpo nu dela, ela se apressou até a janela.

"Jack, olhe para aquela fumaça," ela exclamou. "O que você acha—Meu Deus, está vindo de um par de histórias sobre nós, eu acho. O que pode ter acontecido?".

Jack, em cima do choque inicial da explosão, se embrulhou na colcha, e sentou

desajeitadamente no fim da cama, enquanto contemplando o fracasso dele.

"Provavelmente é Melanie," ele disse. "Espontaneamente explodindo em cima das mudanças de roteiro matutinas."

Lou estava içando o pescoço dela para ver fora da janela de vidro pelo espelho.

"Não, Jack," ela disse. "Eu acho que pode ser um pouco mais sério que isso. Há chamadas saindo das janelas. Talvez nós devêssemos, eu não sei. Vista-se. Saia. Ou algo."

Jack clareou a esta sugestão. O café da manhã. Sim, iera isto. Eles poderiam abaixar o café da manhã, e ele poderia propor em cima de toranja e torrada. Não muito romântico, era verdade, mas ele imaginava que café o fortaleceria. Ele se levantou e, ainda segurando ao redor da cintura dele a colcha, começou a procurar as calças dele.

"Essa é uma idéia boa," ele disse. "Você quer chover tomar banho primeiro, ou tomo eu?"

Ou ambos tomamos banho imediatamente—".

Vozes ficaram audíveis no corredor externo a porta de Lou. Lou, enquanto lutava no roupão de tricô, franziu a sobancelha dela.

"Aquele som é de meu pai?" ela quis saber.

A próxima coisa que Jack soube, Lou estava atravessando o vestíbulo na porta do quarto do hotel dela, e olhando para os caos além.

E era caos. Hordas de pessoas estavam no corredor, quase todos eles de algum modo

conectados à filmagem de Copkiller IV, e a maioria deles em vários estados de sem

roupa. Jack reconheceu Paul Thompkins, um dos diretores assistentes.

Paul estava usando um par de shorts de pugilista e uma Camiseta Knicks, e estava

falando muito rapidamente em um telefone celular.

"Eu não sei o que foi," ele estava dizendo. "Mas só tenho certeza que você consegue as malditas listas de tiro. Se pegarem fogos, nós estamos para cima de uma bosta de um riacho sem um remo abençoado—".

No centro da rixa estava o pai de Lou Calabrese, botando ordem. "Certo, todo mundo," Frank estava dizendo. "Tranquilizem-se. Provavelmente não é nada. Provavelmente só um transformador no telhado, ou algo assim. Mas por que não chamamos o corpo de bombeiros e começamos a rumar aos degraus. Não, não o elevador, agora, os degraus. Vamos agora, em ordem por favor—".

Lou, o roupão dela apertado firmemente na frente, passou atirada por Jack.

"Pai" ela disse, enquanto se apressava até ele. "Pai, você está bem? O que acontece?"

"Oh, bom dia, querida." Frank sorriu para ela. Ele estava em um roupão de banho xadrez azul-e-verde em cima de pijamas azuis. Os cabelos brancos dele se levantavam em topetes cômicos do topo da cabeça dele. Ele não parecia nada surpreso por ver a filha dele dentro de nada mais que um roupão de hotel. "Agradável modo de despertar, huh? "

"Pai, o que está acontecendo?" Lou olhou o corredor de cima para baixo. "Pareceu uma explosão. E esta fumaça parece bem ruim."

"Sim," Frank disse, enquanto ondas de pessoas se dirigiam para o fim do corredor e através das portas marcadas com "Saída". "Você acha—".

De repente um alarme penetrante de tímpano começou, acompanhado por luz, enquanto brilhavam luzes que pareciam ter sido construídas no sistema de irrigação no teto, aparentemente pretendia guiar as pessoas para as saídas de emergência em um corredor cheio de fumaça escura.

"Ah," Frank disse em um tom satisfeito "Lá vamos nós. Eu estava desejando saber quando isso iria."

Era quase impossível ouvir qualquer coisa acima do alarme de incêndio. Ainda, Jack teve certeza por um momento que ele ouviu a voz da mãe dele.

E seguro bastante, ela apareceu pela fumaça cinza membranosa, enquanto usava um

roupão cetinoso rosa e turbante emparelhado, apertando Alessandro em uma mão e as jóias dela embaladas dentro da outra.

"Frank," ela chamou. Ela soou o mais perto de histérico que Jack alguma vez a tinha visto. "Oh, Frank!".

Então Jack viu algo que o perturbou extremamente. Antes dele ter uma chance para se

mover até mesmo, Jack viu o pai de Lou de fato alcançar e por um braço confortante ao redor dos ombros de Eleanor Townsend.

Então ele disse a ela, os lábios dele no turbante dela, praticamente, "Está bem, amada. Só um pouco de fogo."

Amada? Amada?

Mas Eleanor aparentemente não o ouviu. Seguramente se ela tivesse, ela teria contestado por ser chamada de amada por qualquer homem. Ao invés, ela apertou uma das lapelas de Frank, esmagando Alessandro entre elas, e lamentou, "Oh, Frank! Só é terrível! Eu tentei ir agora mesmo para o quarto de Jack, você sabe, ver se ele estava certo, e descobri que foi onde aconteceu. A explosão! Foi no quarto de Jack! Há nada mais que fumaça preta e fogo e—".

Lou que estão assistia o desdobramento dessa pequena cena com uma expressão

preocupada na face dela, pisou adiante e disse, "Sra. Townsend. Sra. Townsend, não chore. Jack está aqui mesmo, ele está bem. Ele estava comigo."

E Jack, enquanto usava só a expansão da cama de Lou, foi forçado a acenar para eles,

lamentavelmente, da entrada do quarto dela.

"Oi, Mãe," ele disse.

Capítulo 29

O café da manhã não ia bem.

Isto provavelmente era devido ao fato que um grande pedaço do chão do décimo andar do hotel ia se perdendo.

Ainda, alguém teria pensado que uma coisa simples como uma explosão em um

apartamento de um convidado não afetaria o pessoal da espera dez andares abaixo.

"Isto," Tim Lord disse, enquanto dava uma olhada ao redor da barraca na qual eles sentavam impacientemente, "É muito. Onde o garçom está? Eu tenho que sair para o set.

Eu tenho um avião para pegar."

Lou, sentada pela mesa do diretor, disse, "Tim. Escute. O avião esperará. Eu sei que esta é uma hora ruim, mas nós temos que falar sobre esta coisa de explodir o eixo da mina.

Quero dizer, você não acha que houveram bastante bolas de fogo por um dia? Nós não

podemos só ir para mina do modo como está?"

Tim continuou dando uma olhada ao redor do restaurante quase vazio. A maioria dos

convidados tinha optado por outro lugar no café da manhã, embora o Corpo de bombeiros de Ancoorage tivesse decretado o edifício seguro para se entrar apenas uma hora depois da evacuação inicial.

Ainda, Tim Lord não era um homem que ia deixar o horário dele ser rompido por

qualquer coisa tão trivial quanto uma bomba fixada no apartamento do hotel do principal ator dele. Ele tinha um filme para mandar, afinal de contas.

"Pelo amor de Deus, Lou," ele disse agora, quando resplandeceu às costas de um garçom que estava ocupado fofocando com o cara do transporte, presumivelmente sobre a bola de fogo do décimo andar. "Nós já estamos atrasado três dias correntes por causa daquele pequeno incidente de helicóptero pelo qual você e Jack passaram. E agora você está me pedindo que mude o mesmo tecido da história que eu estou tentando filmar—o qual, a propósito, você escreveu? Você tem que ter inalado muita fumaça esta manhã."

Lou olhou para Vicky que estava sentada próxima ao marido dela que parecia, como

sempre, angelical esta manhã vestida num casaco de caxemira de cor creme. Lou tentou

fazer uma face semi-cômica para ela, desde que Vicky parecia usualmente tensa. Mas a

Sra. Tim Lord não captou o olhar de Lou, enquanto mantia seus olhos na xícara de chá na mesa em frente a ela.

"Tim." Lou tentou novamente. "Raposas Árticas. Pequenas criaturas como cachorros fofos, peludas. Eles têm guaridas naquele eixo da mina. Você explode o eixo da mina, você deixa sem lar muitos filhotes fofos com aparência de cachorro. Esse é o tipo de mensagem que você quer carregar para a América? Aquele Tim Lord não se preocupa com filhotes de cachorro?"

"Kits," Vicky transportou.

Lou e Tim olharam para ela. "O que foi, querida?" Tim Lord perguntou.

"Filhotes de raposa são chamados de kits" Vicky disse, soando um pouco entorpecida agora que tinha tanta atenção direcionada para si "Eu penso. Não filhotes de cachorro. Eu estou bem seguro."

"Kits, então," Lou disse. Ela carranqueou a Tim na sua maior maneira escolar. "É que o que você quer, Tim? Ser um assassino de kits?"

O garçom, enquanto finalmente tinha notado o ondular frenético de Tim, veio, enquanto parecia pálido e entusiasmado e mais jovem que, Lou supôs, seus dezenove ou vinte anos de idade.

"Senhor?" ele perguntou, a voz dele cambaleante.

"Sim," Tim disse. "A conta, por favor. E você poderia ir rápido? Eu tenho um vôo para pegar."

"Oh," o garçom disse, olhando para trás. "Não há o que pagar, senhor. Por causa de..."

Bom, você sabe." Ele abaixou sua voz e murmurou através de conspirações. "A perturbação desta manhã."

Tim deu um sorriso ao moço. "Tudo bem," ele disse "Obrigado." Para Lou e Vicky, ele disse, "Senhoritas. Como sempre, foi um prazer. Mas eu tenho um carro esperando para me levar ao aeroporto, onde eu tenho um avião esperando, para me levar para o set do meu filme, onde eu tenho uma equipe (crew) esperando, e me custando aproximadamente

duzentos mil dólares a hora. Isso tem sido, Lou, o café-da-manhã grátis mais caro que eu já tomei em minha vida. Agora, se vocês me dão licença -"

Tim começou a deslizar para fora da barraca.

"Mas, Tim," Lou disse, percebendo que estava perdendo uma 'guerrinha' que ela nunca sentiu-se completamente equipada para lutar. "Não há razão para explodir (ir pelos ares).

Mesmo, quer dizer, literalmente. Isso nem foi -"

"Lou." Tim tinha se levantado, e agora alcançava o casaco dele, enquanto esperava num gancho próximo ao fim do balcão. "Você sabe que eu a respeito como uma escritora. Mas os espectadores americanos esperam duas coisa de todo filme de Copkiller, como você bem sabe. Uma seqüência com a bunda nua de Townsend, e a mãe de todas as explosões,

uma grande explosão." Ele puxou o seu chapéu de beisebol da equipe de Hinenburg que aconteceu de ser uma das coisas relacionadas ao filme mais memoravelmente procuradas no eBay. "E eu não pretendo desapontá-los."

Então ele virou e caminhou para fora do restaurante.

Lou, não certa que acreditava de verdade no que ela há pouco tinha ouvido com suas

próprias duas orelhas, olhou para Vicky e disse, "Bom. Isso foi bom. Você não acha?"

Certamente não havia nada naquela declaração que pretendia gerar lágrimas no seu

destinatário. Mas foi exatamente isso que aconteceu. Vicky que parecia menos luminosa que normalmente—mas Lou tinha descartado isso e associado ao rude despertar que todos eles conseguiram—começou a chorar.

Lou piscou atônita a amiga dela. Era verdade que, graças a Jack, ela tinha estado tipo...

bem, estado absorvida durante as últimas vinte e quatro horas. Mas seguramente se ela tinha feito ou tinha dito algo que transtornasse Vicky esse tanto, ela teria se lembrado disto.

"Meu Deus, Vick," Lou disse, enquanto deixava o próprio lado dela do balcão e deslizava ao lugar que Tim Lord há pouco tinha

desocupado, um ao lado da esposa dele. "O que está errado? Você está bem? Oh, Deus, é toda essa conversa sobre globos de fogo, não é?"

Eu sinto muito mesmo. Eu sei o quanto assustada você deve ter ficado esta manhã. Eu

quero dizer, todos vocês estavam só a dois pavimentos a cima—"

"Isto—" Vicky, Lou não pôde ajudar notando, até mesmo chorando era linda. Quando Lou chorava, o nariz dela ficava vermelho, como faziam os olhos dela e a maioria do resto. Não era assim com Vicky. Os globos dos olhos dela, mas isso só os fez parecer

mais azul que nunca. E não era uma única porção da face dela que se avermelhava. "Eu—

não é isso," ela gaguejou.

Lou se apoiou nos pratos vazios deles. Tim tinha comido cordialmente, toucinho, ovos, como também panquecas, enquanto Lou tinha resolvido, não muito felizmente, por uma omelete branca, temendo afinal de contas pelo tamanho dos quadris dela por causa daquele sorvete de nóz com manteiga que ela tinha comido na casa de Donald. Vicky não tinha comido coisa alguma, com exceção de chá herbário. Lou puxou um chumaço de guardanapos de papel do dispensador.

"Aqui," ela disse, enquanto empurrando-os a Vicky. "Meu Deus, Vick, não chorr. Tudo vai ficar bem. Quero dizer que talvez eu faça, eu conseguirei alguns quadros de filhotes de raposas desse protestante, e irei até Myra e mostrarei para eles—"

"Oh, Deus! " Vicky parecia despedaçada, enquanto lágrimas deslizavam como pérolas pelas suas bochechas brancas e lisas. "Não é o filme, certo? Não é o filme fodido! É o Jack!"

Lou encarou sua velha amiga, enquanto sentia como se o coração dela tivesse se reduzido de repente a uma velocidade de uma batida por minuto. "Jack? Mas... Mas o Jack está bem. Ele não estava no apartamento dele quando explodiu. E o Anchorage PD enviou para os oficias no minuto que eles ouviram. Ele está completamente protegido—"

"N-não," Vicky chorou. "Não isso! "

Lou sentia o seu sangue correndo frio. Grande. Só grande. Vicky sabia.

Era ruim o bastante o próprio pai de Lou—não mencionando a Sra. Townsend e Deus, como Lou se ruborizava ao pensar nisto—sabendo que ela e Jack tinham passado a noite juntos. Agora aparentemente Vicky sabia, como bem. Mais rápido que se fosse em uma família de filme.

"Oh, Deus, Vicky," Lou disse. Ela se sentia terrível. Pior que terrível. Ela foi a pior amiga que alguma vez tinha vivido. Imagine, tendo dormido com o homem que quebrou o coração da melhor amiga dela.

Mas em sua própria defesa, a própria Vicky tinha mudado, tinha até mesmo se casado!

Talvez nem mesmo era por que ela estava chorando, Lou pensou, esperançosamente.

Talvez ela estivesse chorando porque estava preocupada com os sentimentos de Lou, enquanto sabia que ela não era exatamente o tipo de sexo casual. Jack, Vicky provavelmente estava pensando, ia limpar Lou em cima do carvão, emocionalmente.

Bem, Lou pensou bastante sobre tudo isso na noite passada enquanto Jack, aparentemente exausto do seu esforço por causa dela, dormia profundamente. Lou tinha decidido que ela iria arriscar. Ator ou não, Jack era divertido pra se estar junto. Lou tinha passado sua vida inteira sendo cautelosa, ficando com Barry mesmo depois quando tinha percebido que ele era, sem ofensa, um idiota. Ela não iria cometer esse erro novamente. Ela iria se arriscar, e por uma vez em sua vida, viver como um de seus personagens, tentar uma chance na felicidade, apostar na alegria.

E se Jack acabar a magoando, bem, pelo menos ela expôs seu coração para ser magoado em primeiro lugar.

E até ele fazer isso – magoá-la, quer dizer – que aventura maravilhosa, selvagem seria.

“Escute, Vicky,” disse Lou, pegando a mão de sua amiga. “Eu sinto tanto, tano. Mas você disse que tinha esquecido ele. Você disse que tinha seguido em frente.”

Vicky apenas chorava mais. Lou nem soube o que disse a seguir. Tudo que ela sabia era que queria desesperadamente fazer Vicky entender por que ela fez o que tinha feito.

“Eu sei que você está preocupada comigo,” ela se ouviu falando besteira. “Mas

honestamente, eu vou ficar bem. Quero dizer, eu sei que Jack tem uma reputação e tudo mais. Eu sei que ele nunca ficou com uma mulher por mais do que dois meses. Mas eu sou adulta, e ainda tenho muita vida ainda pra viver e eu quero aproveitar ao máximo. Eu tenho passado quase toda a minha vida adulta sendo uma tela de computador. Sério. Eu escrevo o tempo todo sobre pessoas que fazem coisas extraordinárias, mas o que eu já

fiz? *Nada!* Estou cansada de sempre fazer a coisa mais segura. Estou cansada de protefer meu coração. Droga, Vicky. Eu vou viver. Você está me escutando? *Eu quero viver!* ”

Era a vez de Vicky pestanejar pra ela. Possivelmente por causa do discurso apaixonado de Lou. Ou talvez porque, enquanto ela dava seu discurso, Lou se levantou do seu assento e golpeou a mesa para dar ênfase, causando um talher cair no chão e vários dos garçons encarar na direção delas.

De qualquer maneira, Vicky, pestanejando pra ela, disse, em uma voz tediosa, “Do que você está *falando*, Lou?”

“Bem,” Lou respondeu se sentindo encabulada , e sentando novamente no seu assento.

“Jack Townsend, claro.”

“É disso que *eu* estou falando,” Vicky disse, uma pulsação ferina em sua voz. “Jack. E

como meu marido está tentando matá-lo.”

Lou, sua garganta de repente seca como o deserto, só podia encarar Vicky por um

momento. Era como se estivesse vendo uma pessoa que nunca viu antes. De repente a

vaidosa, superficial, indomável Vicky, a quem Lou aprendeu a amar e estimar, apesar de seus muitos maus humores, parecia uma estranha...uma linda, fria estranha, que nunca tinha contado a Lou que ela tinha ketchup no cabelo, ou se referido aos seus enteados como os filhos do Diabo...

"O quê?" foi tudo o que Lou conseguiu dizer.

"Foi o Tim," Vicky chorava nos montes de guardanapos que Lou entregou pra ela. "Tim

foi a pessoa quem pagou o piloto do helicóptero para matar Jack. Você não deveria estar no helicóptero. Se você tivesse checado suas mensagens, como eu fiz, você não estaria nele."

Lou encarou sua amiga. "Vicky. Do que você está falando?"

"Ah, Deus, Lou, você não entende?" Vicky piscou sua lágrima.

"Tim contratou aqueles

homens que seguiram vocês, você e Jack. Eu não tinha certeza – eu não poderia ter

certeza... mas aquela bomba explodiu, aquela que destruiu o quarto de Jack esta manhã, e eu soube... eu apenas soube que Tim tinha feito!"

Lou geralmente não era tão devagar em entender, mas isto ela simplesmente não podia

entender. Era como se Vicky tivesse começado a contar a ela alguma história sobre ser seqüestrado por alienígenas. Ou sobre o Cabala. Vicky estava ativa no Cabala já a algum tempo, e durante aquele período de quatro semanas, Lou teve que evitá-la, porque ela não entendia uma palavra que saía da boca de sua amiga. Agora não era diferente, realmente, exceto que as palavras *verdade* e *luz* foram substituídas por *matar* e *bomba*.

"Vicky," Lou disse lentamente. "Por que Tim iria querer matar Jack? Tim e Jack são

amigos, eles sempre se deram bem-"

"Claro," Vicky disse, com um fungado infeliza. "Claro, eles eram. Até Tim e eu – bem, Tim e eu, nós estivemos tendo alguns problemas, e então eu sugeri... eu sugeri que talvez devêssemos ir

ao meu terapeuta – o especialista em vidas passadas. Eu pensei, você sabe, que iria ajudar a nos unir. E em uma de nossas sessões, Dr. Manke sugeriu que nós conversássemos, você sabe, não apenas sobre nossas vidas passadas, mas sobre nossos relacionamentos românticos do passado também. E eu mencionei Jack, e Tim, bem, Tim não sabia-”

“Você nunca contou a ele?” Lou encarou Vicky em uma descrença absoluta. “Você nunca contou ao Tim que você e Jack já foram...”

“Não,” Vicky disse, com um pequeno dar de ombros. “Eu não contei. Certo? Então me processe.”

“Vicky,” Lou disse, com um crescente sentimento de medo. “Vicky, você não-”

“Dr. Manke nos encorajou a sermos honestos um com o outro,” Vicky disse, com uma faísca de indignação. “E então eu contei a Tim, você sabe, que Jack era o cara certo mas que me deixou.”

Lou sentiu algo não diferente de uma corrente de água gelada deslizando pelas costas. Ela não podia acreditar bem no que estava ouvindo. Vicky ainda amava Jack? Ainda amava ele, mas tinha casado com outro assim mesmo? Não apenas outro qualquer, mas Tim

Lord, um dos mais poderosos diretores de Hollywood?

Não. Isso simplesmente não estava acontecendo. Não com ela. Não na manhã que ela

tinha decidido embarcar em sua nova carreira como alguém que apenas observa a vida, mas que a vive de verdade.

E como se isso não fosse suficiente, Lou aparentemente deveria acreditar que Tim odiava tanto Jack pela paixão sucessiva de sua esposa a ponto de querer *matá-lo*? Impossível.

Embora... por que mais Tim iria concordar dirigir *Copkiller IV*? Todos ficaram chocados quando essa foi o primeiro filme que ele escolheu depois de ganhar o prêmio da Academia por melhor

direção por *Hindenburg*. Por que diabos, a maioria em Hollywood pensou, Lou inclusive, iria Tim escolher, como seu próximo projeto, uma seqüência – e ainda por cima número quatro?

Alguns disseram que era porque ele queria um projeto fácil enquanto se reabastecia

criativamente para sua próxima iniciativa. Alguns boatos diziam que Tim queria o

dinheiro para fundar um estúdio independente com projetos de filmes independentes dele próprio, do jeito que Jack tinha feito.

Mas agora... agora Lou pensou se alguma dessas foi, de fato, a razão. Foi por que por aceitar o emprego em *Copkiller*, Tim tinha uma chance de trabalhar de perto com Jack Townsend? Teria acesso à programação de Jack? Estaria apto a apresentar algo que teria, se tivesse saído do jeito planejado, parecido com um acidente? Se Sam tivesse sido bem sucedido em matar Jack, e daí viajado para seja lá qual o lugar do encontro onde ele deveria ir, o que todos pensariam? Bem, que Jack, e o helicóptero, tinham caído. Nem

teria sido tão estranho para eles não terem encontrado os destroços... não com os milhares de quilômetros quadrados da floresta pra procurar.

A corrente fria no meio das costas de Lou começou a sentir mais como um rio.

E agora que não tinha funcionado – que Jack ainda estava vivo – Tim estava totalmente sem sorte. Deus, não. Ah, talvez ele tivesse sem paciência com os assassinos profissionais que conseguiu. Mas ele ainda tinha um cenário de filme cheio de

explosivos.

“Vicky,” Lou disse, sentindo arrepios subindo pelos braços. “Você não disse isso.

Mesmo. Me diga que isso é algum tipo bizarro de exercício de atuação, e que você não disse isso.”

“Claro que eu disse.” Vicky parecia definitivamente revoltada agora. Chorosa, mas ainda assim revoltada. “Eu quero dizer, Tim é meu marido. Se eu não posso ser honesta com meu marido, com

quem posso ser honesta? Um casamento construído em mentiras não é

um casamento de jeito nenhum, é um-"

Lou bateu sua mão, com força, no topo da mesa. "*Você contou a Tim Lord que ainda é apaixonada por Jack Townsend?*"

"Bem," Vicky disse, parecendo um pouco surpresa pela veemência de Lou. "Sim. Por

que não deveria? Quero dizer, Tim já foi casado duas vezes antes. Não é como se eu

fosse a única mulher que ele já amou."

"Mas você é a única mulher por quem ele está apaixonado *agora*," Lou gritou.

"Bem, claro," Vicky disse. "Mas não posso evitar se uma parte de mim sempre estará

apaixonada por Jack. Ele faz isso com as mulheres. Jack faz, eu quero dizer. Ele fica embaixo da pele delas. Ele é como um péssimo hábito que você não consegue se livrar.

Eu quero, acredite. Mas às vezes eu simplesmente não consigo tirá-lo da minha cabeça-"

"E você disse isso tudo-" a voz de Lou era severa. Ela não podia evitar. Se Vicky

esperava simpatia, ela definitivamente veio à pessoa errada desta vez. "-para Tim. Você contou a ele que não consegue tirar Jack Townsend da sua cabeça."

"Bem," Vicky disse, começando a parecer menos revoltada, e mais temerosa novamente

- mas desta vez, ela parecia temerosa de Lou. "Claro que eu disse. Dr. Manke disse se eu quiser um dia chegar a um avanço para descobrir minha verdadeira identidade como um ser humano, eu tenho que ser honesta emocionalmente não apenas comigo, mas com

àqueles próximos de mim também-"

Lou se arremessou através da mesa. Mas não para o pescoço de Vicky, como ela queria.

Em vez disso, ela pegou sua bolsa.

“Ótimo, Vicky,” ela disse, saindo de seu assento. “Isso é simplesmente ótimo. Espero que você se sinta muito bem consigo mesma. Porque você está certa, e Tim é o cara por trás disso tudo, duas pessoas estão mortas por causa de sua honestidade emocional, e Jack-”

Foi nesse ponto que um medo frio, duro tomou a garganta de Lou. “-que está no set, ao qual, se não estou enganada, seu marido está a caminho dele, pode ser o próximo-”

“Eu sinto muito,” Vicky choramingou. “Ah, Deus, Lou, eu sinto muito! Eu estou tão –

Espere. O que está fazendo?”

“Vicky,” Lou disse, prendendo o pulso pequeno dela e arrastando seu corpo do assento.

Você está vindo comigo. Você e eu vamos ter uma conversinha com aquele xerife legal que esteve aqui ontem.”

“Ah, Deus!” Vicky gritou. “Ah, Lou! Não! Se Tim descobrir eu sei – se ele descobrir que eu contei... ele vai me matar!”

Lou sorriu, embora não houvesse nenhum humor na sua expressão. “Bom,” foi tudo que ela disse.

30

“Você está sendo chamado ao set, Sr. Townsend, “chamou a voz através da porta do trailer de Jack.

Jack levantou os olhos do bloco de notas onde estava rabiscando. Ele decidiu que, já que ele não conseguia contar a Lou como se sentia a respeito dela, ele poderia muito bem tentar escrever isso.

Descrever como se sentia na escrita para uma escritora, no entanto, era mais do que

difícil, ele decidiu por final, do que na verdade dizer. Ele já tinha feito oito rascunhos –

eles estavam amassados como bolas no chão do trailer – e ainda não eram nem dez da

manhã. A chamada pro set veio como um alívio. Pelo menos agora ele tinha algo pra

fazer, algo pra manter sua mente ocupada.

Quando saiu para o ar frígido e a neve branca virou sujas aglomerações de cinza, ele

supôs que deveria estar preocupado com sua mortalidade, não com sua vida amorosa.

Apesar do que o marshall de fogo tinha dito—que a causa da tentativa de explosão no

apartamento dele, dependendo de uma investigação mais completa, tinha sido a

instalação elétrica defeituosa—Jack suspeitou que a única instalação elétrica defeituosa envolvida estava na mente de quem o tentava matar.

Um homem diferente, enquanto passava pelo que Jack tinha enfrentado nos últimos dias, poderia não ter se sentido tão ressentido com o jovem policial que, vendo Jack emergir de seu trailer, dirigiu o seu carro da esquadra e entrou em passo atrás dele. Um homem diferente poderia não ter notado nada de errado com este quadro.

Mas Jack não gostou.

Oh, Oficial Mitchell era bastante amigável. Ele sorria enquanto marchava junto atrás de Jack, pelo SET congelado para a entrada da mina onde a última cena a ser rodada fora fixada. Só que esta coisa, com as pessoas tentando matá-lo, estava se tornando

amavelmente aborrecedora. Supondo que Jack tinha estado de fato fora de seu quarto na ocasião que aquela explosão tinha acontecido? Mais importantemente, isso que se Lou tivesse estado lá com ele? Ele não podia continuar a começar uma vida nova com alguém quando na verdade ele podia sofrer um atentado a qualquer momento. Ele, decididamente, tinha que fazer algo quanto a tudo isso. E logo.

Oh, Oficial Mitchell era bastante amigável. Ele sorria enquanto marchava junto atrás de Jack, pelo SET congelado para a entrada da mina onde a última cena a ser rodada fora fixada. Só que esta coisa, com as pessoas tentando matá-lo, estava se tornando

amavelmente aborrecedora. Supondo que Jack tinha estado de fato fora de seu quarto na ocasião que aquela explosão tinha acontecido? Mais importantemente, isso que se Lou tivesse estado lá com ele? Ele não podia continuar a começar uma vida nova com alguém quando na verdade ele podia sofrer um atentado a qualquer momento. Ele, decididamente, tinha que fazer algo quanto a tudo isso. E logo.

Porém, enquanto isso ele teve um filme para rodar. Quando se aproximaram ele e Oficial Mitchell, Tim Lord, que se sentava empoleirado em sua cadeira de diretor, dada por Paul Thompkins, o DC dele, dava instruções de última hora, Jack não pôde ajudar sentindo uma certa satisfação sendo esta a última vez que ele teria que se levantar em frente a uma máquina fotográfica. Havia alguma liberdade nesse conhecimento.

"Ah, Jack," o Tim disse, enquanto passava um clipboard a Paul, então inclinava-se atrás na cadeira dele. "Você está pronto?"; "Pronto como sempre estive," Jack disse.

"Grande". Tim lançou um único relance na direção do Oficial Mitchell, sorriu um pouco, então virou a atenção dele ao set ante a eles. Era a entrada da mina, uns sessenta pés fora, o qual a equipe de efeitos especial, sentada a uma mesa algumas jardas donde Jack estava de pé, tinha equipado para explodir. Tinham sido varridas as neves em frente a entrada cuidadosamente, de forma que lá não estivesse nenhum sinal de qualquer coisa mais que pó virgem. Vários ensaios da cena, com explosivos demonstrativos, tinham mostrado exatamente para os sujeitos pirotécnicos onde fixar os detonadores. A mina estava pronta para explodir.

Tudo o que Tim queria agora, ele explicou a Jack, era alguns tiros de Detetive Pete Logan correndo da boca da mina e mergulhando então em um banco de neve—dentro do qual eles tinham escondido um colchão de espuma para apoiar Jack quando pousasse. Eles

inseririam digitalmente depois a metragem da explosão atrás de Jack.

"Assim o que eu vou precisar que você faça," Tim disse, com a equipe do filme e de fotografia reunidas ao redor, as suas

respirações penduradas gelando no ar de doze graus, as faces deles fixadas com um olhar que indicava eles quase prefeririam estar em qualquer outro lugar no mundo do que onde eles estavam atualmente, "é só entrar na mina, então quando eu gritar ação, venha, enquanto corre para fora e mergulha, só como nós ensaiamos mais cedo na semana. Se lembra?"

"Eu me lembro," Jack disse, os olhos dele estreitando à boca da mina. Era escuro lá. Mais quente que estava por fora. Mas ainda escuro. Jack não tinha gostado.

"Assim é a mesma coisa que nós ensaiamos," Tim disse. "Naturalmente, desta vez, estaremos atirando. Corra e mergulhe."

"Correr e mergulhar," Jack repetiu.

"Certo," Tim disse "E se lembre, uma explosão gigantesca irá atrás de você. Não real, claro," ele somou, com um relance a Oficial Mitchell que estava encarando pasmo toda a atividade ao redor deles que nunca tinha visto, como ele tinha informado Jack, em um set e filme reais de Hollywood antes, mais cedo. "Mas nós estaremos pondo isto depois para dentro. Assim Jack. Pareça assustado."

"Certo. Assustado," Jack disse. Ele se lembrou do ensaio, quando ele tinha corrido de dentro da entrada da mina e tinha pulado para dentro do monte de neve. Ele tinha feito isto cinco ou seis vezes. Eles teriam atirado no ensaio da cena então se a luz não tivesse enfraquecido.

"Certo," Tim disse. "Mas não muito assustado. Porque Pete Logan não consegue muito assustado."

"Não," Jack disse. "Não, ele não faz, faz?" Então ele estreitou os olhos dele ao diretor.

"Assim você realmente vai fazer isto," ele disse. "Explodir a mina."

Tim elevou o megafone dele e chamou por um dos aparadores fixos "Que à direita lá em cima não pareça fresco bastante. Bata, você?" E o técnico concordou dinamitando as aglomerações de neve semi-cinza com uma pintura branca especial que simulou a brancura de virgem de neve fresca.

A Jack, Tim disse, "Sim, claro que eu realmente vou fazer isto. Com a quantia de dinheiro que o estúdio aforquilhou para o peixe e

o departamento de vida selvagem para que nós atiremos aqui, o governo do Alaska deveria me deixar explodir a porra capital. Eu duvido altamente que eles vão perder alguma coisa pelo pouco de mina."

Jack mordeu seus lábios. Ele não usava nenhum chapéu—fantasia não o deixaria.

Detetive Pete Logan nunca usaria um chapéu. Ele poderia sentir as orelhas dele

começando a entorpecerem.

"E as raposas árticas?" Jack quis saber.

"Fodam-se as raposas," Tim disse.

Isto, como só Jack sabia muito bem, era como Tim Lord falava quando não havia

nenhuma mulher presente. Tudo era 'porra' isto e 'foda-se' aquilo. Alguns atores acharam a linguagem de Tim fresca depois da pretensão de certos outros diretores. E o próprio Jack certamente não prestou atenção ao idioma sujo.

Mas ele notou que quando aquela Lou estava reunida com Tim—ele sabia ela tinha, o

próprio Deus tinha usado o seu café da manhã de encontro como uma desculpa para o por que dele ter chegado tarde ao set—e aquele Tim estava obviamente desconsiderando tudo o que ela tinha dito. Lou era, como só Jack sabia muito bem, uma oradora persuasiva e apaixonada. Como o argumento dela pelas raposas árticas não pôde mudar a mente de Tim, Jack não pôde imaginar.

Mas claramente tinha falhado, e Tim pretendia realizar o seu plano de explodir o cabo da mina velha e abandonada no qual estas raposas supostamente viviam—entretanto Jack tinha estado em lá várias vezes e não tinha visto nenhum sinal de qualquer vida selvagem ao todo; por outro lado, a pressa e o atarefamento do set do filme poderia lhes ter posto para correr.

Que não era certo. Explodir seu habitat Não porque o Jack tinha algum amor particular pelas raposas árticas. Na realidade, ele poderia ter se preocupado menos com elas.

E ele não era certamente nenhum vegetariano. Ele amava carne vermelha da mesma

maneira que o outro homem.

Mas Lou se preocupava. Lou tinha tido a dificuldade de tentar sair a todo custo do Alasca e impedir Tim Lord de fazer isto. E o sujeito estava a assoando para fora como se ela fosse...

Bem, nada.

Foi por isto que aquele Jack disse, "Não."

Tim que estava investigando por uma lente nem mesmo deu um relance na direção de

Jack. "Não o quê?" ele perguntou. "Não se preocupe, o colchão é todo o jogo para cima.

Eu sei que estava fora uma dupla lenta mais cedo pela semana, mas nós movemos isto.

Deve estar certo agora."

"Não," Jack disse, enquanto dobrava seus braços sobre o tórax— não tanto como um gesto de desafio, mas porque ele estava começando a se sentir congelado. "Não, eu não vou fazer isto."

Agora Tim olhou para ele. Ele olhou para ele com um riso e disse, "Engraçado,

Townsend. Agora vamos. Esta é luz boa, eu não quero perder isto."

"Talvez," Jack disse, "Eu não tenha deixado claro. Eu disse que não. Eu não vou fazer isto."

Todo o movimento, todo o barulho no set de repente parou. Cinquenta pessoas, de

sujeitos empoleirados em cima por guindaste, para os sujeitos que estavam na neve lá em baixo, giraram ao redor para fixar ao quase desconhecido espetáculo de Tim Lord que é ser desafiado por um ator. Até mesmo Melanie Dupre que estava no seu lugar—era suposto que o personagem dela, Rebecca Wells, gritava como Detetive Logan

mergulhando para a cobertura—parecia atordoada... E ela estava tentando fingir que não conhecia Jack.

Tim, claro que, era tomado por acessos de raiva. Ele foi tomado por um com atrizes como Melanie que uma vez se prendeu no trailer dela e se recusou a fazer uma cena até que ela foi trazida uma marca particular de água engarrafada.

Mas isto—esta oposição quieta—era algo novo. Tim encarou o Jack como se ele tivesse

feito algo rude, como se interrogado o gênio de Spielberg.

"O que você disse?" Tim perguntou, sua voz levada pela neve tão ruidosamente quanto se tivesse sido um grito, entretanto realmente ele não tinha falado mais ruidosamente que um sussurro.

"Eu disse—" Jack já estava entediado com a coisa inteira. Enojado, realmente. Como Vicky poderia ter se casado com este palhaço, Jack não pôde imaginar"—eu não vou fazer isto. Eu não posso achar nenhuma parte desta destruição bonita—"

Até mesmo quando ele disse isto, ele desejava saber se tinha ido muito longe. O cabo da mina abandonado era qualquer coisa, mas bonita. Se qualquer coisa, era uma ferrugem na paisagem e bastante provavelmente um perigo para os habitantes, como certamente as crianças de Myra não podiam ajudar, mas poderiam tentar explorar esta sobra perigosa de um tempo passado.

Não obstante, ele foi em.

"—pedaço de história americana."

Lá, estava posto fora. Depois que ele tinha dito isto, ele se sentia bem. A parte bonita tinha sido um pouco demais, talvez, mas o resto disto tinha sido certo.

Não para Tim Lord, porém. Pelo menos, não se a expressão dele fosse qualquer

indicação. Ele parecia furioso o bastante para cuspir unhas. Ou muito para menos, bater o Porsche dele na parte de trás da minivan de alguém.

"Townsend," ele disse. "Só porque você tinha um pequeno gosto de como se sente ao dirigir não significa que você está em qualquer tipo de posição em que possa assumir meu trabalho. Seguramente, o Times, poderia ter amado seu príncipe dinamarquês, mas

eu sei isso que seu total era, e não era nada além de perto de dirigir em casa. E o que nós estamos fazendo aqui hoje? Sim, isto não é Shakespeare. Assim nem mesmo pense que você irá com a granola crocante para cima de mim hoje. Você entra com sua bunda naquele cabo de mina, e você fica lá até que eu grite ação.

Consegue isto? "

Jack disse, "Você quer me atirar em qualquer lugar perto daquele cabo de mina, você concorda em não explodir isto. Você consegue essa? "

Tim fixou a mandíbula dele. Ele usava uma barba, um número cinza curto que realmente

era mais que um cavanhaque, porque ele tinha o queixo retrocedido. Ainda, quando ele

fixou a mandíbula dele, ele parecia formidável... tipo como um envelhecimento Robin

Hood.

"Sempre tem que fazer coisas ao seu modo, certo, Townsend?"

Tim balançou sua cabeça.

"Nunca pensa nos sentimentos de qualquer outra pessoa, pensa?".

"Com licença," Jack disse. "Eu estou considerando os sentimentos das raposas agora mesmo."

"Certo," Tim disse, com um riso sem humor.

Então ele disse uma palavra que Jack nunca tinha esperado ter notícias na vida de Tim Lord.

"Bom."

Jack levantou as sobrancelhas dele. Ele não pôde acreditar totalmente no que ele tinha ouvido.

"Perdão?" Jack disse.

"Você me ouviu." Tim poderia ter dito isto uma vez, mas cavalos selvagens não tirariam isto novamente dele, tanto estava claro.

"Agora entre naquela mina."

Jack, um pouco surpreso que o esquema dele tivesse funcionado, disse, "Eu realmente quero dizer isto, Tim. Você explode aquela mina, e eu levarei isto como pessoal.

Realmente pessoal."

Tim parecia cansado. "Jack. Só entre lá, certo?"

E com isso, terminou. Isto, Jack percebeu, realmente era isto. Esta foi a última cena deste filme—possivelmente qualquer filme—que ele ia ter que filmar. Depois disto, ele estaria feito com isto. Para o bem.

Se virando, ele enfrentou na boca escura ao cabo de mina. Ele saudou Oficial Mitchell que sorriu de volta a ele corajosamente. Então Jack começou a migração longa pelos penteados, com neve pintada de spray, para o topo do declive onde a abertura para o cabo sentava, profundamente embutida no lado do Monte McKinley.

Então, com um olhar longo ele entrou atrás de Tim Lord e todas as outras pessoas juntas em baixo, na mina.

Debaixo dele, ele ouviu Tim Lord diz pelo megafone dele, "Certo, todo mundo, este é o negócio real. Lugares. Lugares, todo mundo. Jack? Você está certo aí?"

Jack pisou para a boca do cabo e ondeou, então desapareceu novamente em suas profundidades escuras.

"Excelente," ele ouviu Tim Lord dizer pelo megafone dele. "E... Ação!"

Capítulo 31

"Esta coisa não pode ir mais rápido?" Lou, enquanto saltava junto ao assento dianteiro do xerife quatro-por-quatro, cheio entre o xerife e Deputado Lippincott, queria saber.

"Pode," Walt O'Malley disse quando navegou em volta grampo cuidadosamente na estrada. "Mas eu não vou arriscar mergulhar lateralmente por cima naquele desfiladeiro.

Isso não ajudará seu amigo, e não nos ajudará, certamente."

"Só é," Lou disse, enquanto sentia como se, não pela primeira vez na última hora, ela estava endereçada a um quarto cheio de crianças ", que um homem poderia morrer se nós não nos apressamos."

"Conseguí tudo aquilo," Xerife O'Malley disse. "Eu na verdade consegui desde a primeira vez que você me contou."

"Bem, então por favor você pode apressar isto—"

Na palavra para cima os quatro-por-quatro entrou em cima de um buraco fundo na

estrada que causou os passageiros no assento de trás—Vicky Lord e, entretanto Lou não tinha estado contente por figurar junto deles, a mãe de Jack e o pai dela—ficar no ar por um segundo ou dois. Quando eles pousaram novamente, o cachorro de Sra.

Townsend quem ela tinha apertado aparentemente muito forte, deixou sair um grito.

"Oh, meu pobre bebê," Eleanor Townsend disse, abaixando seu rosto para o pescoço do cachorro "Está bem. Vai ficar tudo bem."

Lou não estava certa se a mulher estava tentando ressegurar a si mesma ou ao cachorro.

Considerando que as intenções do pai de Lou estavam claras: Ele estava ocupado

tentando ressegurar todo mundo.

"Agora, não consiga em uma agitação, Lou," ele disse—tinha dito que desde que tinham subido a bordo do carro que Eleanor tinha garantido o propósito expresso de cair fora para Myra tão rápido quanto possível. "Jack é um homem crescido. Ele pode cuidar de si próprio."

"Com bombas a direito e a esquerda, e as pessoas com armas espreitando?" Lou lançou para seu pai um olhar grave por cima do seu ombro. "Eu não penso assim, Pai."

"Eu só não entendo," Eleanor disse, pelo que deve ter sido o tempo de centésimo, "o que este Tim Lord tem contra Jack."

Alguns detalhes pragmáticos que Lou tinha omitido da história que tinha contado

apressadamente para seu pai e para a mãe de Jack quando ela e Vicky tinham se

encontrado com eles quando estavam fechando o restaurante de hotel. Tinha sido bastante que eles soubessem a essência—aquele Tim Lord queria o Jack morto, e aquele Jack tinha ido para o set—um set fora de alcance dos telefones celulares deles—onde era esperado que Tim Lord causasse uma explosão muito grande, mais tarde. Eles saberiam

logo a verdade, Lou supôs. O mundo inteiro saberia.

"Você não vê?" Lou tinha perguntado para o pai dela quando ele tinha expressado dúvida sobre a eficiência de explodir um cabo de mina enquanto Jack Townsend estava nisto.

"Todo o mundo pensará que era um acidente. Pessoas morrem durante filmagens o

tempo, Pai. Já ninguém suspeitaria havia qualquer coisa atrás disto."

Frank Calabrese tinha ficado duvidoso, mas estava alarmado bastante pela veemência da sua filha que tinha teimado ao vir para Myra em um esforço frenético ainda para impedir Tim Lord de fazer outra tentativa de atentado a vida de Jack. Teve que ser admitido que, ao chegar ao departamento do xerife de Myra, o pai de Lou tinha ficado menos cético.

Isso por causa do modo que Lou tinha disposto a evidência apressadamente no seu caso, o xerife não tinha parecido surpreso. Ao invés, ele tinha lançado um relance indagador ao deputado e tinha perguntado, "Você gosta dele para ser nosso homem do dinheiro?"

Aparentemente, tinham sido localizadas as armas que Lou tinha dado com sucesso a dois habitantes de Myra — "Aproveitadores," o xerife os tinha descrito — que aconteciam de estarem desaparecidos. Os amigos deles, quando questionaram, tinha dito, depois que tinham sido pressionados, que eles tinham recebido cinco mil dólares cada para matar

estrela de ação-aventura Jack Townsend que, eles tinham sido informados, tinha vagado em algum lugar longe de um acidente de avião em McKinley Park.

"Cinco mil dólares?" Lou tinha ficado enojada. Isso era o que toda a vida de Jack tinha valido?

"Bem," o xerife tinha dito. "Cinco mil cada. E nós suspeitamos que havia sete ou oito deles envolvidos, enquanto não se com o velho Sam Kowalski. Nós não acabamos arredondamento todos eles, mas nós esperamos a tê-lo feito até o final da semana. Com exceção daquele que você matou, isso é."

Porém, tudo desta conversa tinha só lhes impedido de conseguir cair fora para o set assim como Lou gostaria. Enquanto o xerife não disputou o fato que alguém tinha pagado os homens que ele estava segurando atualmente em um interrogatório para matar Jack

Townsend, ninguém parecia acreditar que esse alguém era Tim Lord, o premiado diretor

da Academia. Como pode o diretor de um filme emocionante tal como Hindenburg ser

um assassino—ou pelo menos pagar outros para matar por ele?

Lou tinha tido que fazer Vicky explicar isto a eles, algo que aquela Vicky, parecendo chicoteada e derrotada, tinha feito em um tom menor e não completamente de maneira convincente.

Certamente Eleanor Townsend que tinha ouvido a coisa inteira não foi

convencida.

"Mas isso é ridículo," ela tinha chorado. "Por que Sr. Lord deveria querer matar o Jack, só porque a esposa dele diz que ela ainda está apaixonada por ele? Muitas esposas se casam com um homem enquanto apaixonadas por outro, e os maridos delas não passam tentando matar qualquer um! "

Sim, mas esta era Hollywood onde Tim Lord era quase o rei, nunca teria feito para o

coração da rainha pertencer a outra pessoa. Isso era a coisa sobre diretores. Eles queriam controle. E se eles não tivessem isto, bem, isso era quando coisas se tornam sujas.

Xerife O'Malley não tinha estado a todo excitado sobre transportar os quatro ao set do filme. Ele teria preferido, tinha explicado a Frank Calabrese, como se falando um policial para outro que poderia ajudar, trazer o suspeito para interrogatório.

Mas Lou não estava perto de ser deixada para trás no escritório sufocante do xerife

enquanto Jack estava em perigo iminente de ser explodido em pedaços... .

E nem, ela tinha descoberto logo, estavam quaisquer dos outros companheiros dela que

empilhavam na parte de trás do quatro-por-quatro de O'Malley sem parar com ela, e

como ela, recusou mover disto.

Mas ela supôs que o xerife estava contente quando ela viesse, chegando ao set, eles foram contatados por uma médica assistente em um casaco cortado e um fone de ouvido. Ela bateu na janela do

lado do motorista do quatro-por-quatro e disse, "Desculpe. Set fechado. Você terá que voltar."

Xerife O'Malley já estava erguendo seu distintivo e estava preparando para apresentar isto a médica assistente quando Lou se apoiou nele e gritou à mulher jovem, "Saia da frente antes que nós passemos por cima de você!"

A médica assistente se retirou apressadamente da frente, e Lou pôs o pé dela em baixo do xerife...

Um gesto que ele não apreciou, entretanto impeliu o quatro-por-quatro por várias metros a uma taxa consideravelmente mais rápida que eles tinham viajado até agora.

"Senhorita Calabrese," Walt O'Malley virou para dizer a ela quando tinha recuperado controle do veículo. "Eu sou bastante capaz de fazer meu trabalho. Eu realmente não preciso—"

Mas Lou já tinha fiado do carro, depois de ter escalado em cima de um Deputado

Lippincott profundamente envergonhado no esforço dela para sair.

E então ela estava correndo.

Lou não estava vestido para o ártico, quando ela quase não tinha esperado, quando tinha se encontrado com Tim Lord para o café da manhã, estar de volta ao Monte McKinley depois de uma hora.

Mas esse era exatamente onde ela estava, em uma saia e Jimmy Choo salto alto, nada

menos, traspassando a neve cinza suja que atapetava o chão entre os trailers, vento frio apunhalando os pulmões dela, e todas as partes expostas da pele dela sentindo como se estivessem em chamas. Mas ela apenas notou o próprio desconforto dela. Toda a atenção dela estava na multidão das pessoas em frente a ela, enquanto observando esperançosamente para um cabo de mina velha, abandonada. A pessoa fixou de rastos

conduzidos à boca escura da mina. Lou poderia ver ninguém se levantando nisto, mas ela ouviu a voz de Tim Lord bastante clara, enquanto gritava uma palavra por um megafone.

Uma palavra que parecia gelar o sangue que corria nas veias de Lou.

"Ação!"

Lou deixou sair um grito agudo que, se estivesse lá qualquer neve solta no lado da montanha sobre eles, teria chovido nas suas cabeça. Como foi, toda pessoa no set, do aperto fundamental ao serviço de bufê, virou para encarar...
... Tim Lord incluindo cuja face pontuda, astuta estava lívida de raiva.

"Corta," ele chamou desgostoso quando viu quem ousou romper sua filmagem. Então ele abaixou o megafone e disse, "Lou. eu deveria saber. Você não pensa que vai um pouco longe com isto de salvar-a-bosta-dos-animais? Eu não acho que o estúdio vai apreciar isto quando eles ouvem — ei, onde você pensa que vai? Você não pode — Parem-na!"

Alguém a pare.

Mas era muito tarde. Lou já tinha cambaleado além da cadeira do diretor, e estava

trabalhando para cima na lateral da montanha nos saltos de sapatos dela, gritando a todos seus pulmões, "Jack, caia fora! É uma armadilha! Tim Lord está tentando matá-lo!"

Atrás dela, poderiam ouvir o grito. Não só o pai dela, ou, mas Tim Lord e, por alguma razão, Melanie Dupre. Caos tinham começado no set. O xerife poderia ser ouvido, enquanto pedia ordem. Alessandro latia agudamente.

Mas toda concentração de Lou foram centradas em chegar no topo da colina para a mina, e tirar Jack seguramente disto antes que Tim Lord sacudisse o interruptor que ia, Lou não tinha nenhuma dúvida, enviar a coisa inteira explodida—só a visão igual a de Barry de Pompeii.

A não ser que quando ela finalmente alcançou a boca da mina e tropeçou dentro disto,

enquanto pensava, só brevemente, "Está muito frio para aranhas... Muito frio para aranhas," não havia nenhum Jack para ser achado.

A abertura estava vazia. Só alguns engradados velhos. Mas nenhum Jack. Nenhum Jack

era visto em nenhuma parte.

"Jack?" ela chamou roucamente na mina. "Jack, você está aqui? Sou eu, Lou".

Mas quando ela o ouviu responder, não era de dentro da mina. Não era de dentro de nenhuma mina. A voz dele, enquanto chamava o nome dela, parecia vir de algum lugar de fora, e de longe.

E ele estava dizendo a coisa mais estranha, também. Lou não pôde ficar certa, porque era difícil de ter notícias de qualquer coisa sobre os gritos das pessoas em baixo, mas ela achou que Jack estava gritando, "Permaneça onde você está!"

"Jack?" Um sorriso beatificante rachou a face dela. Ele estava vivo. Ele ainda estava vivo. Ela não tinha estado muito atrasada. "Jack? Onde você está?"

Lou virou ao redor de e encabeçou para fora da boca da mina, ver se ela podia achar onde a voz de Jack estava vindo.

E como ela estava pisando da mina e de volta fora na neve, o pé dela se enganchou algo

—um arame. Enroscou ao redor do tornozelo dela e pôs uma corrida em sua mangueira.

"Deus, maldição," ela disse, enquanto tentava chutar o pé dela para se livrar do arame...

E isso foi quando ela ouviu Jack chamar, "Não!" e ela soube, imediatamente, só o que ela tinha feito.

Ela jogou seus braços para cima da cabeça e esperou pelo Monte McKinley descer em cima dela.

Capítulo 32

Exceto, que não foi. Não então.

Ao invés, Jack Townsend desceu em cima dela, todas as suas duzentas libras, a batendo com bastante força para bater o vento diretamente fora dela. Então eles estavam caindo sobre a neve dura...

... da mesma maneira que um globo de fogo vermelho-e-amarelo explodiu atrás deles,

enquanto enviava abaixo uma chuva de granizo de pedra e madeira, e vertia uma onda de fumaça preta grossa em cima deles.

A explosão estava ensurdecendo, o calor intenso. Durante vários minutos Lou não pôde

ver nada mais que escuridão. Ela nem mesmo estava segura se ela estava ou não morta ou viva. Ela não podia ver nada, não ouvia nada, não sentia nada... nada mais que frio, um frio que estava vazando pela frente da blusa dela e marginando, enquanto causava a sua pele uma sensação de entorpecimento.

Então, quando clareou a escuridão, ela se deu conta de outra sensação. Algo pesado em cima dela. Não era por causa da fumaça que ela não podia respirar. Era por causa deste peso enorme...

E então o peso estava sendo erguido, e ela vagamente se deu conta de vozes. Ela não

podia contar o que estava sendo dito a ela, mas quando piscou ela friccionou a sujeira dos olhos dela, e pôde finalmente ver de novo—o céu azul luminoso sobre ela nunca tinha parecido tão bonito—ela enfrentou, faces familiares, estavam contemplando a ela e dizendo coisas... coisas que ela não podia ouvir porque as orelhas dela ainda estavam tocando da explosão.

E então, lentamente, as coisas que as pessoas estavam dizendo começaram a fazer

sentido. Começou até mesmo a reconhecer as pessoas que estavam falando com ela.

Havia o pai dela, enquanto parecia apavorado. Ela nunca tinha visto o pai dela parecer apavorado antes, excluindo a noite em que sua mãe tinha morrido. E havia Eleanor Townsend. Ela estava chorando. E havia Xerife O'Malley, enquanto gritava a alguém no chão.

Mas não a ela. Xerife O'Malley estava olhando para baixo, e ele estava gritando, mas a pessoa à que ele estava gritando não era Lou, porque Lou estava mais no chão. Até mesmo agora, o pai dela e Paul Thompkins, o diretor assistente, estavam tentando

arrancar aos pés dela. Ela tentou ficar de pé, mas um pé não apoiaria o peso dela. Ela caiu nos braços deles.

E isso foi quando ela viu Jack.

Estava com as costas metidas na neve. Havia fuligem preta por toda parte do rosto dele.

A sua jaqueta de camurça estava bem coberta com isto. Ele não estava se mexendo. Os

olhos dele estavam fechados. Xerife O'Malley estava ajoelhando ao lado dele, gritando.

Vagamente, Lou pôde ouvir o que ele estava dizendo.

"Jack," o xerife disse "Jack, acorde. Vamos, Jack".

E então Lou estava rastejando pela neve para o corpo propenso de Jack, lágrimas fluindo abaixo em sua face.

"Jack," ela sussurrou. Ou talvez ela gritou isto. Ela não sabia.

"Jack?" Ela o localizou e tirou uma mão para tocar a face dele.

Estava frio. Tão frio. "Jack?"

Ele ainda não mexia. Ela olhou para o tórax dele. Subiu e caiu, mas lentamente—tão

lentamente. Ele estava morrendo. Ela sabia disto.

Ele estava deixando-a, deixando-a só, deixando quando eles tinham apenas descoberto

um ao outro.

E então Tim Lord—Tim Lord, esse bastardo, esse conspirador, esse mentiroso—estava

lá, enquanto se apoiava em Jack e chorava, em uma voz desesperada, "Jack! Jack, sou eu, Tim. Jack, vamos, você não pode fazer isto, amigo. Você não pode morrer. Você não pode."

Isso era quando um dos braços de Jack que tinham sido flacidamente metido na neve ao

lado dele, ergueu de repente. Lou assistiu, enquanto ousava tomar fôlego quando o braço quase não subiu no ar, até que a mão presa a isto agarrou a coisa que estava mais próxima —a frente da jaqueta de couro de Tim Lord.

E então os olhos de Jack abriram—piscinas de azul no meio de toda aquela fuligem preta

—e a boca dele abriu, também, e ele coaxou, "Eu não tenho nenhuma intenção de morrer, seu pica farisaico."

Na palavra pica, Jack puxou o outro braço dele de volta e enviou um punho que

mergulhou na face de Tim Lord.

Lou—outra junto com quase todo o mundo que se reuniu ao redor do corpo propenso de

Jack—pulou atrás, medroso de ser pega por uma junta perdida. Tim Lord foi posto para

cima numa luta valorosa, enquanto entrava um sopro de vez em quando, mas todas as

classes de spinning no mundo não podem preparar um homem para uma agressão por

uma estrela lívida de ação-aventura que é treinada por meses em preparação para seu papel.

Todo mundo estava paralisado quando Jack enviou o punho primeiro para a pessoa, e

então outro, na cabeça do diretor, meia-seção, e lados. Era, Lou refletiu em alguma parte pequena do cérebro dela que parecia destacado da cena ante a ela, como assistir uma luta em qual os lutadores simplesmente tinham partido para cima ao som do primeiro sino.

Lou não tinha nenhuma dúvida que se seu pai não tivesse pisado adiante e acabado com a briga embrulhando os braços dele ao redor dos ombros de Jack e o puxando longe de Tim, eles teriam tido um diretor Premiado da Academia morto nas mãos deles.

Como era, Tim desabou e, caindo à neve—agora manchado não só com pedaços de

Monte McKinley que tinham vindo, enquanto choviam neles depois da explosão, mas

também com seu próprio sangue de diretor—exclamou, histericamente, "Por que você não morrerá? Supostamente você está morto! Supostamente você tinha morrido quatro dias atrás. O que está errado com você? Por que você não morrerá?"

Jack, depois de encolher os ombros para fora dos braços do pai dela, respondeu, "Porque eu tenho muito para viver." Então ele virou cansado para Lou e perguntou, "Você está bem?"

Embora ela ainda estivesse ajoelhando nisto, Lou apenas sentia a neve e gelo em baixo dela. Isso é porque o brilho nos olhos de Jack

a esquentou.

"Eu estou bem," ela disse, incapaz de rasgar o olhar dela da face coberta de fuligem, bonita dele. "Mas como o fez—como você soube? De onde você veio?"

Jack encolheu os ombros em baixo dos ombros enegrecidos de chamuscas da jaqueta de camurça dele.

"Eu supôs que ele planejava algo" ele disse, com um aceno de desprezo na direção de Tim "Era tão malditamente importante para ele que eu entrasse na mina. E quanto mais eu pensava nisto, o mais eu percebia... bem, quem mais teria tido razão para puxar Vicky fora do vôo no primeiro dia? Então algo que ele disse a mim... algo sobre como eu nunca me preocupo com os sentimentos de qualquer outra pessoa ... "

O olhar dele vagueou longe de Lou. Seguindo isto, ela viu que ele quase estava olhando para Vicky que estava encarando solenemente o marido dela como se nunca o tivesse visto antes.

A face de Jack, em baixo da fuligem, parecia pálida. "Bem, de qualquer maneira," ele foi . "Eu supus então que era o Tim. Eu vi a viagem telegráfica quando eu entrei na mina... mas eu estava procurando isto. Então eu só abaixei para fora de um cabo lateral—esta parte inteira da montanha comunicava-se enigmaticamente com eles. Eu quis ver se ele subia de fato e me procurava quando eu não descia. Se ele pisasse em cima do arame —" Jack encolheu os ombros. "—Eu saberia que era ele. Que ele tinha estado tentando me matar, eu quero dizer."

Então Jack alcançou fora e pôs um dedo, as juntas de qual estavam fendidas abertas, na bochecha dela. "A última coisa que eu esperei era vê-la vir, enquanto embarrilava lá em cima. O que você estava pensando?"

Lou não percebeu até que Jack levou a mão dele longe da face dela e havia uma mancha

limpa na ponta do dedo dele, que ela estava chorando. Ela alcançou, mortificada, limpou as lágrimas com as parte de trás das mãos dela, e disse, "Vicky me falou esta manhã. Eu cheguei aqui fora tão rápido quanto eu pude. Eu tentei chamar—"

"Nenhuma estação de revezamento," Jack disse, pesarosamente.

"Exatamente." Os olhos de Lou estavam cheios com carinho e lágrimas. "Eu pensei que eu estava muito atrasada ... E quando eu abri meus olhos e o vi mentido aí, eu pensei... Eu pensei que você estava morto."

Agora ele trouxe ambas as mãos em xícara até a face dela. "De nenhum modo é eu que vou morrer," ele a assegurou, "quando coisas só estão começando a se tornar boas."

Lou sorriu a ele, e ele sorriu de volta, os seus dentes surpreendente brancos contra as raias pretas pela face dele. Seu olhar estava tão cravado no dele que só vagamente ela percebeu apenas vagamente Deputado Lippincott colocando algemas em cima dos pulsos de Tim Lord, enquanto carregava-o aos seus pés.

Ela apenas viu o pai dela deslizar um braço ao redor de Eleanor Townsend que estava

chorando alegremente na pele dourada de Alessandro. Melanie Dupre estava pisando fora com um bufo enojado e um "Isso é isto. Eu deixei!" pouco registrado. E entretanto ela notou que Vicky Lord estava chorando irregularmente na frente da camisa do Xerife O'Malley, realmente não parecia importar—mais qualquer que o fato que o xerife tinha

erguido um das mãos dele e estava batendo levemente e desajeitadamente na cabeça de

Vicky com isto. Toda a atenção dela foi focalizada em Jack, e o sorriso dele, e esses olhos azuis, azuis.

"Quer sair daqui?" ele perguntou.

"Mais que você sabe," ela disse "Exceto... " Ela olhou para baixo cupavelmente. "Parece estar algo errado com meu pé."

"Não um problema," ele disse e se apoiou.

E, antes que ela soubesse o que estava acontecendo, Jack tinha varrido as pernas de

debaixo dela, a embalando facilmente nos braços dele.

Então Richard Gere, igual em An Officer and a Gentleman, ele a levou. A única

diferença, realmente, era que aquele Jack Townsend era muito mais alto que Richard

Gere...

... E ele não tinha dito que a amava.

Capítulo 33

O tornozelo de Lou estava quebrado em dois lugares, radiografias revelaram. Ela seria forçada a usar uma moldagem de gesso durante seis semanas, então graduada numa cinta de espuma por quatro. Ela precisaria ficar completamente sem utilizar pé dela durante oito semanas.

Como era, ela se perguntou enquanto sentava no quarto de exame que estava que tinha

rodas no Hospital Geral de Ancoradouro, que as heroínas de filmes — as únicas que

abnegadamente arriscavam suas vidas para salvar outros — sempre escapavam com

talvez um rapapé ou dois, mas heroínas da vida real, como Lou, terminavam com fraturas de espiral pela tíbia delas e tinham que conseguir feias molduras vestindo as sus pernas, e então tinham que mancar como Sigourney Weaver em *Working Girl*, que não era exatamente um personagem simpático?

Naturalmente, a falta de semelhança de Lou com uma heroína de filme não terminava ao

seu dano. Não, ela também tinha que não conseguir o sujeito. Heroínas sempre

conseguiram o sujeito ao fim.

Mas não, aparentemente, Lou.

Oh, Jack tinha a levado até o quatro-por-quatro Xerife O'Malley. Ele tinha ficado com ela durante o passeio para a pista de aterragem, e tinha segurado a mão dela até mesmo durante todo o vôo para Ancoradouro. Ele entraria com ela no quarto de emergência onde ele tinha sido tumultuado imediatamente por pacientes que esperavam na triagem que queriam saber se ele era Dr. Paul Rourke, e se fosse, se ele podia agrada dar uma olhada em suas erupções cutâneas ...

Isso tinha sido a última vez que Lou tinha visto Jack Townsend antes dela ter sido batida na sala de emergências onde não foram permitidas visitas.

Agora ela estava no próprio quarto de exame, enquanto esperava pelo doutor voltar para fazer a moldagem nela. Contanto que ela não movesse, o tornozelo dela não doía. Ela se deitava na mesa de exame, enquanto encarava a visão deserta da janela do estacionamento do hospital. Tinha começado a nevar novamente, mas ela ainda poderia

ver Monte McKinley, enquanto subia cinza e branco e majestoso atrás de um Kmart pela

estrada. Parecia um milhão de anos atrás que ela tinha estado perdida naquela montanha com Jack Townsend. De certo modo, ela desejou que estivessem ambos de volta lá, na casa de Donald. Pelo menos lá, eles tinham estado um pouco tempo atrás, protegidos de cenas como uma ao brotar de filme.

Quem teria pensado que Tim Lord, o diretor premiado era megalomaniaco, alguma vez

teria se tornado assim consumido com ciúme que orquestraria tal um esquema elaborado

para matar do ex-namorado da esposa dele? Não Lou. Ela tinha pensado que Vicky e Tim

tinham um matrimônio perfeitamente feliz.

O qual só foi mostrar pelo que sabia.

Ela estava mentindo lá, meditando em cima da sua aparente falta de perspicácia, quando havia uma batida na porta do quarto dela. Pensando com um pulso repentinamente rápido que Jack tinha voltado afinal—mas sabendo em seu interior que esse não era o tipo de batida dele — ela convocou, "Entre."

Ela estava mais surpresa que pudesse dizer quando a porta abriu para revelar Vicky Lord em pé lá, enquanto parecia pálida e magra e usada, como um tecido.

"Lou," ela disse fracamente.

Lou encarou a melhor amiga dela. Ela não pôde ajudar com isto. Ela nunca tinha a visto parecendo assim... velha.

"Vicky," ela disse. "Você está bem?"

"Isso é o que eu vim aqui descobrir sobre você," Vicky disse. Então de repente, a face dela—ainda bonita, apesar da dor e da tristeza cauterizada lá — amassou, e Vicky se lançou a Lou,

enquanto lançava seus braços ao redor dela e empurrava o pé quebrado

dela muito mal.

"Oh, Lou, Lou," Vicky chorou. "Eu sinto tanto! Você um dia poderá me perdoar?"

"Pelo quê?" Lou quis saber. Era meio duro de falar, com ondas de dor atiradas em cima e em baixo por toda perna dela. Mas ela conseguiu. "Vicky, você não fez nada. Não é sua falta."

"É," Vicky chorou, a molhadela de lágrimas dela no cabelo de Lou. "Se eu tivesse só mantido minha boca fechada... Se eu só tivesse pensado antes de dizer qualquer coisa. Eu nunca deveria ter falado para Tim sobre Jack. Eu nem mesmo sei mais se era realmente verdade. Que eu ainda o amo. Eu quero dizer hoje, quando eu o vi batendo o Tim assim, eu estava... Bem, eu estava mais preocupada com Tim que eu estava com Jack. O que significa que eu tenho que querer mais o Tim que Jack, não?"

"Bem," Lou disse um pouco secamente. "Eu deveria esperar assim. Tim é seu marido."

"Não por muito," Vicky disse, enquanto libertava Lou e pisava atrás com um suspiro.

"Eles o prenderam. Eu não penso que o plano Johnnie Cochran vai poder conseguir trazê-

lo aqui para fora. E eu... Bem, eu não posso me casar com um condenado. Eu quero dizer, eu posso mover direito de volta para o parque de trailers que eu rastejei antes de chegar aqui, se esse for o caso."

Lou estremeceu. "Oh, Vick. Eu sinto muito."

"Tudo está bem." Vicky deve ter se sentido bem, desde que ela alcançou e com um dedo penteou o cabelo dela. "Além, um tanto. . . Bem, você acha que o cara que é xerife é adoravelmente sensual? "

Agora Lou ficou convencida que tinha ouvido tudo. "Vicky!"

"Bem, eu não posso ajudar com isto," Vicky disse, com um encolher de ombros. "Ele tem aquela grande. . . Arma. De qualquer maneira, eu só queria ver se você ia bem. E digo que sinto muito. Agora eu iria, é melhor."

"Vick—" Lou ofereceu uma mão para impedir sua amiga de ir. "Olhe, há algo. . . há algo eu tenho que lhe falar. Sobre mim e. . . Eu e Jack."

Vicky piscou de volta a ela da entrada. "Oh," ela disse. "Você quer dizer sobre vocês dois passando a noite ontem à noite junto? "

Era a vez de Lou piscar de volta. "Como—como você soube?"

Vicky rodou seus olhos azuis adoráveis. "Lou, todo o mundo no hotel inteiro sabe. Eu não seria pega de surpresa se parasse na US magazine da semana que vem."

Lou mordeu o lábio dela. "Você. . . Você notou?"

"Notei?" Vicky balançou sua cabeça. "Lou, você é uma grande garota, como você disse antes no hotel. Você cuidar de si mesma. Só—" Aqui a voz de Vicky falhou, só um pouco.—"só me faça um favor, e não termine seu coração quebrado, certo?"

E sem outra palavra, Vicky deixou o quarto de exames—antes que Lou pudesse chamá-la, "Muito tarde."

Mas Lou não estava bastante esquerda para processar o que há pouco tinha ouvido antes da porta ser aberta novamente.

Esperando ver o doutor que tinha ido há um tempão caçar alguém que conseguisse algum

gesso, foi pega de surpresa ao ver seu pai pôr um dedo nos lábios dele. Então ele e

Eleanor Townsend vieram, enquanto rastejavam ao quarto, parecendo conspirativos.

"Eles disseram que não podia nenhuma visita com exceção de cinqüenta minutos depois da hora," Frank disse quando tinha fechado a porta atrás deles. "Mas nós passamos pelo guarda enquanto aquela Melaine Dupre o distraia. Aparentemente ela conseguiu um pedaço de Monte McKinley no olho dela, ou algo, quando explodiu."

"Oh," Lou disse, enquanto olhava do pai dela a desnorteada mãe de Jack. Eles pareciam, ela teve que admitir, tão vertiginoso quanto um par de crianças. "Bem. Legal vê-los."

"Nós trouxemos algo para você," Eleanor disse, e ela pescou das profundezas de sua bolsa Gucci uma caixa grande de chocolates e

deu isto a Lou. "Seu pai diz que você gosta de doces."

Lou olhou para baixo aos chocolates. Eles eram bem, tipo caros. Ela notou com

aprovação que vários deles estavam quebradiçamente recheados com amendoim.

"Uau," ela disse. "Obrigado."

"É só um símbolo pequeno, realmente," Eleanor disse, enquanto parecia envergonhada.

"Eu quero dizer, você arriscou sua própria vida para tentar salvar meu filho. várias vezes, do que eu entendo. Eu realmente não sei o que posso fazer para reembolsá-la. Mas eu gostaria de começar o convidando a vir me visite na casa. Eu tenho uma casa lá, você

sabe, e assim me agradaria se você—e talvez seus irmãos — saíssem deste verão e

ficassem por algum tempo comigo."

"Eu vou, também" Frank repicou. Só foi então que Lou notou que ele e Eleanor estavam de mãos dadas.

Lou sentia uma punhalada de algo. Não poderia ter sido ciúme nenhum.

Ciumenta da felicidade do pai dela ter encontrado alguém, depois de ter vivido tantos anos só? De modo algum. Não ciúme. Não em cima disso.

Mas por que era tão simples para o pai dela e a mãe de Jack? Eles gostavam um do outro, eles seguravam as mãos. Não havia nenhum segundo motivo encontrado, e nenhum deles se preocupava com aquela próxima semana, se um deles poderia deixar o outro para ficar com Cameron Diaz.

Não. Lou sentiu um aperto. Ela tinha que aprender a viver como uma heroína. Ela tinha que confiar nos seus instintos, correr um risco. . . .

Era quando ela estava pensando nisto que ela notou uma protuberância grande cunhar

para fora da bolsa de Eleanor Townsend. Um segundo depois, a protuberância

desapareceu.

"Um, Sra. Townsend," Lou disse. "Eu não sei lhe contar isto totalmente, mas sua bolsa está se movendo."

Eleanor olhou para baixo com um riso. "Oh, isso é só Alessandro. Eles não permitem cachorros neste hospital, você pode acreditar nisso? Eu tenho que dizer, eu prefiro a atitude européia para com cachorros que a americana. Alessandro é realmente bastante mais limpo que algumas das crianças que vi correndo ao redor daqui."

Lou lhe deu um sorriso pálido. Então Frank apoiou adiante e, batendo levemente no braço dela, disse em uma baixa voz, "Kiddo. Você bem termina lá fora. Eu não poderia ter ficado mais orgulhoso. Eu só desejo que sua mãe ainda pudesse estar próxima para ver isto."

Lágrimas pularam aos olhos de Lou. Oh, grande, ela pensou. Agora eu estou chorando.

Igual ao comportamento de uma heroína de verdade.

"Obrigado, Pai," ela disse em uma voz amortecida, enquanto tocava de leve sua face com a manga da sua roupa.

"Oh, olhe o que você fez, Frank," Eleanor disse, enquanto parecia preocupada. "Querida, você está bem? Eles lhe deram qualquer medicamento? Você sabe, eu conheço o cirurgião geral do Alaska. Você quer que eu o chame para você? Não é nenhum direito eles só a deixarem aqui sem até mesmo um Tylenol—"

"Não," Lou disse, enquanto sorria a eles pelas suas lágrimas. "Eu estou bem. Eu. . . Não aconteceria de você ter visto Jack em qualquer lugar, o viu?"

Eleanor e Frank trocaram relances. "Um," Eleanor disse. "Por que, não, querida."

Era uma mentira tão transparente, Lou nem mesmo se preocupou em reconhecer isto.

Assim eles tinham visto o Jack, mas não queriam lhe falar onde eles tinham o visto, ou o que ele tinha estado fazendo. Que só poderia significar, naturalmente, que tudo era, eles não achavam Lou aprovaria.

Bem, o que ela tinha esperado? Afinal de contas, ele já tinha procurado e tinha ganhado Lou. O desafio terminou. O rubor estava a rosa. O cara estava em pastos mais verdes.

Deus! Por que ela estava com tal extravagância paranóica?

"Oh, querido," Eleanor disse, enquanto olhava abaixo à bolsa dela que estava inchando novamente. "Alessandro está aquecido demais. É melhor nos irmos, Frank."

"Certo," pai de Lou disse. Então, lhe dando um tapinha na bochecha, ele disse, "Nós estaremos esperando quando eles , querida, a liberarem. Nós temos certeza você volta ao hotel segura."

Seguramente. Porque o Jack não estava ao redor mais para fazer isto.

Mas Lou administrou um sorriso e acenou, e eles partiram, convencidos que ela estava bem.

E ela estava. Ou ela estaria. Afinal de contas, ela era um biscoito duro.

Ela tinha sobrevivido setenta e duas horas aquecida no Monte McKinley. Ela tinha

sobrevivido uma explosão de mina. Ela tinha sobrevivido a Bruno di Blase. Ela poderia sobreviver a Jack Townsend. Nenhum problema.

Era tipo de irônico que, quando Lou estava pensando nisto, o Bruno di Blase empurrou a porta aberta para seu quarto de exames e entrou, enquanto segurava um buquê de cravos rosas que ele tinha comprado obviamente na loja de presente de hospital.

"Bata, bata," ele disse, enquanto sorria de forma que mostrava todos seus dentes brancos tapados. "Como minha pequena detetive vai? Você sabe, está por toda parte as notícias, do que você fez".

Lou só o encarava. Realmente, ela estava pensando. Realmente, não é bastante que ela

tivesse quebrado o tornozelo dela em dois lugares, tivesse sobrevivido a uma tentativa de assassinato, e tinha suportado o abandono aparente do homem que ela tinha pensado bastante que possivelmente poderia ser o Sr. Certo. Agora ela tinha que ser visitada pelo ex-namorado dela, em cima de todos os outros?

"Estas são para você," Barry disse, enquanto erguia a tampa do lançador de água que a enfermeira tinha deixado para Lou bebe, e

colocou as flores nisto. "Eu sei que rosas são suas favoritas, mas a loja de presentes do hospital não tem rosas. Assim. Como se sente?"

Lou olhou para baixo à meia-calça rasgada dela e o tornozelo grotescamente inchado.

"Como você pensa que sinto, Barry?" ela exigiu. "Dói como inferno."

"Oh, não isso," Barry disse, parecendo não responsabilmente nervoso "Eu quero dizer aproximadamente. . . Bem, você sabe. Parando um assassino de sangue frio nas suas pistas"

Lou disse, secamente, "Não tão grande quanto você poderia pensar."

"Bem, você deveria estar se sentindo em cima do mundo," Barry disse enquanto caminhava para a mesa de exame que ela estava metida, e se sentando nisto sem lhe perguntar se estava bem, naturalmente.

"Você pode apostar que vai ter produtores rastejando por você por toda parte, querendo desenvolver uma transação. Pessoas estão chamando isto de a história do ano. Claro que, você soube que ia ter que acontecer algum dia. Jack Townsend nunca pôde manter isto nas calças dele. Era só uma questão de tempo até ele deixar alguém furioso o bastante para matá-lo."

"Barry." Lou tinha sido cortês às outras visitas dela porque. . . Bem, porque ela gostava delas. Ela não sofria de nenhuma tal fraqueza por Barry. "O que você?"

Ele pareceu assustado. "Querer? Eu quero ter certeza que você está , claro que. Eu quero dizer, Lou, nós ainda somos os amigos, não somos? Eu quero dizer, dez anos. Você não pode lançar só dez anos abaixo e drená-los."

"Por que não?" Lou exigiu. "Você fez isso."

"Bem." Barry olhou para baixo às mãos dele. Ela poderia ver isto vindo até mesmo antes disto subir a face dele: A expressão arrependida dele. Bom Deus, ela pensou consigo.

Barry vai se desculpar.

"Lou," ele disse. "Eu não sei dizer isto totalmente. Mas o fato é. . . Bem, posso ter sido um pouco precipitado quando me mudei. Eu estava confuso. Eu realmente não pensei através das coisas. Coisas

com Greta. . . bem, ser honesto, coisas com Greta não foram todo aquele grande."

Lou disse, "Barry. Você ficou casado com ela durante quatro dias. Como as coisas podem ter se tornado ruim?"

"Bem," Barry disse, com sua marca registrada, seu sorriso rápido, encantador. "Eu estou aqui com você, e supostamente estou em minha lua de mel. Se isso é qualquer indicação."

Lou piscou a ele. Isso foi quando ela percebeu o que tinha sido. Seu ânimo, isso é.

Isto foi, e tinha sido substituído por um sentimento de tolerância. . . assim como ela sentia para os irmãos dela, só não totalmente como aficionado.

"Você não deu chance o bastante para Greta, Barry," ela disse.

"Eu tenho, entretanto." Barry se levantou depressa, enquanto empurrava o pé de Lou. Ela o ouviu apenas pela neblina de dor na que estava, quando ele exclamou, "Eu não sei o que estava pensando, enquanto a deixava por ela. Ela não é nada como você, Lou. Tudo ela pensa é em si própria. Tudo sempre é Greta, Greta, Greta. Ela nunca pensa em mim.

Você, Lou. Você pensava em mim. Você escreveu o Hindenburg para mim. Isso tem que

ter sido o maior presente que qualquer homem alguma vez recebeu de uma mulher. E

como um bobo, eu levei aquele presente, mas eu cometi o erro mais imperdoável que um

homem poderia cometer. Eu joguei fora o doador. Lou." Barry varreu um das mãos dela.

"Você já pode me perdoar pela minha estupidez?"

"Sim," Lou disse, ainda estrábico com dor. "Tudo, você pensa que podia achar uma enfermeira talvez, ou algo? Meu pé realmente—"

"Você quer dizer isto?" Barry exclamou, enquanto esmagava a mão dela ao tórax dele.

"Oh, Lou, se você me levasse de volta, este verdadeiramente seria o maior momento de minha vida. Você poderia conseguir trabalhar no enredo de Pompeii, e tudo estará como foi—"

"Espere um minuto," Lou disse confusamente. "O que é que você —? "

"Eu sabia que você me perdoaria," Barry chorou. Então ele apoiou abaixo como se fosse beijá-la—

Lou, com um reflexo que ela nunca soube que teve, escapou, agarrou o jarro de água

cheio de cravos, e esvaziou isto em cima da cabeça dele.

Naquele exato momento, a porta para o quarto de exame abriu, e Jack Townsend, os

braços dele cheios do que tinha que ser pelo menos quatro dúzia de rosas de cor rosa, entrou no quarto.

"Olá," ele disse, o olhar de olhos azuis dele indo de Lou, enquanto metida na mesa de exame e ainda apertando o jarro de água, para Barry, que parecia muito surpreso, com cravos e água por toda parte nele. "Eu estou interrompendo algo?"

"Não," Lou disse, ao mesmo tempo Barry latiu, "Sim!"

Jack passeou até a mesa de aço no canto que segurava jarros de vidro de gaze e

depressores de língua e deixou as flores.

"Desculpe eu ter vindo depois de tanto tempo," ele disse a Lou. "Você sabe como é difícil achar rosas decentes nesta cidade?"

Lou, enquanto olhava da pilha de flores ao homem que as trouxe, sentia seus olhos

começando a encher até a beira, de lágrimas. Oh, grande. Ela estava chorando

novamente.

"Elas são bonitas," ela disse. "Obrigada."

"Bem," Jack disse com um encolher de ombros. "Elas são as suas favoritas, certo?" Ele olhou para Barry que ainda estava arrancando cravos encharcados da frente de sua camisa.

"Ah, Barry," ele disse. "Você acha que pode dar a Lou e a mi um par de minutos a sós?"

Só então Barry pareceu registrar o significado da presença de Jack, as rosas, e o rubor feliz na face de Lou. Ele virou com uma sombra sem atrativo de vermelho quando ele revelou, "Oh, grande. Isso só é grande, Lou. Você está levando com ele? Você é insana?"

Ele está quebrando o coração de toda mulher em Hollywood. Eu quero dizer, só pergunte para Greta."

Lou nem mesmo fez que tinha de responder. Jack assim o fez para ela.

"Você," Jack disse, enquanto erguia uma mão e apontava a Barry, as feridas nas suas juntas, onde ele ainda bateu em Tim Lord, cruas e despidas. "Caia fora."

Barry deu um passo rápido para trás. Então, com um relance precipitado a Lou, disse ele,

"Bom. Bom, eu estou partindo. Mas Lou, você está cometendo um grande erro."

Então, com um último relance amedrontado na direção de Jack, Barry tirou seu rabo alto do quarto.

Quando a porta fechou atrás dele, Jack olhou para baixo a Lou e disse, "Ele tem razão."

Ela apanhou a mão dele e estudou os cortes nas juntas dele. "Você deveria ter alguém para olhar estes," ela disse.

"Eu quero dizer isto," Jack disse, enquanto puxava um tamborete de exame perto para a cama de Lou e empoleirava nisto. "Eu precisamente nunca estive. . . Bem, em uma relação a longo prazo antes."

Lou olhou para seu rosto. Alguém tinha tentado limpar isto—talvez o próprio Jack—mas

ainda havia uma camada de fuligem no contorno do couro cabeludo dele que parecia que não sairia já.

"Eles necessariamente não estão todos rachados até seja. Relações a longo prazo, eu quero dizer," ela disse. "Acredite-me."

"Mas eu não acho que isso seria verdade para nós," ele disse, simplesmente e sinceramente. "É diferente com você, Lou. Eu nunca. . . Eu quero dizer, com Vicky, e Greta, e Melanie. . . Eu não amei nenhuma delas. Mas você. . . É diferente com você."

Ela o encarou, enquanto esquecia do tornozelo dela, esquecendo da mão dele, até mesmo esquecendo de respirar, esquecendo de tudo menos do fato que de repente, o final feliz que ela tinha pensado uma vez pareceu estar quase ao alcance.

"Porque eu a amo," ele foi, seu olhar na face dela. "Assim sobre esta coisa de morar juntos. Eu sei que você tentou isto antes e não funcionou. Assim eu estava pensando, talvez nós devêssemos tentar isto de um modo diferente. Eu estava pensando que nós deveríamos nos casar primeiro. Porque nenhum de nós tentou antes, e eu não sei, eu estou pensando que poderia funcionar melhor—"

Lou teve que piscar outra onda de lágrimas de volta. Não era a proposta que ela teria escrito para ele.

Mas o fato que ele tinha vindo com todo seu próprio e que tinha vindo claramente do coração, era bom o bastante para ela.

Ela disse, em uma voz sufocada, "Certo. Isso soa bem. Mas só uma coisa."

Um olhar de ansiedade substituiu a onda de alegria brilhante que antes tinha estado na face dele por um segundo.

"O que?" ele perguntou cautelosamente.

"Mais nenhum filme," Lou disse.

"Você conseguiu esse direito," ele disse e se ajoelhou e a beijou, tão apaixonadamente, tão profundamente que quando a enfermeira de cabeça entrou no quarto de exame um minuto depois, eles nem mesmo ouviram-na se aproximar, muito menos a partida envergonhada dela.

Aquele beijo, entretanto Jack e Lou nunca souberam disto, foi a conversa do pessoal da enfermaria durante semanas.

Capítulo 34

O diretor vencedor do Prêmio da Academia, Tim Lord foi considerado culpado de

cometer conspiração para assassinato. Ele está cumprindo dez a vinte anos atualmente em um presídio federal do Alasca. Seu último filme, Copkiller IV, foi liberado um mês depois de seu julgamento e já era um de mais alta bilheterias, apesar do fato que os ecologistas mundiais o boicotaram.

Sete nativos de Myra, Alasca, estavam igualmente condenados em um tribunal penal por

homicídio culposo, tentativa de assassinato, posse ilegal de armas, e ameaças. Os filhos de Samuel Kowalski os processaram prosperamente, como também a Tim Lord, em tribunal civil pelo assassinato de seu pai, e ganharam uma determinação considerável bastante para pagarem integralmente a hipoteca da casa de sua família, e pagar por uma bela faculdade técnica para todos eles.

Vicky Lord quietamente se divorciou de seu marido e desapareceu desde então de

Hollywood e do negócio de filmes. Seu casamento com Xerife Walter O'Malley foi um

afazer privado, só presenciado por Deputado Lippincott e as quatro filhas Walter O'

Malley, todas agradeceram a Vicky por levar seu pai para longe de suas mãos.

Elijah Lord e seus irmãos e irmãs elegeram por não voltar às suas respectivas mães

depois da prisão de seu pai, mas continuar residindo na casa de Tim Lord debaixo da

supervisão parental da única influência estável que eles alguma vez tinham conhecido, a sua empregada, Lupe.

Donald R. Williams, dono da cabana de caça na qual Jack Townsend e Lou Calabrese

buscaram segurança do frio, foi surpreendido ao achar o cheque deles no seu retorno para a cabana dele pela primavera totalmente. Não obstante, ele trocou isto e usou o dinheiro para pôr uma entrada num veículo de todo-terreno que esteve de olho durante algum tempo.

Bruno di Blase e Greta Woolston se divorciaram seis semanas depois de sua fuga,

enquanto citavam diferenças irreconciliáveis. Greta está atualmente na Austrália filmando um filme baseado na vida de Eva Braun. Bruno di Blase ainda tem que achar um estúdio que legue a opção do primeiro enredo dele, intitulado Pompeii!

Frank Calabrese voltou a Long Island depois de sua aventura no Alaska onde seus filhos o cumprimentaram com um sanduíche "grande" de 1,82m e um cortador de grama, poderoso e novíssimo.

Frank desfrutou muito o sanduíche, mas lhes falou que não ia ter muito uso o cortador de grama. Ele estava, explicou, mudando para Manhattan.

Eleanor Townsend não se preocupou com o que quaisquer dos amigos dela tinham a dizer

sobre o fato particular que um sargento policial aposentado de Nova York estava se

mudando com ela, entretanto ela se preocupou com o que pensariam seu mordomo e seu

filho. Porém, Richards só expressou sua espera que Sra. Townsend achasse a alegria,

enquanto o Jack somente sugeriu que o par pudesse ficar mais contente se eles se

casassem um com outro. Nem Eleanor nem Frank estão prontos para apressar qualquer

coisa permanente, porém.

Jack Townsend, cumpriu sua palavra, deixou sua carreira cinematográfica, como também

a fazenda dele nas Salinas e a casa nas Colinas de Hollywood, optando ao invés para uma casa de fazenda em Vermont onde se mudou com sua esposa logo após seu casamento quieto na cidade natal da noiva. Jack restabeleceu um cinema velho e reabriu isto debaixo do nome do Teatro de Dakota que se tornou bastante bem conhecido por seu festival anual de Shakespeare, todas as produções dos quais são dirigidos em todos lugares

através da antes estrela de ação e aventura Jack Townsend que se achou para a surpresa dos críticos de teatro, ter um real gênio para direção de encenações.

Lou Calabrese Townsend vendeu o bangalô dela em Sherman Oaks e se mudou com seu

marido e os cavalos dele para New England onde ela deixou enredos de escritura. Em

seguida ao nascimento da primeira filha deles, Sara, que o primeiro romance de Lou foi publicado. O romance, 'Ela Foi por Todo o Caminho (She Went All The Way)', descreve a realização de uma

mulher que, para achar felicidade, teve que arriscar o coração dela para ganhar o que entesourava na maioria.

Embora o livro desfrutasse de um sucesso popular considerável, a autora recusa desistir dos direitos para adaptação cinematográfica da história.

FIM

Créditos: [http://www.orkut.com/Community.aspx?
cmm=23073194](http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=23073194)

Document Outline

- [AGRADECIMENTOS](#)
- [O Casamento Surpresa do Ano](#)
 - [Capítulo 2](#)
 - [Capítulo 3](#)
 - [Capítulo 4](#)
 - [Capítulo 5](#)
 - [Capítulo 7](#)
 - [Capítulo 8](#)
 - [Capítulo 9](#)
 - [Capítulo 10](#)
 - [Capítulo 11](#)
 - [Capítulo 13](#)
 - [Capítulo 14](#)
 - [Capítulo 15](#)
 - [Capítulo 16](#)
 - [Capítulo 17](#)
 - [Capítulo 18](#)
 - [Capítulo 19](#)
 - [Capítulo 20](#)
 - [Capítulo 21](#)
- [Capítulo 25](#)
- [Capítulo 26](#)
- [Capítulo 27](#)
- [Capítulo 28](#)
- [Capítulo 29](#)
- [Capítulo 31](#)
- [Capítulo 33](#)
- [Capítulo 34](#)
 - [FIM](#)